



História da Fauna Silvestre na Grande

BELO HORIZONTE

REGINA HORTA DUARTE
MARCELO FERREIRA DE VASCONCELOS
YURI MELLO MESQUITA
Organizadores



FAPEMIG

História da Fauna Silvestre na Grande

BELO HORIZONTE

REGINA HORTA DUARTE
MARCELO FERREIRA DE VASCONCELOS
YURI MELLO MESQUITA
Organizadores



© 2026 Regina Horta Duarte, Marcelo Ferreira de Vasconcelos, Yuri Mello Mesquita

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Revisão gramatical e Normalização

Os autores

Imagens da capa

Luiz Fernando Salvador-Jr. e Marcelo Ferreira de Vasconcelos

Projeto gráfico e Diagramação

Glaucio Coelho | MC&G Editorial

Capa

Glaucio Coelho* | MC&G Editorial

* sobre imagens de Luiz Fernando Salvador-Jr. e Marcelo Ferreira de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

H673 História da fauna silvestre na Grande Belo Horizonte [recursos eletrônicos] / organizadores Regina Horta Duarte, Marcelo Ferreira de Vasconcelos e Yuri Mello Mesquita. — 1. ed. — Belo Horizonte : FAPEMIG ; Rio de Janeiro : MC&G, 2026.

Dados eletrônicos [pdf]

Inclui bibliografia.

ISBN: 978- 65-6115-162-7

1. Fauna silvestre – Belo Horizonte (MG) – História. 2. Animais silvestres – Belo Horizonte (MG). 3. Aves silvestres – Belo Horizonte (MG). I. Duarte, Regina Horta. II. Vasconcelos, Marcelo Ferreira de. III. Mesquita, Yuri Mello.

F-1308261

CDD23 : 639 . 9

Bibliotecária: Priscila Pena Machado- CRB - 7/6971



DOI: 10.61367/9786561151627

Esta obra está licenciada com uma Licença

Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Brasil



À vida silvestre que resiste na Grande BH.



Sumário

Histórias verdadeiras fazem a verdadeira História.....	9
Fernando Costa Straube	
Introdução	13
Regina Horta Duarte, Marcelo Ferreira de Vasconcelos e Yuri Mello Mesquita	
Belo Horizonte: a quem pertence a cidade?.....	17
Regina Horta Duarte	
Acervos da ausência: os animais silvestres nos documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (1892–1964)	63
Yuri Mello Mesquita	
História da avifauna da Grande Belo Horizonte ao longo de mais de dois séculos de transformação da paisagem (1817–2025).....	81
Marcelo Ferreira de Vasconcelos, Luiz Fernando Salvador-Júnior e Caio de Oliveira Álvares	
Com a palavra, os estudantes de graduação	261
Daniele Gomes Rodrigues Taborda, Giullie Torres e Túlio Leão Cortez	
Dados sobre os autores	269



Histórias verdadeiras fazem a verdadeira História

Sempre que nos vemos pensando em nosso destino, em algum momento de dúvida ou reflexão, poderíamos buscar nossos álbuns de infância e, com eles, rever tantas experiências vividas, dentre aprendizados – de erros e acertos. Como que por encanto, teríamos um norte, por linha mestra que nos guiaria para a decisão tida, até então, como impossível.

A história da fauna silvestre da Grande BH mostra cenários de um perímetro que foi desenhado ao fim do Século XIX, mas que sempre esteve lá, acompanhado de suas personagens humanas, espaços geográficos, clima e de sua biodiversidade. Tudo isso é guardado em lugares para muitos inacessíveis, mas que se constituem de um verdadeiro relicário, repleto de registros e de memórias.

Como todas as regiões metropolitanas brasileiras, guarda em si uma infinidade de conceitos sociais e ambientais, muitas vezes

contrastantes e de difícil reunião e organização. Sem bússola ou sextante, seus territórios espalham-se para todos os lados. Entre o núcleo e sua periferia, o planejamento urbano é feito com base naquilo que hoje se vê, controlado por índices e somatórios. Ao corrigir aqui e ali, ao pensar tão somente nas demandas que virão, esquecem-se muitos gestores que a história e a natureza – e a História da Natureza – são também indicadores e componentes do futuro. Esse olhar burocrático que apenas enxerga adiante, nos é forçado, empurrado goela abaixo, como se nada tivéssemos a lembrar, como se nenhuma lição fosse aprendida ao longo dos séculos de urbanização.

Mais do que uma revisão rica e profunda, esta obra cria um reencontro com o passado que nunca vivemos, mas que sempre estará presente em nós. Ela é ferramenta indispensável para o planejamento urbano, assim como nos serve como manancial para reflexões. Afinal, como disse Albert Einstein, a tênue – e extensa – diferença entre o passado, presente e futuro é apenas uma ilusão que teimosamente persiste em nossas mentes.

Na prosaica história, quase fabular, de uma desaventurada capivara, encontramos as metáforas que explicam parte de tantos conflitos entre homens e homens – jamais solucionados, apesar de tantas malogradas tentativas. Em documentos esquecidos pelo tempo e pelo desdém, deparamo-nos com a ausência quase absoluta de menções a animais silvestres que, no momento da transformação da paisagem natural, acabaram caindo em anonimato absoluto. Na releitura do espólio de naturalistas do gabarito de Lund, Reinhardt e todos os seus sucessores, sob o filtro cuidadoso da sua avifauna, vemos pistas de espécies que outrora existiam mas que, gradativamente, foram sumindo ou colonizando os espaços modificados. Por fim, o legado de todo esse esforço para nos presentear com coletânea desse calibre, nos traz um epílogo. Apresentado por três estudantes, ele amarra todas as pontas deixadas propositadamente soltas. E assim, nutre nossas esperanças pelo desvelo e criatividade em sintetizar experiências e conceitos, visando a um aprimoramento ético que, por assim dizer, é o que mais nos falta nestes dias conturbados em que vivemos.

A verdade é que, mesmo passando por todos os tipos de intervenções, as capivaras, documentos e toda a rica avifauna da Grande BH resistiram, pois sempre estiveram ali; bastava tentar reencontrá-los. E assim, colecionando, organizando e estruturando o diálogo, somos apresentados a tantas histórias verdadeiras que, por si, nos levam à verdadeira História.

Fernando Costa Straube
Ornitólogo



Introdução

Este livro surgiu de um projeto inicialmente idealizado por dois historiadores e um biólogo, que rapidamente envolveu outros parceiros, em prol da apreciação e da valorização da presença e da história da fauna silvestre na Grande Belo Horizonte. O apoio da Fapemig viabilizou a realização do nosso sonho, e o número atribuído por essa imprescindível agência mineira de financiamento ao nosso projeto afigurou-se quase como uma palavra mágica de bom presságio: APQ-00847-24.

É frequente que cidades sejam consideradas lugares em que o mundo natural foi excluído. Contra essa visão simplista e inexata, iniciamos nossa pesquisa, convencidos de que não podemos separar o mundo natural do construído, nem a natureza da cidade. Como tantas outras regiões metropolitanas, a Grande BH abriga uma miríade de relações entre seres humanos, plantas, animais e o meio físico propriamente dito, como rios, montanhas e solos. A vida silvestre reúne pássaros, peixes, mamíferos, insetos, répteis, animais exóticos e nativos sob cuidado humano em zoológicos e laboratórios, assim como itens museais, como os milhares de exemplares acumulados ao longo de dois séculos em acervos científicos de museus e universidades.

Nossa abordagem transdisciplinar uniu história, história natural e arquivística, explorando as janelas de comunicação entre diferentes áreas de conhecimento e o uso de fontes diversas. A pesquisa incluiu a documentação do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, bem como acervos de museus de história natural, a exemplo da coleção de aves da Universidade Martin-Luther Halle-Wittenberg, em Halle, Alemanha, onde foi investigado o material zoológico coletado por Hermann Burmeister, naturalista alemão em viagem à Lagoa Santa e Nova Lima no início da década de 1850.

A extensão cronológica da pesquisa para além da data de inauguração de Belo Horizonte, em 1897, por si só, explicita um pressuposto inspirador do projeto: consideramos a amplitude de uma história profunda, já que a existência dessas espécies silvestres na área transcende o tempo da presença humana e, mais importante, o da história da sociedade brasileira, da qual Belo Horizonte faz parte.

Na pesquisa de arquivos históricos, a dificuldade de localizar fontes sobre a fauna silvestre evidenciou a urgência de os especialistas trabalharem em prol da maior visibilidade dos animais durante a reunião, preservação e descrição arquivísticas. É preciso também estimular historiadores a estudar a história para além do humano, uma vez que vivemos em um mundo de coexistências, conflitos e alianças com outras formas de vida.

Numa abordagem da história natural em suas relações com a sociedade, a política, a economia e a cultura da Grande Belo Horizonte, este livro pretende ser um apelo ao desenvolvimento de estratégias e planos de ação para uma Belo Horizonte amigável à fauna silvestre, tornando-a muito mais amena, bela e saudável também para os seres humanos. Além das políticas públicas, a sensibilização da sociedade civil surge como condição essencial para a construção de novos olhares, atitudes e receptividades em relação às espécies que lutam pela sobrevivência e dividem conosco o complexo espaço da metrópole. Os casos de extinção de aves, constatados ao longo desta pesquisa, são alarmantes e sugerem uma urgente necessidade de políticas públicas visando à criação de novas unidades de conservação e à conexão entre elas.

Em um planeta cada vez mais urbano, a defesa da vida silvestre nas cidades é tão urgente quanto crucial. Não haverá conservação sem afeto, nem afeto sem conhecimento. Por isso, apresentamos às leitoras e leitores um pouco da história da fauna silvestre na Grande Belo Horizonte, com o objetivo de despertar emoções, disseminar conhecimento e contribuir para sua conservação.

Regina Horta Duarte
Marcelo Ferreira de Vasconcelos
Yuri Mello Mesquita
(Organizadores)

Belo Horizonte: a quem pertence a cidade?

Regina Horta Duarte

Qual é o lugar da fauna silvestre em uma cidade? Ao longo da história de Belo Horizonte, inúmeros eventos apresentam-se de forma perturbadora e instigante para refletirmos sobre essa questão. Muitas situações envolvem conflitos complexos e acarretam estresse agudo aos animais, evidenciando os desafios impostos pela destruição excessiva de habitats naturais, à medida que a crescente urbanização configura ambientes inóspitos à vida silvestre — fauna e flora em relação de interdependência. Não obstante, meu objetivo neste capítulo é demonstrar como a indagação que integra seu título pode, entre as várias respostas cabíveis, incluir esses seres vivos, cultivando a esperança de um sonho possível de cidade.

Para enfrentar a complexidade desse tema, tomarei um evento recente como ponto de partida, exemplificando como a vida de uma espécie silvestre está interligada a diferentes dinâmicas sociais, históricas, culturais e urbanas. Na segunda parte, à luz da grande aceleração dos processos antrópicos desde os anos 1950, farei a aproximação de alguns aspectos específicos das relações entre o mundo natural e o construído no município de Belo Hori-

zonte. Finalmente, além das perdas e das ameaças à vida silvestre, as alianças em prol da conservação fecham o ensaio em um tom de alento e de estímulo à ação.

1. A cidade e seus muitos habitantes

1.1 Todo dia era dia de capivara...

Logo após as comemorações de Ano Novo, na madrugada do dia 3 de janeiro de 2026, transeuntes e motoristas que circulavam pela Savassi, na região Centro-Sul da cidade, surpreenderam-se ao verem uma capivara circulando pelas avenidas e ruas. Acionaram policiais militares, que apenas a seguiram para não a perderem de vista, pois não tinham treinamento nem instrumentos para capturá-la com segurança. O Corpo de Bombeiros chegou ao amanhecer, após convocar profissionais capacitados para o desafio e munir-se dos equipamentos apropriados. A captura foi demorada e, com o início da movimentação de pessoas pela região, muitos curiosos se detiveram para tirar fotos e filmar o animal que, sucessivamente, escapuliu dos bombeiros, refugiando-se em vários lugares: no estacionamento de um hotel, no jardim de um condomínio residencial e, finalmente, na área externa de um local reservado a velórios, na movimentada Avenida Afonso Pena. Ali, a colocação de cercas possibilitou a captura do animal, que foi laçado, colocado em uma caixa de contenção adequada e encaminhado a um centro de acolhimento de animais silvestres para exames e possível soltura.

As capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*) — cujo nome popular deriva do tupi *kapi'i'gwara*, que significa “comedor de capim” — são os maiores roedores vivos do planeta, podendo alcançar até 1,30 m de comprimento e 70 kg de massa corporal. Elas são nativas das América Central e do Sul, distribuem-se a leste dos Andes, do norte da Venezuela até a bacia do Rio da Prata, e ocorrem na maior parte do território brasileiro. Habitam ambientes aquáticos em áreas de campo e de vegetação arbustiva. Vivem em grupos e desenvolvem comportamentos sociais de grande complexidade, com vocalizações elaboradas, identificação por meio de odores, competições entre machos, relações de proteção mútua e cuidado coletivo das fêmeas com as crias. São herbívoras, mas, ao mesmo

tempo, apresentam grande flexibilidade alimentar à medida que se adaptam a ambientes modificados pelos humanos. Sobretudo, dependem da proximidade de rios ou lagoas para a regulação da temperatura corporal por meio da imersão na água, meio no qual se sentem à vontade para copular. Os corpos d'água também são rotas privilegiadas para fugir de predadores terrestres, como a onça-pintada, pois conseguem mergulhar e esconder-se sob a superfície aquática por vários minutos (BOVO *et al.*, 2016).

Como Belo Horizonte foi planejada e construída em um território originalmente caracterizado por um ecossistema de transição entre os biomas de Cerrado e Mata Atlântica, integrado à bacia do Rio das Velhas e aos seus afluentes, podemos afirmar que a capivara realmente é uma espécie nativa dessa região (assim como de outras áreas nas Américas Central e do Sul), circulando por aqui muito antes dos seres humanos (VUCETICH, DESCHAMPS e PÉREZ, 2013; Gomes *et al.*, 2019). Elas coabitaram com preguiças-gigantes, tigres-de-dente-de-sabre e outras espécies da megafauna extintas há 11–10 mil anos e descobertas pelo paleontólogo Peter Lund nas cavernas de Lagoa Santa (NEVES, 2007; NEVES, 2025, p.107–120).

Embora seja frequentemente vista como uma “invasora” na rotina agitada da cidade, isso depende exclusivamente da escala temporal considerada. Houve períodos em que tudo foi, de fato, lugar de capivara: diversos córregos e rios, com sua vegetação marginal, compunham a paisagem de campos de cerrado e de matas. Parafraseando os versos da canção de Jorge Ben Jor, “todo dia era dia de capivara”. Elas já estavam aqui quando chegou, pelo Estreito de Bering, a primeira onda migratória humana, de cuja existência sabemos pelo fóssil de Luzia, com idade estimada em cerca de 11,5 mil anos. Entre os fósseis pleistocênicos coletados nas grutas calcárias onde hoje se localiza a região metropolitana de Belo Horizonte, os paleontólogos encontram fósseis de duas espécies de capivara: um da espécie atual, tal como a conhecemos; o segundo, de uma espécie extinta, com o dobro do tamanho da primeira (CARTELLE, 1994, p. 86–87).

Capivaras coexistiram com os primeiros paleoindígenas, “o povo de Luzia”, e, depois, com as populações resultantes de uma

segunda migração ameríndia, por volta de 8 mil anos, pelo mesmo estreito, provenientes dos ancestrais dos indígenas pré-colombianos. A partir de 1500, na era cristã, conviveram também com colonizadores portugueses, escravizados de origem africana e imigrantes de vários países. As paisagens foram transformadas ao longo do tempo e, a partir do século XVIII, alteradas pela exploração de minerais e pela construção de estradas, de sítios, de fazendas e de vilas. Nos últimos 128 anos, ocorreram profundas mudanças com a construção da nova capital de Minas Gerais: a multiplicação crescente de edificações, equipamentos e infraestruturas urbanas; a canalização de rios; o uso de concreto e de asfalto e a edificação de arranha-céus. No meio de tudo isso, a vida silvestre passou a ser vista como “fora do lugar”.

1.2. Paisagem em (des) construção

Mais do que “fora do lugar”, capivaras vêm se envolvendo em situações de conflito em que são apontadas como problemas a serem resolvidos pelo poder público, como ocorreu no caso das capivaras na Lagoa da Pampulha. A Lagoa resultou da intervenção em alguns córregos e de seu direcionamento para a represa construída entre 1936 e 1938, com o intuito inicial de abastecer a cidade de água e evitar enchentes. O prefeito em exercício, Otacílio Negrão de Lima, também cogitou que a Pampulha poderia, no futuro, tornar-se um local para esportes aquáticos. Até então, ali era uma área predominantemente rural, repleta de pequenas fazendas e chácaras integrantes do cinturão verde que atendia às demandas da capital.

Nos anos 1940, o prefeito Juscelino Kubitschek projetou seus sonhos de uma cidade moderna no belo e grande espelho d'água e cercou-o com a arquitetura de Niemeyer e o paisagismo de Burle Marx. Isso estimulou a rápida ocupação urbana não apenas por casas luxuosas no entorno da lagoa, mas também, além dessa faixa mais requintada, por uma sucessão de bairros. Com o adensamento populacional, um volume crescente de esgotos passou a desaguar no local, o que levou ao assoreamento progressivo do espelho d'água. Como a lagoa recebe córregos provenientes do município de Contagem (Sarandi e Ressaca), que representam 70% do volume de

água que chega, a criação da Cidade Industrial Juvenal Dias, em 1941, resultou em poluição crescente das águas.

Como escreveu um urbanista, “a lagoa da Pampulha virou o penico da conurbação BH-Contagem, só esgoto e sedimentos” (CASALARDE, 2007, p. 74). Isso não impediu que, ao longo das décadas, surgissem clubes esportivos, um aeroporto, o *campus* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bares e restaurantes, um grande parque de diversões, além de estádios e campos de futebol. Mesmo imunda, a lagoa era quase um simulacro daquela paisagem inicialmente projetada, desde que ninguém se aproximasse demais e pudesse inspirar seus odores. Os belo-horizontinos mais favorecidos nadavam na piscina de água clorada dos clubes, nunca na lagoa.

O rompimento da barragem em 1954 acendeu o alerta sobre a possível proliferação do parasita *Schistosoma mansoni*, cujo hospedeiro intermediário é o caramujo de água doce *Biomphalaria glabrata*, nativo de áreas tropicais do Caribe e da América do Sul, incluindo a região de Belo Horizonte. A presença da doença não era novidade na Pampulha: durante as obras da barragem, pesquisadores alertaram para os riscos de contaminação dos frequentadores, uma vez que haviam sido identificados casos de esquistossomose mansoni contraídos no local. Observaram que muitas pessoas saíam da água com o prurido comum durante a penetração das larvas do parasita no corpo. Na investigação, foi identificado um número significativo de caramujos hospedeiros do parasita nas margens da lagoa. Sua análise laboratorial confirmou o perigo, e os pesquisadores alertaram as autoridades competentes, que interditaram a represa ao público enquanto tomavam providências para o controle da transmissão (VIANNA MARTINS; VERSIANI, 1938, p. 471-2). A barragem foi reinaugurada em 1958, com resultados positivos no controle do parasitismo. Entre as providências, os técnicos introduziram centenas de alevinos de tilápias (*Tilapia rendalli*, uma espécie nativa dos rios e grandes lagos da África) e vários moluscos da espécie *Pomacea haustorium*, nativo dos rios amazônicos, grande competidor do caramujo *B. glabrata* e voraz predador de suas massas de ovos, impedindo, assim, sua proliferação (CARVALHO *et al.*, 1975, p. 31; CARVALHO *et al.*, 1985, p. 27; LAMBERTUCCI *et al.*, 1987).

A partir de 1970, a criação do Centro Industrial de Contagem e o crescimento populacional expressivo fizeram aumentar tanto o volume de esgoto domiciliar quanto o de resíduos tóxicos despejados sem tratamento na lagoa, provenientes das atividades fabris. Mau cheiro, assoreamento, proliferação de moscas e mortalidade de peixes passaram a compor uma paisagem degradada, muito distante do *glamour* sonhado por JK. Em 1979, a prefeitura de Belo Horizonte iniciou a construção de uma ilha destinada a atividades de lazer. Entretanto, as alterações no lago provocaram desequilíbrios e piora da situação sanitária, como evidenciado por um estudo que identificou vinte indivíduos de três espécies de pequenos roedores (*Nectomys squamipes*, *Holochilus brasiliensis* e *Zygodontomys lasiurus*) infectados por *S. mansoni*. Não foram encontrados caramujos parasitados na lagoa, mas concluiu-se que a contaminação vinha dos córregos que ali desaguvavam, o que representava risco para os humanos (CARVALHO *et al.*, 1975). Novas providências de controle chegaram em 1982, quando a prefeitura adotou, para o controle dos caramujos, a introdução sucessiva de diversas espécies de peixes, como carpas, curimatãs, dourados, mandis, matrinchãs, piaus-verdadeiros e tilápias. Os cientistas alertaram dos perigos do estímulo ao seu consumo por moradores locais – uma vez que a pesca na lagoa havia aumentado – e da possibilidade de transmissão de novos parasitas, além do *S. mansoni*, caso esses peixes não fossem submetidos à quarentena antes de serem soltos na lagoa, pois poderiam ser provenientes de criadouros contaminados (CARVALHO *et al.*, 1985).

Ao longo da segunda metade do século XX, o assoreamento da lagoa permaneceu uma constante: há estimativas de que, entre 1957 e 1997, o aporte anual de sedimentos tenha sido de 2.436 m³ por km² (MOREIRA *et al.*, 2020, p. 8).

1.3. Capivaras na paisagem modernista

O conjunto arquitetônico e paisagístico da Pampulha foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico – Iepha/MG em 1984, porém as iniciativas efetivas do poder público para sua recuperação ambiental surgiram somente no final dos anos 1990, resultantes de pressões da sociedade civil e de

movimentos ambientalistas. O Programa de Recuperação e Desenvolvimento da Bacia da Pampulha (Propam), idealizado em 1997, previa a gestão conjunta entre os municípios de Contagem e Belo Horizonte. Também em 1997, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) decretou o conjunto da Pampulha como patrimônio nacional.

Apesar de a prefeitura de Belo Horizonte ter considerado a Pampulha um patrimônio municipal, com o tombamento oficial em 2003, a regulamentação legal do Propam só foi promulgada em janeiro de 2005. A atuação desse órgão visou à recuperação das nascentes da bacia hidrográfica da Lagoa da Pampulha, bem como ao restabelecimento do espelho d'água por meio de ações de desassoreamento e de tratamento dos esgotos que ali desagüam.

Em 2004, a recuperação da antiga Ilha da Ressaca — degradada por resíduos e assoreamento — com a reintrodução de plantas nativas, resultou na criação do Parque Ecológico José Lins do Rego, de 30 hectares, mais popularmente conhecido como Parque Ecológico da Pampulha. O local surgiu como uma oportunidade de recursos, abrigo e conexão para muitos animais silvestres. Na retomada da contemplação da lagoa, decorrente da frequência de pessoas na área em busca de lazer e de atividades ao ar livre, alguns seres extremamente carismáticos começaram a despertar interesse, uma vez que eram figurinhas cada vez mais avistadas ali: as capivaras. Moradores e turistas encantavam-se e tiravam fotos das capivaras e de seus filhotinhos, em cenas enternecedoras. Sua presença estimulou pesquisadores a coletar dados em dois períodos: entre fevereiro e março de 2006 e, em seguida, entre abril e maio de 2007. No primeiro período, identificaram 94 indivíduos. Em 2007, após as iniciativas de desassoreamento da lagoa, foram observadas 210 capivaras. De acordo com a pesquisa, elas talvez já estivessem nas imediações e se deslocassem para a área de observação, atraídas pela discreta recuperação do espelho d'água. A população relativamente estável indicava adaptação às condições existentes em seus comportamentos e na estrutura social (ARAUJO *et al.*, 2007).

É fato que as capivaras não estavam lá para tirar fotos nem para adornar a lagoa com sua inegável fofura mamífera e peluda, e

sim para lutar pela sobrevivência e pela prosperidade de sua prole. Há décadas, elas vinham sofrendo as consequências da devastação da vegetação nativa, com o avanço do agronegócio, dos pastos e das plantações, com a construção de represas para a geração de energia elétrica; com o desvio do curso dos rios para irrigar grandes extensões de monocultura; com a construção de estradas percorridas ininterruptamente por caminhões pesados e veículos apressados, e com a expansão da malha urbana dos inúmeros municípios. Todos esses fatores, vinculados à grande aceleração do capitalismo e ao impacto desenvolvimentista, desde meados do século XX, vêm dificultando a existência da fauna e da flora do Cerrado, incluindo suas vidinhas “capivaris” (EAKING, 2001; STEFFEN *et al.*, 2015; SILVA, 2018).

1.4. Conflitos e coexistências

A lagoa apresentou-se como uma oportunidade para as capivaras que, nela, fizeram o *seu* lugar. Mais uma vez, essa espécie, presente há milhares de anos onde hoje se ergue a Região Metropolitana de Belo Horizonte, testemunha direta de diversas transformações, da extinção de muitas espécies e da chegada de outras tantas, demonstrou grande resiliência. Em pouco tempo, seu comportamento excedeu os limites aceitáveis pelas autoridades públicas, não por qualquer intenção de pirraça: elas simplesmente desconhecem conceitos criados por humanos, como os de patrimônio cultural e de propriedade privada. Os roedores enxergaram, nos jardins de Burle Marx e em alguns jardins de residências, um sensacional “self-service” com um menu variado. Afinal, animais não são seres passivos e submissos à vontade humana: interagem ininterruptamente entre si, com a vegetação, com o meio físico e com outros animais, transformando o ambiente. Mas isso foi interpretado como uma afronta ao patrimônio da cidade, inaugurando um período de conflitos em que esses animais foram classificados como um problema e, principalmente, como um perigo, já que seriam potenciais veículos de carrapatos-estrela (*Amblyomma sculptum*) portadores da bactéria *Rickettsia rickettsii*, agente etiológico da febre maculosa em seres humanos. Em 2012, os membros reunidos do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de

Belo Horizonte colocaram em apreciação e votação um projeto de instalação de cercas ao redor do parque para impedir o acesso de capivaras (CONSELHO, 2012, p. 5).

Com relação às capivaras, muitos atores se enfrentaram com visões divergentes. A prefeitura ensaiava medidas radicais de manejo das capivaras — a exemplo de 2010, quando 40 indivíduos foram retirados da orla e entregues a uma fazenda de criação comercial de capivaras para abate — pesquisadores da UFMG realizaram uma pesquisa sobre as relações da população com esses mamíferos na Pampulha (MORCATTY *et al.*, 2012). Seguindo roteiros semiestruturados, entrevistaram 110 pessoas, entre trabalhadores no bairro, moradores e turistas. Um morador mais velho relatou que havia capivaras na lagoa desde os anos 1950, mas o estudo não conseguiu determinar se elas foram introduzidas em algum momento ou se já habitavam a região antes da construção da barragem. Os pesquisadores contaram 76 capivaras em 2011 e lançaram a hipótese de que a retirada de dezenas delas em 2010 apenas estimulou sua taxa de reprodução, ao disponibilizar mais alimentos e mais área de vida. No início de 2013, o número de indivíduos havia diminuído sutilmente, passando a haver 69 capivaras no local. Em meio ao desconforto com o mau cheiro, o lixo acumulado, as moscas e o aspecto turvo do espelho d'água, a percepção que a população tinha sobre as capivaras era extremamente positiva entre 91% dos entrevistados, sendo 6,4% indiferentes a elas e 3,6% incomodados com sua presença. A maior preocupação foi o risco de envolvimento de capivaras em acidentes com veículos, com perigo para capivaras e para humanos, além de possíveis prejuízos materiais.

Nesse estudo, também foi observada e documentada, por meio de fotografias, uma rede de relações interespecíes. Gaviões-carapateiros (*Milvago chimachima*), carcarás (*Caracara plancus*) e suiriris-cavaleiros (*Machetornis rixosa*) — aves nativas cuja distribuição geográfica é bastante coincidente com a das capivaras — foram frequentemente flagrados no dorso das capivaras, alimentando-se de seus ectoparasitas. Ao seu redor, urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) também pareciam atentos à oportunidade de caçar insetos. Assim, os grandes roedores

recebiam cuidadosos “auxiliares” no controle de carrapatos, ácaros e outros “serezinhos” alojados entre seus pelos, em fascinantes ciclos de interdependência.

1.5. Conflitos entre espécies

Os conflitos foram agravados ao longo da década, como pudemos acompanhar pela imprensa à época, com as audiências públicas na Câmara Municipal, os debates entre técnicos da prefeitura, biólogos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e membros do Movimento Mineiro de Direitos dos Animais (MMDA) e a judicialização das ações adotadas. No início de 2014, a prefeitura retirou 46 capivaras e confinou-as em um espaço isolado. O MMDA denunciou a morte de 38 delas por estresse decorrente de manejo inadequado e da ausência de condições ambientais semiaquáticas, indispensáveis à saúde dos animais. A partir daí, a prefeitura apegou-se à caracterização das capivaras como espécie de praga causadora de febre maculosa; o Ibama insistia na necessidade de sua proteção como fauna nativa; protetores de animais defendiam seus direitos como seres sencientes em sofrimento; a justiça ora apoiava as ações da prefeitura, ora atendia às reivindicações do Ibama. A apreensão coletiva aumentou com a morte de uma criança em Belo Horizonte, que frequentara o Parque Ecológico logo antes de contrair a febre maculosa em setembro de 2016. Finalmente, a solução adotada foi a de captura, realização de exames físicos e laboratoriais, esterilização, microchipamento, soltura, remanejamento geográfico de alguns dos animais, em uma ação conjunta das Secretarias Municipais de Meio Ambiente e de Saúde, da Superintendência de Desenvolvimento da Capital (Sudecap), da Fundação de Parques Municipais e Zootécnica, da Escola de Veterinária da UFMG e da Universidade Newton Paiva.

O manejo da vida silvestre, em um mundo de destruição de habitats e de riscos de extinção, certamente é, cada vez mais, uma prática incontornável na conservação das espécies. Seria ilusão pensar que áreas naturais, mesmo as protegidas por leis, com sua flora e fauna, não exigem uma gestão racional guiada por estudos e práticas científicas (BRAVERMAN, 2015, p. 1-20). Contudo, no caso das capivaras, as decisões não foram guiadas por inten-

ções de beneficiar ou preservar a espécie, mas sim de proteger os humanos de uma possível infecção provocada pela bactéria da febre maculosa — doença de alta mortalidade, endêmica de várias regiões do Brasil, sendo Minas Gerais um dos estados com maior incidência de casos fatais.

É inegável que capivaras atuam como intermediárias na transmissão da febre maculosa aos seres humanos e que, por sua rapidez e eficiência reprodutiva, são “hospedeiras multiplicadoras”. Uma vez picadas pelos carrapatos que carregam a bactéria, elas desenvolvem uma infecção temporária, por cerca de dez dias: durante esse período, há uma probabilidade de que 20 a 25% dos carrapatos que as picarem sejam infectados, caso já não o estejam. Com o fim da rickettsemia temporária, essas capivaras tornam-se imunes. Por isso, o grande problema na epidemiologia da febre maculosa são os filhotes, pois ainda não foram picados e, portanto, não adquiriram imunidade. Os gestores de saúde decidem castrar os adultos justamente para evitar sua reprodução e, consequentemente, a chegada de novos indivíduos que possam ser hospedeiros capazes de perpetuar o ciclo da doença.

Também é verdade que a região da Pampulha oferecia opções variadas para a sobrevivência dos carrapatos-estrela. Desde as últimas décadas do século XX, a região tornara-se particularmente degradada, um lugar cujas águas concentravam poluição proveniente de esgotos e resíduos químicos; a orla da lagoa e os arredores acumulavam lixo de diversos tipos; e os matos cresciam sem capinação adequada em meio a um processo de urbanização descontrolado. A área, com chácaras, sítios e alguns haras, era percorrida por carroças puxadas por cavalos, mulas e burros, cuja saúde nem sempre era adequadamente monitorada, devido aos custos que isso implicaria para os humildes carroceiros. Desde os anos 1980, a população de equídeos em Belo Horizonte passou de cerca de 300 indivíduos para 2,5 mil em 2014 (ano em que as capivaras foram retiradas da orla da Lagoa e confinadas em condições precárias). Considerando toda a região metropolitana, esse número subiu de cerca de 13 mil para 26 mil. A área da regional Pampulha recebia o fluxo de carroças vindas de Contagem e de Ribeirão das Neves (GOLAIBEFF, 2022, p. 45–46). Poderíamos também pensar nos

inúmeros cães que, todo dia, caminhavam pelas imediações com seus responsáveis, bem como nos cães andarilhos, de vida livre.

Animais silvestres e domésticos integram a epidemiologia da febre maculosa, pois, mesmo sem desenvolver sintomas, permanecem infectados por alguns dias, período em que podem infectar outros carrapatos e servir de dispersores do vetor para os seres humanos, à medida que vivem em contato com eles (SOUZA, 2022, p. 130). No entanto, foram as capivaras corpulentas, pesadonas e prolíficas, cercadas de sua numerosa prole, que circulavam desavergonhadamente pelos jardins do Museu de Arte e pelas mansões da orla, que se tornaram o alvo privilegiado de preocupação e intervenção. Afinal, como bem pontuou Guimarães Rosa ao escrever sobre as agruras do burrinho Sete-de-Ouros, “quem é visto é lembrado” (ROSA, 1984, p. 23). É importante considerar, ainda, a persistência de sensibilidades culturalmente enraizadas de desconfiança com relação aos animais silvestres. Como notou Gilberto Freyre, a sociedade brasileira, de tradições coloniais e patriarcalistas, diversas vezes unificou, de forma simplista, a miríade de animais silvestres sob a designação pejorativa de “bichos”, evitados e perseguidos como inimigos (FREYRE, 1989, p. 102–105).

Diante da extensão vertiginosa da ocupação territorial urbanizada, da proliferação de condomínios residenciais privados nas periferias das grandes cidades e da expansão do agronegócio sobre vastas áreas, as capivaras (assim como tantos outros animais silvestres) parecem não ter saída. Se ficarem no campo, são inimigas da agricultura; se escaparem para as lagoas e os córregos urbanos, são tachadas de pragas transmissoras de febre maculosa. A vida humana é, sem dúvida, preciosa: trata-se de uma doença terrível a ser combatida, e a morte de uma criança em 2016 foi motivo de luto e consternação para todos os belorizontinos. A curto prazo, a esterilização mostrou-se uma medida eficaz. É preciso, entretanto, que essa seja apenas uma solução emergencial. No momento, as capivaras não estão ameaçadas de extinção: de acordo com Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês), o grau de ameaça à vida desses animais é classificado como de menor preocupação (*Least Concern*). Entretanto, se a castração das capivaras “refugiadas” em áreas

urbanas tornar-se uma prática contínua e indiscriminada ao longo de décadas, impedindo a transmissão natural da diversidade genética, qual será o futuro dessa espécie silvestre nativa? Afinal, a mania humana de manipular o mundo natural, tantas vezes, acarreta consequências imprevistas e desastrosas.

Biólogos da conservação advertem do caldo de desinformação que cerca o conflito entre sociedades humanas e capivaras, predominante na mídia e até em alguns meios acadêmicos. Soluções de médio e longo prazos precisam identificar e atacar as causas efetivas dos problemas. Capivaras são seres especiais na evolução da vida no continente americano. Elas atravessaram milhões de anos e devem ser valorizadas por sua relevância. Como tantos outros animais silvestres, ainda aguardam políticas públicas de manejo e proteção adequadas e eficazes (BOVO *et al.*, 2016, p. 185).

1.6. A estratégia do carrapato-estrela

Em eventos de febre maculosa, o protagonista da história é o carrapato-estrela, artrópode presente em quase toda a América do Sul, bem como na América Central e ao sul da América do Norte. Estudos recentes mostram que, por muitos anos, os carrapatos comuns em Minas Gerais foram tradicionalmente identificados como *Amblyomma cajennense*. Atualmente, essa designação abrange um complexo de seis espécies morfológicamente semelhantes, mas com distribuições geográficas distintas (LABRUNA *et al.*, 2011; RODRIGUES *et al.*, 2015). Os carrapatos-estrela predominantes na região da Grande BH (e em Minas Gerais) pertencem à espécie *Amblyomma sculptum*. Seus hospedeiros preferidos são equinos, como cavalos e muares, aos quais podem transmitir a doença quando previamente infectados pela bactéria *R. rickettsii*. Esses carrapatos acometem especialmente capivaras e antas, além de equinos, cães, gambás e humanos.

O carrapato-estrela prospera em áreas degradadas, sombreadas e úmidas. Larvas, ninfas e adultos permanecem em arbustos a 9 cm a 77 cm do solo. Em uma verdadeira emboscada, aguardam a oportunidade de parasitar o primeiro animal “quente” que passar. Sua proximidade será identificada pelo órgão de Haller, uma estrutura sensorial localizada no primeiro par de patas, que lhe

permite detectar o CO₂ emitido pela respiração, bem como o calor e a umidade corporais do animal. Nesse momento, o artrópode erguerá suas patinhas dianteiras: caso a presa seja atrativa, ele poderá pular para alcançá-la ou deslocar-se rapidamente pelo solo para alcançar animais deitados ou sentados. Ele perfurará a superfície do animal, fixando-se para o repasto (SZABÓ, 2021, p. 11-12; 37-38).

Na hipótese de um ataque bem-sucedido, se um carrapato estiver contaminado pela bactéria e conseguir sugar um animal por algumas horas (em humanos, de 4 a 10 horas), a “vítima” contrairá a bactéria, desenvolvendo um quadro infeccioso, e, dependendo da espécie, apresentará ou não sintomas clínicos, que podem até causar o óbito. Ao ser picado por outro carrapato não contaminado, esse hospedeiro poderá transmitir a bactéria ao artrópode (hospedeiros de espécies distintas apresentam diferentes probabilidades percentuais de contágio), dando continuidade aos ciclos de contaminação (BINDER *et al.*, 2022, p. 12-23).

A forma como o carrapato-estrela sente e atua exemplifica algo fantástico da diversidade das espécies animais e de como cada uma delas guarda seus mistérios, seus limites e suas possibilidades bem particulares em um “mundo próprio”. Um carrapato não enxerga nem ouve, mas detecta com precisão o calor do corpo de outro ser que respira e se encontra nas proximidades. Segundo a teoria de Jakob von Uexküll (1864-1944), o biólogo pioneiro da etologia, cada animal se relaciona com os outros e com o meio físico em condições materiais e sensíveis muito peculiares, no seio das quais conhece e age sobre o que existe ao seu redor. Animais não são, portanto, seres passivos diante do meio ambiente, mas sim sujeitos atuantes. Compreendê-los exige de nós, humanos, uma disposição para investigar suas múltiplas formas de percepção e seus complexos modos de agir (UEXKÜLL, 2010, p. 44-51).

1.7. Cidade febril

É mais do que pertinente perguntar sobre o futuro das capivaras, dos humanos e dos carrapatos no que se refere à febre maculosa, já que Belo Horizonte tem registros oficiais de casos desde o final dos anos 1920, com o arrefecimento das contamina-

ções na segunda metade do século XX e a retomada a partir dos primeiros anos do século XXI (LABRUNA *et al.*, 2017). Em outras palavras, há uma trajetória não linear dessa doença que se estende ao longo das décadas, acompanhando o passado e o presente de nossa história.

São muitos os seres vivos envolvidos, incluindo animais silvestres, domésticos, plantas e, claro, humanos. Águas, solos e climas também são elementos desse quadro tão amplo. É essencial lembrar que tais conexões ocorrem em contextos históricos, o que implica questões sociais, culturais, econômicas e políticas específicas. O futuro dependerá de muitos fatores, incluindo nossas escolhas e práticas.

A febre maculosa, pertencente ao grupo das rickettsioses, foi identificada pela primeira vez em São Paulo, em 1928. Pesquisadores notaram sua semelhança com a febre maculosa das Montanhas Rochosas, na América do Norte, devido aos sintomas, à alta mortalidade, à epidemiologia e aos agentes transmissores da família dos ixodídeos (popularmente conhecidos como carrapatos) (DIAS; MARTINS, 1939; TRAVASSOS; DIAS, 1939).

Em Belo Horizonte, entre junho e agosto de 1929, a doença atingiu mortalmente sete moradores da região então denominada Gorduras, a nordeste do município, quase na divisa com Sabará. Na época, estudiosos detectaram, com base em relatos escritos e orais de clínicos, a presença da moléstia, no estado de Minas Gerais, desde meados do século XIX. Os pesquisadores defendiam a hipótese de que, com a conquista do território, rompia-se o ciclo silvestre da doença, no qual o ser humano, até aquele momento, não participava: uma bactéria contaminava o carrapato que mordida um roedor e esse, por sua vez, contaminava outros carrapatos. Como os roedores silvestres não apresentavam sintomas, tudo seguia bem no Cerrado mineiro. O crescimento das cidades, entretanto, levava moradores às margens de áreas outrora predominantemente silvestres. Tradicionalmente, cães domésticos eram criados com livre trânsito entre as redondezas e o interior das casas, o que favorecia a infestação de carrapatos. Para o pesquisador Octávio de Magalhães, que preferia nomear a doença “tifo exantemático neotrópico do Brasil”, os cães eram os principais transmissores de

carrapatos aos humanos em Belo Horizonte em meados do século XX, seguidos por gatos, cavalos, mulas, bois, gambás, pequenos roedores e morcegos, todos animais de fácil acesso aos focos domiciliares (MAGALHÃES, 1956, p. 279–282).

Da região do Gorduras, a moléstia estendeu-se para bairros como Horto Florestal, Esplanada, Cachoeirinha, Pampulha e outros, circundando “completamente Belo Horizonte, desde o Cercado até a Baleia” (MAGALHÃES, 1952, p. 118–143). Já nos anos 1940, um dos focos mais temidos era o da Pampulha, particularmente estudado por Magalhães. No seguimento de casos fatais de contaminação que chegavam ao Hospital Cícero Ferreira, ele visitou muitos domicílios e identificou cães como veículos de acesso de carrapatos ao interior das residências e aos seus habitantes humanos, surpreendendo-se com o fato de que os cães eram admitidos até nos leitos dos moradores. Nos laboratórios da filial do Instituto Oswaldo Cruz na capital mineira, hoje Instituto René Rachou, Magalhães isolou a bactéria e realizou várias experiências laboratoriais com 692 cobaias de diversas espécies, incluindo primatas, cães, e outros animais (MOREIRA; MAGALHÃES, 1934).

Tantas histórias de capivaras, caramujos, parasitas, tilápias, carrapatos, gaviões-carrapateiros, cães, pesquisadores, moradores de Belo Horizonte, autoridades públicas, protetores de animais, primatas utilizados como cobaias em laboratórios, jardins de Burle Marx, doenças, rios, barragens e paisagens evidenciam como o mundo natural e o construído são indissociáveis, como o silvestre e o domesticado se comunicam, como nossas vidas humanas não podem dispensar uma atitude de responsabilidade com os animais e as plantas que dividem conosco a cidade, sob pena de arcarmos com graves consequências. Humanos, plantas e animais interagem entre si e com o solo, a hidrografia, a topografia e o clima, em um ciclo de mútuos condicionamentos e transformações, de competições e cooperações.

Por isso, a história da capivarinha — perdida, vulnerável e assustada pelas ruas da Savassi — é tão boa para refletirmos sobre a presença da vida silvestre em Belo Horizonte. Ela não apenas nos conta sobre nosso presente, mas também testemunha nosso passado mais remoto, quando capivaras existiam nessas bandas, na

companhia de preguiças gigantes e do povo de Luzia. As capivaras transpuseram milênios e carregam histórias de resiliência, adaptação e aprendizados. Existindo assim, tão longevas e vitoriosas, elas interrogam-nos sobre o futuro.

2. Planeta urbano

2.1. Aceleração

Em 2025, foi publicado um relatório das Nações Unidas sobre as perspectivas da urbanização mundial, com o alerta de que esse processo está “remodelando a paisagem global da vida humana”. O *turning point* da aceleração urbana ocorreu a partir de 1950: de uma população total de 2,5 bilhões de habitantes, dos quais 20% (500 milhões) eram cidadãos, passamos, em 2025, a 8,2 bilhões de habitantes, dos quais 45% vivem em cidades com pelo menos 50 mil habitantes, em uma densidade de 1,5 mil habitantes por km². No meio verdadeiramente rural (caracterizado por densidade inferior a 300 habitantes/km²), encontramos apenas 19% da população mundial, pois 36% concentram-se em cidades com até 5 mil habitantes e densidade superior a 300 habitantes/km². Até 2050, o mesmo relatório estima que esses percentuais subirão para 54,1% (em cidades com mais de 50 mil habitantes) e 25,6% (em cidades com até 5 mil habitantes) (UNITED NATIONS, 2025). Na definição de urbanização, o órgão internacional evoca a concentração de pessoas em locais com determinados níveis de densidade populacional, além de maior conectividade e de infraestrutura.

Desejo acrescentar às conclusões das Nações Unidas que a urbanização está remodelando não apenas a paisagem global dos humanos, mas também a de *todos* os seres vivos que dividem o planeta, incluindo os animais silvestres, foco de especial interesse neste ensaio. O planeta urbaniza-se, e a vida silvestre também faz parte dessa nova história. Enfim, há mais habitantes na cidade do que se costuma pensar e contabilizar.

No Brasil, a tendência de crescimento urbano é ainda mais aguda: segundo dados demográficos do IBGE de 2022, 87,4% da população residia em áreas urbanas. Belo Horizonte é a sexta maior cidade do país, com 2.415.872 habitantes estimados em 2025. Há

uma levíssima desaceleração do crescimento populacional, mas ela é simultânea a um impulso demográfico na área mais ampla da Região Metropolitana, o que indica apenas que o adensamento se desloca para os municípios ao redor da capital.

Os construtores da capital, inaugurada em 1897, certamente sonhavam com um futuro de modernidade para Belo Horizonte, mas o seu horizonte de expectativas considerava o ritmo próprio das sociedades do fim do século XIX: segundo os planos iniciais, o município teria recursos suficientes para abrigar 200 mil habitantes, cifra certamente alta para a época. Segundo as séries históricas e estatísticas disponibilizadas na plataforma do IBGE, em 1890, Rio de Janeiro e São Paulo – então as mais importantes cidades brasileiras – tinham, respectivamente, 522.651 e 64.934 habitantes. É certo que a forte onda de imigração acelerou esses números e, em 1901, as mesmas cidades alcançaram 811.443 e 239.820 habitantes, respectivamente. Belo Horizonte manteve sua população dentro da previsão inicial dos construtores, quando ultrapassou a marca dos 200 mil (Tabela 1).

Tabela 1. Crescimento do número de habitantes humanos no município de Belo Horizonte

Ano	Habitantes no município de Belo Horizonte
1900	13.472
1920	55.563
1940	211.377
1950	352.724
1960	693.328
1970	1.255.415
1980	1.822.221
1990	2.017.127
2000	2.232.747
2010	2.375.151
2025	2.415.872

Fonte: Séries Históricas e Estatísticas. IBGE. <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/>
Elaboração pela autora.

O adensamento populacional no município acelerou-se a partir dos anos 1940 e 1950, coincidindo com a modernização e a industrialização de Belo Horizonte e de seu entorno. Esse crescimento realizou-se paralelamente ao avanço das contradições do desenvolvimento, com desafios sociais e econômicos em contextos de difícil construção de instituições democráticas e de permanência de uma sociedade hierárquica, desigual, patriarcal e racista, em que a pobreza e os preconceitos determinaram a exclusão de tantos seres humanos do acesso à educação, à saúde, à moradia e à dignidade. Como em modelos perversos de desenvolvimento, as injustiças sociais e a destruição ambiental costumam caminhar de braços dados, a situação também se tornou cada vez mais prejudicial à fauna silvestre presente no meio urbano.

2.2. “Rios de aço do tráfego”

O termo “grande aceleração” refere-se ao período pós-1945, quando se inicia a verticalização aguda das curvas de crescimento populacional e do consumo de recursos, bem como a intensificação dos fluxos de materiais e de energia em escala global. Integra um conceito mais amplo, o “Antropoceno”, criado no alvorecer do século XXI, com base nas análises do geoquímico Paul Crutzen e do ecólogo Eugene Stoermer. O Antropoceno colocou a humanidade como um agente geológico decisivo, por meio de ações que transformaram profundamente o planeta, especialmente a partir da Revolução Industrial, no fim do século XVIII.

O conceito popularizou-se e — embora seu reconhecimento oficial como época geológica pela Comissão Internacional de Estratigrafia tenha sido rejeitado em 2024 — tornou-se corrente nos debates públicos. Foi prontamente acolhido por estudiosos das humanidades, inaugurando perspectivas “de entrada da história humana na dinâmica da Terra e da dinâmica da Terra na história humana” (PÁDUA; SARAMAGO, 2023).

Foram muitos os processos de transformação em Belo Horizonte que condicionaram a existência da fauna silvestre, dificultando-a a ponto de levar ao desaparecimento de muitas espécies das paisagens belorizontinas e abrindo vazios que se apresentaram como oportunidades para animais sinantrópicos, ou seja,

capazes de desenvolver estratégias para prosperar em ambientes fortemente modificados pela ação humana. Nesse ecossistema urbano de crescimento rápido e desordenado, a dificuldade de acesso à água, ao abrigo e ao alimento; e as condições diversas de deterioração ambiental; o aumento gradativo da poluição do ar, dos solos e das águas; a destruição da cobertura vegetal e a poluição sonora são fatores que configuram um horizonte desafiador para a sobrevivência de cada espécime silvestre que amanece na cidade.

Por ocasião da realização de estudos em várias regiões para a escolha do sítio ideal para a nova capital de Minas Gerais, a região do Curral Del Rey foi avaliada pelas comissões de técnicos e engenheiros como dotada de águas abundantes e de excelente qualidade, provenientes de oito córregos, cujas nascentes localizavam-se na Serra do Curral. Córregos como Acaba Mundo, Serra, Cercado e Cercadinho tinham águas de louvável pureza, cujo uso poderia mesmo dispensar a filtragem. A hidrografia local, além de garantir o abastecimento, trazia umidade e frescor ao ambiente. Os novos habitantes poderiam, portanto, ter “regalias de patos”, segundo avaliações coetâneas (MESQUITA 2019, p. 21-37). Certamente, os patos, assim como outras aves e passarinhos, peixes, répteis e mamíferos da região (como as capivaras), sabiam bem disso desde tempos imemoriais.

Durante a construção, as ruas da região central foram dispostas em xadrez, e os rios foram retificados para acompanhar os traçados. Tais intervenções eliminaram o formato curvilíneo dos córregos. Como efeitos colaterais imediatos, houve aumento da velocidade da correnteza ao final dos movimentos turbilhonares, bem como a eliminação da vegetação ciliar e da sinuosidade, o que alterou fortemente os processos naturais de oxigenação da água. À medida que a cidade cresceu ao longo das décadas, a eliminação de esgotos domésticos, assim como de resíduos diversos, transformou os antigos córregos límpidos em águas de odor pútrido. A cidade também se cobria de malhas de asfalto, reduzindo a permeabilidade, provocando enchentes cada vez mais graves e frequentes e acarretando tragédias sociais e grandes riscos à saúde pública. A partir da segunda metade do século XX,

a grande promessa eleitoral dos candidatos a prefeito passou a ser a canalização dos córregos, transformando Belo Horizonte em uma cidade de rios invisíveis e “jardins de asfalto” que a maquiaram, sem uma resolução efetiva dos problemas (MESQUITA, 2019). A fauna aquática silvestre extinguiu-se, e pássaros e outros animais perderam suas fontes de água, antes dispersas pelo território e tão acessíveis. Segundo os versos escritos pelo poeta na década de 1940, dominavam, então, pelo território urbano, apenas os “rios de aço do tráfego” (DRUMMOND DE ANDRADE, 2012, p. 13).

2.3. Refúgio ou sumidouro?

O Parque Municipal Américo René Giannetti foi inaugurado antes mesmo da cidade, no início da primavera de 1897, com 64 hectares. Ao longo do século, essa paisagem sofreu grandes transformações e hoje conta com apenas 18,2 hectares: desde 1907, foi sucessivamente desmembrada para usos diversos (GALERA; GARCIA, 2017; CORREA, 2024).

A existência dessa área verde no coração da cidade constituiu-se, mesmo com sua expressiva diminuição territorial ao longo das décadas, como verdadeiro refúgio e ponto de conexão para os animais que lograram sobreviver por terra ou se aventuraram pelos ares. Uns abrigavam-se na calmaria das árvores altas, com suas copas largas, cheias de flores e frutos nutritivos, ótimas para a construção de ninhos. Outros encontravam cantinhos para cavar, nos solos permeáveis, abrigos imperceptíveis aos olhos dos passantes. Aves, mamíferos, peixes, répteis, anfíbios e invertebrados ali prosperaram, resilientes, com acesso a fontes de água e de alimento, enquanto a cidade se verticalizava e retumbava ao redor¹. Ao longo da história da cidade, o parque certamente foi um local de convívio entre os seres humanos, ao mesmo tempo que possibilitou a coexistência dos belo-orientinos com diversas espécies animais e vegetais.

¹ Em 2024, foram identificadas 130 espécies nativas e não nativas de vertebrados, como aves (91), mamíferos (21), peixes (13), répteis (4) e uma espécie de anfíbio. Entre os invertebrados, ainda não há um inventário sistemático, exceto o dos lepidópteros, que totaliza 78 espécies. (PAGLIA *et al.*, 2024) É plausível pensar que esse número já foi maior no passado, como ilustra o caso do esquilo caxinguelê (*Guerlinguetus aestuans*), extinto no parque municipal desde 2000.

Mas o parque também foi um local de sofrimento para muitos animais silvestres e de deseducação no que se refere às relações entre seres humanos e a fauna nativa. Entre os anos 1920 e o início da década de 1950, os frequentadores do parque encontravam ali exemplares da fauna regional em cativeiro. Em 1928, a prefeitura relatava a manutenção de 53 mamíferos (entre cotias, preguiças, raposas, vários primatas, uma onça-parda, jaguatiricas) e 145 aves (entre diversos columbídeos, gaviões, cisnes, garças, jacus) (MENSAGEM, 1928, p. 147). Pouco depois, o subdiretor de limpeza pública, Argemiro Peixoto, relatou ao prefeito Luiz Penna que, em setembro de 1931, encontrou o parque em péssimo estado, deserto, maltratado, “desatratante”. Sentiu repugnância às jaulas dos animais, “inestéticas e com brutal vedação”, sem luz do sol nem ventilação. Ali, animais “vegetavam em verdadeiras masmorras”, em uma situação que atentava “contra os foros de civilização de qualquer povo, por mais atrasado que fosse”. Segundo o relato, janelas foram abertas, e alguns animais foram acondicionados em cercados mais ventilados, como no caso das raposas, o que permitiu um “relativo conforto” (RELATÓRIO, 1931, p. 209–210). A despeito das tentativas de melhoria, quando o minizoológico no parque foi desativado, duas décadas mais tarde, uma reportagem descreveu o local como “um amontoado de jaulas mal construídas que acabavam por matar as feras que nelas eram confinadas” (ESTADO DE MINAS, 1957). Durante todos esses anos, os animais permaneceram muito vulneráveis à importunação do público — como envenenamentos e agressões — sem dietas nem assistência veterinária adequadas, o que resultava em uma altíssima taxa de mortalidade.

Lamentavelmente, o parque ainda hoje é um local de sofrimento para a fauna silvestre, mas por outros motivos: precisa dividir o espaço com quase 300 gatos abandonados. Em uma pesquisa recente, foram realizadas análises laboratoriais de centenas de amostras de fezes de gatos, coletadas ao longo de vários meses. Houve ainda 180 horas de observação do comportamento felino em 15 pontos do parque em diversos horários. Ao longo de um ano de coleta de dados, os gatos mataram e, por vezes, devoraram cerca de 14 mil animais, entre invertebrados (como grilos e borboletas), passarinhos diversos, morcegos, sapos, gambás e ratos. Gatos

não caçam apenas por fome; seu instinto de caça permanece mesmo quando estão alimentados. De área verde estratégica para a fauna silvestre, o parque passou a ser uma “paisagem do medo”, pois a fauna atraída pela vegetação e pela disponibilidade de água encontra ali predadores implacáveis. Certamente, vítimas do descuido humano, os felinos amargam condições de abandono e vulnerabilidade, ao mesmo tempo que acarretam sofrimento e morte de animais silvestres, também seres sencientes em luta pela sobrevivência. Nessa situação, políticas públicas eficazes para promover soluções são inadiáveis (GOMES, 2025).

2.4. “Triste horizonte”

Assim como ocorre no Parque Municipal, os animais silvestres dependem das áreas verdes distribuídas pelo território urbano, onde lutam pela sobrevivência a cada amanhecer. Nascida com pretensões de Cidade Jardim, Belo Horizonte ganhou ruas centrais cuidadosamente arborizadas. Em vários dos bairros adjacentes, quintais e jardins rodeavam as casas, e nas franjas do município, havia um cinturão verde de chácaras produtoras de alimentos. Essa realidade não mudou substancialmente até meados do século XX. A partir dos anos 1940 e 1950, a industrialização em alguns municípios da região metropolitana, a migração de populações rurais, o crescimento das favelas sem saneamento básico, o aprofundamento das desigualdades, o aumento populacional, a poluição, a especulação imobiliária e os problemas de abastecimento de água acentuaram a depleção do chamado mundo natural (transformado em recursos pela lógica do lucro a qualquer custo), agravando as injustiças sociais e ambientais.

Em fins de 1963, o corte dos fícus da Avenida Afonso Pena assumiu o caráter de um evento simbólico da nova era “asfáltica” da cidade. Essas árvores exóticas, de crescimento rápido, muito usadas no paisagismo urbano em inúmeros países, dominavam a paisagem da avenida. Foram cortadas sob a desculpa de combater a praga dos tripses (*Gynaikothrips ficorum*, ou “amintinhas”, como foram apelidados na capital, em referência ao prefeito Amintas de Barros. Esses insetos, originários da Ásia (tais como os fícus, sua árvore hospedeira), alastraram-se na época por regiões do norte ao

sul da América, incluindo o Caribe (LEWIS, 1973). Em Belo Horizonte, os tripes representaram uma excelente oportunidade para que a prefeitura ordenasse o corte de 350 fícus altaneiros, possibilitando o alargamento da via em prol da passagem de automóveis, uma vez que os bondes haviam sido retirados de circulação. Meses antes, dedetizações de grande nocividade para humanos, plantas, animais e solos foram realizadas, com a aplicação abundante e indiscriminada do pesticida malation (DUARTE, 2007; BASTOS *et al.*, 2020). A chegada de 1964 encontrou a avenida “pelada”, em um cenário triste e desolador que trazia presságios de ações ainda mais destrutivas em curso.

Belo Horizonte encheu-se de automóveis, em uma época em que os veículos eram muito mais ruidosos e tinham motores altamente poluentes. Somado a isso, o diesel e a gasolina apresentavam níveis elevados de elementos de contaminação persistente, como enxofre e chumbo. Em 1963, foram registrados 42 mil carros no município. Em 1966, esse número subiu para 64 mil e, em 1972, para 112 mil (PLAMBEL, 1974).

Segundo as promessas da prefeitura contidas no Plano Nova BH-66, “o cheiro do asfalto quente” invadiria toda a cidade e ônibus modernos a diesel substituiriam os antigos bondes elétricos. Naquele ano, a prefeitura asfaltou 1 milhão de m² de vias, celebrando a transformação da cidade em um verdadeiro “canteiro de obras” (DIÁRIO DE MINAS, 1966, p. 2; RELATÓRIO, 1966, p. 132–133). O prefeito Souza Lima (1967–1971) ganhou críticas e fama pela destruição implacável da arborização urbana, sempre representado em charges com uma motosserra nas mãos (ESTADO DE MINAS, 1968a; b, p. 5; ESTEVES, 1970, p. 4). A faina dendroclasta manteve o impulso: em 1976, havia miseráveis 0,7 m² de área verde por habitante em Belo Horizonte. Qual teria sido o efeito disso sobre a fauna silvestre urbana?

Além dos efeitos da eliminação de centenas de árvores antigas, com copas generosas que, mesmo em seu caráter exótico, eram importantes para o vicejar de muitas vidas silvestres, outro dado a ser considerado é o aumento da poluição atmosférica, sabidamente prejudicial a todos os seres. Os canos de descarga de veículos, assim como as indústrias sem filtros e sem qualquer controle de emissões —

como a siderúrgica Mannesmann no Barreiro, as usinas de concreto e asfalto, as fábricas de lubrificantes e de cigarros e as fundições em bairros periféricos — enchiam os hospitais de crianças com graves crises respiratórias. Pesquisadores da universidade denunciavam o elevado nível de substâncias poluentes em diversos pontos da cidade e o aumento de enfermidades respiratórias e alérgicas. A poluição sonora também acendeu alertas: em 1975, medições técnicas nas áreas centrais, em horários de pico, chegaram a registrar 104 decibéis (PLAMBEL, 1973; QUICK; PAULINI, 1973, p. 9-18; PAULINI, 1974; FIRMINO, 1975, p. 13; GOVERNO, 1976, p. 64-68). Mais uma vez, podemos indagar quais foram os efeitos de tudo isso sobre a fauna silvestre urbana, pois é plausível imaginar que tenham sido expressivos. O fato é que os sofrimentos, as perdas e os danos das várias espécies naqueles anos permanecem silenciados pela falta de dados que nos permitam quantificá-los².

Belo Horizonte renegou sua promessa original de cidade-jardim e, com ela, construiu um ideal de modernidade em que parecia não haver lugar para plantas e bichos nativos. Nos anos 1930, Drummond percorria inebriado as ruas como “túneis espessos de verdura”: todavia, em 1976, a destruição dos jardins da Igreja de São José, convertidos em um estacionamento de automóveis, foi a gota d’água para que ele decidisse nunca retornar à cidade que se tornara um “triste horizonte” (DRUMMOND DE ANDRADE, 1930) São José agia como dendroclasta, sem deixar de pé “sequer um pé-de-pau onde amarrar o burrinho numa parada no caminho do Egito” (DRUMMOND DE ANDRADE, 1976, p. 5). Aos pássaros, insetos e corujas que porventura ainda se abrigassem naquelas árvores, restava disputar outros locais ou simplesmente perecer.

2.5. “Olhe bem as montanhas”

A derrubada dos jardins da Igreja de São José foi decisiva para o sentimento de revolta eternizado em versos por Carlos Drummond de Andrade, em um mundo sem lirismo, onde tudo

2 Hoje, os efeitos da poluição sonora sobre a vida silvestre urbana têm ganhado estudo sistemático por investigadores da área de bioacústica. Para um exemplo de pesquisa em animais do Parque Municipal de BH, ver DUARTE *et al.* (2011); SANTOS *et al.* (2017). O Laboratório de Bioacústica, situado no Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, mantém e promove um rico acervo sonoro.

se media, sem pudor, em termos monetários: outras igrejas da cidade abriram lojas diversas e até cadernetas de poupança. Mas o título do poema remete especialmente a outro fato envolvendo o símbolo maior da cidade, a Serra do Curral, aos pés da qual a cidade foi erigida, o que inspirou o nome, que inclui um adjetivo: *Belo/Triste Horizonte*.

A Serra do Curral forneceu o minério de ferro para a construção da cidade no final do século XIX e serviu de fonte de água para abastecer a população; ainda assim, manteve ares de intocada, mesmo que certamente não o fosse. Até meados do século XX, o Morro do Cruzeiro aparecia como o ponto final da Afonso Pena, onde moradores, a exemplo de Drummond e de Pedro Nava, subiam para admirar a cidade e imaginavam-se no limiar entre um ambiente construído e o domínio da natureza (NAVA, 1979, p. 255).

As atividades da Mineração Lagoa Seca, em 1951, inauguraram um patamar de intervenções brutais que inseririam a Serra no mercado internacional de minérios, ligando o local ao global. Não demorou para que as linhas do horizonte da cidade fossem modificadas em prol da ganância pela extração de *commodities* por empresas de capital misto, sob domínio de entidades internacionais. Em 1965, uma junção de empresas originou a Minerações Brasileiras Reunidas (MBR), responsável pela exploração da Mina de Águas Claras por três décadas, em 2.200 hectares, rebaixando o lençol freático, degradando nascentes e deixando um cenário de ruínas e uma cava de cerca de 120 metros de profundidade (BORSAGLI 2017; SILVA 2023).

Em poucos anos de atividades da MBR, a crista da serra desfigurou-se. Em 1973, a construção de uma linha ferroviária até Ibirité retificou e rebaixou a serra de forma perceptível aos observadores “do lado de cá” da cidade. Moradores de bairros distantes podiam ouvir o estrondo das explosões³, enquanto parte da imprensa, com destaque para o *Jornal de Minas*, denunciava o absurdo da situação, em uma afronta aos interesses públicos em prol

³ Esta autora era então criança, moradora do bairro Floresta, próximo ao Rio Arrudas e ao frigorífico Perrella. Inúmeras vezes, ouvia, amedrontada, os estrondos. Minha mãe sempre me explicava que a origem daquilo eram as explosões da mineração lá na serra.

do lucro de algumas empresas. Ambientalistas, cientistas, artistas e intelectuais se mobilizaram contra a destruição, e um adesivo de ampla circulação alertava, ao mesmo tempo em que cultivava a resistência: “Olhe bem as montanhas”, criado por Manfredo de Souza Neto (FERRAZ, 2007).

Foi proibido o acesso à serra que, até então, os moradores procuravam para caminhadas, piqueniques ou outras atividades de lazer. A polícia barrava, com a força, quem tentava escalá-la. Como disse Drummond, era agora “proibido sentir o ar de liberdade destes cimos”, proibida a “selvagem intimidade” das pedras, desfeitas em dinheiro. A serra passou a ter um dono: “não mais a natureza a governa”; tudo e todos estavam encurralados. Como em uma profecia de Jeremias, eis que “os montes tremiam” e a terra estava vazia, “sem nada, nada, nada” (DRUMMOND DE ANDRADE, 1976, p. 5).

O que o poeta claramente traduziu em versos foi o avanço da financialização da montanha, de suas águas, de seus ares e de suas pedras — com a expulsão de pessoas agora impedidas de gozar da vida ao ar livre naquelas paisagens antes acolhedoras e de visões pacificadoras — segundo o estilo brutal e complexo da economia de dinâmicas globais (SASSEN, 2016, p. 211). Além de pessoas, expulsavam-se pássaros, rãzinhas, micos-estrela, morcegos e tantos outros bichos que precisavam procurar um novo lar e disputar áreas cada vez mais escassas e fragmentadas de verde e de vida.

A mineração permanece como atividade devastadora não apenas na Serra do Curral, mas em toda a região do Quadrilátero Ferrífero: realizar a decolagem ou o pouso de uma aeronave, mirando pela janelinha, evidencia ao observador a sucessão de crateras e de profundos poços transbordantes de resíduos lamacentos e escuros. Nos desdobramentos mais recentes, o governo do Estado flexibilizou licenças, fechou os olhos para desobediências a ordens judiciais e atuou para reduzir áreas protegidas, omitindo-se diante da atuação de quatro empresas, o que desencadeou protestos civis e investigações da Polícia Federal, como na Operação Rejeito. Em 9 de março de 2026, a Justiça Federal acolheu ação do Ministério Público Federal e determinou a suspensão imediata das ativida-

des minerárias na Serra do Curral e a suspensão de 57 processos administrativos de mineração que atingem, total ou parcialmente, as suas áreas protegidas, além de multa à Agência Nacional de Mineração por descumprimentos anteriores de decisões judiciais. Não obstante o significado alentador dessa decisão, a situação permanece insegura e instável até que sejam implementadas medidas legais de proteção suficientes, ou seja, o tombamento integral, para impedir, de vez, novas investidas de mineradoras. Completamos décadas de ataques à Serra, assim como de movimentos da sociedade em sua defesa; contudo, muitas lutas e conquistas ainda são imprescindíveis (SILVA, 2023).

Ao longo de tantos anos, males irreparáveis foram causados à flora, à fauna, aos solos e aos cursos d'água na região. No caso específico da vida silvestre, tema deste ensaio, precisamos incluir os animais entre os “encurralados”. São vítimas do desmatamento, da poluição das fontes de água, da poeira e da fumaça, da movimentação do solo provocada pelas explosões, dos estrondos que se propagaram pelo ar e pela terra. Uma invasão bárbara vem assolando o habitat de muitas espécies, danificando sua audição, reduzindo sua resistência a doenças, prejudicando seus ciclos reprodutivos, limitando a extensão da área de forrageamento e alterando os padrões de comunicação vocal (especialmente entre aves e anuros). Animais são atropelados pelos caminhões no vai e vem das cargas e padecem com os incêndios, tantas vezes criminosos, em matas fragilizadas pela diminuição das águas e pelo calor crescente (PREFEITURA, 2020, p. 32-36; 49-50; 62-64).

Entre tantas ansiedades e ameaças, o avistamento de um predador de topo, a belíssima águia-serrana, nos picos e vales da Serra, desperta sentimentos ambíguos de esperança e apreensão. A águia-serrana (*Geranoaetus melanoleucus* da família Accipitridae) — é uma espécie-chave na região, com papel crucial no funcionamento contínuo dos ciclos naturais de vida e morte. Essa ave tem ampla distribuição na América do Sul. Há duas subespécies, sendo que uma delas (*Geranoaetus melanoleucus melanoleucus*) habita áreas abertas e montanhosas, podendo ser encontrada ao norte da Argentina, no Paraguai, no Uruguai e no Brasil. Sua nidificação privilegia paredões rochosos: entretanto, em épocas recentes, a

ave tem flexibilizado seus comportamentos diante das agruras ambientais e foi avistada em áreas de mata tropical no Rio de Janeiro, nidificando em árvores (SALVADOR-JÚNIOR; ÁLVARES, 2026)⁴.

Em 2005, estudiosos dedicaram 383 horas de observação a um ninho dessa ave na Serra do Curral, apurando comportamentos reprodutivos, os cuidados do casal com o ninho, a alimentação do filhote e sua preparação para a vida independente. O filhote saiu do ninho aos 56 dias, e os ornitólogos acompanharam — tão orgulhosos quanto os progenitores alados — as proezas dos primeiros voos e caçadas do juvenzinho (SALVADOR-JÚNIOR *et al.*, 2008). Posteriormente, entre 2018 e 2020, pesquisadores monitoraram ninhos de águia-serrana por 425 horas, após o avistamento de um casal com um filhote em 2018. Nesse período, de quatro ninhos identificados, as condições ambientais permitiram a observação efetiva de três. O estudo apresentou dados preocupantes, pois houve fracasso reprodutivo. Em 2018, dois ovos de um casal não eclodiram; em 2019, os ovos de outro ninho também não eclodiram. Em 2020, dois filhotes nasceram, mas pereceram. A morte dos filhotes coincidiu com uma onda de calor na cidade em outubro, quando os termômetros atingiram 38,4 °C. Outro fator considerado para o insucesso reprodutivo é a inadequação da dieta disponível ao predador. Com a abundância de pombos domésticos, essa se torna uma caça oportuna, mas acarreta contaminação por resíduos tóxicos, já que pombos frequentemente buscam alimento sobre o asfalto e em telhados de amianto (SALVADOR-JÚNIOR; ÁLVARES, 2026).

A situação desperta preocupação pelas implicações a médio e longo prazo. Para garantir o sucesso futuro dos casais de águias-serranas, os cientistas oferecem duas recomendações essenciais. Em primeiro lugar, o tombamento efetivo e integral da Serra do Curral, tal como proposto por especialistas e por relatórios técnicos há tantos anos. Em segundo lugar, e não menos importante, a distinção da águia-serrana como símbolo da Serra do Curral (SALVADOR-JÚNIOR; ÁLVARES, 2026). Se a Serra do Curral é o símbolo de Belo Horizonte — escolhida em um plebiscito em

4 Ver entrevista com o pesquisador Luiz F. Salvador Jr. na playlist do projeto “História da Fauna Silvestre na Grande BH”: <https://rb.gy/nopwOb>. Consulta em 23 de abril de 2026.

1995 – e a águia-serrana é uma espécie-chave em seus processos naturais, nada seria mais justo do que conceder a ela o merecido reconhecimento, nutrindo nossa esperança de um futuro diverso para a vida silvestre na Grande BH.

2.6. “Loteando a felicidade”

Enquanto a MBR retificava e, literalmente, detonava a Serra do Curral, a cidade crescia desordenadamente, perdendo áreas verdes, ganhando favelas insalubres, enfrentando altos níveis de mortalidade infantil e assistindo à circulação cada vez maior de automóveis. Em 1972, a canção “Eu quero uma casa no campo”, composta por Zé Rodrix e Tavito, estourou nas paradas de sucesso na voz de Elis Regina. Diferentemente do sonho “bicho-grilo” da frugalidade em meio à natureza (“eu quero plantar e colher com a mão a pimenta e o sal”), belorizontinos de classes médias altas, em franca ascensão de hábitos de consumo, passaram a almejar o retorno ao “verde” como índice de distinção e de qualidade de vida. Aqueles eram tempos de auge do milagre econômico e de violência repressiva da ditadura cívico-militar (DUARTE, 2014, p. 160). Nas telinhas, todos assistiam à novela “Selva de Pedra”, de Janete Clair e Dias Gomes — a produção alcançou índices recordes de audiência — que explorava a rudeza das relações humanas nas grandes cidades.

Desde o final dos anos 1940, foram lançados bairros arborizados de alto padrão construtivo, como Cidade Jardim. A ocupação inicial foi tímida, mas ganhou força nos anos 1970, com a retirada, pela Polícia Militar, de famílias pobres — sempre pejorativamente identificadas como “faveladas” — que ali tinham construído barracões. O córrego do Leitão, já poluído e malcheiroso, foi canalizado para conferir charme à vizinhança. Nas décadas de 60 e 70 surgiram ainda o Mangabeiras (uma especulação imobiliária que invadiu as imediações da Serra do Curral) e o Belvedere. Vias largas, quarteirões compridos, lotes grandes e sem possibilidade de parcelamento, regras rígidas de construção, exigência de jardinagem na frente das edificações: tudo era padronizado, com paisagismos manicurados, gramados extensos, uso predominante de espécies exóticas e podas em linhas retas (ARREGUY; RIBEIRO,

2008; CURY, 2014). Essa estética inspirada nos subúrbios estadunidenses tornou-se típica dos jardins das classes médias altas e dos ricos, popularizando-se no Brasil e acarretando grandes prejuízos à fauna silvestre devido à escassez crescente de plantas adequadas à sua dieta nos jardins urbanos.

O fato é que a “busca pelo verde” tornou-se um símbolo de status entre os mais favorecidos. Além dos bairros nobres, os condomínios privados surgiram como opção para uma vida tranquila ou apenas como refúgio nos fins de semana (COSTA, 2009; DUARTE, 2012). Assim, quem folheasse os cadernos imobiliários passava a encontrar apelos de empreendimentos a poucos quilômetros do centro, com fácil acesso a automóveis particulares, áreas verdes, silêncio, ar puro e águas cristalinas, ou seja, tudo o que se tornava gradativamente mais raro na cidade: “Estamos loteando a felicidade; reserve um pedaço para você!” Venha morar “onde a natureza jamais será violada por qualquer tipo de poluição!” Desfrute de uma “paisagem europeia dentro da cidade”, em uma “imitação do clima e da paisagem suíços!” Venha para o “verde total!” Sobretudo, vendia-se a marca de privilégio social para quem pudesse pagar: “para quem sabe gozar a vida”, propaganda anunciava “os últimos terrenos de natureza na zona sul”.

Em 1957, surgiu o Retiro das Pedras. Em 1958, foi a vez dos lançamentos do Morro do Chapéu e da Estância Serrana. Enquanto as chaminés da Mannesmann enchiam a atmosfera do bairro Barreiro de Cima com fumaça tóxica e os hospitais com crianças que sofriam de problemas respiratórios (QUICK; PAULINI, 1973), seus altos funcionários alemães habitavam as ruas curvilíneas e bucólicas da Estância Serrana, apelidada por muitos de “Morro do Chucrute”. Nas décadas de 1960 e 1970, outros condomínios foram fundados, como o Ville de Montagne, Ouro Velho Mansões e o Vale do Ouro, a noroeste da cidade (DUARTE, 2012).

A partir de então, os limites entre os municípios de Belo Horizonte, Nova Lima, Ribeirão das Neves, Sabará, Ibirité, Esmeraldas e Vespasiano foram invadidos por condomínios horizontais, que ocuparam áreas de mata, procedendo à terraplenagem, ao controle de nascentes, ao paisagismo e ao cercamento com muros, em loteamentos nos quais se promete o paraíso e, nos dias de

hoje, especialmente, a segurança. O impacto ambiental desses empreendimentos imobiliários e as consequências para a flora e a fauna nativas nas regiões atingidas evidenciam um paradoxo: em nome da busca pelo verde, este próprio é destruído. A “natureza” é financializada: é um bem a ser adquirido, um privilégio de quem pode pagar. Ela é identificada pelos gramados bem aparados, pelas árvores exóticas e pela companhia de animais domésticos.

A extensão horizontal de mansões e a abertura de vias trazem consequências para os animais silvestres: provocam a fragmentação de matas, criam obstáculos à sua livre movimentação, aumentam o risco de afogamento em piscinas particulares enquanto buscam água, incrementam o índice de atropelamentos, favorecem colisões de aves nas varandas cercadas por blindex transparente, aumentam os eventos de ataques de cães e gatos, assim como a propagação de zoonoses aos animais silvestres. Ao mesmo tempo que condomínios se multiplicam pelos arredores, a verticalização da cidade modificou a paisagem de jardins urbanos, substituindo os quintais antigos — que frequentemente tinham árvores frutíferas e, muitas vezes, uma singela horta — por um paisagismo *trendy* que cada vez mais abusa do vidro como material para murar jardins de grandes prédios e casas, ou até para revestir paredes externas com vidros espelhados. Os gradis antigos, tão variados e cheios de arte, tornaram-se peças de ferro-velho. Desperdiça-se assim, com jardins que mais parecem vitrines de lojas e desertos de vida, o potencial que essas pequenas manchas verdes poderiam ter para a vida silvestre urbana (GOULART, 2014; SHEPPARD, 2020; STRAUBE; URBEN-FILHO, 2024; PIRATELLI *et al.*, 2025).

Além dos vidros, a iluminação externa é outro elemento decisivo para a saúde da fauna silvestre urbana. Luzes fazem parte da cidade de Belo Horizonte desde sua inauguração em 1897, quando a recém-nascida foi celebrada com iluminação gerada pela Usina de Freitas, alimentada por uma cachoeira do Ribeirão Arrudas. Nas primeiras décadas, as lâmpadas incandescentes transformavam apenas 10% da energia em luz amarelada e o restante em calor. No final dos anos 1960, houve a substituição pelas de mercúrio, de luminosidade branca e intensa, mas altamente poluentes, visto que os vapores liberados, em caso de quebra, contaminam solos, águas

e organismos e entram nas cadeias alimentares. Depois, vieram as lâmpadas de vapor de sódio. Entre 2017 e 2021, a prefeitura de BH concluiu a substituição de toda a iluminação pública pela tecnologia LED, mais eficiente, privilegiando postes que direcionam o feixe de luz para baixo, evitando a dispersão da luz e reduzindo o incômodo à fauna. Mesmo assim, seus efeitos sobre a fauna ainda suscitam investigações aprofundadas (STONE *et al.*, 2012; DOMINONE; NELSON, 2018).

A Grande BH, com cerca de 6 milhões de habitantes humanos em uma área de quase 15 mil km², é facilmente identificável de longe por sua impressionante luminosidade. Além da iluminação pública, casas e edifícios têm luzes externas que nem sempre são adequadas às técnicas de mitigação de seus efeitos. Somam-se a isso os muitos anúncios luminosos, sempre altos e largos, ao longo de grandes avenidas. A poluição visual gerada pela claridade excessiva altera os ciclos vitais de seres vivos, tanto animais quanto vegetais. Pássaros em migração desorientam-se com as luzes que avistam lá de cima: por vezes acabam atraídos, perdem-se na barafunda da cidade, confundem-se, sem conseguir voltar ao grupo migratório, e ficam vulneráveis até encontrarem a morte em um cantinho qualquer. Corujas e morcegos, assim como outros animais noturnos, sofrem graves consequências. A luz excessiva também altera a floração das plantas e, portanto, a vida de insetos, pássaros e pequenos mamíferos frugívoros (HÖLKER *et al.*, 2010; SOARES, 2022; MEAH *et al.*, 2026)

2.7. Resiliências

A trajetória de uma cidade ao longo do tempo inclui uma miríade de histórias coletivas e individuais, nas quais se confrontam projetos, valores e usos diversos do espaço. Os projetos urbanísticos que predominaram em Belo Horizonte, ao longo das décadas, implicaram escolhas de como a cidade se relacionaria com seus córregos e rios; com as árvores das ruas; com seus parques, suas montanhas, seus minérios; com a escuridão noturna; com o ar que respiramos e com as necessidades de locomoção humana. Os materiais privilegiados, assim como as soluções tecnológicas e energéticas, também foram selecionados no bojo de comple-

xas relações, sempre interligadas ao vir-a-ser da sociedade e do jogo político. Na “grande aceleração”, desde meados do século XX (STEFFEN *et al.*, 2015), o otimismo cego no progresso idealizou e promoveu Belo Horizonte como um espaço distante do mundo natural. Não obstante, parte da fauna permaneceu, enfrentando desafios e reinventando suas estratégias de sobrevivência, nem sempre com sucesso. Os animais silvestres que nos acompanham aqui e ali no dia a dia frenético da metrópole, despertando encanto e inquietações, também colocam na ordem do dia a pergunta central deste ensaio: afinal, a quem pertence a cidade?

3. Alianças no Antropoceno

Entre cientistas sociais, em particular, e estudiosos das humanidades em geral, o Antropoceno, como nova lente para a compreensão do mundo, suscita alertas sobre a não-sincronicidade dos fenômenos envolvidos. Em outros termos, na escala espacial do planeta, a ação humana não ocorreu da mesma forma nem no mesmo ritmo em diferentes lugares, a despeito das conexões sempre existentes entre os locais e o global. Outro ponto essencial reside na crítica ao risco de generalização que espreita por trás da unificação de uma “humanidade” sem distinção de classes sociais e de comunidades com práticas e valores diversos, bem como de relações sócio-históricas variadas com o chamado mundo natural. O termo foi rejeitado por muitos que, com o intuito de evidenciar as questões históricas, sociais e políticas envolvidas, recorreram a outros vocábulos, como Capitaloceno e Plantationceno, em referência ao capitalismo e à expansão das *plantations*. (HARAWAY, 2015; QUENET, 2017; CHAKRABARTI, 2021; PÁDUA; SARAMAGO, 2023).

Partindo dessa exposição sucinta de um tema tão denso, controverso e repleto de desdobramentos, defendo aqui a importância de considerarmos as muitas ações humanas na Grande Belo Horizonte em prol do fortalecimento de outros modelos urbanos, nas quais a vida silvestre é objeto de conhecimento, afeto e combates. A “grande aceleração” ocorrida na Grande Belo Horizonte não tem sido um processo sem profundos questionamentos, práticas propositivas, atitudes de resiliência e constituição de promissoras alianças entre seres humanos e “outros-que-humanos”.

A conservação da fauna silvestre não se faz sem conhecimento. Por isso, alguns lugares e instituições de ciência são fundamentais. O primeiro a ser destacado é o Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre, fundado em 1989 no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. Desde então, centenas de teses e dissertações foram defendidas, conectando pesquisa e conservação da vida silvestre em abordagens multidisciplinares, privilegiando a inovação e o compromisso com a natureza, formando profissionais com ação impactante e transformadora no conhecimento acadêmico e na sociedade, uma vez que se promove ciência simultaneamente básica e aplicável. Em muitas pesquisas, estudiosos exploram a vida silvestre urbana em Belo Horizonte, com contribuições inestimáveis ao conhecimento e sugestões de políticas públicas (PENA, 2017; HORTA, 2020; BAKTI, 2023; GOMES, 2025). A história da atuação dos membros desse programa na criação e na defesa de uma das maiores áreas verdes da cidade é memorável, pois suas lutas garantiram a revitalização de uma área de biodiversidade promissora, verdadeiro “laboratório” para muitos pesquisadores, e palco importante de ações de educação ambiental: a Estação Ecológica da UFMG, com 114 hectares preservados (DAL PONT, 2009, p. 189–215).

O Museu de Ciências Naturais da PUC Minas é outro importante centro produtor de conhecimento, além de promotor e mantenedor de coleções científicas. Fundado originalmente em 1983, vinculado ao Departamento de Ciências Biológicas e idealizado por Cástor Cartelle, o museu abriu suas portas ao público em 2002, com exposições temporárias e permanentes, além de eventos culturais e científicos. O acervo tem milhares de peças paleontológicas e arqueológicas, além de exemplares de insetos, moluscos, anfíbios, mamíferos, répteis, peixes, aves e plantas. O laboratório de bioacústica abriga, entre outras, uma coleção de sons do Cerrado e da Mata Atlântica. Coleções são fundamentais para o conhecimento biológico sistemático e bem fundamentado, e o Museu zela por sua preservação e, não menos importante, por seu incremento constante.

A necessidade de manejo e reabilitação de animais silvestres também se beneficia do conhecimento e das habilidades médi-

co-veterinárias especializadas. Para tanto, o desenvolvimento de práticas de cuidado e a produção de conhecimento pelo Grupo de Estudos em Animais Silvestres (GEAS), na Escola de Veterinária da UFMG, têm sido cruciais para a formação de profissionais competentes e de conhecimento inovador sobre nutrição, zoonoses e aspectos médico-cirúrgicos de animais silvestres, incluindo muitos daqueles que habitam Belo Horizonte, seja em vida livre (quatis, morcegos, aves), seja sob cuidado humano, como os animais do nosso Zoológico.

O Zoológico de Belo Horizonte tem sido, nas últimas décadas, um agente relevante na conservação da fauna silvestre. Essa instituição de pesquisa/conservação/educação desenvolve programas interinstitucionais de conservação de algumas espécies, oferece suporte e material de investigação para pesquisas de mestrado e doutorado, reabilita animais resgatados do tráfico ilegal, de situações de conflito ou atropelados, mantém a saúde e incrementa continuamente o bem-estar de seus “moradores”. Programas contínuos de educação ambiental estimulam o cuidado e o afeto pelo mundo silvestre, oferecendo oficinas e visitas guiadas a milhares de estudantes, de diversas idades e níveis, de escolas públicas e privadas (DUARTE, 2025).

Pesquisadores de excelência e conservacionistas – entre eles, alguns pioneiros do Centro de Conservação da Natureza em Minas Gerais (CCN, 1973), como o zoólogo Ângelo Machado – criaram, em 1989, a Fundação Biodiversas, com o propósito de impulsionar ações em prol do meio ambiente e em defesa da vida, com base científica e princípios técnicos. A Fundação tem uma trajetória notável na defesa da biodiversidade e das áreas protegidas, pressionando por políticas de Estado a favor da natureza. Em 1998, essa instituição publicou a primeira edição do Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais, sistematizando e tornando públicas informações decisivas para toda a sociedade (MACHADO *et al.*, 1998; PEREIRA, 2021).

Outras associações e projetos coletivos emergiram na cidade com o propósito de promover novas relações entre humanos e o mundo natural, fortemente amparadas por uma abordagem social e política, como a Associação Mineira de Meio Ambiente, em 1978,

inicialmente formada por estudantes da Faculdade de Ciências Econômicas e do Instituto de Ciências Biológicas, ambos da UFMG. Nessa mesma universidade, na Faculdade de Medicina, o surgimento do Projeto Manuelzão, em 1997, elegeu a bacia hidrográfica do Rio das Velhas – da qual fazem parte rios e córregos da Grande BH – como referência fulcral para promover ações em prol da saúde humana em suas relações com a justiça social, os movimentos socioambientais, a preservação das águas, dos solos, da fauna, da flora e da cultura, em uma abordagem transdisciplinar e agregadora de agentes diversos. As espécies nativas da fauna ictiológica são mensageiras e bioindicadoras-chave da revitalização do território e da reintegração ecológica e social dessa bacia hidrográfica. Todo o projeto se fundamenta em uma visão ecossistêmica e na ideia de interdependência entre fatores antrópicos, bióticos e abióticos (LISBOA *et al.*, 2009; POLIGNANO *et al.*, 2012).

Em 2010, uma turma de biólogos, em trabalho voluntário no Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS/Ibama) de Belo Horizonte, diante do alto número e da gravidade de saúde dos animais recebidos, decidiu fazer mais pela vida silvestre e fundou o Waita — Instituto de Pesquisa e Conservação. A partir de então, passaram a ser elaborados e concretizados vários projetos de acolhimento, tratamento, reabilitação e soltura, além de atividades de educação ambiental, em uma iniciativa que reúne competências, ousadia e afeto. Destaco o SOS Bicho Silvestre, um projeto que atualmente busca novos financiamentos para prosseguir, após anos de atuação bem-sucedida em Belo Horizonte, resgatando animais silvestres no meio urbano em situação de conflito e orientando a população sobre condutas corretas. O Waita ainda organiza, regularmente, o Congresso e Workshop de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Silvestre (RMC) em nossa cidade, um evento de referência para conservacionistas do Brasil e de outros países.

São inúmeros os grupos e as associações em alianças com a fauna silvestre, cientes da codependência intrincada nas relações entre humanos e outros seres e elementos do planeta. Movimentos sociais, integrados por pessoas de idades e formações diversas, lutam por áreas verdes, que, como vimos, são estratégicas para a vida humana e animal, bem como para as fontes de água. Cito

algumas com a certeza de que muitas outras são igualmente importantes, tanto no município como na Região Metropolitana. O quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, situado aos pés da Serra do Curral, nas proximidades da Mata da Baleia, tem sido um inestimável guardião da área, mobilizando-se contra mineradoras e denunciando a grave ameaça de genocídio cultural. Movimentos em defesa da desapropriação de preciosas áreas verdes, em risco devido à especulação imobiliária, mostram a importância desses fragmentos (maiores ou menores) para a qualidade de vida humana e para a preservação da natureza da cidade. Iniciado nos anos 1980, um fortíssimo movimento comunitário conseguiu a desapropriação de área de 311 mil m², e a implantação do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, em 1994.

O Parque Estadual da Baleia (102 hectares) também foi criado após muitas pressões da sociedade, e hoje há intensa mobilização para a inclusão de mais 103 hectares na área protegida por lei. O SOS Mata do Jardim América, após anos de pressão, obteve, em junho de 2024, o decreto municipal de desapropriação para a construção do parque. Outras associações promovem lutas em andamento, como a do Salve a Mata do Jardim Belmonte. O Movimento Parque Isidora encontra-se aguerridamente mobilizado em torno da maior área verde sem preservação no município de Belo Horizonte, até o momento sem qualquer proteção legal, fortemente ameaçada pela especulação imobiliária. A Mata do Isidora conecta-se a outras áreas verdes, oferecendo corredores ecológicos à fauna silvestre. Possui dezenas de nascentes e muitos córregos, mesclando fitofisionomias da Mata Atlântica e do Cerrado. Também na regional Norte, o projeto Deixe a Onça Beber Água reúne coletivos em torno do Rio do Onça, com iniciativas de recuperação dos recursos hídricos e da mata ciliar. Todas essas iniciativas privilegiam abordagens e proposições socioambientais: graças a esses e a outros movimentos de pressão, Belo Horizonte conta com 25,98 m² de área verde por habitante. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito: o movimento Bora Plantar, por exemplo, evidencia que não basta plantar mudas pela cidade: o cuidado frequente com árvores saudáveis envolve esforço, regularidade e compromisso. Só assim a arborização das ruas poderá realmente cumprir seus vários benefícios, incluindo a preservação da fauna silvestre.

Muitas são as ações que integram gentes, plantas e bichos silvestres, abandonando o romantismo ingênuo, estetizante e simplificador que favorece idealizações da “natureza”, afrontando o cinismo paralisante e confortável do comodismo. A realidade é complexa, exige ciência, saberes diversos, afetos, esperança e disposição, em um infundável movimento contra uma visão antropocêntrica do território urbano. Em um mundo de ganância, decisões de mercado e busca de lucro sem limites, diferentes alianças, firmadas em valores distintos, vêm sendo continuamente seladas e cultivadas, em “uma batalha após a outra”.

■ Agradecimentos

Agradeço ao Tom, por tudo e sempre. Os funcionários do Arquivo Municipal da Cidade de Belo Horizonte prestaram-me inestimável apoio na pesquisa. Yuri Mesquita, Marcelo Vasconcelos e Luiz Salvador-Junior me brindaram com sua amizade, seus ensinamentos e sua parceria. Carla Ferretti e Fernando Straube fizeram generosas apresentações do livro ao público, na orelha e no prefácio, respectivamente. Gabriel Lopes forneceu-me fontes primárias essenciais. Allan Alves realizou uma revisão inteligente e cuidadosa da minha escrita. Eber Faioli e Ana Carolina Vimieiro Gomes ajudaram na localização de imagens. Aos estudantes bolsistas Giullie Torres, Daniele Taborda e Túlio Leão Cortez, agradeço pelo convívio alegre durante a pesquisa. Aos meus pais, Dora e Manoel, sou grata pelo seu amor incondicional, pelas suas palavras e pelo seu exemplo. Este ensaio não seria possível sem o precioso apoio da Fapemig ao projeto APQ00847-24.

■ Referências

ARAUJO, Raissa *et al.* Monitoramento de um grupo de capivaras, *Hydrochaerus hydrochaeris* (Mammalia Rodentia) em um parque urbano na região da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil. *In: VII CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL*, Caxambú: Sociedade de Ecologia do Brasil, 2007, p. 1-2.

ARREGUY, Cintia; RIBEIRO, Raphael Rajão. **Histórias de bairros**: Regional Centro-Sul. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, 2008.

BAKTI, Tulaci. **Ornitologia urbana**: aplicações, desafios e perspectivas. Tese (Doutorado em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

BASTOS, Priscilla L.; BASTOS, Fernanda T. L.; GURGEL, Aline M.; GURGEL, Idê G. D. Carcinogênese e mutagenicidade do malathion. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 3273–3297, 2020.

BINDER, Lina; LABRUNA, Marcelo; FACCIN-MARTÍNEZ, Álvaro; SZABÓ, Matías; KRAWCZAK, Felipe; OLIVERIA, Stefan. Epidemiologia. In: MINISTÉRIO da Saúde, Brasil. **Febre maculosa: aspectos epidemiológicos, clínicos e ambientais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022, p. 9–112.

BORSAGLI, Alessandro. Triste Horizonte: a Serra do Curral del Rey, o marco geográfico da capital de Minas (1897–1975). **Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 1–23, 2017.

BOVO, Alex A. A.; FERRAZ, Kátia M. P. M. B.; VERDADE, Luciano M.; MOREIRA, José R. Capybaras (*Hydrochaeris hydrochaeris*). In: GHELER-COSTA, Carla; LYRA-JORGE, Maria C.; VERDADE, Luciano M. (eds). **Biodiversity in agricultural landscapes of southeastern Brazil**. Leiden: De Gruyter, 2016. p. 178–189.

BRAVERMAN, Irus. **Wild Life: the institution of nature**. Stanford: Stanford University Press, 2015.

CARTELLE, Cástor. **Tempo passado: mamíferos do Pleistoceno em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Palco, 1994.

CARVALHO, OMAR DOS S.; GUIMARÃES, CARLOS T.; MASSARA, Cristiano L.; BONÉSIO, João E. R. Situação atual da esquistossomose mansoni no lago da Pampulha, em Belo Horizonte. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 19, p. 270–277, 1985.

CASALARDE, Flávio. **Pampulha**. Belo Horizonte: Editora Conceito, 2007.

CHAKRABARTY, Dipesh. **The climate of History in a planetary age**. Chicago: The University of Chicago Press, 2021.

CONSELHO Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte. Ata da Reunião Ordinária realizada em 21 nov. 2012. **Diário Oficial do Município**. Belo Horizonte, 27 dez. 2012, p. 4–6.

CORREA, Marcos. **Como se fosse um grande lote vago na cidade: possibilidades heterotópicas no Parque Municipal**. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

COSTA, Heloisa Costa. **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

CURY, Paula Balli. Paisagem mental e urbana: a singularidade do bairro Cidade Jardim. In: **COLOQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO**. 3., 2014. Belo Horizonte, Anais: Desafios e Perspectivas. Belo Horizonte: IEDS, 2014, p. 50–65.

DAL PONT, Karina R. De ‘bota-fora’ a Estação Ecológica da UFMG: pequenas conquistas e a construção de significados ambientais urbanos. In: STAR-

LING, Heloísa; DUARTE, Regina Horta (eds.). **Cidade Universitária da UFMG: História e Natureza**, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009, p. 189-215.

DIÁRIO de Minas. Afinal, descobrimos uma pessoa que detesta a operação 'Nova BH-66'. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 31 jul. 1966, p. 2.

DIAS, Emmanuel; MARTINS, Amílcar Vianna. Spotted fever in Brazil. **The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, Arlington, v. s1-19, n. 2, p. 103-108, 1939.

DOMINONE, Davide; NELSON, Randy. Artificial light at night as an environmental pollutant: an integrative approach across taxa, biological functions and scientific disciplines. **JEZ-A Ecological and Integrative Physiology**, [S. l.], v. 329, n. 8-9, p. 387-393, 2018.

DRUMMOND de Andrade, Carlos. Avenida do Sol. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 05 mai. 1930, p. 10.

DRUMMOND de Andrade, Carlos. Triste Horizonte. **Jornal do Brasil: Caderno B**. Rio de Janeiro, 14 ago. 1976, p. 5.

DRUMMOND de Andrade, Carlos. A flor e a náusea. In: **A Rosa do Povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13-14.

DUARTE, Marina; VECCI, Marco; HIRSH, André; YOUNG, Robert. Noisy human neighbours affect where urban monkeys live. **Biology Letters**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 840-42, 2011.

DUARTE, Regina Horta. Eu quero uma casa no campo: a busca do verde em Belo Horizonte. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 159-186, 2014.

DUARTE, Regina Horta. 'It does not even seem that we are in Brazil': country clubs and gated communities in Belo Horizonte, Brazil, 1951-1964. **Journal of Latin American Studies**, Cambridge, v. 44, n. 3, p. 435-466, 2012.

DUARTE, Regina Horta. **Jardim Zoológico**. Belo Horizonte: Conceito, 2025.

EAKIN, Marshall **Tropical capitalism: the industrialization of Belo Horizonte**. Brazil. New York: Palgrave, 2001.

ESTADO de Minas. **Entre animais e aves, zoo já conta com mais de 500 hóspedes**. Belo Horizonte, 15 jan. 1957, p. 5.

ESTADO de Minas. Técnico em botânica diz que corte de árvores em BH é crime contra o povo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 27 out. 1968a, p. 5.

ESTADO de Minas. Cientistas condenam corte de árvores e levam seu manifesto a Souza Lima. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 01 nov. 1968b, p. 5.

ESTEVES, Oldack. Imagens do dia (charge). **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 dez. 1970, p. 4.

FIRMINO, Hiram. Esse barulho ainda vai nos deixar todos surdos. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 jun. 1975, p. 13.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GALERA, Isabella; GARCIA, Paula. Alegorias do tempo: uma reflexão sobre a transformação da paisagem do Parque Municipal de Belo Horizonte. In: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**, 17., 2017, São Paulo. Cadernos do XVII Enapur. São Paulo: Enapur, 2017, p. 1-19.

GOLAIBEFF, Barbara. Levantamento populacional de equídeos em Belo Horizonte. **Revista de Biodireito e Direito dos Animais**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 36-52, 2022.

GOMES, Ana Luiza. **Biodiversidade em risco: o impacto dos gatos domésticos sobre a fauna silvestre no parque urbano**. Dissertação (Mestrado em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

GOMES, Anny; LESSA, Giselle; CARTELLE, Cástor; KERBER, Leonardo. New fossil remains of Quaternary capybaras (Rodentia: Caviomorpha: Caviidae) from the intertropical region of Brazil: morphology and taxonomy. **Journal of South American Earth Sciences**, [S. l.], v. 91, n. 1, p. 36-46, 2019.

GOULART, Fernanda. **Urbano ornamento: um inventário de grades ornamentais (e outras belezas)**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GOVERNO do Estado de Minas Gerais. **Situação ambiental na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1976.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene: Making kin. **Environmental Humanities**, Durham, v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015.

HÖLKER, Franz; WOLTER, Christian; PERKIN, Elizabeth; TOCHNER, K. Light pollution as a biodiversity threat. **Trends in Ecology & Evolution**, [S. l.], v. 25, n. 12, p. 681-682, 2010.

HORTA, Marise. **Avaliação dos padrões espaciais de lotes vagos e da infraestrutura verde em paisagens urbanas**. Tese (Doutorado em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

LABRUNA, Marcelo; SOARES, João; MARTINS, Thiago.; SOARES, Herbert.; CABRERA, Ricardo. Crossmating experiments with geographically different populations of *Amblyomma cajennense* (Acari: Ixodidae). **Experimental and Applied Acarology**. [S. l.], v. 54, n. 1, p. 41-40, 2011.

LABRUNA, Marcelo; KRAWCZAK, Felipe; GERARDI, Monize; BINDER, Lina; BARBIERI, Amalia; PAZ, Gustavo; RODRIGUES, Daniel; ARAÚJO, Ricardo; BERNARDES, Marcela; LEITE, Romário. Isolation of *Rickettsia rickettsii* from the tick *Amblyomma sculptum* from a Brazilian spotted fever-endemic area in the Pampulha lake region, southeastern Brazil. **Veterinary Parasitology: Regional Studies and Reports**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 82-85, 2017.

LAMBERTUCCI, José; ROCHA, Roberto; CARVALHO, Omar dos Santos; KATZ, Naftale. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 10, p. 47–52, 1987.

LEWIS, T. **Thrips, their biology, ecology, and economic importance**. London: Academic Press, 1973.

LISBOA, Apolo; GOULART, Eugênio; DINIZ, Letícia. **Projeto Manuelzão: a história da mobilização que começou em torno de um rio**. Belo Horizonte: Instituto Guaicuy. 2008.

MACHADO, Ângelo Barbosa Monteiro; FONSECA, Gustavo Alberto Bouchardet; MACHADO, Ricardo Bomfim; AGUIAR, Ludmilla Moura de Souza; LINS, Livia Vanucci (eds.). **Livro vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 1998.

MAGALHÃES, Octávio de. Contribuição ao conhecimento das doenças do grupo tifo-exantemático com 309 estampas. **Monografias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 1–968, 1952.

MAGALHÃES, Octávio de. Contribuição para o conhecimento das doenças do grupo tifo-exantemático no Brasil. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 279–308, 1956.

MEAH, Rochelle; SUMMER-ROONEY, Lauren; VENABLES, Siân; SMITHERS, S.; WOTTON, K. ROBERTS. Light pollution creates multiple threats to the movement ecology of nocturnal arthropod taxa. *Current Biology*, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 541–548, 2026.

MENSAGEM do prefeito Christiano Monteiro Machado apresentada ao Conselho Deliberativo de Belo Horizonte. Prefeitura de Belo Horizonte. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, 1928.

MORCATTY, Thais; SILVA, Raquel; ROCHA, Pedro.; DRUMOND, Maria. Manejo de capivaras na Lagoa da Pampulha: a quem pode interessar? **MG.BIOTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 4, p. 5–30, 2012.

MOREIRA, Fernanda. Análise da continuidade do PROPAM. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 7, p. 1–20, 2020.

MOREIRA, João A.; MAGALHÃES, O. de. Typhus exantemático em Minas Gerais. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p., 225–235, 1934.

NAVA, Pedro. **Beira-mar**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

NEVES, Walter. **Explorando o passado humano**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2025.

NEVES, Walter; HUBBE, Mark; PILÓ, Luis Beethoven. Early holocene human skeletal remains from Sumidouro Cave, Lagoa Santa, Brazil. **Journal of Human Evolution**, [S. l.], v. 52, n. 1, p. 15–30, 2007.

PÁDUA, José Augusto; SARAMAGO, Vitória. O Antropoceno na perspectiva da análise histórica: uma introdução. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 54, p. 659–669, 2023.

PAGLIA, Adriano; DRUMMOND, Gláucia; BHAKTI, Tulaci; SOARES, Arthur; PAS-CHOAL, Ana Maria. **Plano de manejo da fauna silvestre do município de Belo Horizonte**: aves e mamíferos, diagnóstico de conflitos. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2024.

PAULINI, Ernest. **Crise ambiental**. Belo Horizonte: CREA/UFMG, 1974.

PENA, João Carlos. **Birds green infrastructure and environmental planning in Neotropical urban lands**. Tese (Doutorado em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

PEREIRA, Gabriel Shunk. **Ciência, política e biodiversidade**: o Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais (1989–1998). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

PIRATELLI, Augusto; RIBEIRO, Bianca; DATILLO, Wesley; *et. al.* Bird-window collisions: a comprehensive dataset for the Neotropical region. **Ecology**, Washington, v. 106, n. 6, p. 106, 2025.

PLAMBEL. **Poluição atmosférica na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1973.

PLAMBEL. **Estudo do sistema de órgãos encarregados do transporte/trânsito**. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte/ Secretaria Municipal de Planejamento, 1974.

POLIGNANO, Marcos; GOULART, Eugênio; MATTA-MACHADO, Antonio; LISBOA, Apolo. **Abordagem ecossistêmica da saúde**. Belo Horizonte: Guaicuy, 2012.

PREFEITURA de Belo Horizonte. **Plano de manejo dos parques municipais das Mangabeiras, da Serra do Curral, e de Fort Lauderdale**: Diagnósticos Ambientais. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Parques e Zoobotânica, 2020.

QUENET, Grégory. The Anthropocene and the time of historians. **Annales: Histoire, Sciences Sociales**, Paris, v. 72, n. 2, p. 267–299, 2017.

QUICK, Telmo; PAULINI, Ernest. **Contribuição ao estudo da poluição atmosférica e das doenças pulmonares em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1973.

RELATÓRIO da Diretoria-Geral de Obras, referente ao ano de 1931, apresentado ao prefeito Luiz Penna. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1933.

RELATÓRIO do exercício de 1966 enviado à Câmara Municipal pelo prefeito Oswaldo Pieruccetti. Prefeitura de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1967.

RODRIGUES, Vinicius; PINA, Francisco; BARROS, Jacqueline.; GARCIA, Marcos; ANDREOTTI, Renato. **Carrapato-estrela (*Amblyomma sculptum*): eco-**

logia, biologia, controle e importância. Brasília: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2015.

ROSA, Guimarães. **Sagarana.** 36ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

SALVADOR-JR, Luís Fernando; ÁLVARES, Caio. Consecutive breeding failures by Black-Chested Buzzard-Eagle *Geranoaetus melanoleucus* in southeastern Brazil. **Cotinga**, Sandy, v. 48, p. 23–30, 2026.

SALVADOR-JR., Luiz Fernando; SALIM, Leonardo Bornacki; PINHEIRO, Marcell Soares; GRANZINOLLI, Marco Antônio Monteiro. Observations of a nest of the Black-chested Buzzard-eagle *Buteo melanoleucus* (Accipitridae) in a large urban center in southeast Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 125–130, 2008.

SANTOS, S. G.; DUARTE, Marina; SOUSA-LIMA, Renata; YOUNG, Robert. Comparing contact between Black Tufted-Ear Marmoset (*Callithrix penicillata*) in a noisy urban forest and in a quiet forest. **International Journal of Primatology**, [S. l.], v. 38, p. 1130–1137, 2017.

SASSEN, Saskia. **Expulsões:** brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SILVA, Claiton. Entre Fênix e Ceres: a grande aceleração e a fronteira agrícola do Cerrado. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 34 n. 5, p. 409–444, 2018.

SILVA, Ferdinando. A busca pela proteção patrimonial integral e definitiva da Serra do Curral. **Revista Manuelzão**, Belo Horizonte, v. 26, n. 93, p. 4–9, 2023.

SILVA, Renata. Equilíbrio, ação e oração: a luta dos moradores de Contagem (MG) contra a poluição da fábrica Itaú nos anos 1970. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 223–254, 2020.

SOARES, Vinicius. **Análise da poluição luminosa na cidade de Belo Horizonte.** Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SOUZA, Celso. **Febre maculosa:** aspectos epidemiológicos, clínicos e ambientais. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

STEFFEN, Will; BROADGATE, Wendy; DEUSTSCH, Lisa; GAFFNEY, Owen; LUDWIG, Cornelia. The trajectory of the Anthropocene: the great acceleration. **The Anthropocene Review**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 81–98, 2015.

STONE, Emma; JONES, Gareth; HARRIS, Stephen. Conserving energy at a cost of biodiversity? Impacts of LED lighting on bats. **Global Change Biology**, [S. l.], v. 18, n. 8, p. 2458–2465, 2012.

STRAUBE, Fernando. C.; URBEN-FILHO, Alberto. **Método para previsão e monitoramento de riscos de colisão de aves em linhas de transmissão.** Curitiba, Macambira, 2024.

SZABÓ, Matias. **Risco de exposição a carrapatos *Amblyomma sculptum* e *Amblyomma dubitatum* e à bactéria *Rickettsia bellii* em área urbana**

indene para febre maculosa brasileira. Tese (Professor Titular) – Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

TRAVASSOS, Joaquim; DIAS, Emmanuel. Febre maculosa: identidade imunológica dos vírus de Minas Gerais, São Paulo e das Montanhas Rochosas. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 149–179, 1939.

UEXKÜLL, Jakob von. **A foray into the worlds of animals and humans with a theory of meaning.** Translated by Joseph D. O’Neil. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

UNITED Nations. **World urbanization prospects.** New York: United Nations, 2025.

VIANNA MARTINS, Amilcar; VERSIANI, Arthur. Schistosomose mansonii em Belo Horizonte. **Brasil-Médico**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 20, p. 471–2, 1938.

VUCETICH, María; DESCHAMPS, Cecília; PÉREZ, María. Paleontology, evolution, and systematics of *Capybara*. In: MOREIRA, José Roberto; FERRAZ, Kátia P. M. B; HERRERA, Emilio; MACDONALD, David W. (eds.) **Capybara: biology, use and conservation of an exceptional neotropical species.** New York: Springer, 2013. p. 39–50.

Acervos da ausência: os animais silvestres nos documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (1892-1964)

Yuri Mello Mesquita

1. Introdução

Este artigo é o resultado de uma ampla pesquisa realizada nos acervos produzidos pelo poder público de Belo Horizonte, relacionados à fauna silvestre da capital mineira. O estudo, baseado na valiosa documentação sob custódia do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) e do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), levou em conta os acervos produzidos pela Comissão de Estudos das Localidades (CELINC), de 1892, que realizou os estudos técnicos nas possíveis regiões onde se construiria a nova capital de Minas Gerais; o acervo da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), responsável por projetar e implantar a cidade que, mais tarde, ganharia o nome de Belo Horizonte, e a documentação produzida pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) até o início da Ditadura Militar, em 1964.

Durante o trabalho, encontramos diversos documentos relacionados a animais não humanos domesticados, como equinos, bovinos, suínos, aves (especialmente galinhas), cães e gatos. Estes apareceram em várias situações, como campanhas de vacinação, fiscalizações sanitárias, regramento do comércio e do abate, regras sanitárias para o Matadouro Municipal, locais para o tráfego de charretes e carros de boi, entre outros. Todavia, os animais silvestres estão praticamente ausentes (com exceção dos acervos mais recentes da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e da Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica, disponíveis no APCBH). Pode-se dizer que a maior preocupação dos administradores municipais, nos Relatórios de Prefeitos, fotografias, cartilhas sanitárias, ofícios e campanhas publicitárias, é com as chamadas “pragas urbanas”. Destacamos que a opção por usar esse termo é manter a alcunha que esses animais não humanos receberam do poder público, da imprensa e da sociedade civil ao longo dos anos.

Em parte dos documentos, alguns animais silvestres (nativos ou invasores), como roedores, gambás, mosquitos e escorpiões são tratados como um grave problema urbano a ser exterminado (PBH, 1926-1929; GIANETTI, 1951, p. 100). Em uma urbe que se orgulhava de já ter recebido a alcunha de “cidade sanitária”, as “pragas urbanas” representavam um desafio a ser superado para se atingir os níveis de progresso propalados pelos administradores municipais. Esta preocupação aumentou após o processo de metropolização das grandes cidades do país, especialmente a partir de 1930, quando houve um aumento de doenças relacionadas a problemas sanitários. Casos associados ao escorpionismo e a patologias como a cólera, o tifo e a gastroenterite cresceram até, pelo menos, a década de 1970. Em Belo Horizonte, essas enfermidades eram agravadas pelas falhas no abastecimento de água e pela ausência de esgotamento sanitário. Outra “praga” urbana presente na documentação é o caramujo do gênero *Biomphalaria*, espécie invasora portadora do parasita *Schistosoma mansoni* (GUIMARÃES, 1991, p. 182-183).

Inicialmente, a maior preocupação era os escorpiões, presentes em relatórios, cartilhas sanitárias, programas educativos, gráficos e em comissões que procuravam “combater o escorpionismo”.

(PBH, 1926–1929; GIANETTI, 1951, p. 100; PBH, 2018) Ao longo dos anos, outra espécie passou a aparecer com maior frequência na documentação: as ratazanas que habitam as galerias de esgoto. Outras presenças que mereceram atenção da municipalidade, como pragas, foram insetos como as baratas, os carrapatos, o mosquito *Aedes aegypti* e os tripes (Thysanoptera), popularmente conhecidos como amintinhas, em “homenagem” ao prefeito Amintas de Barros (1959–1963). Entretanto, nota-se a ausência das espécies que habitavam e habitam a fauna silvestre da região de Belo Horizonte nos documentos da CELINC e da CCNC, bem como nos acervos produzidos pela municipalidade. Quais seriam os motivos dessa ausência? Especialmente em uma cidade que, desde antes de sua construção, realizou um estudo minucioso dos elementos do meio biofísico, como o solo, a direção dos ventos, o clima, a topografia, a incidência da luz solar e a hidrografia. Por que os animais não foram considerados nestas análises? Seriam insignificantes para a visão utilitária do meio biofísico, carregada pelos projetistas e administradores da urbe em seus primeiros anos? Tentaremos responder a essas perguntas no nosso texto.

Outro problema que mereceu destaque na pesquisa é o fato de que os inventários, os índices de pesquisa e os sistemas de busca de acervo não tenham destacado os termos “animais” ou “animais silvestres” nos assuntos. As referências aos seres vivos não humanos de Belo Horizonte estão inseridas em temas como “higiene”, “feiras”, “comércio de rua”, “saúde pública”, “vacinação”, entre outros. A descrição arquivística, no caso, baseou-se na função de cada órgão produtor e no documento de origem. No caso da descrição museológica, outros elementos dos documentos foram privilegiados em detrimento dos animais. Dessa forma, para localizar os documentos, foi necessário aprofundar na pesquisa e buscar os animais não humanos perdidos nos vastos acervos do MHAB e do APCBH.

Apesar de dicotomias e simplificações ainda muito presentes em documentos oficiais e no senso comum, os animais urbanos, os humanos e os não-humanos, são um exemplo da complexa relação entre as sociedades urbanas e o meio biofísico que as cerca. Os cidadãos convivem diariamente com a fauna, a flora, o clima,

as montanhas, entre outros elementos do meio biofísico que são agentes da vida urbana. Este artigo desenvolve suas reflexões a partir das premissas da História Ambiental Urbana, que busca analisar o meio biofísico como forma de conhecimento social. Assim, as fronteiras entre o que se considera natural e artificial são problematizadas. A partir desse raciocínio, é possível compreender a ação humana em ambientes considerados “naturais” ou “intocados”, bem como o inverso, pois a História Ambiental possibilita analisar a natureza e sua agência em objetos e paisagens criados pela humanidade (CRONON, 1996; MELOSI, 2001; THOMAS, 1996; WORSTER, 1988).

Por se tratar de um artigo que tem como fonte principal a documentação oficial de Belo Horizonte, tentaremos seguir um fluxo cronológico, sempre com foco na fauna silvestre (ou na ausência dela nos documentos) e nas terminologias utilizadas pelo poder público para descrevê-la. A pesquisa sobre os animais no meio urbano é essencial para entendermos as complexas relações e dinâmicas da cidade e de seus habitantes humanos e não humanos. As urbes modernas mudaram o comportamento dos animais silvestres que as habitam. Eles convivem com as populações humanas, com os carros, os ruídos, a iluminação noturna, a poluição, a especulação imobiliária e os vidros das construções que matam milhares de pássaros todos os anos. As galerias subterrâneas, especialmente nos esgotos, nas tubulações de águas pluviais e nos córregos canalizados, também serviram de moradia a diversas espécies que se adaptaram a esse ambiente. Todavia, essas espécies apareceram timidamente na documentação pesquisada. Vamos, portanto, iniciar o nosso percurso pelo acervo da Comissão Construtora da Nova Capital.

2. Comissão de Estudos das Localidades (CELINC) e Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC)

A cidade de Belo Horizonte possui o privilégio de ter preservados os documentos relacionados ao seu projeto e à sua construção, que refletem as discussões técnico-políticas, as percepções acerca do meio biofísico e a concepção do projeto modernizante empreendido pelas elites mineiras no final do século XIX. O

chamado “Acervo da Comissão Construtora da Nova Capital” é o conjunto de documentos produzidos e recebidos pela Comissão de Estudos das Localidades Indicadas para a Nova Capital de Minas Gerais (CELINC) e pela Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) entre 1892 e 1903. O poder público de Minas Gerais dotou a CCNC de autonomia e de amplos poderes para a elaboração do projeto e para a construção da Nova Capital de Minas. O acervo é volumoso, sistêmico e diverso. Isso se justifica pela amplitude das ações da Comissão e pelo cuidado investido na preservação da documentação. A produção e guarda dos documentos pela CCNC foram minuciosas, tanto pelo seu valor probatório (especialmente para questões contábeis e para justificar escolhas técnicas), quanto para a difusão de uma memória monumentalizante dos seus feitos (APCBH, 2015).

O conjunto documental possui documentos textuais (notas de pagamento, ofícios, atos normativos, cadernetas de campo, projetos e pesquisas); documentos cartográficos (com destaque para os projetos sanitários, plantas de desapropriação, mapas, projetos de edifícios, praças e logradouros públicos, entre outros) e iconográficos, como fotografias.¹ É importante destacar que a escolha da nova capital foi cercada de polêmicas e de interesses diversos; portanto, foi necessário realizar um estudo minucioso dos elementos do meio biofísico de cada região para subsidiar e conferir legitimidade aos atos políticos.

Os debates em prol da mudança da capital intensificaram-se durante o governo do Presidente de Minas Gerais, Augusto de Lima, empossado em março de 1891, encaminhando a discussão para o Congresso Constituinte Mineiro². No início dos trabalhos, em 30 de março de 1891, o Congresso escolheu a “Comissão dos Onze”, com a finalidade de emitir parecer sobre a proposta do Executivo de Minas Gerais de mudança da capital. (Dulci, 1989) Lima tinha

1 O Arquivo Público da Cidade possui 2.535 itens textuais e 271 itens cartográficos; o Museu Histórico Abílio Barreto possui 1.067 itens textuais, 208 itens fotográficos e 286 cartográficos; o Arquivo Público Mineiro possui 41 itens textuais, 49 fotográficos e 4 itens cartográficos. O acervo totaliza, assim, 3.643 itens textuais, 208 itens fotográficos e 286 itens cartográficos.

2 O Congresso Constituinte Mineiro de 1891, instalado em 7 de abril, promulgou a primeira Constituição estadual em 15 de junho de 1891.

manifesta preferência pela região do Arraial de Belo Horizonte (antigo Curral del Rey), pois, para ele, nenhum outro lugar reuniria melhores condições do que “o planalto denominado Belo Horizonte, no vale do Rio das Velhas, no Município de Sabará, onde possui o Estado considerável extensão de terrenos” (MINAS GERAIS, 1891, p. 7). O Congresso votou a Lei Adicional número 1, de 28 de outubro de 1891, que concedeu ao presidente do estado a prerrogativa de nomear uma ou mais comissões para realizar estudos em Belo Horizonte, Barbacena, Paraúna, Juiz de Fora e Várzea do Marçal. O Congresso, posteriormente, deveria escolher o sítio da nova capital entre essas localidades (NETO, 2010).

O Relatório de Aarão Reis, que liderou a CELINC, foi encaminhado ao Parlamento Mineiro no dia 7 de julho de 1893 e recebido pelo senador Bías Fortes. O documento era mais favorável à região da Várzea do Marçal, com o Arraial de Belo Horizonte em segundo lugar. A Comissão foi minuciosa na análise do meio biofísico das regiões estudadas. Posteriormente, esses elementos considerados “naturais” foram amplamente debatidos nas intensas discussões entre os congressistas. A condição dos solos e das águas, a existência de pântanos e de doenças como a malária foram pautas de debates acalorados. Um exemplo foi o pronunciamento do médico e deputado Gomes Freire sobre sua visita à Várzea do Marçal, na qual observou uma região pantanosa, com indícios de casos de malária entre os habitantes. (MINAS GERAIS, 1984; Neto, 2010) O mosquito da malária, do gênero *Anopheles*, é originário da África equatorial e foi utilizado como argumento pelos congressistas nos debates sobre a transferência da capital. A fêmea do mosquito *Anopheles*, portadora do protozoário da malária, foi um dos poucos animais silvestres presentes (timidamente) no processo de escolha da localidade, diferentemente de outros elementos do meio biofísico, como o clima, o solo, os ventos, a topografia e, especialmente, a água.

Após intensos debates, a votação para definir a localidade no Congresso durou três turnos, dos quais os dois primeiros foram vencidos por Várzea do Marçal. No turno derradeiro, apoiadores de Paraúna e de Ouro Preto votaram no arraial de Belo Horizonte, vencendo o trâmite por pequena margem: 30 votos a favor e 28

contrários, após intensa negociação política (NETO, 2010).

Em 14 de fevereiro de 1894, o governo mineiro criou a Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), por meio do Decreto número 680, sob a chefia de Aarão Reis. Com grande autonomia administrativa, a sua composição contava com uma elite técnica para a execução dos trabalhos no prazo de 4 anos. No princípio, a CCNC dedicou-se a conhecer a região para implantar a capital. Os trabalhos de levantamento foram minuciosos e incluíram descrições detalhadas do meio biofísico e das propriedades do terreno a ser totalmente transformado. No processo, por exemplo, a Comissão produziu mais de 600 cadernetas de campo, disponíveis para consulta no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB). Estes documentos incluem dados detalhados dos terrenos e do solo, análises dos ventos e dos córregos, das nascentes e dos lençóis freáticos, trabalhos relacionados ao cadastro do arraial e estudos para a linha férrea e a rede de água. Todavia, mais uma vez, os animais da região estão ausentes.

Ao analisar a documentação da CCNC, evidencia-se uma ideia típica dos projetos urbanos do final do século XIX: instrumentalizar o meio biofísico em função da urbe. A pretensa vontade de domínio sobre o que se convencionou a chamar de natureza, bem como sua instrumentalização e seu controle, são construções sociais da época em que os grupos dirigentes erguiam, frequentemente, ideais de modernização e de progresso. Nesta concepção, preconiza-se retirar do meio biofísico o necessário ao desenvolvimento da técnica e do progresso. A natureza estaria ali, portanto, para servir às sociedades humanas (WORSTER, 1985).

A ideia de conquista da natureza na construção da nova capital de Minas incluiu o singelo arraial de Belo Horizonte e seus habitantes. As crônicas do arquiteto Alfredo Camarate, membro da CCNC, sobre os trabalhos técnicos desenvolvidos pela Comissão evidenciam essa concepção. No texto do dia 18 de julho de 1894, por exemplo, Camarate descreveu o pequeno arraial como pitoresco e incivilizado, com casas pobres. Segundo o cronista, o lugarejo com “toda esta miséria, que provém mais do abandono do que da pobreza, é emoldurado numa vegetação opulenta”. Apesar disso, as crônicas descrevem a beleza da paisagem natural da região, que

merecia ser preservada nos “arquivos da municipalidade futura ou da Secretaria da Agricultura”, não em fotografias em tons de cinza, mas sim em pinturas feitas por “artista conhecido”. Caso contrário, “estas belezas deixarão de ficar arquivadas, embora deixando em seu lugar as belezas que provêm das futuras conquistas da civilização”. Ou seja, a paisagem antiga deveria ser preservada, mas em telas artísticas que fizessem jus às suas cores e formosuras, pois, em seu lugar, um outro tipo de beleza se instalaria, a civilização que conquistaria a natureza da região do antigo arraial Belo Horizonte (CAMARATE, 1985, p. 23-198).

Apesar disso, os elementos do meio biofísico foram importantes na concepção da Nova Capital de Minas, sobretudo se considerarmos os rigorosos estudos sobre a localidade, com descrição detalhada do ambiente. Existia a vontade de domínio sobre a natureza na nova capital, mas havia também o reconhecimento de elementos determinantes do meio biofísico. Os ventos, o clima, a pluviosidade, a vegetação, as doenças, a qualidade da água e do solo foram minuciosamente estudados e isto subsidiou o projeto da CCNC em vários aspectos, além de servir para justificar a escolha da localidade onde a cidade seria construída. Todavia, mais uma vez, os animais silvestres foram ignorados. A preocupação ficou em delimitar locais de bebedouros para os equinos, da construção do Matadouro Municipal com a devida higiene, e do Zoológico Municipal, que ficaria no terreno onde a Prefeitura construiu o Minas Tênis Clube na década de 1930 (AGUIAR, 2006; MESQUITA, 2013, p. 13-20).

A pretensão de instrumentalizar a natureza também esteve presente no projeto do Parque Municipal. O paisagismo de Paul Villón para a área verde, localizada no centro da urbe, integrou diversos valores propalados pelo empreendimento da nova capital. A concepção do parque dialogou com projetos de diversos parques, como os norte-americanos de Frederick Law Olmsted: Central Park, de Nova Iorque, 1858-1861, e Back Bay, de Boston, de 1878. Havia objetivos funcionais no paisagismo, como o de trazer a natureza para o ambiente urbano, contribuindo para a sua limpeza; o respeito à flora local, um espaço para animais e a compreensão das condições tecnológicas da época. Ali, o meio biofísico seria “con-

trolado”, sem as imprevisibilidades dos movimentos naturais. Com o passar dos anos, o Parque Municipal se tornou lar de diversas espécies de animais silvestres e domesticados, o que discutiremos na última seção deste artigo.

3. A permanência da ausência: os documentos sobre os animais na sistematização da PBH

Os animais silvestres permaneceram praticamente ausentes após a inauguração da Nova Capital de Minas. O Poder Executivo de Minas Gerais extinguiu a Comissão em 3 de janeiro de 1898. O governo estadual concedeu autonomia administrativa a todos os municípios mineiros, com exceção de sua capital. De fato, pode-se dizer que a relação da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) com o governo do Estado de Minas Gerais foi uma das principais características da capital, que dependia do aparato do executivo municipal, bem como das decisões políticas do governador, para uma parte considerável das atividades cotidianas da administração pública. Isso fica evidente no Decreto 1088, de 29 de dezembro de 1897, que criou a PBH. No artigo 3º, o ato administrativo estabeleceu que as funções deliberativas seriam exercidas “diretamente pelo Presidente do Estado” e que o poder executivo ficaria a cargo de um prefeito de livre nomeação pelo governo estadual.

Da inauguração da cidade até 1947, ano em que obteve autonomia administrativa, Belo Horizonte teve 26 prefeitos em 50 anos, alguns com mandatos efêmeros, todos nomeados pelo chefe do executivo do estado de Minas Gerais, o que dificultou a continuidade das políticas públicas. A falta de autonomia e a dependência do aparato administrativo do governo mineiro, somadas às dificuldades de uma cidade recém-inaugurada com serviços inacabados ou inexistentes, potencializaram uma série de problemas urbanos. Havia uma deficiência administrativa, decorrente da falta de organização dos setores estratégicos. Isso se refletiu na preservação de alguns documentos municipais. Infelizmente, ao analisarmos os documentos recolhidos ao APCBH nesse período, bem como os do MHAB, é possível concluir que muito se perdeu. Em relação aos animais, eles apareceram, em sua maioria, em documentos relacionados às políticas sanitárias, especialmente

em setores como a Diretoria de Higiene, ou entidades administrativas ligadas à saúde pública da PBH. Todavia, a preocupação maior continuou a recair sobre os animais domesticados, como os bovinos abatidos no Matadouro Municipal (BELO HORIZONTE, 1897-1947).

Uma fonte importante para os estudiosos de Belo Horizonte é a coleção de Relatórios de Prefeitos, disponível no APCBH. Os relatórios anuais, apresentados pelos prefeitos ao Conselho Deliberativo (1897-1929), ao Governador de Minas Gerais (1935-1941) e à Câmara Municipal de Belo Horizonte (1936, 1948-2005), reportam as atividades realizadas pelo executivo municipal durante o ano administrativo, sob o interesse de seus autores, que apresentam narrativas positivas sobre suas realizações. Esse discurso oficial é um dos elementos mais importantes desses documentos, pois evidencia as preferências políticas de cada gestão, além de mostrar os ideais e prioridades de cada prefeito.

Nos relatórios, especialmente até o final da ditadura militar, os animais apareceram, sobretudo, em questões sanitárias, em referências ao zoológico do Parque Municipal e da Pampulha e em políticas de abastecimento alimentar. Os animais silvestres quase não apareceram e, quando mencionados, eram indesejados, ou pragas urbanas, como os urubus, ratos, baratas e os temidos escorpiões.

O prefeito Francisco Bressane de Azevedo (1902-1905), que manteve a tradição de seus antecessores na defesa de uma capital limpa e moderna, relatou, no relatório de 1903, a limpeza do Matadouro Municipal, que “condena e rejeita a carne de animais que não oferecem sólidas garantias para o consumo público”. O prefeito exaltou o trabalho da Diretoria de Higiene, que “apreende os animais soltos nas ruas” e “manda proceder à matança de cães vagabundos”. O relatório destacou o número de ocorrências de “mordedura de escorpiões” e de óbitos decorrentes da picada do animal (BELO HORIZONTE, 1903).

Entre os animais que causaram (e causam) maior preocupação, estão os escorpiões. Os aracnídeos aparecem em relatórios, cartilhas sanitárias, programas educativos e em comissões que procuram “combater o escorpionismo”, termo utilizado para o

envenenamento causado pelo escorpião por meio do seu ferrão. A picada do escorpião amarelo resulta em quadros clínicos que variam de leves, como dor e inchaço no local da picada, a graves, podendo causar vômitos, arritmias, sudorese e óbito (PBH, 2025).

Nos primeiros anos da capital mineira, consolidou-se um discurso político-administrativo pautado pela questão sanitária. Essa fala apresentou nuances, com mais ou menos destaque para as questões sanitaristas, de acordo com a gestão do executivo municipal, que priorizou o abastecimento de água e, pelo menos na retórica, a retirada da sujeira da urbe, por meio do esgotamento sanitário, da limpeza das ruas, da fiscalização dos mercados e da coleta de lixo. Este discurso, apesar de exaltar a vocação moderna e higiênica da jovem capital, geralmente, admitiu as falhas infraestruturais e reconheceu os problemas urbanos do município. Especialmente após 1930 e com o crescimento cada vez mais acelerado de Belo Horizonte, o acúmulo de lixo nas ruas era uma preocupação constante da municipalidade, juntamente com as “pragas” que as pilhas de lixo atraíam. Ao longo dos anos, a municipalidade propôs a construção de incineradores de lixo e mudanças na coleta, com o escorpião amarelo sendo apontado como uma das principais ameaças.

Durante a gestão de Christiano Machado (1926-1929), a prefeitura priorizou um discurso sanitário repaginado para a nova realidade do final dos anos 1920. O conceito de planejamento foi revalorizado, bem como a necessidade de retomar os planos da Comissão Construtora, adaptados à nova realidade da urbe, e de implantar políticas públicas perenes. Para isso, a prefeitura realizou diversos diagnósticos urbanísticos, levantamentos cadastrais, entre outros estudos. A municipalidade mapeou áreas de incidência de animais considerados ameaça à saúde pública, como caramujos do gênero *Biomphalaria*, espécie invasora do continente africano e vetor da esquistossomose, e o escorpião amarelo. A prefeitura elaborou, à pedido de Machado, uma “Planta Geral”, preservada no Museu Histórico Abílio Barreto, com a representação na escala 1:24000, dos locais com acidentes e mortes com o escorpião amarelo. O documento cartográfico foi elaborado para planejar políticas públicas eficazes de combate ao escorpionismo em Belo

Horizonte. A planta, que, infelizmente, teve as demarcações dos locais de picadas de escorpiões apagadas pelo efeito do tempo, é um exemplo de como a municipalidade, à época, elegeu o escorpionismo como um dos seus principais problemas de saúde pública (Belo Horizonte, 1929).

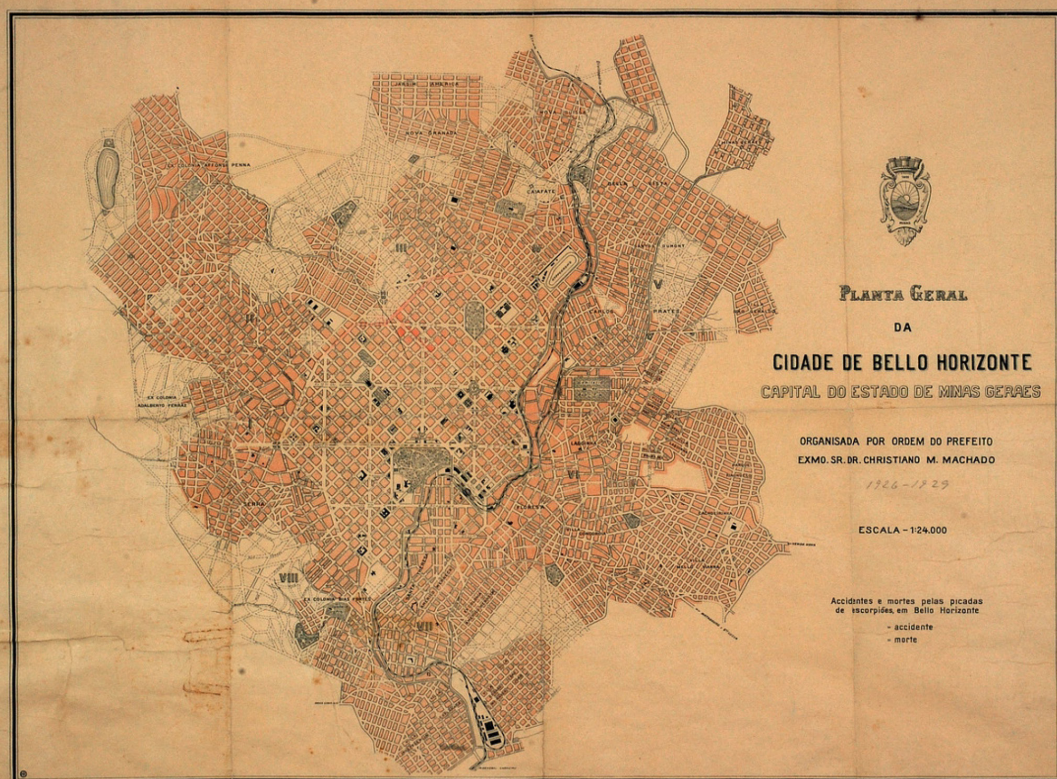


Figura 1. Planta Geral de Belo Horizonte, Prefeito Christiano Machado. Acidentes e mortes pelas picadas de escorpiões. Dimensões do original: 47,5 cm altura e X 65,5 cm largura

Entretanto, é raro encontrar os animais silvestres de Belo Horizonte nos documentos dos primeiros anos da capital. Quando os técnicos da municipalidade se preocuparam com o desmatamento das nascentes, a questão principal era o abastecimento de água,

não houve nenhum receio ou registro em relação aos animais. Havia o desejo de um paisagismo frondoso, com a política de arborização destacada nos documentos oficiais. Todavia, os animais mal aparecem. E, quando são citados pelo poder público, o objetivo é combatê-los.

Em 1933, a PBH elaborou o Plano Geral da cidade de Belo Horizonte, que propôs redefinir as zonas urbana, suburbana e rural. Infelizmente, não encontramos relatos sobre os animais silvestres dessas áreas que seriam adensadas. Um indício de que o município não via relevância nos animais que habitavam seu território. Durante a administração de Juscelino Kubitschek (1940-1945), a implementação das avenidas radiais contribuiu para o crescimento dos bairros, principalmente no oeste da cidade (KAMEL, 2007, p. 25-40; PBH, 1942). Todavia, mesmo com as tentativas de organização, o rápido crescimento populacional aumentou a oferta de trabalho, o que provocou desemprego e queda nos salários. Como resultado desse processo, as vilas e favelas cresceram muito a partir dos anos de 1930, a maioria sem serviços públicos como água, luz e esgoto. Os documentos continuaram a demonstrar preocupação com os animais vetores de doenças nesse período.

Outro problema registrado é o aumento dos casos de enterite, decorrente das condições sanitárias precárias. Os relatórios, bem como documentos da Fazenda e da regulação urbana, relatam que o aumento de internações em hospitais devido a picadas de escorpiões e enfermidades provocadas por mosquitos também cresceu. Entre 1940 e 1960,³ Belo Horizonte passou de 211.377 habitantes para 693.328, um acréscimo populacional muito rápido, mas nada comparado à década seguinte, quando a cidade alcançou a marca de 1.235.030 habitantes (SOUZA; BRITO, 2008, 4; KAMEL, 2007, 34-36; PBH, 1942).

3 A década de 1960 foi a que apresentou o maior volume de problemas sanitários em Belo Horizonte. Durante toda a década, principalmente entre 1963 e 1969 os esgotos arrebentavam frequentemente pelas ruas e a água fétida escorria pelas sarjetas. O lixo, acumulado em enormes pilhas nas ruas e calçadas, assoreava os córregos que, a cada chuva, transbordavam. Após as inundações, sobrava um mar de lama, suja de esgoto e lixo, onde as crianças adoravam brincar sem saber dos riscos que corriam de contrair doenças como a esquistossomose e gastroenterite.

4. O intervalo democrático (1946 - 1964)

No Intervalo Democrático (1946-1964), os gestores da PBH se depararam com a necessidade de intensificar a estruturação da municipalidade, antes vinculada ao governo do estado. Era necessário criar departamentos, estabelecer práticas administrativas, capacitar e ampliar o corpo técnico. A prefeitura precisava estabelecer novas relações com os munícipes e com a Câmara Municipal, que poderia fazer oposição ao Executivo e tinha o poder de aprovar as contas anuais da prefeitura. A necessidade de reformular a administração pública na capital mineira se deu também pelo contexto conturbado, de uma cidade em processo de crescimento acelerado, com todos os serviços urbanos defasados ou inexistentes em algumas regiões. O serviço de limpeza urbana não suportava a demanda, o que provocou o acúmulo de pilhas de lixo nas calçadas. Com isso, os animais indesejados, como escorpiões, baratas e ratos, entre outros, continuaram a ser objeto de preocupação do poder público (MESQUITA, 2023).

Um evento que deixou a municipalidade em alerta foi o rompimento da barragem da Pampulha. Em 21 de abril de 1954, após a detecção de um vazamento, a represa se rompeu e uma tromba d'água avançou por casas e ruas em direção ao Vale do Córrego do Onça. Este fato provocou um aumento do risco de epidemias. Uma das maiores causas de inquietação foi a proliferação de caramujos exóticos, hospedeiros intermediários do *Schistosoma mansoni*, transmissores da esquistossomose, para habitantes humanos. A PBH promoveu uma campanha sanitária e adotou medidas profiláticas para a população atingida pela enchente. A comissão técnica responsável pela análise das causas do rompimento da barragem analisou a biodiversidade da Lagoa e elaborou um relatório detalhado, disponível no Arquivo Público da Cidade de BH (BELO HORIZONTE, 1956).

Outros animais exóticos, também chamados de praga, eram os tripes que habitavam os frondosos *Ficus benjamina* de Belo Horizonte. Os *Gynaikothrips ficorum* são insetos de origem sul-asiática que se espalharam por diversas regiões onde o fícus se aclimatou, incluindo cidades de todo o continente americano. Na capital mineira, eram popularmente conhecidos como *amintinhas*,

uma referência bem-humorada ao prefeito Amintas de Barros (1959-1963), o que, segundo alguns servidores que trabalharam com ele, causava indignação ao político.

Os tripes são insetos pequenos, com tamanho médio de 1,5 a 3,5 mm na fase adulta. Eles podem picar seres humanos ou entrar nos olhos, causando incômodo. Este fato ocorre especialmente nos dias mais quentes do verão. (DUARTE, 2007; BOTTON, *et al.*) Segundo Duarte, os verões de 1961 e 1962, durante a gestão de Amintas de Barros, foram os períodos de maior surto, que causaram aflição aos munícipes, com “milhões de insetos a incomodar a todos”. (DUARTE, 2007, p. 35) Este fato gerou uma série de reclamações de munícipes junto à prefeitura. Inicialmente, a municipalidade aplicou inseticidas, mas o problema persistiu e serviu de desculpa para o corte dos ficus em 1963⁴, durante a gestão de Jorge Carone Filho (1963-1965) (DUARTE, 2007).

Conclusão

Este artigo se aventurou a analisar inúmeros documentos produzidos pela municipalidade em seus primeiros anos e constatou que, infelizmente, os animais silvestres estavam praticamente ausentes nesse período. A exceção são as chamadas “pragas urbanas” ou as fotografias de animais adquiridos para o zoológico municipal que, antes de irem para seu destino final, passavam pelo gabinete do prefeito para serem fotografadas. Cães, gatos, equinos e bovinos são mais comuns nos acervos, tanto em fotografias das campanhas de vacinação, como em relatórios sobre carroças de recolhimento de lixo, o abatimento de animais no matadouro ou a apreensão de “animais vadios” por parte da municipalidade. Todavia, mesmo esses animais domesticados não têm protagonismo nas descrições documentais. Para os localizar, temos que procurar documentos sobre “higiene”, “saúde pública”, ou realizar a leitura atenta dos relatórios de prefeitos.

Felizmente, o cenário mudou, especialmente a partir do final da década de 1970 e, posteriormente, com a criação da Secretaria

4 Sobre o corte dos ficus da avenida Afonso Pena, um evento que causou grande comoção nos belo-horizontinos, ver: DUARTE, 2007.

ria Municipal de Meio Ambiente (SMMA) na década de 1980. Outro marco, foi a criação da Fundação Municipal de Parques e da Fundação Zoo-Botânica (que se tornaram Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica em 2017). A prefeitura passou a realizar constantemente o levantamento dos animais silvestres da capital e possui diversos programas modelo, como a criação de abelhas nativas e de joaninhas para o combate ao pulgão. A municipalidade possui um Plano de Manejo da Fauna Silvestre de Belo Horizonte, elaborado após um mapeamento realizado pela Gerência de Defesa dos Animais da SMMA, em parceria com a Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep), da UFMG⁵. Este trabalho resultou em um diagnóstico da fauna silvestre do município e em um plano de manejo das espécies silvestres. O plano considerou que a proximidade dos animais não humanos com as pessoas, habitações e demais estruturas urbanas pode provocar conflitos e situações de atenção sanitária (BELO HORIZONTE, 2024).

Para finalizarmos, é importante lembrar um belíssimo texto, que já foi considerado “batido” pela comunidade de historiadores e historiadoras, mas que, infelizmente, está um pouco esquecido pelas novas gerações: Documento Monumento, de Jacques Le Goff. A história seria o resultado de uma construção imortalizada pelo suporte documental. O que sobreviveu não é “o conjunto daquilo que existiu no passado”. É uma escolha deliberada por parte daqueles que operaram no desenvolvimento temporal, sejam eles políticos, administradores públicos, arquivistas, museólogos, entre outros) e por quem se dedica “à ciência do passado e do tempo que passa”, os profissionais da história. (LE GOFF, 1996, p.534-538)

Os animais silvestres dos primeiros anos da capital e do antigo arraial de Belo Horizonte, são vestígios que passam quase invisíveis na documentação preservada, a não ser quando incomodavam os cidadãos e o desenvolvimento urbano. Para Le Goff, o vestígio é “indício daquilo que foi irremediavelmente perdido”. É uma marca de algo que passou e que “deixou apenas o sinal de sua passagem”.

5 O diagnóstico dos animais silvestres e dos possíveis conflitos com os animais não humanos está disponível no site: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZmN-hOTZlZjYtM2VhOC00NGEyLWJlOWEtYmE4MDE0MTk1ZTJlIiwidCI6IjVkJkNzdmY2E1L-WlxZDEtNDI3OS1iNzk3LWEzYTY1NzA2Y2YxQSJ9>. Acesso em 03/05/2026.

Sabemos que, atualmente, mais de 90% dos documentos de arquivo são eliminados corretamente, em conformidade com a legislação arquivística. A criação do APCBH só ocorreu em 1991 e podemos, portanto, supor que muitos documentos se perderam, mas sabemos, também, que muito pouco se produziu sobre os animais silvestres da capital mineira no período cronológico deste artigo.

A ausência de documentos sobre determinado assunto é relevante para nós, historiadores e historiadoras. Podemos interpretar como sintomático a sociedade e a administração municipal que não produziram registros desses habitantes tão importantes para a nossa cidade: os animais não humanos. Este artigo tentou fazer um pouco de justiça aos bichos de Belo Horizonte e que iniciativas como o projeto “Fauna Silvestre da Grande Belo Horizonte” estimulem novas pesquisas e trabalhos historiográficos e arquivísticos que deem o devido destaque aos animais silvestres.

Agradecimentos

Aos funcionários do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e do Museu Histórico Abílio Barreto; à Regina Horta Duarte e Marcelo Vasconcelos, que inspiraram o trabalho, à linda Laura Meniconi e à minha filha Déborah, uma amante dos animais urbanos!

Referências

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital**: formação de espaços urbanos na primeira periferia de Belo Horizonte. 2006. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo prefeito Francisco Bressane de Azevedo em 10 de setembro de 1903**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1903. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/arquivo-publico/acervo/relatorio-de-prefeito>. Consulta em 5 mai. 2026.

BELO HORIZONTE. **Dossiê da Comissão Especial destinada a apurar as causas sobre o rompimento da Barragem da Pampulha**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.

BELO HORIZONTE. **Plano de manejo da fauna silvestre de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2024. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/meio-ambiente/plano-de-manejo-da-fauna-silvestre-de-belo-horizonte>.

BOTTON, Marcos *et al.* “Biologia, monitoramento e controle de trips (Thysanoptera) em fruteiras de clima temperado”, In: **ENCONTRO NACIONAL SOBRE FRUTICULTURA DE CLIMA TEMPERADO**, 10., 2007, Fraiburgo. Anais do 10º Enfrute. Caçador: Epagri, 2007, p. 251-265.

CAMARATE, Alfredo. Por montes e vales. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 36, p. 23-198, 1985.

DUARTE, Regina Horta. À sombra dos fícus: cidade e natureza em Belo Horizonte. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 25-44, 2007.

DULCI, Otávio Soares. **As constituintes mineiras de 1891, 1935 e 1947: uma análise histórica**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1989.

MINAS GERAIS: Congresso Mineiro. In: **Annaes do Senado Mineiro**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1891, p. 45-47.

NETO, Guilherme Nunes de Avelar. **Ciclones e macaréus: o parlamento na história de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Câmara Municipal de Belo Horizonte, Programa Pró-Memória Legislativa, 2010.

WORSTER, Donald. **Nature's economy: a history of ecological ideas**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CRONON, William. **Uncommon ground: rethinking the human place in nature**. New York: W.W. Norton & Company, 1996.

MELOSI, Martin. **Effluent America: Cities, Industry, Energy, and the Environment**. Pittsburgh, Pennsylvania: University of Pittsburgh Press, 2001.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WORSTER, Donald. **The ends of the earth: perspectives on modern environmental history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.



História da avifauna da Grande Belo Horizonte ao longo de mais de dois séculos de transformação da paisagem (1817-2025)

Marcelo Ferreira de Vasconcelos¹,
Luiz Fernando Salvador-Jr.² & Caio de Oliveira Álvares^{2,3}

1. Introdução

O Planeta Terra abriga uma extraordinária diversidade de formas de vida, sendo atualmente lar de quase 2 milhões de espécies de plantas e animais devidamente reconhecidas pela ciência (CATALOG OF LIFE, 2025). Entretanto, tamanha riqueza vem sofrendo continuamente com a perda de habitat, poluição e sobre-exploração dos recursos naturais, sobretudo a partir da Idade Moderna (RULL, 2022). Consequentemente, nos últimos séculos, o planeta tem vivenciado uma crescente crise de biodiversidade, caracterizada por acentuados declínios populacionais e pela alarmante aceleração nas taxas de extinção de espécies (RULL, 2022; FINN *et al.*, 2023; SCHICKHOFF *et al.*, 2024).

¹ Museu de Ciências Naturais – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Avenida Dom José Gaspar 290, Belo Horizonte, MG, CEP 30535-901.

² Neotropical Research – Grupo de Estudo para Conservação da Fauna Neotropical. Rua Henrique Passini, 290/302, Belo Horizonte, MG, CEP 30220-380.

³ Escola Municipal Fernando Dias Costa. Rua Pedro Alexandrino Mendonça, 10, Belo Horizonte, MG, CEP 30290-590.

Somando-se aos efeitos diretos da ação humana, as mudanças climáticas também representam uma ameaça à vida no planeta. Com o aumento das temperaturas globais e maior incidência de eventos climáticos extremos, os ecossistemas são potencialmente fragilizados, podendo resultar em alterações nos ciclos de vida, nas interações ecológicas e na distribuição geográfica das espécies (ROOT *et al.*, 2003; RINAWATI *et al.*, 2013; NASH *et al.*, 2021).

Neste cenário de transformações, inventários biológicos contemplando dados históricos e atuais constituem valiosas ferramentas para o entendimento da susceptibilidade dos componentes do meio biótico frente às alterações ambientais. Além de permitirem a avaliação temporal de um dado recorte espacial, também podem subsidiar a adoção de medidas de manejo visando a conservação de espécies e ambientes que necessitam de proteção (SILVEIRA *et al.*, 2010).

Considerado um país “megadiverso” (MITTERMEIER *et al.*, 1997), o Brasil abriga aproximadamente 1,4 milhão de espécies de plantas e animais, muitas delas ainda aguardando para serem descobertas e descritas (LEWINSOHN; PRADO, 2005). Entretanto, parte considerável dessa riqueza encontra-se atualmente sob elevado risco de ameaça, principalmente em consequência da perda de habitat decorrente da exploração secular e desordenada de seus recursos naturais (DEAN, 1996; RATTER *et al.*, 1997; GALETTI *et al.*, 2021; SOLÓRZANO *et al.*, 2021).

Ocupando aproximadamente 586.521 km² e abrigando mais de 20 milhões de habitantes, Minas Gerais é o quarto maior estado do Brasil em extensão territorial e o segundo mais populoso do país (IBGE, 2022; 2025). Seus limites abrangem parte dos domínios da Mata Atlântica, do Cerrado e da Caatinga, o que lhe confere notável diversidade fisiográfica e elevada riqueza biológica (DRUMMOND *et al.*, 2005; 2009). No entanto, em decorrência da profusão de recursos naturais, da necessidade de criação e cultivo e da crescente urbanização, suas paisagens originais vêm sendo intensamente modificadas ao longo dos últimos três séculos (VALVERDE, 1958; PIMENTA, 1970; AB’SÁBER, 2003; RIBEIRO-FILHO, 2004; RIBEIRO, 2005; MARTINS, 2007; LAMIM-GUEDES, 2010; BORSAGLI, 2018; MUCIDA *et al.*, 2019). Como consequência, extensas áreas de vegetação nativa foram suprimidas, cedendo espaço ao agronegócio, às extensas conurbações

e aos grandes empreendimentos industriais, incluindo a mineração (VALVERDE, 1958; PIMENTA, 1970; BORSAGLI, 2018; JEBER; PROFETA, 2018). Especificamente sobre essa última atividade, a exploração mineral representa, desde os primórdios da colonização do estado, um dos alicerces de sua economia (PIMENTA, 1970; RIBEIRO-FILHO, 2004; RIBEIRO, 2005; CAXITO; DIAS, 2018; JEBER; PROFETA, 2018).

Belo Horizonte, a capital do estado, está localizada na região central de Minas Gerais (IBGE, 2025). Sua ocupação inicial, por parte de descendentes europeus, ocorreu no início do século XVIII, a partir da formação de um pequeno arraial que ficou conhecido como Curral del-Rei (BORSAGLI, 2018). A “nova capital” foi oficialmente inaugurada ao final de 1897 e, desde então, sua malha urbana não parou de crescer (BORSAGLI, 2018). De acordo com o último censo demográfico brasileiro, o município abriga mais de 2.300.000 habitantes (IBGE, 2022). Entretanto, muito antes de sua consolidação como uma moderna metrópole do Sudeste brasileiro, áreas localizadas nos entornos da capital já vinham sendo exploradas e povoadas por colonos de diversas partes do país, ávidos em busca de suas riquezas minerais (PIMENTA, 1970). Algumas delas também foram visitadas por viajantes estrangeiros, que percorreram seus caminhos com o objetivo de catalogar a biodiversidade local, incluindo as aves.

Segundo o banco de dados do Laboratório de Ornitologia da Universidade de Cornell, atualmente são conhecidas 11.167 espécies de aves no planeta (HBW ALIVE, 2026). Deste total, 1.971 já foram devidamente documentadas no Brasil (PACHECO *et al.*, 2021). Tal riqueza está associada à presença de diferentes biomas e à consequente heterogeneidade de fitofisionomias presentes dentro de seus limites territoriais (MATTOS *et al.*, 1993; SICK, 1997). Minas Gerais, por sua vez, também possui uma avifauna rica e diversificada, abrangendo quase a metade da riqueza presente em território nacional, com estimativas de mais de 800 espécies (MATTOS *et al.*, 1993; WIKIAVES, 2025).

As aves constituem um grupo faunístico muito bem estudado (SICK, 1997). Além de fundamentais para o equilíbrio dos ambientes onde vivem, são consideradas excelentes bioindicadoras por responderem rapidamente a mudanças ambientais (SICK, 1997). Por exemplo, há espécies extremamente sensíveis às alterações

de origem antrópica (STOTZ *et al.*, 1996), sendo suas presenças ou ausências reflexos da qualidade de “saúde ambiental” de determinado local, ambiente ou região. Por outro lado, outras espécies se beneficiam da transformação das paisagens naturais, tornando-se mais abundantes e expandindo suas áreas de distribuição geográfica (SICK, 1997).

Comparações históricas, envolvendo registros pretéritos e atuais têm demonstrado como as alterações ambientais afetam as comunidades avifaunísticas, não só no que diz respeito à composição, mas também em relação às guildas tróficas e a seus respectivos papéis nos ecossistemas. Por exemplo, Teixeira (1992), usando a rica iconografia e descrições da natureza produzida pela comitiva de Johan Maurits van Nassau-Siegen (1604-1679), durante a ocupação holandesa do Nordeste brasileiro no século XVII, apontou casos de espécies de aves típicas de áreas alteradas por atividades humanas na faixa costeira, originalmente coberta pela Mata Atlântica. Tal constatação sugere que a Mata Atlântica nordestina, ao norte da foz do Rio São Francisco, já se encontrava parcialmente degradada àquela época, processo que se intensificou bastante ao longo dos séculos subsequentes naquela região (COIMBRA-FILHO; CÂMARA, 1996; DEAN, 1996). As análises de Teixeira (1992) também apontam para diversos casos de extinções de espécies ao longo dos últimos 350 anos.

Além dos registros iconográficos e escritos, aves taxidermizadas, coletadas no passado e depositadas em museus, também são fundamentais para se entender processos de extinções locais de espécies raras e indicadoras de boa qualidade ambiental, assim como os processos de colonização por espécies típicas de áreas degradadas em diversas regiões do Brasil (e.g., CHRISTIANSEN; PITTER, 1997; WILLIS; ONIKI, 2002; RIBON *et al.*, 2003; MOURA *et al.*, 2014; CAVARZERE *et al.*, 2017). No tocante à região próxima à Belo Horizonte, destaca-se o estudo das dinamarquesas Christiansen e Pitter (1997), que compararam suas observações de campo, efetuadas em 1987 na região de Lagoa Santa, com espécimes coletados por Peter Wilhelm Lund (1801-1880) e Johannes Theodor Reinhardt (1816-1882) no século XIX. Além de constatarem a extinção local de espécies florestais, com destaque para aquelas mais sensíveis

às alterações antrópicas, essas autoras encontraram diversas aves atualmente comuns na região que não haviam sido registradas no século XIX, sugerindo casos de colonizações decorrentes das modificações ambientais que ocorreram em um intervalo de 160 anos (CHRISTIANSEN; PITTER, 1997). Em uma escala temporal muito mais curta, Vasconcelos *et al.* (2013) compararam informações coletadas em um *campus* universitário localizado na capital mineira ao longo de três décadas (entre 1982 e 2013), também constatando casos de extinções e colonizações de aves.

Buscando contribuir para o melhor entendimento acerca dos efeitos temporais das ações antrópicas sobre a biodiversidade, o presente estudo tem como objetivo avaliar a riqueza e a composição da avifauna da Grande Belo Horizonte, desde o início do século XIX até os dias atuais (1817–2025). Além de apontar as modificações da paisagem decorrentes da ocupação humana e da exploração dos recursos naturais, assim como seus impactos sobre as aves, especialmente com base em relatos do século XIX, destaca-se a importância de fontes não necessariamente baseadas em documentos escritos, como espécimes depositados em museus e registros disponibilizados em plataformas de ciência cidadã, para a realização de diagnósticos faunísticos no âmbito da história ambiental.

2. Material e Métodos

2.1. Área de estudo

A área de estudo, aqui denominada “Grande BH”, compreende a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), representada pela capital do estado de Minas Gerais, e outros 33 municípios, além do Colar Metropolitano (CM), abrangendo 16 municípios que também fazem parte do processo de metropolização (Plano Metropolitano RMBH, 2025) (Apêndice I; Figura 1). Este recorte espacial ocupa 14.854,7 km² (IBGE, 2025) e abriga, segundo o último censo demográfico brasileiro, aproximadamente 5.734.000 habitantes (IBGE, 2022; Apêndice I). A seleção desse recorte geográfico foi necessária, pois os levantamentos da avifauna na capital iniciaram-se apenas nas décadas de 1970–1980, quando grande parte da paisagem original do município de Belo Horizonte já se encontrava descaracterizada pela urbanização. Portanto, considerando o fato

de alguns dos municípios da RMBH e do CM terem sido percorridos e amostrados por parte de naturalistas estrangeiros no século XIX, optou-se por incluí-los nesta investigação, devido à possibilidade de resgatar informações ao longo de um intervalo temporal bem mais amplo. O conjunto formado pelos registros históricos obtidos por esses naturalistas, e dados mais recentes produzidos nas últimas décadas, estrutura um cruzamento de informações que possibilita uma compreensão mais ampla das dinâmicas de modificações da avifauna, em especial, casos de extinções e de invasões inseridos no recorte espacial formado pelos municípios que compõem a Grande BH.

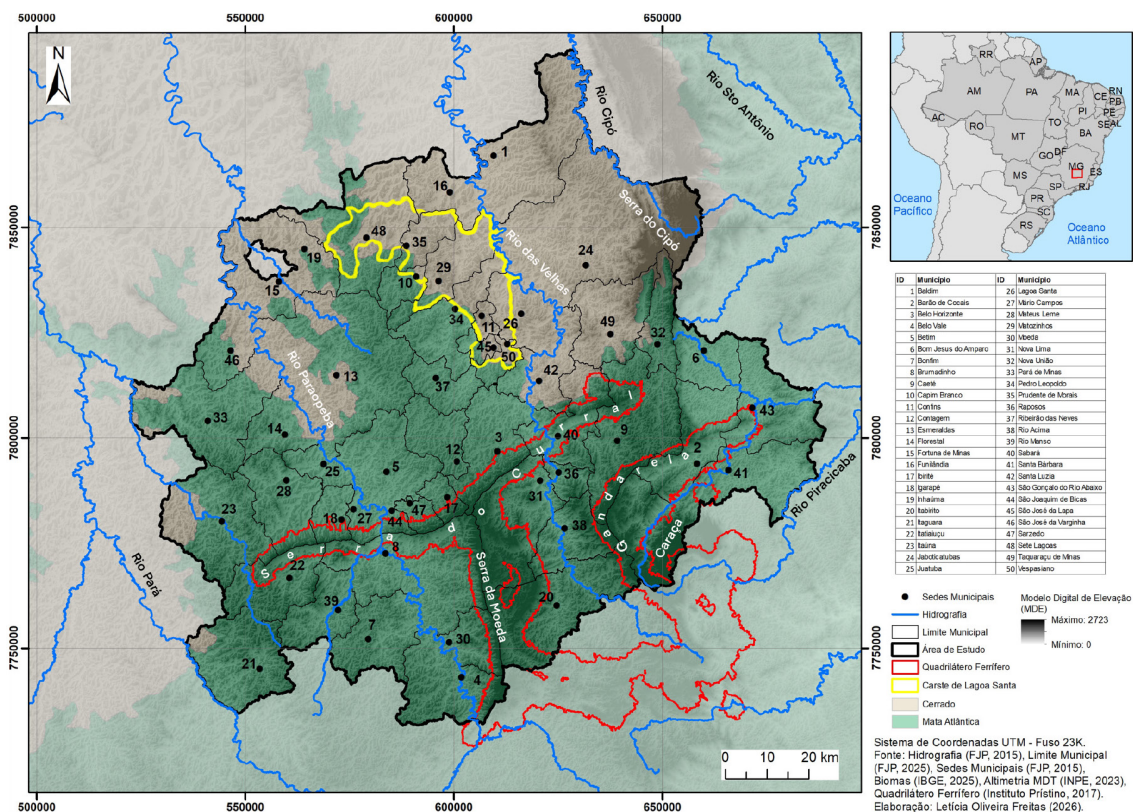


Figura 1. Localização da Grande BH, evidenciando os municípios, domínios fitogeográficos e os principais rios e serras presentes na área de estudo. Destaque para o Quadrilátero Ferrífero (contorno em vermelho) e o Carste de Lagoa Santa (contorno em amarelo), localizados respectivamente ao sul e ao norte da Serra do Curral.

A área de estudo encontra-se em uma zona de transição entre os domínios fitogeográficos da Mata Atlântica e do Cerrado (IBGE, 2004). Ambos são considerados *hotspots* mundiais de biodiversidade por abrigarem comunidades biológicas extremamente ricas, apresentarem altos índices de endemismo, mas, ao mesmo tempo estarem severamente reduzidos e ameaçados pelas atividades antrópicas, o que os torna áreas prioritárias para conservação em escala global (MITTERMEIER *et al.*, 1999; 2005; MYERS *et al.*, 2000). A região é drenada por duas bacias hidrográficas: a do Rio São Francisco, que abrange a maior parte do recorte geográfico, e a do Rio Doce, representada apenas em sua borda leste, nos municípios de Barão de Cocais, Bom Jesus do Amparo, Santa Bárbara e São Gonçalo do Rio Abaixo (IGAM, 2021).

De maneira geral, a área de estudo pode ser dividida em “Sul” e “Norte”, tendo como referência a Serra do Curral (Figura 1), que representa os limites norte-noroeste do Quadrilátero Ferrífero (DORR II, 1969). Esse alinhamento montanhoso se estende de oeste para leste, dos municípios de Itatiaiuçu a Caeté, recebendo, de acordo com a região, diversos nomes locais, a exemplo de Serra Azul, Serra dos Três Irmãos, Serra do Rola Moça, Serra do Curral (propriamente dita), Serra do Taquaril e Serra da Piedade (DORR II, 1969).

Ao sul da Serra do Curral, os municípios do Quadrilátero Ferrífero tendem a receber maior precipitação pluviométrica (FERNANDES; MOREIRA, 2022; 2023), com o predomínio de formações florestais típicas da Mata Atlântica, sobretudo nos fundos dos vales, onde se concentra umidade e predominam solos mais profundos. Manchas de vegetações savânicas ou campestres, típicas do Cerrado, ocorrem principalmente em áreas mais elevadas e com solo mais pobre, tais como cerrado sentido restrito, campo sujo e campo limpo (*sensu* RIBEIRO; WALTER, 1998).

As precipitações também são elevadas nos municípios do extremo leste da Grande BH, representantes da bacia do Rio Doce, onde a umidade proveniente do Oceano Atlântico é barrada pela vertente leste das serras que dividem as duas bacias hidrográficas (FERNANDES; MOREIRA, 2022; 2023), especialmente as serras do Caraça e do Gandarela e o extremo meridional da Serra do Cipó (Figura 1). Nessa região, predomina a vegetação florestal típica da Mata Atlântica, com pouca ou nenhuma representação do Cerrado.

Ao norte do alinhamento da Serra do Curral, principalmente nos municípios que fazem parte da bacia do Rio São Francisco, encontra-se a depressão de Belo Horizonte e a região cárstica de Lagoa Santa (AULER; PESSOA, 2020). Nessa área, embora originalmente ainda haja influência considerável da Mata Atlântica, as precipitações são mais baixas que nos municípios do Quadrilátero Ferrífero e há maior expressão de vegetações típicas do Cerrado, com fisionomias de savana ou campos nativos. Além disso, no Carste de Lagoa Santa e nos municípios adjacentes (de São José da Lapa a Sete Lagoas), há a presença de afloramentos calcários ricos em cavidades naturais, onde se desenvolve uma vegetação típica de floresta estacional decidual, também chamada de “mata seca” (BRINA, 2020).

Por fim, nas cumeeiras das serras mais elevadas da área de estudo, ocorre um tipo especial de vegetação denominado “campo rupestre”, que se desenvolve sobre substratos rochosos (especialmente de origem ferruginosa e quartzítica) e que apresenta composição da biota e diversos aspectos ecológicos distintos das vegetações circunjacentes (VASCONCELOS, 2011; COLLI-SILVA *et al.*, 2019; OSWALD *et al.*, 2025).

2.2. Métodos

A revisão das espécies de aves ocorrentes na Grande BH foi baseada em três tipos de fontes: bibliografia, espécimes depositados em coleções ornitológicas de museus ou universidades e consulta à principal plataforma de ciência cidadã do país, responsável por abrigar registros ornitológicos efetuados em todo o território nacional.

As fontes bibliográficas incluíram artigos de periódicos científicos, livros e capítulos publicados até 30 de setembro de 2025. Não foram consideradas teses, dissertações, resumos de congressos ou simpósios, além de relatórios técnicos não publicados, uma vez que tais documentos normalmente não passam por revisão por pares. Além disso, algumas dessas fontes não são rastreáveis, a exemplo de relatórios de consultoria ambiental, muitos dos quais não são facilmente encontrados nem mesmo nos órgãos ambientais e nas empresas executoras dos respectivos estudos, além de apresenta-

rem diversos registros questionáveis e não passíveis de checagem por meio de documentação baseada em espécimes, fotografias ou gravações de vocalizações (VASCONCELOS, 2006).

Para cada registro de espécie publicado, foi feita uma análise sobre a precisão de sua identificação, tratando-os como “aceitos” (identificação precisa dentro de sua distribuição geográfica conhecida ou aceitável), “errôneos” (registros de espécies que nunca foram registradas na Grande BH, em Minas Gerais e/ou no Brasil) e “duvidosos” (espécies que potencialmente ocorrem na região, mas que não seriam esperadas para os municípios onde foram mencionadas, além de representantes de grupos taxonômicos de difícil identificação visual). Para as análises temporais da avifauna, foram utilizados apenas os registros aceitos. Não foram consideradas menções de táxons ao nível de gênero ou categorias taxonômicas superiores, tais como família, ordem e classe.

Uma vez que, em muitas publicações, as coordenadas geográficas dos registros ou mesmo as localidades precisas não foram informadas, optou-se por considerar o município como unidade básica de análise. No entanto, em certos casos esta abordagem foi tratada com cautela, já que algumas localidades, a exemplo das serras do Cipó e do Caraça, abrangem mais de um município. Por este motivo, ao avaliar cada registro específico, foram considerados apenas aqueles efetuados dentro do recorte geográfico formado pela RMBH e pelo CM. Em alguns casos, pela distribuição atitudinal das espécies, cruzada com conhecimentos dos autores sobre algumas áreas, foi possível resgatar parte das informações (e.g., VASCONCELOS; MELO-JÚNIOR, 2001). No entanto, na maioria dos casos em que estas localidades foram citadas de maneira geral, não foram considerados os registros das espécies (e.g., MELO-JÚNIOR *et al.*, 2001) ou aqueles efetuados em municípios limítrofes após a checagem do nome das localidades ou das coordenadas geográficas mencionadas nas fontes (e.g., SAZIMA; SAZIMA, 1975; 1990; SAZIMA, 1977; 1981; PEARMAN, 1990; VIELLIARD, 1990; GALETTI; PEDRONI, 1996; VASCONCELOS *et al.*, 2001; RIBEIRO *et al.*, 2002; SAWAYA; SAZIMA, 2003; COSTA; RODRIGUES, 2007; 2012; 2013; DOMINGUES; RODRIGUES, 2007; COSTA *et al.*, 2008; MESQUITA *et al.*, 2008; FREITAS; RODRIGUES, 2008; 2011; 2012; VASCONCELOS;

ENDRIGO, 2008; FREITAS *et al.*, 2009; RODRIGUES *et al.*, 2009; 2011; GOMES; RODRIGUES, 2010; RODRIGUES; RODRIGUES, 2011; 2014; 2015; COSTA; MESQUITA, 2012; COSTA, 2013; RODRIGUES *et al.*, 2013; GUERRA; PIZO, 2014; GUERRA *et al.*, 2014; 2017; 2018; ESPANHA *et al.*, 2016; GELVEZ-ZÚÑIGA *et al.*, 2016; 2018; LOPES *et al.*, 2017).

Também não foram considerados estudos que agruparam registros efetuados em um ou mais municípios da área de estudo, a exemplo daqueles que trazem informações dos municípios de Belo Horizonte e Nova Lima em um único conjunto de dados, sem informar onde cada espécie foi detectada (e.g., GUERRA; MARINI, 2002; CARVALHO; MARINI, 2007; MARINI *et al.*, 2007). Fontes bibliográficas que não forneceram detalhes de localidades (e.g., VASCONCELOS; PACHECO, 2012; CHAVES *et al.*, 2015) ou que não apresentaram dados primários, sem a análise crítica de dados secundários ou a checagem direta de espécimes em museus (e.g., PINTO, 1950) também não foram consideradas na presente revisão.

Os espécimes depositados em coleções ornitológicas foram checados diretamente em nove instituições: Museu de Ciências Naturais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (MCNA), Belo Horizonte; Centro de Coleções Taxonômicas do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (DZU-FMG), Belo Horizonte; Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ), Rio de Janeiro; *Zentralmagazin Naturwissenschaftlicher Sammlungen, Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg* (IZH), Halle (Saale); Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), São Paulo; Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife; Museu de Biologia Mello Leitão – Instituto Nacional da Mata Atlântica (MBML), Santa Teresa; *American Museum of Natural History* (AMNH), Nova Iorque; e Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém. Também foram considerados exemplares coletados na área de estudo e remetidos, pelo primeiro autor deste capítulo, ao Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (MCP), Porto Alegre.

A identificação precisa dos exemplares presentes nestes acervos foi fundamental para a confirmação dos registros, uma vez que, apesar da maioria das coleções visitadas contarem com corpo curatorial bastante treinado e experiente, grupos taxonômicos de

difícil identificação exigiram minuciosa checagem quanto à precisão da determinação em nível específico. Também se fez necessário verificar os dados disponíveis em suas etiquetas, muitos dos quais apresentam anotações feitas à mão referentes a localidades com toponímia desatualizada ou escritas de maneira errônea, o que demanda conhecimentos de paleografia e geografia da região foco de estudo. Tais situações foram mais comuns em acervos antigos, a exemplo das aves coletadas por Burmeister no século XIX, que estão depositadas no IZH.

O banco de dados do acervo de aves depositado na Universidade Federal de Viçosa, *campus* Florestal (CEDAF-UFV), foi disponibilizado pelo curador da coleção. Também foram consultados dados disponíveis *online* para as seguintes coleções: Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Campinas (ZUEC), Campinas, e *Museum of Comparative Zoology* – Universidade de Harvard (MCZ), Cambridge, nas plataformas SpeciesLink (2025) e MCZBase (2025), respectivamente. Além disso, embora não checados pessoalmente, foram usados os dados dos espécimes coletados por Lund e Reinhardt na região cárstica de Lagoa Santa, revisados por Krabbe (2007), que se encontram no *Natural History Museum of Denmark*, Copenhague (NHMD). No entanto, este material não é referido pelo autor com seus respectivos números de tombo, motivo pelo qual estes dados foram incorporados ao levantamento bibliográfico e não museológico.

Assim como aplicado para os registros bibliográficos, no caso dos espécimes depositados em coleções, cada registro foi atribuído a um município específico. Houve especial cuidado em casos quando o município não foi citado na etiqueta, mas apenas uma localidade (e.g., Serra do Cipó) ou quando a etiqueta se referia a uma toponímia ultrapassada. Como exemplo, muitos espécimes coletados na Serra do Cipó, dentro dos limites do município de Santana do Riacho (fora do recorte geográfico aqui considerado), foram erroneamente atribuídos ao município de Jaboticatubas (dentro do recorte geográfico) e, para cada caso, tentou-se rastrear o município onde a coleta foi efetuada com base na quilometragem da rodovia, na altitude ou no *habitat*.

Os dados oriundos de ciência cidadã foram extraídos da plataforma WikiAves (2025), sendo realizadas buscas específicas para

cada um dos 50 municípios, considerando como data limite 25 de janeiro de 2025. Optou-se por usar apenas o referido portal eletrônico porque todos os registros nele disponibilizados são documentados por meio de fotografias ou gravações de áudio, ao contrário de outras plataformas que apresentam muitos registros baseados apenas em observações, em que não é possível verificar a identificação das espécies.

A lista de todas as fontes utilizadas na compilação é apresentada no Apêndice II. Fontes bibliográficas foram codificadas de 1 a 214 com inicial “B” (bibliografia). Já as 13 coleções ornitológicas são precedidas pela inicial “M” (museus), enquanto os registros oriundos da plataforma WikiAves são tratados como “W1”.

A ordenação taxonômica e a nomenclatura da avifauna seguem Pacheco *et al.* (2021). As espécies de aves endêmicas da Mata Atlântica foram assim tratadas com base em Vale *et al.* (2018). Já as exclusivas do Cerrado foram baseadas em Lopes *et al.* (2025), com modificações sugeridas por Vasconcelos (2008), Chaves *et al.* (2015) e Oswald *et al.* (2025) para as espécies restritas aos campos rupestres e de altitude ocorrentes nos topos de serras e chapadas do leste brasileiro.

Para a obtenção das informações acerca do *status* de ameaça das espécies, consultou-se, em nível estadual, a Deliberação Normativa do COPAM (Conselho Estadual de Política Ambiental) nº 147, de 30 de abril de 2010 (COPAM, 2010). No âmbito nacional, utilizou-se a lista apresentada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2022). A análise da ameaça na esfera global foi baseada na lista da *International Union for Conservation of Nature* (IUCN, 2026).

3. Resultados e Discussão

3.1. Histórico de estudos sobre as aves da Grande BH

Os primeiros naturalistas viajantes que passaram pela região da Grande BH no início do século XIX, estão, de certa forma, vinculados ao evento da fuga da família real portuguesa para o Brasil, em novembro de 1807, e a subsequente publicação do “Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas” por Dom João VI, no ano seguinte, que permitiu a entrada de diversos estudiosos no Brasil

(VANZOLINI, 1996; 2004; SCHWARCZ, 2002; 2008; SÁ, 2014; ROCHA, 2022). Impulsionados pelos estímulos do movimento cultural iluminista, desde o final do século XVIII, esses estudiosos organizavam expedições por iniciativa própria ou financiados por governos estrangeiros, percorrendo extensas áreas em busca de descobertas científicas (ROCHA, 2022).

Assim, ao longo do século XIX, cientistas estrangeiros, com interesse em biodiversidade, amostraram o entorno da atual capital mineira, especificamente o Quadrilátero Ferrífero e a região cárstica de Lagoa Santa (PINTO, 1952). Para cumprir seus objetivos, alguns viajantes organizavam-se em grupos de especialistas em diversas áreas do conhecimento, trabalhando em equipes que reuniam botânicos, zoólogos, médicos, geólogos, espeleólogos, astrônomos, paleontólogos, antropólogos e artistas (ROCHA, 2022). No entanto, em outros casos, os viajantes reuniam mais de uma dessas atribuições, coletando plantas, animais e minerais, ilustrando paisagens e anotando diversas informações sobre a vida social das áreas percorridas (ROCHA, 2022).

O primeiro viajante que passou pela região da Grande BH, em 1817, foi o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), acompanhado em parte do trajeto pelo médico e naturalista alemão Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852). Seguindo um itinerário do Rio de Janeiro em direção ao Norte, Saint-Hilaire esteve em Santa Bárbara e na Serra do Caraça, rumando, posteriormente, para o Distrito Diamantino (HERTER, 1945; PINTO, 1952; SAINT-HILAIRE, 1975; ROCHA, 2022). Em sua viagem de volta, já no ano seguinte, Saint-Hilaire passou por Santa Bárbara, Cocais, Caeté, Serra da Piedade, Sabará, Rio das Velhas, Nova Lima e Rio Acima (HERTER, 1945; PINTO, 1952; SAINT-HILAIRE, 2004). Embora o foco principal do francês fosse as plantas, Saint-Hilaire apresentou alguns relatos sobre animais e há indicações de que tenha coletado espécimes de aves, que teriam sido depositados no *Muséum National d'Histoire Naturelle* (MNHN), em Paris. Esses exemplares nunca foram estudados, talvez por carecerem de etiquetas contendo informações precisas de locais e datas de coleta (PINTO, 1952; VANZOLINI, 1996).

Em 1818, o zoólogo alemão Johann Baptist von Spix (1781-1826), em companhia do médico, botânico e antropólogo, também

alemão, Carl Friedrich Philipp von Martius (1794–1868), passou pela Serra do Caraça, Sabará, Rio Acima, Caeté, Serra da Piedade e Cocais (PINTO, 1952; SPIX; MARTIUS, 1981). A expedição dos dois viajantes bávaros muito contribuiu para a descrição de novas espécies de aves brasileiras (SCHÖNITZER, 2022), no entanto, o material tipo, depositado no *Zoologische Staatssammlung* (ZSM), em Munique (ROSELAAR, 2003), carece de procedências exatas (HELLMAYR, 1906; REICHHOLF, 1983). Mesmo nas obras originais de Spix (1824, 1825), as localidades das espécies de aves descritas são mencionadas, na maioria dos casos, apenas de maneira genérica, tais como “*in campis Minas Geraës*”, “*in provincia Minas Geraës*” e “*in interiore Minas Geraës*”, dentre outras formas imprecisas, não sendo possível rastrear se os espécimes foram coletados dentro dos limites da Grande BH.

Outro naturalista alemão, Friedrich Sellow (1789–1831), esteve no estado de Minas Gerais em duas expedições, entre 1818 e 1831, ano em que morreu afogado no Rio Doce (ROCHA, 2022). Em território brasileiro, acompanhou outros estudiosos estrangeiros, a exemplo do barão Langsdorff, do Príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied (1782–1867), de Georg Wilhelm Freyreiss (1789–1825), de Ignaz von Olfers (1793–1871) e de Saint-Hilaire (ROCHA, 2022). Na companhia de Olfers, Sellow iniciou sua primeira expedição a Minas Gerais, entre setembro de 1818 e maio de 1819, passando pelas seguintes localidades nos arredores da atual capital mineira: Santa Bárbara, Serra do Caraça, Serra da Piedade, Sabará e Rio das Velhas (HERTER, 1945; STRESEMANN, 1948; PINTO, 1952; REGO *et al.*, 2013; ROCHA, 2022). Na segunda expedição a Minas Gerais, em 1830, Sellow passou novamente pela Serra do Caraça (ROCHA, 2022). A coleção de aves de Sellow, enviada principalmente ao *Museum für Naturkunde* (ZMB), em Berlim, incluía 5.457 exemplares (STRESEMANN, 1948; ROSELAAR, 2003). Infelizmente, grande parte deste acervo foi submetida à venda ou permutas e a maioria dos exemplares foi destituída de seus rótulos originais pelo então curador do ZMB, Martin Hinrich Carl Lichtenstein (1780–1857). Lamentavelmente, esta lacuna gerada impossibilitou o uso de tal coleção para análises quanto à procedência dos espécimes (PINTO, 1952; PACHECO; WHITNEY, 2001; STEINHEIMER, 2008; REGO *et al.*, 2013).

Conforme acima mencionado, Langsdorff já havia adentrado Minas Gerais junto de Saint-Hilaire no ano de 1817, não indo, porém, além da Serra do Caraça. Posteriormente, entre 1824 e 1825, o barão executou uma importante expedição ao interior de Minas, financiada pelo czar da Rússia, Alexandre I (1777-1825) (ROCHA, 2022). Sua expedição contou com a participação do zoólogo francês Jean-Maurice Édouard Ménétriès (1802-1861), do botânico alemão Ludwig Riedel (1790-1861), do astrônomo e cartógrafo russo Nester Gavriilovitch Rubtsov (1799-1874) e do pintor alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) (PINTO, 1952; KOMISSAROV, 1988; 1996; SILVA, 1997). Durante os meses de setembro e outubro de 1824, a expedição de Langsdorff passou pelas seguintes localidades da área abrangida pelo presente estudo: Brumal, Serra do Caraça, Gongo Soco (no atual município de Barão de Cocais), Caeté, Serra da Piedade, Sabará, Santa Luzia, Lagoa Santa e Fazenda Jaguará (SILVA, 1997). A expedição seguiu até o Distrito Diamantino. Em janeiro de 1825, em retorno para o Rio de Janeiro, os expedicionários atravessaram novamente o recorte geográfico alvo do presente estudo, passando por Santa Luzia, Taquaraçu de Minas, Cocais, Gongo Soco, Brumal e Caraça (SILVA, 1997). Apesar da coleta de várias aves serem citadas nos diários de Langsdorff nos trajetos de ida e volta, seus resultados zoológicos foram pouco aproveitados (VANZOLINI, 1996). Isso porque a maior parte dos espécimes foi enviada ao *Zoologicheskii Institut* da Academia Russa de Ciências (ZISP), em São Petersburgo (ROSELAAR, 2003), ficando aos cuidados de Ménétriès, que, em 1826, assumiu a curadoria das coleções zoológicas daquela instituição (PACHECO, 2004). No entanto, a organização dos dados deste material por Ménétriès foi bastante confusa, havendo erros de informação sobre as localidades de coleta de várias aves, tanto na rotulagem dos espécimes (PACHECO, 2004), quanto em sua monografia sobre a família “Myiotherinae” (MÉNÉTRIÈS, 1835).

O botânico, geólogo e paleontólogo inglês Charles James Fox Bunbury (1809-1886) passou pela Grande BH entre junho de 1834 e janeiro de 1835. Bunbury esteve em Santa Bárbara, Cocais, Gongo Soco e Caeté (BUNBURY, 1981; ROCHA, 2022). Embora não tenha sido mencionado por Pinto (1952) em sua “súmula histórica” da

ornitologia mineira, Bunbury apresentou relatos de aves ao longo de seu itinerário, algumas das quais podem ser identificadas de acordo com suas descrições.

O dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880) talvez tenha sido o naturalista que mais contribuiu para o conhecimento pretérito da avifauna da Grande BH, não apenas por suas coletas, mas por ter recebido visitas de outros pesquisadores que também efetuaram importantes registros na região de Lagoa Santa e municípios adjacentes. Lund veio ao Brasil pela primeira vez em dezembro de 1825, tendo coletado na então província do Rio de Janeiro, entre 1826 e 1829 (PINTO, 1950; 1952; KRABBE, 2007). Em janeiro de 1829, retornou à Europa, voltando definitivamente para o Brasil em 1833, saindo do Rio de Janeiro e adentrando o estado de São Paulo, na companhia do botânico Ludwig Riedel (PINTO, 1950; ROCHA, 2022). Lund atravessou diversas regiões do interior paulista e do sertão de Minas Gerais até chegar à Lagoa Santa, em outubro de 1835, onde se fixou até sua morte, em 1880 (PINTO, 1950; 1952; SCHØLLHAMMER, 2002; KRABBE, 2007; HOLTEN; STERLL, 2011; MARCHESOTTI, 2011; 2025). Além de ter encontrado importante material de aves fósseis nas grutas calcárias da região (WINGE, 1888; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2020), Lund coletou 1.662 espécimes de aves recentes no Brasil, sendo a maioria taxidermizada e remetida ao NHMD (ROSELAAR, 2003; KRABBE, 2007). A maior relevância deste material é que, pela primeira vez na área abrangida pelo presente estudo, teve-se as localidades de coleta devidamente atribuídas aos espécimes (KRABBE, 2007).

Durante três visitas a Lund em Lagoa Santa, nos anos de 1847, entre 1850 e 1852 e entre 1854 e 1855, o zoólogo dinamarquês Johannes Theodor Reinhardt (1816-1882) coletou cerca de 800 espécimes de aves, especialmente nos arredores de Lagoa Santa e de Sete Lagoas, que também foram enviados ao NHMD (PINTO, 1950; 1952; ROSELAAR, 2003; KRABBE, 2007; MARCHESOTTI, 2011; 2025). Analisando o material por ele mesmo coligido, junto da coleção de aves obtida por Lund, Reinhardt publicou o primeiro trabalho sobre as aves do Cerrado brasileiro, no qual fez detalhados apontamentos sobre as localidades de coleta, os ambientes e os comportamentos das espécies (REINHARDT, 1870).

Outro importante naturalista que visitou Lund foi o alemão Carl Hermann Conrad Burmeister (1807–1892) (PINTO, 1952; HOLTEN; STERLL, 2011; MARCHESOTTI, 2011; 2025). Durante o mês de maio de 1851, Burmeister passou por Congonhas do Sabará (atual Nova Lima), Sabará e Santa Luzia. Ainda nesse mês, chegou em Lagoa Santa, onde se encontrou com Lund e Reinhardt, efetuando importantes coletas de exemplares de aves naquela localidade e, também, em Sete Lagoas (BURMEISTER, 1856a; b; 1980). Em Lagoa Santa, Burmeister permaneceu até julho daquele ano para se recuperar de um acidente que sofrera cavalgando (PINTO, 1952; BURMEISTER, 1980). Em seu itinerário de retorno para o Rio de Janeiro, deteve-se em Nova Lima até novembro, quando seu filho, de 15 anos de idade, coletou mais espécimes de aves (BURMEISTER, 1856a; b; 1980). O material ornitológico coletado por Burmeister, depositado no IZH (ROSELAAR, 2003; SCHNEIDER *et al.*, 2007), nunca havia sido levantado em detalhes e é aqui divulgado de forma inédita para a região da Grande BH, totalizando 136 exemplares oriundos de Lagoa Santa, Sete Lagoas e Nova Lima (antiga Congonhas [do Sabará]). Apesar de Sick (1997) sugerir que os relatos de Burmeister sejam “compilados e não seguros”, uma avaliação de sua obra original (BURMEISTER, 1856a; b) e do material coletado revelaram o contrário, com os poucos erros de localidade decorrentes da obtenção de material com procedência duvidosa, adquirido em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, do mercador de história natural Carl Heinrich Besccke (1798–1851), e de uma possível troca de algumas etiquetas de peles que foram remontadas por um preparador do IZH (Frank D. Steinheimer, comunicação pessoal). As descrições de Burmeister são bastante fidedignas ao comportamento da maioria das espécies mencionadas e a maior parte do material brasileiro tem procedência condizente com sua distribuição geográfica conhecida.

Em 1865, os seguintes membros da Expedição Thayer, liderada pelo suíço Louis Agassiz (1807–1873), a serviço do MCZ, também estiveram em Lagoa Santa, em visita a Lund: o geólogo e paleontólogo Orestes Hawley St. John (1841–1921), o zoólogo Joel Asaph Allen (1838–1921), o preparador George Sceva (?–?) e o voluntário Thomas Ward (1884–1940) (DICK, 1977; HOLTEN; STERLL, 2011; MARCHESOTTI, 2011; ANTUNES *et al.*, 2016). O objetivo desta parte da expedição

era obter material fóssil nas grutas da região. Consta que Sceva e Allen coletaram exemplares de aves e mamíferos (DICK, 1977). Infelizmente, Sceva não era hábil na preparação de espécimes, tendo armazenado muitas aves em aguardente, que sofreram rápido processo de putrefação e foram descartadas, sendo enterradas no quintal de Foulon, um francês vizinho de Lund em Lagoa Santa (HOLTEN; STERLL, 2011). Os poucos espécimes remanescentes foram depositados no MCZ (DICK, 1977).

A longa expedição efetuada pelo naturalista inglês a serviço da França, Francis de Laporte Castelnau (1810-1880), que atravessou a América do Sul do Rio de Janeiro a Lima e, depois, de Lima a Belém, entre os anos de 1843 e 1847, passou por Nova Lima, Sabará e pelo arraial do Curral del-Rei (atual Belo Horizonte), entre dezembro de 1843 e janeiro de 1844 (PINTO, 1952; ROCHA, 2022). Castelnau foi acompanhado pelo zoológico e preparador Émile Deville (1824-1853), pelo médico e botânico Hugh Algernon Weddel (1819-1877) e pelo engenheiro de minas Victor Eugène Hulot d'Osery (1819-1846), estando os dois primeiros responsáveis pela coleta e preparação do material biológico (ROCHA, 2022). Pinto (1952) ressalta a falta de qualquer registro ornitológico desta expedição em solo mineiro, embora seja necessário consultar as coleções do MNHN e do Museu de Zoologia da Universidade de Liège (Bélgica), para onde as aves de Castelnau foram enviadas (LONEUX, 2005; ROCHA, 2022), visando checar a existência de espécimes coletados na área de estudo. No entanto, com base na recente redescoberta de uma espécie de peixe na Lagoa da Pampulha (em Belo Horizonte), descrita por Castelnau sem localidade precisa – “*des rivièrre de la province des Mines*” (ZAWADZKI *et al.*, 2019), é possível que algumas localidades referidas aos espécimes de aves também sejam impossíveis de serem rastreadas com exatidão.

Entre junho e agosto de 1867, o polímata e explorador britânico Richard Francis Burton (1821-1890) esteve de passagem por Nova Lima, arraial do Curral del-Rei, Raposos, Morro Vermelho (distrito de Caeté), Roça Grande (distrito de Sabará), Caeté, Gongo Soco, Cocais, Brumal e Santa Bárbara, descendo posteriormente o Rio das Velhas, quando passou por Sabará, Santa Luzia, Jaguará (no atual município de Matozinhos) e Lagoa Santa (BURTON, 1976; 1977;

MARCHESOTTI, 2011; 2025). Nas narrativas do viajante, há menções de algumas aves observadas ao longo desse itinerário. No entanto, Burton parecia estar muito mais atento aos aspectos geológicos e mineralógicos do Brasil do que aos elementos da fauna e da flora.

Nos anos de 1872 e 1873, a ilustradora inglesa Marianne North (1830–1890), viajando do Rio de Janeiro ao interior de Minas Gerais, esteve em Morro Velho (na atual Nova Lima), Sabará, Caeté e Gongo Soco, seguindo em direção à Lagoa Santa para visitar Lund (SYMONDS, 1894; DICKENSON, 2000; GAZZOLA, 2008; MARCHESOTTI, 2011; 2025; GOMES, 2025). Tanto em suas ilustrações, reproduzidas por Bandeira (2012), quanto em seu diário de viagem, editado por sua irmã (SYMONDS, 1894; MOON, 1978), é possível obter alguns registros de aves desta região.

Fechando o século XIX e iniciando o seguinte, destacam-se as contribuições do entomólogo francês Pierre Emille Gounelle (1850–1914), que esteve na Serra do Caraça em abril de 1899 e em junho de 1903, coletando beija-flores (GOUNELLE, 1909; PINTO, 1952). Alguns espécimes foram encontrados no MZUSP e no AMNH (REZENDE; VASCONCELOS, 2017), mas é provável que a maior parte do material tenha sido depositada no MNHN. O artigo publicado por Gounelle (1909) sobre beija-flores brasileiros foi bastante inovador por informar os habitats destas aves, assim como suas dietas e distribuições altitudinais.

No início do século XX, houve uma lacuna temporal na amostragem da avifauna na Grande BH, com apenas 15 espécimes obtidos por um ou mais coletores obscuros, sem data específica, em “Jaguara, Rio das Velhas”. Este material encontra-se depositado no MNRJ e a localidade corresponde à Fazenda Jaguara, localizada possivelmente no atual município de Matozinhos (CARRARA *et al.*, 2018).

Foi apenas entre fevereiro e abril de 1942 que o zoólogo brasileiro Herbert Franzoni Berla (1912–1985) esteve em Lagoa Santa coletando aves, a serviço do MNRJ (PACHECO; PARRINI, 1999). Este material, correspondente a 110 exemplares checados na coleção do MNRJ, representa uma importantíssima contribuição ao conhecimento temporal da avifauna de Lagoa Santa, já que a década de 1940 situa-se temporalmente entre o século XIX, quando Lund e vários colaboradores fizeram rica documentação da avifauna, e

o século XXI, que apresenta um volume enorme de informações oriundas de publicações e registros postados na plataforma de ciência cidadã WikiAves.

Nas décadas de 1950 e 1960, destacaram-se os esforços do naturalista brasileiro Augusto Ruschi (1915–1986) e do alemão Rolf Grantsau (1928–2015), interessados principalmente nos beija-flores (RUSCHI, 1962; 1963a; b; GRANTSAU, 1967; 1968; VASCONCELOS, 2001). Ambos coletaram espécimes em Belo Horizonte e municípios adjacentes (Caeté, Itatiaiuçu, Nova Lima, Itabirito, Jaboticatubas e Santa Bárbara) entre os anos de 1959 e 1970. As aves coletadas por Ruschi foram depositadas majoritariamente no MBML. A coleção particular de Grantsau foi doada ao MZUSP após o seu falecimento. No entanto, exemplares coletados pelos dois naturalistas também foram encontrados no AMNH, incluindo espécimes-tipo, ou seja, aqueles usados nas descrições de novos táxons (VASCONCELOS; PACHECO, 2012).

Ainda na década de 1960 e em meados da seguinte, o coletor e taxidermista profissional Emílio Dente (1919–1995) realizou algumas expedições à região da Grande BH. Dente enviou material para vários museus do Brasil e as aves coletadas por ele na Grande BH são oriundas dos seguintes municípios: Belo Horizonte, Rio Acima, Pedro Leopoldo e Santa Bárbara. A maioria desses exemplares encontra-se depositada nas coleções do DZUFMG e do MZUSP. Infelizmente, parte dos espécimes coletados por Dente (e por outros coletores) na área de estudo foi perdida durante um incêndio ocorrido no dia 15 de junho de 2020 no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFGM), em Belo Horizonte (TONINI *et al.*, 2020).

Entre os anos de 1973 e 1979, diversos pesquisadores vinculados à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), especialmente o professor Ivan Sazima (1942–), efetuaram amostragens de campo no municípios de Jaboticatubas (Serra do Cipó) e Lagoa Santa. Todo o material avifaunístico coletado, totalizando aproximadamente 80 exemplares, foi depositado no ZUEC.

A década de 1970 e o início da seguinte representaram um importante marco para o conhecimento das aves da Grande BH, com os levantamentos de campo coordenados pelo professor Ney Eni

Demas Carnevalli (1938–2002 – Figura 2), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Carnevalli iniciou a montagem da atual coleção de aves dessa instituição, ainda no MHNJB–UFMG, quando o curso de Ciências Biológicas era ministrado naquela unidade. Reunindo o material coletado por sua equipe, e com a importante colaboração dos coletores e preparadores Geraldo Theodoro Mattos (1935–) e José Jacintho (?–?), a coleção ultrapassou os 2.500 exemplares até o final da década de 1970 (STRAUBE; MACHADO, 2002; TONINI *et al.*, 2020). O material, coligido principalmente em Minas Gerais, inclui muitos espécimes de Belo Horizonte e municípios adjacentes, a exemplo de Pedro Leopoldo e Matozinhos. Ao final da década de 1970, com a transferência do curso de Ciências Biológicas da UFMG para o *campus* da Pampulha, Carnevalli levou a maior parte da coleção (principalmente aves da ordem Passeriformes) para as novas instalações do Instituto de Ciências Biológicas (ICB). Por questões burocráticas e divergências entre departamentos, Carnevalli não conseguiu resgatar o restante da coleção no MHNJB–UFMG. Assim, infelizmente, uma importante parcela de cerca de 350 espécimes – a maioria “não–passeriformes” – acabou ficando esquecida no MHNJB–UFMG por décadas e foi totalmente perdida com o mencionado incêndio que acometeu aquela unidade em 2020 (TONINI *et al.*, 2020). Carnevalli formou novas gerações de ornitólogos, incluindo Mauro Guimarães Diniz (1956–), Sônia Elias Rigueira (1958–), Anamaria Achtschin Ferreira (1959–2019), Ricardo Bomfim Machado (1962–), Livia Vanucci Lins (1963–), Ivana Reis Lamas (1963–), Henrique Rocha Nobre (196?–), Alexander Brandt (1963–1990), Luzimara Brandt (196?–), Tadeu Artur de Melo Júnior (1967–), Luís Fábio Silveira (1974–) e o primeiro autor deste capítulo (1974–). Carnevalli também publicou, junto de sua equipe, os primeiros levantamentos de aves da capital mineira e seus arredores, incluindo a Serra do Caraça (CARNEVALLI, 1980), o *campus* da UFMG (CARNEVALLI; RIGUEIRA, 1982) e a Lagoa da Pampulha (RIGUEIRA *et al.*, 1982). Após a aposentadoria de Carnevalli, a curadoria da coleção DZUFMG foi assumida pelas professoras substitutas Livia Vanucci Lins e Ivana Reis Lamas, entre os anos de 1994 e 1998, quando o professor Marcos Rodrigues (1964–) foi efetivado no cargo de ornitólogo do Departamento de Zoologia da UFMG (ver adiante).



Figura 2. Ney Eni Demas Carnevalli (à direita) organizando o acervo da coleção ornitológica da Universidade Federal de Minas Gerais, década de 1980. Foto: Anônimo – Boletim Especial do Instituto de Ciências Biológicas – UFMG (1984).

No início da década de 1980, os professores Germán Arturo Bohórquez Mahecha (1946–) e José Enemir dos Santos (1956–), da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), deram início a uma coleção de aves naquela instituição, que resultou na formação do MCNA. Na década seguinte, o professor Bruno Garzon Oliveira Câmara (1964–), assumiu a curadoria do acervo, dando continuidade às coletas até o ano de 2011, quando a coleção já abrigava quase 1.000 exemplares. A partir daquele ano, o primeiro autor deste capítulo tornou-se o curador do MCNA, investindo na obtenção de mais exemplares oriundos da área de estudo, principalmente do município de Santa Bárbara, e de outras regiões do Brasil, totalizando mais de 7.000 espécimes. Juntando informações coletadas pelos professores José Enemir dos Santos e Bruno Garzon

Oliveira Câmara desde a década de 1980 e registros mais recentes, da década de 2010, Vasconcelos *et al.* (2013) apresentaram um estudo sobre extinções e colonizações no *campus* da PUC Minas, na cidade de Belo Horizonte.

Nas décadas de 1980 e 1990, o extinto Clube de Observadores de Aves de Belo Horizonte (COA-BH), liderado pela professora Maria Ignez Ferolla (1935–2013), também realizou importantes contribuições ao estudo da avifauna da capital mineira e seus arredores. Um de seus integrantes, o biólogo Marco Antônio de Andrade (1961–), publicou registros de aves ameaçadas de extinção nessa região (ANDRADE *et al.*, 1983; 1996; 1998; ANDRADE, 1991), além de ter estudado aspectos biológicos e reprodutivos de algumas espécies (ANDRADE, 1989; 1995; 1996; ANDRADE; ANDRADE, 1998). Marco Antônio de Andrade também publicou o primeiro guia de campo para as aves do estado de Minas Gerais, incluindo registros efetuados na Grande BH (ANDRADE, 1997). No mesmo contexto do COA-BH, o biólogo Tadeu Artur de Melo Júnior, também integrante da equipe de Carnevalli (UFMG), fez importantes contribuições à ornitologia da região, incluindo observações sobre espécies ameaçadas (MELO–JÚNIOR, 1996), o estudo de uma coruja na área urbana da capital (MELO–JÚNIOR *et al.*, 1996) e o primeiro levantamento das aves da região da Serra do Cipó, publicado no início da década seguinte (MELO–JÚNIOR *et al.*, 2001). Também integrantes do COA-BH, os biólogos Luís Fábio Silveira e Henrique Rocha Nobre estudaram a biologia do cuitelão (*Jacamaralcyon tridactyla*), espécie pouco conhecida e endêmica da Mata Atlântica, em um parque urbano de Contagem (SILVEIRA; NOBRE, 1998).

O panorama de estudos científicos das aves da Grande BH ampliou-se de maneira exponencial a partir de meados da década de 1990, com o ingresso, na UFMG, dos professores Miguel Ângelo Marini (1963–) e Marcos Rodrigues (1964–). Marini atuou no setor de Ecologia, do Departamento de Biologia Geral do ICB, entre 1995 e 2001. Rodrigues ingressou no Departamento de Zoologia do mesmo instituto em 1998 e atua como professor e orientador até o presente. Vinculados a programas de pós-graduação em Ecologia (ambos) e Zoologia (apenas Rodrigues) da UFMG, esses pesquisadores formaram uma ampla gama de profissionais que

atuaram em diversos campos da ornitologia, incluindo história natural, ecologia, conservação, taxonomia e biogeografia. Como consequência, o número de publicações, a partir do início do século XXI, perfaz mais da metade de toda a bibliografia consultada, sendo a maioria publicada pelos alunos destes professores, além dos orientados de seus ex-alunos que, por sua vez, também se tornaram professores em outras instituições, a exemplo de Leonardo Esteves Lopes (1979-), da Universidade Federal de Viçosa – *campus Florestal* (UFV-CAF).

Marini e seus alunos concentraram esforços em áreas de mananciais da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), localizadas nos municípios de Belo Horizonte e Nova Lima. Dentre seus orientandos, destacaram-se Marcos Maldonado Coelho (1972-), que estudou a composição de bandos mistos de aves (MALDONADO-COELHO; MARINI, 2000); Carlos Eduardo Alencar Carvalho (1974-), com um estudo sobre rapinantes diurnos ao longo de um gradiente de urbanização (CARVALHO; MARINI, 2007); Thaís Maya Aguilar (197?-), que investigou a biologia reprodutiva de diversas espécies (AGUILAR *et al.*, 1999; 2000; MARINI *et al.*, 2007); Renata Durães (1975-), que pesquisou a dieta e os ciclos de muda e reprodução de aves (MARINI; DURÃES, 2001; DURÃES; MARINI, 2005); Tadeu José Guerra (1978-), que estudou interação entre aves frugívoras e ervas de passarinho (GUERRA; MARINI, 2002); e Charles Gladstone Duca Soares (1970-), que mapeou territórios de aves florestais (DUCA; MARINI, 2005; DUCA *et al.*, 2006).

Já os trabalhos efetuados pela equipe de Rodrigues dentro dos limites da Grande BH concentraram-se nas partes baixas do Parque Nacional da Serra do Cipó (RODRIGUES *et al.*, 2005). De seus egressos, citam-se os estudos de Luciene Faria (1977-) e Lucas Carrara (1976-), sobre a biologia de representantes da família Furnariidae (CARRARA; RODRIGUES, 2001; RODRIGUES; CARRARA, 2004; FARIA *et al.*, 2007a; b; 2008; 2012); de Henrique Belfort Gomes (1977-), sobre novos limites geográficos para *Eucometis penicillata* – pipirada-taoca (RODRIGUES; GOMES, 2004); de Diego Hoffmann (1980-), a respeito da biologia de aves dos campos rupestres (HOFFMANN *et al.*, 2007; 2009a; b; 2010); do primeiro autor deste capítulo, com o estudo da distribuição das aves dos topos de serras do leste

brasileiro (VASCONCELOS; RODRIGUES, 2010); de Uschi Wischhoff (199?-) e Fernando Marques Santos (199?-), sobre a biologia de *Microspingus cinereus* – capacetinho-do-oco-do-pau (WISCHHOFF *et al.*, 2012; 2014; MARQUES-SANTOS *et al.*, 2014); e de Tulaci Bhakti (1985-), que fez importantes pesquisas sobre a ecologia de aves urbanas em Belo Horizonte (BHAKTI *et al.*, 2020; 2023). Também se destacam os estudos de levantamento da avifauna executados por outros alunos de Rodrigues na Lagoa do Sumidouro (RODRIGUES; MICHELIN, 2005), na Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental de Peti (FARIA *et al.*, 2006) e na Mata Samuel de Paula (FERREIRA *et al.*, 2009). Vale ressaltar que Rodrigues abriu as portas do DZUFMG para que seus alunos e egressos trabalhassem na coleção e, com a parceria do primeiro autor deste capítulo, de Leonardo Esteves Lopes, Lílian Mariana Costa (1983-), Guilherme Henrique Silva de Freitas (1983-), Anderson Vieira Chaves (1982-), Leonardo Silva Marujo (2001-) e Camille Aleixo Hoffmaster (1997-), o acervo ultrapassou os 7.500 exemplares, tornando-se a maior coleção ornitológica do estado de Minas Gerais, com alta representatividade de espécimes da área de estudo.

Além dos estudos decorrentes das equipes dos professores Marini e Rodrigues, diversos pesquisadores independentes também estudaram as aves de Belo Horizonte e seus arredores no século XXI, tendo publicado, dentre várias contribuições, importantes levantamentos regionais e estudos ecológicos (e.g., PIMENTA *et al.*, 2007; DORNAS; FIGUEIRA, 2012; MAFIA *et al.*, 2012; MARIANO, 2017; SALVADOR-JR. *et al.*, 2020).

Nas duas últimas décadas, o conhecimento sobre a distribuição das aves na Grande BH contou bastante com a contribuição não apenas de ornitólogos profissionais, mas, também, de amadores. Em 2006, Guto Carvalho (1962-) criou o “Avistar Brasil”, evento de periodicidade anual, realizado na capital paulista e voltado para a observação de aves. Em anos subsequentes, o Avistar também foi representado por eventos regionais em outras cidades brasileiras, inclusive Belo Horizonte. Em dezembro de 2008, Reinaldo César Guedes (1979-) criou o WikiAves, uma plataforma de ciência cidadã com o objetivo de compartilhar fotos e gravações de vozes das aves, principalmente do Brasil (ALEXANDRINO, 2024). Essa plataforma

também apresenta textos curtos e mapas de distribuição geográfica das espécies, além de ferramentas de busca por espécies e por localidades. Ambas as iniciativas (Avistar e WikiAves) criaram uma nova realidade na observação de aves no país, já que esta atividade ocorria de maneira bem tímida e restrita aos Clubes de Observadores de Aves (COAs). Assim, nos últimos 15 anos, milhares de brasileiros se engajaram nesse tipo de atividade, muitos dos quais se interessaram em “coleccionar” registros fotográficos que são uma fonte de alta relevância para o conhecimento da distribuição das aves no país e para diversas pesquisas, a exemplo de migrações e história natural (ALEXANDRINO, 2024). Como exemplo, dos 22.275 registros de aves compilados para a presente análise, incluindo informações de museus e de bibliografia, as fotos e gravações do WikiAves perfazem quase a metade, com 10.104 registros.

Estas iniciativas ocorreram aproximadamente na época da fundação da ECOAVIS (um “substituto ecológico” em escala temporal do extinto COA-BH), fundado por José Celso Ribeiro Vilela de Oliveira (1982-) e mais 22 interessados em observação de aves em Belo Horizonte, no final de 2008. Os associados da ECOAVIS, já na toada da “nova onda” propulsionada pelo WikiAves e pelo Avistar, em muito contribuíram com novos registros de aves da Grande BH, incluindo uma publicação (PEDERSOLI *et al.*, 2010).

É importante destacar que, a partir da publicação da Resolução CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986, que “dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para a avaliação de impacto ambiental” (CONAMA, 1986), foram produzidas centenas de estudos de consultoria ambiental na Grande BH. Entretanto, a contribuição desses estudos para o conhecimento da avifauna regional foi praticamente nula. Isto porque a maior parte dos relatórios simplesmente “desapareceu” nas empresas contratantes e seu acesso nos órgãos ambientais é extremamente difícil e burocrático. Para agravar a situação, os resultados desses estudos quase nunca são publicados, uma vez que as empresas incluem cláusulas contratuais impedindo a divulgação dos dados por parte dos profissionais (VASCONCELOS, 2006). Além disso, muitos trabalhos são feitos por profissionais inexperientes, contendo identificações errôneas e questionáveis (VASCONCELOS, 2006; VASCONCELOS; STRAUBE, 2006; STRAUBE *et al.*, 2010). Por

fim, ao contrário de outros grupos faunísticos, a exemplo de peixes e insetos, quase não houve coleta de exemplares de aves nesses estudos, o que minimamente serviria como testemunho da presença das espécies nas áreas que foram afetadas por empreendimentos na Grande BH, ao longo das últimas quatro décadas.

3.2. As aves da Grande BH

3.2.1. Riqueza e composição geral da avifauna

A compilação de dados sobre as aves da Grande BH, envolvendo o recorte temporal do século XIX ao XXI, totalizou 573 espécies com registros aceitos (Apêndice III). Esta riqueza é bastante expressiva, já que representa cerca de 70% da avifauna mineira (MATTOS *et al.*, 1993; WIKIAVES, 2025) e 30% do total de espécies registrado em território nacional (PACHECO *et al.*, 2021). Embora não seja possível fazer comparações diretas com outras metrópoles brasileiras, por possuírem áreas e características fisiográficas muito distintas, a riqueza de espécies de aves estimada para a Grande São Paulo gira em torno de 400 a 650 espécies (DEVELEY; ENDRIGO, 2004; SCHUNCK *et al.*, 2024; Fábio Schunck, comunicação pessoal). Na Grande Belém há o registro de 482 espécies (NOVAES; LIMA, 1998) e, apenas no município de Curitiba (sem se considerar sua região metropolitana), foram reportadas 418 espécies (STRAUBE *et al.*, 2014; SILVA-JÚNIOR *et al.*, 2023). Logo, a riqueza obtida na presente compilação encontra-se dentro do esperado, quando comparada com outras grandes regiões metropolitanas brasileiras.

A Grande BH também abriga uma importante parcela de espécies endêmicas, isto é, restritas a algumas regiões geográficas. Considerando-se todo o conjunto de dados, foram registradas 89 espécies endêmicas da Mata Atlântica (Apêndice III), o que representa 40% de todas as espécies restritas a esse domínio fitogeográfico (VALE *et al.*, 2018). Das 15 espécies endêmicas do Cerrado (LOPES *et al.*, 2025), excetuando-se as dos campos rupestres, três já foram encontradas na área de estudo (Apêndice III): *Nothura minor* – codorna-mineira, *Geositta poeciloptera* – andarilho e *Arremon flavirostris* – tico-tico-de-bico-amarelo.

Embora o Cerrado seja relativamente pobre em espécies endêmicas na área de estudo, o mesmo não ocorre com aque-

las restritas aos campos rupestres e de altitude, com a presença de sete espécies na Grande BH (Apêndice III): *Augastes scutatus* – beija-flor-de-gravata-verde, *Campylopterus diamantinensis* – asa-de-sabre-do-espinhaço, *Cinclodes espinhacensis* – pedreiro-do-espinhaço, *Asthenes luizae* – lenheiro-da-serra-do-cipó, *Asthenes moreirae* – garrincha-chorona, *Polystictus superciliaris* – papa-moscas-de-costas-cinzentas e *Embernagra longicauda* – rabo-mole-da-serra. No recorte geográfico abrangido pelo presente estudo, a garrincha-chorona está restrita aos pontos mais elevados da Serra do Caraça (no Pico da Canjerana, município de Santa Bárbara), ao passo que o pedreiro-do-espinhaço e o lenheiro-da-serra-do-cipó ocorrem apenas na porção nordeste da Grande BH, nos limites meridionais da Serra do Cipó (municípios de Jaboticatubas e Nova União).

Quatro aves típicas da Caatinga também foram registradas na Grande BH (Apêndice III). Duas espécies (*Sakesphoroides cristatus* – choca-do-nordeste e *Compsothraupis loricata* – tiê-caburé) parecem estar em processo de expansão geográfica devido às alterações ambientais. Outras duas (*Icterus jamacaii* – corrupião e *Paroaria dominicana* – cardeal-do-nordeste) podem estar também associadas às alterações ambientais ou serem oriundas de solturas e/ou escape de cativeiro, já que são muito apreciadas como aves de gaiola (SICK, 1997). Apenas o corrupião conta com registros na Grande BH durante o século XIX, sugerindo que as demais espécies colonizaram a região a partir do século XX.

Quarenta e oito espécies registradas na Grande BH encontram-se em algum grau de ameaça nas esferas estadual, nacional ou global (Apêndice III). Dessas, 25% ($n = 12$) têm registros exclusivos para o século XIX, estando provavelmente extintas na região, conforme apontado e discutido a seguir.

Além dos registros aceitos, alguns, representando 32 espécies citadas na bibliografia, foram considerados como errôneos. Esses registros não foram incorporados à lista e carecem de documentação que comprove sua ocorrência na Grande BH, como espécimes de museus, fotografias e/ou gravações de vocalizações. Essas espécies (e suas respectivas fontes bibliográficas) são apresentadas no Apêndice IV.

Outras espécies mencionadas na literatura, embora aceitas na lista geral, não foram consideradas para alguns municípios, por não apresentarem potencial ocorrência geográfica, altitudinal e/ou temporal nesses territórios ou por serem representantes de gêneros de difícil identificação (e.g., *Leptotila*, *Elaenia* e *Myiarchus*). Essas espécies, consideradas duvidosas para suas localidades mencionadas, e suas respectivas fontes bibliográficas, são apresentadas no Apêndice V.

3.2.2. Espécies extintas regionalmente

Um total de 29 espécies de aves foi registrado na Grande BH apenas pelos naturalistas do século XIX, sem qualquer apontamento posterior (Tabela 1). Felizmente, a maior parte desses registros foi documentada por meio de coleta de espécimes que se encontram disponíveis para checagem de sua identificação (e para pesquisas das mais diversas) em museus do exterior, especialmente o NHMD e o IZH. Destas espécies, 11 são endêmicas da Mata Atlântica e duas têm distribuição restrita ao Cerrado (Apêndice III).

Tabela 1. Espécies de aves da Grande BH com registros exclusivos para o século XIX.

Espécie	Nome popular
<i>Rhea americana</i>	ema
<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul
<i>Nothura minor</i>	codorna-mineira
<i>Paraclaravis geoffroyi</i>	pararu-espelho
<i>Dromococcyx phasianellus</i>	peixe-frito
<i>Nyctibius grandis</i>	urutau-grande
<i>Hydropsalis anomala</i>	curiango-do-banhado
<i>Porphyrio flavirostris</i>	frango-d'água-pequeno
<i>Laterallus flaviventer</i>	sanã-amarela
<i>Plegadis chihi</i>	caraúna
<i>Harpia harpyja</i>	gavião-real
<i>Hieraspiza superciliosa</i>	tauató-passarinho
<i>Megascops atricapilla</i>	corujinha-sapo
<i>Glaucidium minutissimum</i>	caburé-miudinho
<i>Selenidera maculirostris</i>	araçari-poca
<i>Picumnus albosquamatus</i>	picapauzinho-escamoso
<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador

[continua](#)

Espécie	Nome popular
<i>Triclaria malachitacea</i>	sabiá-cica
<i>Amazona farinosa</i>	papagaio-moleiro
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	chocão-carijó
<i>Chamaeza campanisona</i>	tovaca-campainha
<i>Geositta poecilopectera</i>	andarilho
<i>Pseudoseisura cristata</i>	casaca-de-couro
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga
<i>Iodopleura pipra</i>	anambezinho
<i>Alectrurus tricolor</i>	galito
<i>Euphonia pectoralis</i>	ferro-velho
<i>Orchesticus abeillei</i>	sanhaço-pardo
<i>Dacnis nigripes</i>	saí-de-pernas-pretas

As seguintes espécies são ameaçadas de extinção em um ou mais níveis (estadual, nacional e/ou global): *Crypturellus noctivagus* – jaó-do-sul (Figura 3), *Nothura minor* – codorna-mineira (Figura 4), *Paraclaravis geoffroyi* – pararu-espelho, *Hydropsalis anomala* – curiango-do-banhado (Figura 5), *Harpia harpyja* – gavião-real, *Glaucidium minutissimum* – caburé-miudinho, *Triclaria malachitacea* – sabiá-cica (Figura 6), *Amazona farinosa* – papagaio-moleiro (Figura 7), *Geositta poecilopectera* – andarilho, *Procnias nudicollis* – araponga (Figura 8), *Iodopleura pipra* – anambezinho e *Alectrurus tricolor* – galito (Figura 9). Uma espécie adicional que poderia ter ocorrido na Grande BH é *Mergus octosetaceus* – pato-mergulhão, que apresenta um registro documentado por um espécime coletado em 1819 no “Rio das Velhas”, por Sellow e Olfers (REZENDE; VASCONCELOS, 2018). Entretanto, a localidade específica não é conhecida e o registro pode ter sido feito fora do recorte geográfico da Grande BH (REZENDE; VASCONCELOS, 2018).



Figura 3. Exemplar de *Crypturellus noctivagus* - jaó-do-sul (NHMD 1787565), coletado por Reinhardt na Lagoa dos Pitos, no atual município de Lagoa Santa, em 1847. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 4. Exemplar de *Nothura minor* - codorna-mineira (NHMD 1787568), coletado por Reinhardt em Lagoa Santa, em 1852. Foto: Oscar Pachá Guerras.

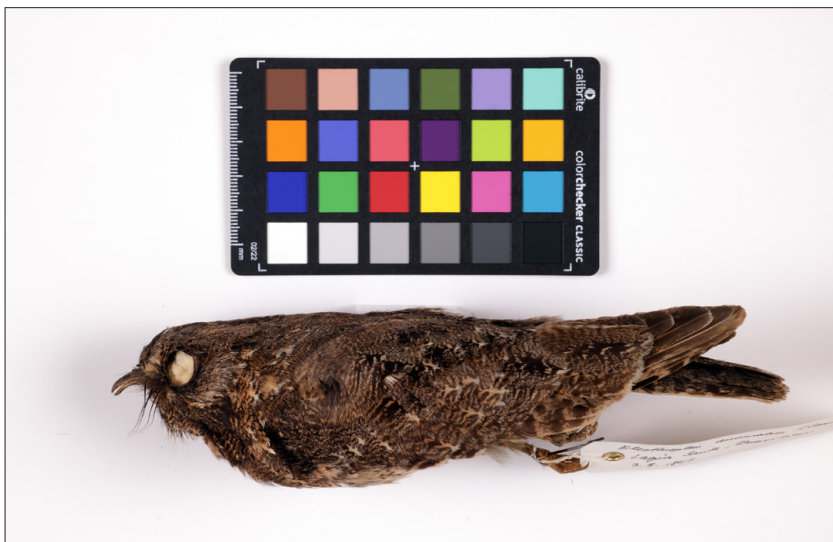


Figura 5. Exemplar de *Hydropsalis anomala* - curiango-do-banhado (NHMD 1732643), coletado por Reinhardt em Lagoa Santa, em 1847. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 6. Exemplar de *Triclaria malachitacea* - sabiá-cica (IZH 8674), coletado por Burmeister em Lagoa Santa, em 1851. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.



Figura 7. Exemplar de *Amazona farinosa* - papagaio-moleiro (IZH 8694), coletado por Burmeister em Lagoa Santa, em 1851. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.



Figura 8. Exemplar de *Procnias nudicollis* - araponga (NHMD 1731286), coletado por Reinhardt em Sete Lagoas, em 1855. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 9. Exemplar de *Alectrurus tricolor* - galito (IZH 3244), coletado por Burmeister em Sete Lagoas, em 1851. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.

Embora as 29 espécies com registros exclusivos ao século XIX tenham exigências ecológicas das mais diversas, é possível diagnosticar os seguintes “grupos de risco” à extinção na Grande BH, com seus respectivos exemplos:

- frugívoros do dossel de florestas úmidas: *Selenidera maculirostris* - araçari-poca (Figura 10), *Triclaria malachitacea* - sabiá-cica, *Amazona farinosa* - papagaio-moleiro, *Procnias nudicollis* - araponga, *Iodopleura pipra* - anambezinho, *Euphonia pectoralis* - ferro-velho (Figura 11) e *Dacnis nigripes* - saí-de-pernas-pretas (Figura 12);
- aves que sofrem pressão de caça: *Rhea americana* - ema, *Crypturellus noctivagus* - jaó-do-sul, *Nothura minor* - codorna-mineira e *Paraclaravis geoffroyi* - pararu-espelho;
- rapinantes florestais: *Harpia harpyja* - gavião-real, *Hieraspiza superciliosa* - tauatô-passarinho (Figura 13), *Megascops atricapilla* - corujinha-sapo e *Glaucidium minutissimum* - caburé-miudinho (Figura 14);
- especialistas em ambientes aquáticos, incluindo brejos: *Hydropsalis anomala* - curiango-do-banhado, *Porphyrio flavivirostris* - frango-d'água-pequeno (Figura 15), *Laterallus flaviventer* - sanã-amarela (Figura 16) e *Plegadis chihi* - caraúna;

- especialistas em vegetações campestres ou savânicas com a presença de capins nativos: *Geositta poecilopectera* – andarilho e *Alectrurus tricolor* – galito.



Figura 10. Exemplar de *Selenidera maculirostris* – araçari-poca (NHMD 1731827), coletado por Reinhardt em Sete Lagoas, em 1855. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 11. Exemplar de *Euphonia pectoralis* – ferro-velho (NHMD 1174724), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1836. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 12. Exemplar de *Dacnis nigripes* - saí-de-pernas-pretas (IZH 8020), coletado por Burmeister em Lagoa Santa, em 1851. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.



Figura 13. Exemplar de *Hieraspiza superciliosa* - tauatô-passarinho (NHMD 873306), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1837. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 14. Exemplar de *Glaucidium minutissimum* - caburé-miudinho (IZH 2930), coletado por Burmeister em Sete Lagoas, em 1851. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.

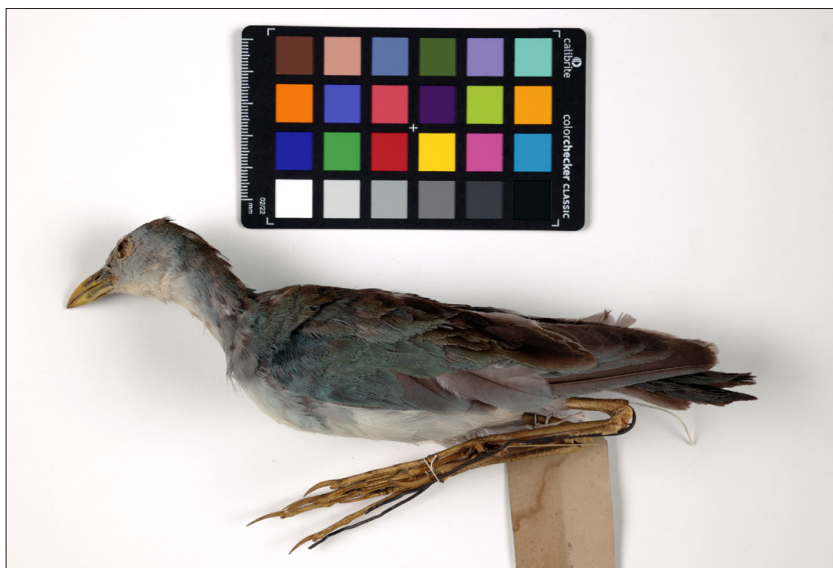


Figura 15. Exemplar de *Porphyrio flavirostris* - frango-d'água-pequeno (NHMD 1732639), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1837. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 16. Exemplar de *Laterallus flaviventer* - sanã-amarela (NHMD 1732640), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1836. Foto: Oscar Pachá Guerras.

Outras espécies que contam com registros na Grande BH até o século XX, mas que ainda não foram detectadas durante o século XXI, são: *Odontophorus capueira* – uru (Figura 17), *Nyctibius aethereus* – urutau-pardo (Figura 18), *Nannochordeiles pusillus* – bacurauzinho, *Melanerpes flavifrons* – benedito-de-testa-amarela (Figura 19), *Pardirallus maculatus* – saracura-carijó, *Ciconia maguari* – maguari, *Thamnophilus pelzelni* – choca-do-planalto, *Laniisoma elegans* – chibante e *Guyramemua affine* – suiriri-da-chapada (Figura 20). Seria prematuro afirmar que todas estas aves estejam extintas na área de estudo, especialmente no caso de espécies noturnas e crepusculares (urutau-pardo e bacurauzinho), além de aves aquáticas (saracura-carijó e maguari), geralmente subamostradas e/ou que realizam deslocamentos sazonais. No entanto, pelo menos no caso do benedito-de-testa-amarela, espécie de fácil detecção vocal e auditiva, que dificilmente não seria registrada pela enorme gama de fotógrafos de aves que contribuem com a plataforma WikiAves no século XXI, supõe-se sua extinção na Grande BH.



Figura 17. Exemplar de *Odontophorus capueira* - uru (IZH 2271), coletado por Burmeister em Lagoa Santa, em 1851. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.



Figura 18. Exemplar de *Nyctibius aethereus* - uratau-pardo (NHMD 1732648), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1841. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 19. Exemplar de *Melanerpes flavifrons* - benedito-de-testa-amarela (NHMD 1731564), coletado por Lund em Sete Lagoas, em 1837. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 20. Exemplar de *Guyramemua affine* - suiriri-da-chapada (MNRJ 23309), coletado por Berla em Lagoa Santa, em 1942. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.

Um dado alarmante detectado durante a análise dos dados compilados é que muitas espécies de aves florestais que ocorriam no Carste de Lagoa Santa durante o século XIX possivelmente desapareceram dessa região entre o final daquele século e a década de 1940, quando Berla realizou suas coletas no município homônimo. Mesmo diante da possibilidade de viés amostral e do fato de que Berla possa não ter tido a oportunidade de coletar exemplares de uma ou mais dessas espécies, a completa ausência de registros destas aves até os dias de hoje sugere que elas estejam extintas no Carste de Lagoa Santa, embora ainda tenham registros atuais para a porção centro-meridional da Grande BH, principalmente na região do Quadrilátero Ferrífero, ao sul da Serra do Curral e, em alguns casos, na vertente leste do divisor de águas, representada pela bacia do Rio Doce. Tais espécies são: *Patagioenas plumbea* – pomba-amargosa (Figura 21), *Geotrygon montana* – pariri (Figura 22), *Nyctiphrynus ocellatus* – bacurau-ocelado (Figura 23), *Heliothryx auritus* – beija-flor-de-bochecha-azul (Figura 24), *Lophornis magnificus* – topetinho-vermelho (Figura 25), *Thalurania glaucopis* – beija-flor-de-fronte-violeta, *Jacamaralcyon tridactyla* – cuitelão, *Ramphastos dicolorus* – tucano-de-bico-verde (Figura 26), *Pteroglossus aracari* – araçari-de-bico-branco (Figura 27), *Veniliornis maculifrons* – pica-pau-de-testa-pintada, *Campephilus robustus*

– pica-pau-rei, *Microstus ruficollis* – falcão-caburé (Figura 28), *Sclerurus scansor* – vira-folha (Figura 29), *Anabazenops fuscus* – trepador-coleira (Figura 30), *Cranioleuca pallida* – arredio-pálido, *Pyroderus scutatus* – pavó (Figura 31), *Phyllomyias virescens* – piolhinho-verdoso (Figura 32), *Turdus flavipes* – sabiá-una (Figura 33), *Trichothraupis melanops* – tiê-de-topete e *Cissopis leverianus* – tietinga (Figura 34). A maioria destas espécies é associada a ambientes florestais mais úmidos da Mata Atlântica, sendo algumas endêmicas desse domínio. Uma vez que a região do Quadrilátero Ferrífero, ao sul da Serra do Curral, recebe maior precipitação do que a da região cárstica (ao norte), os dados sugerem que o processo de extinção dessas espécies esteja se operando, na Grande BH, de norte para sul.



Figura 21. Exemplar de *Patagioenas plumbea* – pomba-amargosa (NHMD 1784535), coletado por Reinhardt em Lagoa Santa, em 1847. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 22. Exemplar de *Geotrygon montana* - *pariri* (NHMD 1732649), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1837. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 23. Exemplar de *Nyctiphrynus ocellatus* - *bacurau-ocelado* (NHMD 1732644), coletado por Reinhardt em Lagoa Santa, em 1852. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 24. Exemplar de *Heliothryx auritus* - beija-flor-de-bochecha-azul (NHMD 1732642), coletado por Reinhardt em Sete Lagoas, em 1852. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 25. Exemplar de *Lophornis magnificus* - topetinho-vermelho (NHMD 1732630), coletado por Reinhardt em Sete Lagoas, em 1855. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 26. Exemplar de *Ramphastos dicolorus* - tucano-de-bico-verde (NHMD 1731838), coletado por Reinhardt em Lagoa Santa, em 1855. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 27. Exemplar de *Pteroglossus aracari* - araçari-de-bico-branco (NHMD 1731843), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1837. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 28. Exemplar de *Micrastur ruficollis* - falcão-caburé (NHMD 876085), coletado por Reinhardt em Lagoa Santa, em 1852. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 29. Exemplar de *Sclerurus scansor* - vira-folha (NHMD 1787570), coletado por Reinhardt em Lagoa Santa, em 1847. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 30. Exemplar de *Anabazenops fuscus* - trepador-coleira (IZH 7014), coletado por Burmeister em Sete Lagoas, em 1851. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.



Figura 31. Exemplar de *Pyroderus scutatus* - pavó (IZH 3276), coletado por Burmeister em Lagoa Santa, em 1851. Foto: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.



Figura 32. Exemplar de *Phyllomyias virescens* - piolhinho-verdoso (NHMD 1731280), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1837. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 33. Exemplar de *Turdus flavipes* - sabiá-una (NHMD 1725936), coletado por Lund em Lagoa Santa, em 1838. Foto: Oscar Pachá Guerras.



Figura 34. Exemplar de *Cissopis leverianus* - tietinga (NHMD 1699692), coletado por Reinhardt em Lagoa Santa, em 1847. Foto: Oscar Pachá Guerras.

3.2.3. Espécies não registradas no século XIX

Um total de 235 espécies de aves não foi registrado pelos naturalistas do século XIX na Grande BH, o que corresponde a aproximadamente 40% do total compilado ao longo do recorte temporal aqui abordado. Embora este resultado possa dar a falsa impressão de que a riqueza da avifauna aumentou na área de estudo ao longo dos últimos séculos, apenas alguns casos parecem estar relacionados a colonizações ou a introduções de espécies. Suspeita-se, assim, que muitas espécies não coletadas pelos naturalistas do século XIX estivessem presentes na área de estudo, mas não foram detectadas por vários motivos. Um deles é que o Quadrilátero Ferrífero, localizado ao sul da Serra do Curral, apresenta maior precipitação pluviométrica e influência da Mata Atlântica em relação à região cárstica de Lagoa Santa, localizada na porção mais setentrional da Grande BH e sob maior influência do Cerrado. Estas distintas características climático-vegetacionais sugerem fortemente que ambas as áreas também diferiam, originalmente, em relação aos componentes bióticos, incluindo as aves. No entanto, os esforços de amostragem entre as duas áreas foram bastante desequilibrados durante o século XIX. Enquanto a região cárstica de Lagoa Santa

experimentou “o efeito Lund”, com a residência daquele naturalista na região por mais de quatro décadas, quando recebeu visitas de outros estudiosos, a maior parte dos viajantes esteve no Quadrilátero Ferrífero apenas de passagem, não tendo a oportunidade de acumular um material tão volumoso quanto aquele coligido por Lund e seus colaboradores.

Assim, espécies de aves registradas nos séculos XX e XXI, típicas de florestas montanas do Quadrilátero Ferrífero, podem simplesmente não ter sido detectadas pelos naturalistas do século XIX, especialmente porque muitas vivem em densas brenhas de taquarais, ambientes onde as aves são mais facilmente ouvidas do que vistas. Exemplos de espécies que vivem nas florestas montanas do Quadrilátero Ferrífero e que não foram registradas na Grande BH durante o século XIX são: *Mackenziaena leachii* – borralhara-assobiadora, *Mackenziaena severa* – borralhara, *Myrmoderus loricatus* – formigueiro-assobiador, *Cercomacra brasiliiana* – chororó-cinzento, *Drymophila ferruginea* – dituí, *Drymophila rubricollis* – choquinha-dublê, *Drymophila ochropyga* – choquinha-de-dorso-vermelho, *Drymophila malura* – choquinha-carijó, *Conopophaga lineata* – chupa-dente, *Cryptopezus nattereri* – pinto-do-mato, *Psilorhamphus guttatus* – tapaculo-pintado, *Eleoscytalopus indigoticus* – macuquinho, *Scytalopus petrophilus* – tapaculo-serrano, *Chamaeza meruloides* – tovaca-cantadora, *Campylorhamphus falcularius* – arapaçu-de-bico-torto, *Syndactyla rufosuperciliata* – trepador-quiete, *Neopelma chrysolophum* – fruxu, *Phibalura flavirostris* – tesourinha-da-mata, *Lipaugus lanioides* – tropeiro-da-serra, *Schiffornis virescens* – flautim, *Laniisoma elegans* – chibante, *Myiobius barbatus* – assanhadinho, *Myiobius atricaudus* – assanhadinho-de-cauda-preta, *Mionectes rufiventris* – abre-asa-de-cabeça-cinza, *Phylloscartes eximius* – barbudinho, *Phylloscartes ventralis* – borboletinha-do-mato, *Poecilotriccus plumbeiceps* – tororó, *Myiornis auricularis* – miudinho, *Hemitriccus diops* – olho-falso, *Hemitriccus nidipendulus* – tachuri-campainha, *Tyranniscus burmeisteri* – piolhinho-chiador, *Phyllomyias griseocapilla* – piolhinho-serrano, *Chlorophonia cyanea* – gaturamo-bandeira, *Arremon semitorquatus* – tico-tico-do-mato, *Myiothlypis leucoblephara* – pula-pula-assobiador, *Thraupis ornata* – sanhaço-de-encontro-amarelo, *Tangara cyanoventris* – saíra-douradinha e *Tangara desmaresti* – saíra-lagarta.

Outras espécies são típicas dos campos rupestres e de altitude, vegetações que ocorrem associadas aos topos de serra e que foram, de maneira geral, muito pouco amostradas pelos naturalistas do século XIX dentro do recorte geográfico da Grande BH (VASCONCELOS; PA-CHECO, 2012). Assim, a ausência de registros das seguintes espécies no século XIX pode ser explicada pelo baixo esforço amostral nestes tipos de vegetação: *Campylopterus diamantinensis* – asa-de-sabre-do-espinhaço, *Cinclodes espinhacensis* – pedreiro-do-espinhaço, *Asthenes luizae* – lenheiro-da-serra-do-cipó, *Asthenes moreirae* – garrincha-chorona, *Polystictus superciliaris* – papa-moscas-de-costas-cinzentas, *Knipolegus nigerrimus* – maria-preta-de-garganta-vermelha, *Anthus hellmayri* – caminheiro-de-barriga-acanelada e *Embernagra longicauda* – rabo-mole-da-serra.

Outro grupo de aves não registradas no século XIX é representado pelas seguintes espécies que vivem em ambientes brejosos: *Laterallus melanophaius* – sanã-parda, *Laterallus exilis* – sanã-do-capim, *Laterallus leucopyrrhus* – sanã-vermelha, *Neocrex erythrops* – turu-turu, *Pardirallus maculatus* – saracura-carijó, *Amaurolimnas concolor* – saracura-lisa, *Scytalopus iraiensis* – tapaculo-da-várzea, *Donacobius atricapilla* – japacanim, *Embernagra platensis* – sabiá-do-banhado e *Donacospiza albifrons* – tico-tico-do-banhado. A maioria destas espécies, principalmente as pequenas sanãs e saracuras, além do tapaculo-da-várzea, vive escondida em meio à densa vegetação dos brejos, sendo de difícil visualização e coleta.

Não caberia aqui citar todas as espécies que podem não ter sido registradas pelos naturalistas do século XIX e que pertencem a grupos de difícil coleta, a exemplo de aves noturnas (corujas, urutaus e bacuraus), aves que forrageiam no espaço aéreo (andorinhas, andorinhões e rapinantes), aves migratórias e nômades. Neste último caso, destacam-se espécies que seguem eventos de frutificação de taquaras, de ocorrência imprevisível no tempo e no espaço (SICK, 1997).

Três espécies alóctones não foram registradas durante o século XIX na região da Grande BH: *Columba livia* – pombo-doméstico, *Es-trilda astrild* – bico-de-lacre e *Passer domesticus* – pardal. Originário da Eurásia e do norte da África, o pombo-doméstico foi introduzido no Brasil já no século XVI (SICK, 1997), no entanto, a ausência de

registros na área de estudo durante o século XIX sugere que a espécie ainda não havia colonizado a região ou sido introduzida pela população humana. Já o pardal, também de origem eurasiática e norte-africana, foi introduzido em Belo Horizonte logo no início da fundação da nova capital, antes de 1910 (SICK, 1997). O bico-de-lacre tem origem africana e foi introduzido no Brasil no século XIX, embora as primeiras citações para a região da Grande BH sejam de 1950, em Nova Lima (SICK, 1997). Atualmente, estas três espécies são bastante comuns, inclusive na área urbana da capital. Embora não tenha sido introduzida ativamente como as três espécies acima, *Bubulcus ibis* – garça-vaqueira, também originária do Velho Mundo (África e sul da Europa), colonizou espontaneamente a América do Sul ao final do século XIX, com registros no Brasil a partir da década de 1960, tornando-se uma espécie bastante comum em pastagens, inclusive da área de estudo (SICK, 1997).

Além das espécies alóctones, acima tratadas, as seguintes talvez sejam as mais importantes de serem mencionadas por apresentarem distribuição original em regiões marcadas por regimes climáticos mais secos e com sazonalidade mais marcante, a exemplo do Brasil Central e da Caatinga nordestina. Estas espécies, embora nativas do Brasil, estão ausentes nos registros do século XIX e, possivelmente, estão atuando como um “termômetro” das mudanças climático-ambientais, expandindo-se para regiões onde outrora não ocorriam (e.g., WILLIS; ONIKI, 1987; 2002; ALVARENGA, 1990; WILLIS, 1991; LO, 1994; STOTZ *et al.*, 1996; GONTIJO, 1997; SICK, 1997; D’ANGELO-NETO, 2000; BLAMIREs *et al.*, 2002; 2005; 2010; KRAUCZUK *et al.*, 2003; VENTURINI; PAZ, 2003; VENTURINI *et al.*, 2005; ALVARENGA *et al.*, 2006; D’ANGELO-NETO *et al.*, 2006; VASCONCELOS *et al.*, 2013; KLAVINS; BODRATI, 2007; STRAUBE *et al.*, 2007; FIGUEIREDO *et al.*, 2010; MELO, 2010; QUINTAS-FILHO *et al.*, 2011; STRAUBE, 2012; FRAGA; D’ANGELO-NETO, 2014; REZENDE *et al.*, 2017). Nesta categoria, destacam-se: *Nothura boraquira* – codorna-do-nordeste, *Patagioenas picazuro* – pomba-asa-branca, *Columbina picui* – rolinha-picuí, *Syrigma sibilatrix* – maria-faceira, *Mesembrinibis cayennensis* – coró-coró, *Theristicus caudatus* – curicaca, *Sakesphoroides cristatus* – choca-do-nordeste, *Furnarius figulus* – casaca-de-couro-da-lama, *Furnarius leucopus* – casaca-de-couro-amarelo, *Schoeniophylax phryganophilus* – bichoita, *Todiros-*

trum cinereum – ferreirinho-relógio, *Hemitriccus margaritaceiventer* – sebinho-de-olho-de-ouro, *Machetornis rixosa* – suiriri-cavaleiro, *Fluvicola nengeta* – lavadeira-mascarada, *Xolmis irupero* – noivinha, *Cantorchilus leucotis* – garrinchão-de-barriga-vermelha, *Polioptila dumicola* – balança-rabo-de-máscara, *Polioptila atricapilla* – balança-rabo-do-nordeste, *Molothrus rufoaxillaris* – chupim-azeviche, *Molothrus oryzivorus* – iraúna-grande, *Myiothlypis flaveola* – canário-do-mato, *Compsothraupis loricata* – tiê-caburé, *Hemithraupis guira* – saíra-de-papo-preto, *Eucometis penicillata* – pipira-da-taoca e *Tachyphonus rufus* – pipira-preta.

Outras espécies nativas que não contam com registros históricos na Grande BH e/ou que não apresentam distribuição geográfica original nesta região podem ser oriundas de solturas ou de escape de cativeiro. Exemplos são: *Touit melanonotus* – apuim-de-costas-pretas, *Brotheria tirica* – periquito-rico, *Orthopsittacus manilatus* – maracanã-do-buriti, *Ara ararauna* – arara-canindé, *Ara chloropterus* – arara-vermelha, *Diopsittacus nobilis* – maracanã-pequena, *Saltator coerulescens* – trinca-ferro-gongá, *Coryphospingus cucullatus* – tico-tico-rei, *Ramphocelus bresilia* – tiê-sangue e *Paroaria dominicana* – cardeal-do-nordeste. Entretanto, não se pode excluir a possibilidade de que a maracanã-do-buriti, a maracanã-pequena, o trinca-ferro-gongá, o tico-tico-rei e o cardeal-do-nordeste, espécies típicas do Brasil Central ou do semiárido nordestino, também estejam em processo de expansão geográfica espontânea devido às alterações ambientais.

Duas espécies nativas e ameaçadas de extinção (*Tinamus solitarius* – macuco e *Crax blumenbachii* – mutum-de-bico-vermelho) contam com poucos registros recentes (do século XXI). Em ambos os casos, houveram introduções intencionais na Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental de Peti, localizada nos municípios de São Gonçalo do Rio Abaixo e Santa Bárbara (FARIA *et al.*, 2006). Este tipo de soltura representa uma tentativa equivocada de “refaunação”, já que não há qualquer evidência documentada da ocorrência pretérita de ambas as espécies naquela reserva. O mutum-de-bico-vermelho apresenta distribuição associada às florestas de baixada (geralmente abaixo de 500 m de altitude) e de tabuleiro próximas ao litoral, do Rio de Janeiro ao sul da Bahia (DELACOUR; AMADON, 1973; SILVEIRA, 2008; MARQUES *et al.*, 2018). Em Minas Gerais, o limite

mais interiorano natural da espécie deveria ocorrer nas matas de baixada do Parque Estadual do Rio Doce (SILVEIRA, 2008; MARQUES *et al.*, 2018), abaixo de 400 m de altitude. Assim, a distribuição do mutum-de-bico-vermelho nunca deve ter se estendido até a Grande BH. Sua soltura na Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental de Peti foi baseada apenas em relatos de moradores locais sobre sua presença na região no início do século XX (IBAMA, 2004), sem qualquer evidência concreta baseada em documentações (espécimes, fotografias ou gravações de vocalizações). Ao contrário, o primeiro autor deste capítulo, ao longo das últimas três décadas, tem convivido com a população local da mesma região (Santa Bárbara), incluindo antigos caçadores, e nunca ouviu qualquer relato sobre a ocorrência pretérita do mutum-de-bico-vermelho. Já o macuco apresenta distribuição original com ocorrência potencial na Grande BH, estendendo-se historicamente das florestas costeiras ao estado de Goiás (SICK, 1997). Há fósseis da espécie na região de Lagoa Santa (NASCIMENTO; SILVEIRA, 2020), no entanto, sua ausência nos registros históricos (desde o século XIX) sugere que a espécie não ocorria ali naquele período, já que os naturalistas obtiveram boa documentação de outros representantes da família Tinamidae, incluindo o raro e ameaçado jaó-do-sul. Assim, ao invés de contribuir para a conservação, a soltura indiscriminada de aves em locais sem confirmação de sua ocorrência pretérita pode ser prejudicial aos ecossistemas, pois não se trata de refaunação, mas de introdução de espécies que podem competir com as nativas.

Por fim, duas espécies que não apresentam distribuição conhecida para a região (*Thamnophilus doliatus* – choca-barrada e *Thamnophilus palliatus* – choca-listrada) possuem apenas um registro no século XXI, sendo possíveis ocorrências ocasionais ou mesmo erro de atribuição às localidades quando suas imagens foram postadas na plataforma WikiAves.

4. Transformação da paisagem e da avifauna na Grande BH

A análise das modificações ocorridas na comunidade de aves da Grande BH, desde o século XIX, é alarmante. Das 29 espécies que possivelmente sofreram extinção na região, 12 são ameaça-

das de extinção, estando a maioria associada à Mata Atlântica e ao Cerrado. Também é notável o desaparecimento de várias aves florestais no Carste de Lagoa Santa, embora ainda persistam no Quadrilátero Ferrífero, sugerindo um processo de extinção que está atuando ao longo do gradiente de precipitação mais seco (região cárstica de Lagoa Santa, ao norte da Serra do Curral) para o mais úmido (Quadrilátero Ferrífero, ao sul).

O botânico dinamarquês Eugen Warming (1841–1924), que acompanhou Lund entre 1863 e 1866 (MARCHESOTTI, 2011; 2025), reportou amplos desmatamentos em Lagoa Santa durante a segunda metade do século XIX (WARMING, 1892), incluindo uma ilustração da derrubada de um trecho de floresta, com árvores de grande porte (Figura 35). Os fragmentos florestais que porventura foram poupados devem ter ficado bastante susceptíveis ao efeito de borda e à intensa ocorrência de incêndios que eram ateados às vegetações do Cerrado, também mencionados como muito frequentes por Warming (1892) (Figura 36).



Figura 35. “Derrubada” da floresta em uma fazenda na região de Lagoa Santa – ilustração com base em uma fotografia tirada por Eugen Warming entre 1863 e 1866. Fonte: Warming (1892).



Figura 36. Campo queimado na região de Lagoa Santa - ilustração feita por Eugen Warming em 1865. Fonte: Warming (1892).

No início do século XIX (1818), Saint-Hilaire (2004) já relatava a ampla devastação das matas ciliares do Rio das Velhas, desde a Fazenda Jaguará, localizada no Carste de Lagoa Santa, até suas nascentes, no Quadrilátero Ferrífero. Tais alterações na paisagem seriam resultado de mais de um século de exploração aurífera desenfreada anteriormente na região:

De suas nascentes até Jaguará, lugar situado abaixo de Santa Luzia, o Rio das Velhas produziu muito ouro, e, em um espaço de várias léguas suas margens lavadas e relavadas mil vezes, não oferecem aos olhos senão montes de cascalhos, resíduos das lavagens (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 77).

O botânico francês também ressaltou a fragmentação florestal e a invasão biológica das áreas desmatadas pelo capim-gordura (*Melinis minutiflora*), gramínea de origem africana:

Já disse em outro lugar que a cordilheira [do Espinhaço] dividia a região das florestas da dos campos; entretanto as matas se estendem quase até a vertente ocidental, pois durante as 18 léguas que percorri entre Sabará e Vila Rica atravessei quase sempre terrenos cobertos de tufo de matas ou pastagens de capim gordura... (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 77).

Outra fonte de devastação do Rio das Velhas refere-se a uma ilustração da cidade de Sabará, feita por Rugendas (1835) durante a “Expedição Langsdorff”, em 1824. Embora se trate de uma representação artística, observa-se as margens desmatadas e ocupadas, além de uma queimada em um morro próximo (Figura 37).



Figura 37. Vista de Sabará, a partir de representação feita por Rugendas, mostrando as margens do Rio das Velhas ocupadas e em grande parte destituídas de sua mata ciliar, além da ocorrência de uma queimada no morro à esquerda da ilustração, evidenciada pela fumaça. Fonte: Rugendas (1835).

Anos mais tarde, em 1867, Burton (1977) assinalou a devastação do Rio das Velhas entre Sabará e Jaguará, sugerindo que este curso d'água já sofria com assoreamentos, dificultando a navegação, além da presença de vegetação secundária às suas margens:

O pior obstáculo são as chamadas “raseiras”; quando surgiam, espalhando-se o rio, éramos obrigados, com desagradável regularidade, a desembarcar, para que os canoeiros empurrassem a embarcação [...] De outro lado, é a “Lua de Flores”; a pobre vegetação secundária – a mata virgem é desconhecida... (BURTON, 1977, pp. 16-17).

O explorador britânico também mencionou a extração de madeiras nobres, possivelmente oriundas de trechos a jusante do Rio das Velhas, sugerindo que o processo de desmatamento estivesse

em continuidade mais ao norte, entre Jaguará (atual Matozinhos) e Macaúbas (atual Santa Luzia):

Perto da casa de José Correa, onde o rio se divide em dois braços para leste e oeste, formando uma ilha montanhosa, encontramos o barco “Jaguará”, carregando enormes troncos seculares para Morro Velho. Essa grande embarcação chata [...] transporta 72 toneladas descendo o canal, de 55 centímetros de profundidade, entre Macaúbas e Jaguará, e vai deste último lugar a Sabará em doze dias, regressando em dois ou três (BURTON, 1977, p. 17).

As matas ciliares do Rio das Velhas foram a provável conexão capaz de permitir a dispersão de diversos táxons da Mata Atlântica, comuns nas partes altas deste rio, em Ouro Preto, para a região mais seca do Carste de Lagoa Santa. Assim, é possível que as aves atualmente desaparecidas na região de Lagoa Santa já estivessem à beira da extinção quando Lund e seus colaboradores tiveram a oportunidade de coletá-las em meados do século XIX, especialmente porque tais espécies já estão ausentes nas coletas de Berla, efetuadas na década de 1940. Cabe destacar que um padrão de extinção maciça de plantas na região cárstica de Lagoa Santa, com base nas coletas de Warming, também foi detectado por Moreira e Stehmann (2020).

Ainda no século XIX, outros relatos de devastação na Grande BH foram reportados por diversos viajantes, incluindo impactos decorrentes do desmatamento, do extrativismo mineral, da poluição das águas e de incêndios, com o posterior estabelecimento de plantas invasoras, incluindo gramíneas de origem africana (GOMES *et al.*, 2006; MARTINS, 2007; MUCIDA *et al.*, 2019). Ressalta-se que diversas espécies de aves, típicas das vegetações campestres do Cerrado, vivem preferencialmente em áreas com a presença de capins nativos, tornando-se raras ou desaparecendo onde há a invasão por gramíneas africanas, a exemplo de *Nothura minor* – codorna-mineira e *Alectrurus tricolor* – galito.

Ao longo do século XX e no início do seguinte, a pressão sobre o meio ambiente intensificou-se vertiginosamente na Grande BH, com a expansão urbana na capital e cidades vizinhas e o aumento expressivo das atividades minerárias, tanto na região cárstica de

Lagoa Santa, onde é explorado o calcário, quanto no Quadrilátero Ferrífero, onde cavas a céu aberto exploram, principalmente, minerais ferruginosos (Figura 38) (SALLES *et al.*, 2014; SONTER *et al.*, 2014; GOMES *et al.*, 2019; PESSOA *et al.*, 2020).



Figura 38. “Paisagem lunar” em mineração do Quadrilátero Ferrífero em 2008.
Foto: Luiz Fernando Salvador-Jr.

A permanência atual, no Quadrilátero Ferrífero, de diversas aves florestais que se extinguiram no Carste de Lagoa Santa, não deve ser vista com otimismo, já que quase toda a região, riquíssima em ferro, ouro e outros minerais, encontra-se dividida em títulos minerários atualmente explorados ou aguardando para serem lavrados. Como se não bastasse, o Quadrilátero Ferrífero recentemente foi palco de dois dos maiores desastres ambientais do Brasil, envolvendo o rompimento das barragens de rejeito de Fundão (em Mariana) e B1 (em Brumadinho), das mineradoras Samarco e Vale, respectivamente (CARMO *et al.*, 2017; 2020; VERGILIO *et al.*, 2020). Ademais, nas últimas décadas o Quadrilátero Ferrífero vem sendo alvo do constante avanço dos condomínios residenciais e estruturas associadas, tais

como escolas, supermercados e centros comerciais, acarretando mais perda de habitat para as espécies de aves (Figura 39).

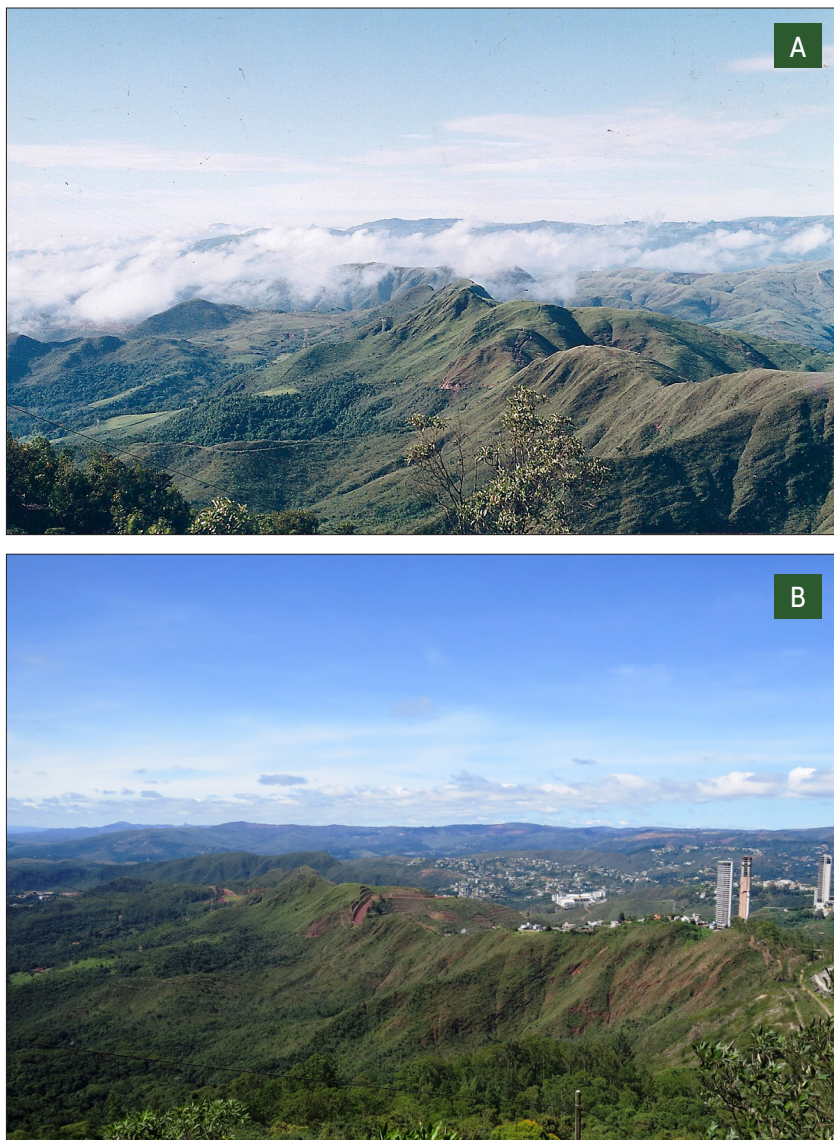


Figura 39. Expansão de empreendimentos imobiliários no Quadrilátero Ferrífero, a partir de vista parcial da crista da Serra do Curral, Nova Lima, Minas Gerais. A: paisagem em 1996; B: mesma região em 2026. Fotos: Marcelo Ferreira de Vasconcelos.

5. Conclusões e considerações finais

O conhecimento sobre as aves da Grande BH pode ser dividido, de maneira geral, em três fases principais: a dos naturalistas coletores de espécimes (do início do século XIX a meados do século XX); a da pesquisa científica, com publicações de artigos (a partir dos esforços do professor Carnevalli, na década de 1970, continuada pelos professores Marini e Rodrigues, além de seus orientandos); e a da ciência cidadã (a partir do século XXI). Na fase dos naturalistas, destaca-se a importante contribuição de Peter Lund ao conhecimento da avifauna da região cárstica de Lagoa Santa, já que o enorme volume de coletas feitas por ele e por outros estudiosos que o visitaram formaram uma “linha de base” imprescindível para o conhecimento da avifauna pretérita da área de estudo.

Diante do panorama secular de devastação, talvez a única opção para a conservação das aves (e da biodiversidade) da Grande BH seja o investimento na criação de novas unidades de conservação (UCs) de proteção integral, interconectando-as com as já existentes e formando corredores ecológicos. Destaca-se que as unidades de conservação de uso sustentável, a exemplo das Áreas de Proteção Ambiental (APAs), não conseguem garantir a preservação da biodiversidade a contento, pelo menos na Grande BH. Como exemplo, na região há duas APAs, uma delas localizada ao norte (APA Carste de Lagoa Santa) e outra, ao sul (APA Sul Região Metropolitana de Belo Horizonte), sendo mais ou menos coincidentes com os limites da região cárstica de Lagoa Santa e do Quadrilátero Ferrífero, respectivamente. Destaca-se que ambas as APAs também são bastante coincidentes com duas áreas prioritárias para a conservação das aves de Minas Gerais: Carste de Lagoa Santa e Espinhaço Sul (DRUMMOND *et al.*, 2005). Desde suas criações, em 1990 (APA Carste de Lagoa Santa) e em 1994 (APA Sul Região Metropolitana de Belo Horizonte), ambas UCs foram severamente afetadas por atividades minerárias e pela expansão urbana desordenada, incluindo o estabelecimento de condomínios de luxo e invasões. A intensa ocupação propiciou a fragmentação da vegetação nativa e aumentou a ocorrência de incêndios criminosos durante a estação seca do ano, principalmente entre os

meses de junho e setembro, ampliando a devastação dos habitats para diversas espécies de aves raras, endêmicas e ameaçadas de extinção. Além disso, o aumento expressivo de construções humanas tem causado mortes de aves que se colidem contra vidraças e paredes, não apenas em áreas recém-ocupadas, mas mesmo dentro de áreas protegidas, a exemplo do museu da RPPN-Santuário do Caraça (SANTOS *et al.*, 2017). A colisões de aves contra janelas de vidro é um impacto pouco quantificado para a avifauna brasileira, mas, apenas nos Estados Unidos, estima-se a perda anual na faixa de 100 milhões a 1 bilhão de aves (KLEM JR, 1990).

Não menos importante, é a predação de aves nativas ocasionada por animais domésticos (cães e gatos), especialmente nos condomínios e nas invasões localizadas próximo a áreas de vegetação nativa. O impacto quase invisível da predação de aves por gatos domésticos é altíssimo, representando uma das maiores causas globais de mortalidade de aves (WOODS *et al.*, 2003; DOHERTY *et al.*, 2016; ASSIS *et al.*, 2023). Como exemplo, só nos Estados Unidos, estima-se que os gatos domésticos matem entre 1,3 e 4 bilhões de aves por ano (LOSS *et al.*, 2013). Com relação aos cães, na Grande BH, muitos tutores têm o hábito de caminhar com estes animais sem coleira, que acabam por explorar os arredores de trilhas, predando animais silvestres, inclusive aves. Em zonas rurais, é comum encontrar cães em regime semi-feral, reconhecidos como um grave problema para a conservação da fauna nativa da Mata Atlântica (e.g., GALETTI; SAZIMA, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2008; SRBEK-ARAUJO; CHIARELLO, 2008; PASCHOAL *et al.*, 2012; 2016; 2018), incluindo fragmentos florestais da área de estudo (VASCONCELOS, 2021).

Vale ressaltar que, mesmo as UCs de proteção integral não estão a salvo dos impactos antrópicos que as atingem, não sendo consideradas seguras para a conservação das aves a médio e longo prazo. Como exemplos, vastas áreas dessas UCs são afetadas por incêndios criminosos, porém, o efetivo de guarda-parques e brigadistas não é numericamente suficiente para executar a fiscalização de atividades clandestinas e o combate a incêndios. Animais domésticos predadores de aves, a exemplo de cães e gatos, também ocorrem dentro de muitas UCs.

Assim, as perspectivas para o futuro das aves da Grande BH não são nada otimistas, sendo esperados mais casos de extinções de espécies com alta sensibilidade à alteração em seus habitats e a colonização por espécies típicas de áreas degradadas que acompanham o caminho da desertificação provocada pelas atividades humanas e mudanças climáticas. Portanto, mesmo enfrentando os problemas já mencionados, as UCs de proteção integral assumem um papel fundamental para a conservação da avifauna na área de estudo. Além da ampliação espacial, melhoria das estruturas e contratação de mão de obra especializada para aquelas já implantadas, recomendamos fortemente a criação de novas áreas protegidas na região.

As atividades de orientação acadêmica nas universidades e a consequente formação de novas gerações de ornitólogos também são primordiais para a conservação das aves da Grande BH. Conforme apresentado anteriormente, muitos profissionais com atuação conservacionista na área de estudo foram capacitados em laboratórios e coleções ornitológicas vinculadas a instituições de ensino superior e em programas de pós-graduação. E, por mais que o recrutamento de novos ornitólogos não assegure proteção efetiva das comunidades avifaunísticas, o conhecimento gerado, principalmente no que tange o desenvolvimento e a aplicação de novas tecnologias, representa alguma esperança. Neste sentido, cabe destacar a urgente necessidade de manutenção adequada das coleções biológicas sob tutela do Estado e da iniciativa privada, a fim de evitar incêndios e outros danos ao material biológico e seus registros associados.

Igualmente importante é o fomento ao ecoturismo, sobretudo aquele voltado à observação e à catalogação das aves presentes na área de estudo. Além dos inúmeros benefícios físicos e mentais proporcionados aos praticantes, o *birdwatching* tem forte apelo conservacionista, despertando o interesse de crianças, adultos e idosos pelo mundo natural (ANDREWS *et al.*, 2025). Ademais, quando associado à ciência cidadã, por meio da inclusão dos registros nas plataformas digitais, gera subsídios para pesquisas (ALEXANDRINO, 2024).

Por fim, embora os processos de licenciamento ambiental tenham caído no descrédito junto à sociedade, devido aos recentes

desastres ambientais, escândalos de corrupção e impunidade dos responsáveis envolvidos, é necessário reconhecer a devida importância desse mecanismo regulatório. Mesmo influenciado por decisões políticas e pelo poder econômico, é fato que, sem o devido processo legal, o cenário de transformação da paisagem estaria infinitamente pior. Logo, visando fomentar o desenvolvimento econômico, e ao mesmo tempo coibir práticas ilegais, é mandatório o aprimoramento da legislação e, também, o fortalecimento dos órgãos regulatórios e fiscalizadores. Paralelamente, ao contrário do que é atualmente praticado, deve-se desburocratizar e incentivar a publicação dos dados faunísticos obtidos durante todas as etapas do licenciamento.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais pelo apoio financeiro a este estudo (FAPEMIG– APQ–00847–24) e à professora Regina Horta Duarte pelo convite para participar deste projeto. Os seguintes profissionais de diversas instituições facilitaram e permitiram o acesso às coleções ornitológicas sob suas responsabilidades: Marcos Rodrigues e Fernando Araujo Perini (DZUFMG); Renata Stopiglia e Marcos Raposo (MNRJ); Frank D. Steinheimer e Martin Unruh (IZH); Luís Fábio Silveira (MZUSP); José Maria Cardoso da Silva e Galileu Coelho (UFPE); Sérgio Lucena Mendes, Sabrina Klein, Marlene das Graças Hoffmann e Wilson Alberto Hoffmann (MBML); Joel Cracraft, Paul Sweet e Peg Hart (AMNH); e David Conway Oren, Fernando Costa Novaes, Maria Luiza Videira Marceliano e Alexandre Aleixo (MPEG). O AMNH concedeu a Marcelo Ferreira de Vasconcelos uma *collection study grant* para o estudo de espécimes depositados naquela instituição. Camille Aleixo Hoffmaster forneceu todo o apoio logístico para a visita ao MNRJ e Eliane Aleixo Lustosa de Andrade gentilmente hospedou Marcelo Ferreira de Vasconcelos no Rio de Janeiro. Leonardo Esteves Lopes (CEDAF–UFV) forneceu importantes informações sobre os exemplares depositados na coleção sob sua responsabilidade. Peter Andrew Hosner forneceu fotografias, tiradas por Oscar Pachá Guerras, de espécimes coletados por Lund e Reinhardt na região cárstica de Lagoa Santa que estão depositados no NHMD. Diego

Hoffmann ajudou na organização do Apêndice III. Antoniel Silva Fernandes forneceu informações cartográficas sobre a Grande BH e Letícia de Oliveira Freitas preparou o mapa da área de estudo. Marcos Maldonado Coelho, Fernando Costa Straube, Robson Silva e Silva, Thiago Oliveira e Almeida, Taís Luiza Almeida Costa e Victor Hugo Martins Machado fizeram importantes revisões críticas a versões anteriores do presente capítulo.

Referências

AB'SÁBER, Assiz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

AGUILAR, Thais Maya; LEITE, Lemuel Olívio; MARINI, Miguel Ângelo. Biologia da nidificação de *Lathrotriccus euleri* (Cabanis, 1968 [sic]) (Tyrannidae) em fragmentos de mata de Minas Gerais. **Ararajuba**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 125–133, 1999.

AGUILAR, Thaís Maya; MALDONADO-COELHO, Marcos; MARINI, Miguel Ângelo. Nesting biology of the Gray-hooded Flycatcher (*Mionectes rufiventris*). **Ornitologia Neotropical**, Montreal, v. 11, n. 3, p. 223–230, 2000.

ALEXANDRINO, Eduardo, R. A Ciência Cidadã impulsionou a ornitologia brasileira, mas e o futuro? **Boletim da Sociedade Brasileira de Ornitologia**, Sorocaba, v. 10, n. 34, p. 2–8, 2024.

ALVARENGA, Herculano Marco Ferraz de. Novos registros e expansões geográficas de aves no leste do estado de São Paulo. **Ararajuba**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 115–117, 1990.

ALVARENGA, Herculano Marcos Ferraz de; MIGOTTO, Rafael; FIGUEIREDO, Luiz Fernando; LIMA, Luciano Moreira; GUSSONI, Carlos Otávio. A expansão da distribuição geográfica de *Furnarius figulus* (Lichtenstein, 1823) (Aves: Furnariidae) no sudeste brasileiro. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 134, p. 6–7, 2006.

ANCIÃES, Marina; COELHO, Marcos Maldonado; CHAVES-CORDEIRO, Paulo Henrique. Records for the Elegant Mourner (*Laniisoma elegans*) in forest fragments of Minas Gerais state, Brazil. **Melopsittacus**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 44–46, 2001.

ANDRADE, Marco Antônio de. Contribuição à biologia da tesourinha (*Tyrannus savanna*). **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 27, p. 2–3, 1989.

ANDRADE, Marco Antônio de. Notas sobre aves ameaçadas de extinção que ocorrem em Minas Gerais. **Revista SOM**, Belo Horizonte, n. 39, p. 16–17, 1991.

ANDRADE, Marco Antônio de. Observações sobre ninhos e comportamentos reprodutivos de algumas aves em Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 68, p. 6, 1995.

ANDRADE, Marco Antônio de. Observações sobre ninhos e ovos de algumas aves em Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 74, p. 13-14, 1996.

ANDRADE, Marco Antônio de. **Aves silvestres**: Minas Gerais. Belo Horizonte: Conselho Internacional Para a Preservação das Aves, 1997.

ANDRADE, Marco Antônio de. *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758). In: MACHADO, Ângelo Barbosa Monteiro; FONSECA, Gustavo Alberto Bouchardet; MACHADO, Ricardo Bomfim; AGUIAR, Ludmilla Moura de Souza; LINS, Livia Vanucci (eds.). **Livro vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 1998. p. 225-227.

ANDRADE, Marco Antônio de; ANDRADE, Márcia Viegas Greco de. Novas observações sobre a nidificação de algumas aves em Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 82, p. 7, 1998.

ANDRADE, Marco Antônio de; ANDRADE, Márcia Viegas Greco de; GONTIJO, Ricardo Gustavo Ribeiro; SOUZA, Patrícia O. Ocorrência do cipó-canastero (*Asthenes luizae*) e do gavião-pernilongo (*Geranospiza caerulescens*) no interior do Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 82, p. 10, 1998.

ANDRADE, Marco Antônio de; GONTIJO, Ricardo Gustavo Ribeiro; MENDES, Luiz Guilherme de Moura. O gavião-pato (*Spizastur melanoleucus*) em Minas Gerais: uma ave rara e ameaçada de extinção. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 72, p. 12-13, 1996.

ANDRADE, Marco Antônio de; MARCOLINO, Sibeli Lúcia; CASTRO, Paulo de Tarso Amorim. Aves observadas na área da Gruta e Jaguará, região cárstica de Matozinhos, MG. **Brasil Florestal**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 36-38, 1983.

ANDRADE, Maurício Carlos Martins de; COSTA, Júlio César Rocha; PINTO, João Henrique Ferreira; STARLING, Maria de Fátima Vieira; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. First description of the nesting site, nest, and eggs of the Rock Tapaculo (*Scytalopus petrophilus*). **Ornithology Research**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 138-141, 2020.

ANDREWS, Jennifer G.; AMMIRATI, Rachel J.; ANDREWS, Calleb J.M. Birding benefits: a review of mental health, cognitive, social, and conservation impacts. **Ecopsychology**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 1-17, 2025.

ANTUNES, Anderson Pereira; MASSARANI, Luisa Medeiros; MOREIRA, Ildeu de Castro. Uma análise da rede de auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866). **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 113-125, 2016.

ASSIS, Clodoaldo Lopes; NOVAES, Camila Moura; DIAS, Marcelo Augusto Pereira Coelho; GUEDES, Jhonny José Magalhães; FEIO, Renato Neves; GARBINHO, Guilherme Siniciato Terra. Predation of vertebrates by domestic cats in two Brazilian hotspots: incidental records and literature review. **Neotropical Biodiversity**, Tena, v. 9, n. 1, p. 10-16, 2023.

AULER, Augusto. Karst landforms in the Lagoa Santa area. In: AULER, Augusto; PESSOA, Paulo (eds.): **Lagoa Santa Karst**: Brazil's iconic karst region. Cham: Springer Nature, 2020. p. 109–134.

AULER, Augusto; PESSOA, Paulo. **Lagoa Santa Karst**: Brazil's iconic karst region. Cham: Springer Nature, 2020.

BANDEIRA, Júlio. **A viagem ao Brasil de Marianne North – 1872–1873**. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 2012.

BHAKTI, Tulaci; LODI, Marina Pignolato; MARUJO, Leonardo Silva; PENA, João Carlos; RODRIGUES, Marcos. Beyond birds' conservation: engaging communities for the conservation of urban green spaces. *El Hornero*, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 8–20, 2023.

BHAKTI, Tulaci; NOGUEIRA, Júlia de Matos. **Aves na Estação Ecológica da UFMG**: uma experiência de campo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2024.

BHAKTI, Tulaci; PENA, João Carlos; RODRIGUES, Marcos. Unplanned urban growth and its potential impacts on bird species in a South American city. *Floresta e Ambiente*, [S. l.], v. 27, n. 2, e20190111, 2020.

BLAMIREs, Daniel; LEMES, Micaela de Jolepian; CARVALHO, Cristina Campos; SOUZA, Crystianne Rodrigues Perigo; MENDONÇA, Cláudio Veloso. Ocorrência de *Columbina picui strepitans* Spix, 1825 na região de Mambai, nordeste do Estado de Goiás, Brasil (Columbiformes, Columbidae). *Ararajuba*, Londrina, v. 10, n. 1, p. 99–100, 2002.

BLAMIREs, Daniel; MENDONÇA, Cláudio Veloso; HIDASI, José & SANT'ANA, Carlos E. R. de. Occurrence of Whistling Heron, *Syrigma sibilatrix* (Temminck 1824, Aves: Ciconiiformes) in Goiás State, Central Brazil. *Lundiana*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 67–69, 2005.

BLAMIREs, Daniel; SOUZA, Aline Áthila Barros; TELES, Aline Silva. Range extension of the Cattle Tyrant *Machetornis rixosa* for midwest of Goiás state, Brazil. *Brazilian Geographical Journal*, Ituiutaba, v. 1, n. 1, p. 154–157, 2010.

BRINA, Ana Elisa. The vegetation of Lagoa Santa Karst. In: AULER, Augusto; PESSOA, Paulo (eds.). **Lagoa Santa Karst**: Brazil's iconic karst region. Cham: Springer Nature, 2020. p. 27–49.

BORSAGLI, Alessandro. **Sob a sombra do Curral Del Rey**. Volume 1. Belo Horizonte: Clube dos Autores, 2018.

BUNBURY, Charles James Fox. **Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833–1835)**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

BURMEISTER, Hermann. **Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens welche während einer Reise durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geraës gesammelt oder beobachtet wurden**. Erste Hälfte: Vögel (Aves). Georg Reimer: Berlin, 1856a.

BURMEISTER, Hermann. **Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens welche während einer Reise durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geraës gesammelt oder beobachtet wurden**. Zweite Hälfte: Vögel (Aves). Georg Reimer: Berlim, 1856b.

BURMEISTER, Hermann. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BURTON, Richard. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

CAMPOS, Thiago. **Aves da Pampulha: entre as belezas e os desafios da lagoa**. Contagem: Edição do autor, 2025.

CARMO, Flávio Fonseca do; KAMINO, Luciana Hiromi Yoshino; TOBIAS-JUNIOR, Rogério; CAMPOS, Iara Christina de; CARMO, Felipe Fonseca do; SILVINO, Guilherme; CASTRO, Kenedy Junio da Silva Xavier de; MAURO, Mateus Leite; RODRIGUES, Nelson Uchoa Alonso; MIRANDA, Marcos Paulo de Souza; PINTO, Carlos Eduardo Ferreira. Fundão tailings dam failures: the environment tragedy of the largest technological disaster of Brazilian mining in global context. **Perspectives in Ecology and Conservation**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 145–151, 2017.

CARMO, Flávio Fonseca do; LANCHOTTI, Andressa O.; KAMINO, Luciana Hiromi Yoshino. Mining waste challenges: environmental risks of gigatons of mud, dust and sediment in megadiverse regions in Brazil. **Sustainability**, [S. l.], v. 12, n. 20, artigo 8466, 2020.

CARNEVALLI, Ney. Contribuição ao estudo da ornitofauna da Serra do Caraca, Minas Gerais. **Lundiana**, Belo Horizonte, n. 1, p. 89–98, 1980.

CARNEVALLI, Ney. *Embernagra longicauda* Strikiland [sic], 1844; sua ocorrência em Minas Gerais – Brasil (Aves–Fringillidae). **Lundiana**, Belo Horizonte, n. 2, p. 85–88, 1982.

CARNEVALLI, Ney; BOHÓRQUEZ, Germán; RIGUEIRA, Sônia Elias. Sobre a ocorrência do *Coccyzus americanus* (Linné, 1758) (Aves Cuculidae) em Belo Horizonte, M. G. Brasil. **Lundiana**, Belo Horizonte, n. 2, p. 117–125, 1982.

CARNEVALLI, Ney; RIGUEIRA, Sônia Elias. Estudo preliminar da distribuição de aves em cinco biótopos na área do “Campus–UFMG”. **Lundiana**, Belo Horizonte, n. 2, p. 89–102, 1982.

CARRARA, Ângelo Alves; ZAIDAN, Ricardo Tavares; PAULA, Lucas Pinheiro de. Geoprocessamento aplicado à história agrária: o vínculo da Jaguará. **Revista de História**, São Paulo, n. 177, a05017, 2018.

CARRARA, Lucas Aguiar; FARIA, Luciene Carrara Paula. Novas ocorrências de aves raras, endêmicas e ameaçadas de extinção para o Parque Nacional

da Serra do Cipó e Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira, Minas Gerais, Brasil. **Cotinga**, Sandy, n. 38, p. 40–46, 2016.

CARRARA, Lucas Aguiar; FARIA, Luciene Carrara Paula; SOUSA, Carlos Roberto; OLIVEIRA, Bruno Péricles de; SOUZA, Matheus Henrique. Ocorrência sazonal e nidificação do colhereiro *Platalea ajaja* Linnaeus, 1758 (Pelecaniformes: Threskiornithidae) na Lagoa da Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais. **MG.Biota**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 6–17, 2021.

CARRARA, Lucas Aguiar; RODRIGUES, Marcos. Breeding biology of the Rufous-fronted Thornbird *Phacellodomus rufifrons*, a Neotropical ovenbird. **International Journal of Ornithology**, Belo Horizonte, v. 4, n. 3/4, p. 209–217, 2001.

CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar; MARINI, Miguel Ângelo. Distribution patterns of diurnal raptors in open and forested habitats in south-eastern Brazil and the effects of urbanization. **Bird Conservation International**, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 367–380, 2007.

CARVALHO, Gustavo Diniz Mendes de; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar; CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes de. Descrição do ninho, ovos e observação da reprodução de *Accipiter erythronemius* no sudeste do Brasil. **Boletim ABFPAR**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 6–10, 2000.

CARVALHO, Gustavo Diniz Mendes de; CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes de; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar. Dados preliminares sobre a reprodução de *Elanus leucurus* (Accipitridae) no município de Sete Lagoas e Divinópolis – MG. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–6, 2001.

CARVALHO, Gustavo Diniz Mendes de; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; PEIXOTO, Gabriela Nunes C.; LISBOA, Jorge Sales; MARQUES, Leandro de Oliveira. 155 years after Reinhardt: the second specimen of *Bartramia longicauda* (Charadriiformes: Scolopacidae) from the state of Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, Belém, v. 21, n. 2, p. 20–22, 2013.

CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes de; CANUTO, Marcus; ZORZIN, Giancarlo. Biologia reprodutiva e dieta do gavião preto (*Buteogallus u. urubitinga*: Accipitridae) no sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Leopoldo, v. 14, n. 4, p. 445–448, 2006.

CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes de; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar; CARVALHO, Gustavo Diniz Mendes de. Descrição da nidificação de *Micrastur semitorquatus* (Falconiformes: Falconidae) no interior de uma habitação rural, no município de Sete Lagoas – MG. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 86, p. 12, 1998.

CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes de; CARVALHO, Gustavo Diniz Mendes de; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar. Observations on nesting Gray-headed Kites (*Leptodon cayanensis*) in southeastern Brazil. **Journal of Raptor Research**, Topeka, v. 39, n. 1, p. 89–92, 2005.

CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes de; LISBOA, Jorge Sales; CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro da; CARVALHO, Gustavo Dinis Mendes de; DINIZ, Mauro Guimarães; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; GARCIA, Frederico Innecco; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar; SILVA E SILVA, Robson; ALVES, Luciene; MOREIRA, Renato Soares. New records of Peregrine Falcon *Falco peregrinus* in Minas Gerais, Brazil. **Cotinga**, Sandy, n. 33, p. 102-104, 2011.

CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes de; ZORZIN, Giancarlo; SPECHT, Gustav V. A. Breeding biology of the King Vulture (*Sarcoramphus papa*) in southeastern Brazil. **Ornitología Neotropical**, Montreal, v. 15, n. 2, p. 219-224, 2004.

CATALOG OF LIFE. **Annual Checklist 2025**. Catalog of Life Foundation, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.48580/dgr6n>. Acesso em: 19 mar. 2026.

CAVARZERE, Vagner; SILVEIRA, Luís Fábio; TONETTI, Vinicius Rodrigues; DE-VELEY, Pedro; UBAID, Flávio Kulaif; REGALADO, Luciano Bonatti; FIGUEIREDO, Luiz Fernando de Andrade. Museum collections indicate bird defaunation in a biodiversity hotspot. **Biota Neotropica**, Campinas, v. 17, n. 4, e20170404, 2017.

CAXITO, Fabrício; DIAS, Tatiana Gonçalves. Ferro. In: PEDROSA-SOARES, Antônio Carlos; VOLL, Eliane; CUNHA, Edson Campos (coords.). **Recursos minerais de Minas Gerais on line**. Belo Horizonte: CODEMGE, 2018. p. 1-34.

CHAVES, Anderson Vieira; FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; SANTOS, Fabrício R. Biogeographic patterns, origin and speciation of the endemic birds from eastern Brazilian mountaintops: a review. **Systematics and Biodiversity**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1-16, 2015.

CHRISTIANSEN, Mette Bohn; PITTER, Elin. Species loss in a forest bird community near Lagoa Santa in southeastern Brazil. **Biological Conservation**, [S. l.], v. 80, n. 1; p. 23-32, 1997.

CIOLETE, Tarso; CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro da; LOPES, Leonardo Esteves. Sex, age and morphometric traits correlate with arrival date of a tropical songbird, the Lined Seedeater *Sporophila lineola*, at its breeding grounds. **Ardeola**, [S. l.], v. 72, n. 1, p. 33-48, 2025.

COIMBRA-FILHO, Ademar Faria.; CÂMARA, Ibsen de Gusmão. **Os limites originais do bioma Mata Atlântica na Região Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, 1996.

COLLI-SILVA, Matheus; VASCONCELOS, Thais N. C.; PIRANI, José Rubens. Outstanding plant endemism levels strongly support the recognition of *campo rupestre* provinces in mountaintops of eastern South America. **Journal of Biogeography**, [S. l.], v. 46, n. 8, p. 1723-1733, 2019.

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986. Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais

para a avaliação de impacto ambiental. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 2548-2549, 17 fev. 1986.

COPAM – Conselho Estadual de Política Ambiental. Deliberação Normativa COPAM n° 147, de 30 de abril de 2010. Aprova a Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna do Estado de Minas Gerais. **Diário do Executivo de Minas Gerais**: Belo Horizonte, MG, 4 mai. 2010.

CORDEIRO, Paulo Henrique Chaves; MELO-JÚNIOR, Tadeu Artur; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. A range extension for Cipó Canastero *Asthenes luizae* in Brazil. **Cotinga**, Sandy, n. 10, p. 64-65, 1998.

COSTA, Henrique Caldeira.; LOPES, Leonardo Esteves; MARÇAL, Bráulio de Freitas; ZORZIN, Giancarlo. The reptile hunter's menu: a review of the prey species of Laughing Falcons, *Herpetotheres cachinnans* (Aves: Falconiformes). **North-Western Journal of Zoology**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 445-453, 2014.

COSTA, Lilian Mariana. A novel host of the Shiny Cowbird (*Molothrus bonariensis*): the near-threatened Pale-throated Serra-finch (*Embernagra longicauda*). **Ornitologia Neotropical**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 95-99, 2013.

COSTA, Lilian Mariana; FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; RODRIGUES, Marcos. Architecture, composition and placement of nests of the Cipo Canastero *Asthenes luizae* (Aves: Furnariidae), a bird endemic to Brazilian mountaintops. **Journal of Natural History**, [S. l.], v. 53, n. 7-8, p. 391-412, 2019.

COSTA, Lilian Mariana; FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; RODRIGUES, Marcos. New ornithological records for Serra do Cipó region, southern Espinhaço Range, Minas Gerais, Brazil. **Cotinga**, Sandy, n. 42, p. 31-36, 2020.

COSTA, Lilian Mariana; FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; RODRIGUES, Marcos; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. New records of Lesser Grass Finch *Emberizoides ypiranganus* in Minas Gerais, Brazil. **Cotinga**, Sandy, n. 29, p. 182-183, 2008.

COSTA, Lilian Mariana; MESQUITA, Elisa Paraíso. Anomalia em aves silvestres: enfisema subcutâneo em ninhego de *Elaenia cristata* nos campos rupestres da Serra do Cipó, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 169, p. 9-11, 2012.

COSTA, Lilian Mariana; RODRIGUES, Marcos. Novo registro de nidificação do beija-flor-de-gravata-verde *Augastes scutatus* estende período reprodutivo da espécie. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 131-134, 2007.

COSTA, Lilian Mariana; RODRIGUES, Marcos. Bird community structure and dynamics in the campos rupestres of southern Espinhaço Range, Brazil: diversity, phenology and conservation. **Revista Brasileira de Ornitologia**, Belém, v. 20, n. 2, p. 132-147, 2012.

COSTA, Lilian Mariana; RODRIGUES, Marcos. Notes on residency, home range, and natural history of the “vulnerable” Cinereous Warbling-Finch,

Poospiza cinerea. **The Wilson Journal of Ornithology**, [S. l.], v. 125, n. 2, p. 433–438, 2013.

CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro da; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Aves que são atraídas pela vocalização do caburé *Glaucidium brasilianum* (Strigidae). **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 144–149, 2009.

D'ANGELO-NETO, Santos. Ocorrência de *Molothrus rufoaxillaris* (Passeriformes: Emberizidae) na região de Francisco Sá, norte de Minas Gerais. **Melopsittacus**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 134–136, 2000.

D'ANGELO-NETO, Santos; LUZ, Giovana Rodrigues da; VIANA, Márcia de Oliveira Pastor. Observações sobre o parasitismo de *Molothrus rufoaxillaris* sobre *Gnorimopsar chopi* e outros aspectos de sua história natural no norte de Minas Gerais. Por que *Agelaioides fringillarius* não é parasitado? **Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 8, n. 1, p. 53–58, 2006.

D'ANGELO-NETO, Santos; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Distribuição geográfica de duas populações migratórias do bigodinho, *Sporophila lineola* (Linnaeus, 1758), em Minas Gerais, Brasil. **Ornithologia**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 25–27, 2007.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELACOUR, Jean; AMADON, Dean. **Curassows and related birds**. Nova Iorque: American Museum of Natural History, 1973.

DEVELEY, Pedro Ferreira; ENDRIGO, Edson. **Aves da Grande São Paulo: guia de campo**. São Paulo: Aves e Fotos Editora, 2004.

DIAS, Daniel Filipe; ROCHA, Renata Pimentel; LEES, Alexander Charles. First documented record of the Ruff *Philomachus pugnax* (Scolopacidae) in Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, Belém, v. 21, n. 2, p. 126–128, 2013.

DIAS, Daniel Filipe; RODRIGUES, Marcos. Registro do tiê-sangue *Ramphocelus bresilius* em Belo Horizonte, Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ornithologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 243–245, 2008.

DIAS, Daniel Filipe; RODRIGUES, Marcos. Registro do gavião-pombo-pequeno *Leucopternis lacernulatus* em Belo Horizonte, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 147, p. 20–21, 2009.

DICK, Myvanwy Millan. Stations of the Thayer Expedition to Brazil – 1865–1866. **Breviora**, [S. l.], n. 444, p. 1–37, 1977.

DICKENSON, John. Marianne North: uma naturalista do século dezanove no Brasil? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, p. 145–164, 2000.

DOHERTY, Tim S.; GLEN, Alistair S.; NIMMO, Dale G.; RITCHIE, Euan G.; DICKMAN, Chris R. Invasive predators and global biodiversity loss. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, Washington, v. 113, n. 40, p. 11261–11265, 2016.

DOMINGUES, Luiza Angelini Leal; RODRIGUES, Marcos. Área de uso e aspectos da territorialidade de *Schistochlamys ruficapillus* (Thraupidae) em seu período não-reprodutivo. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 538-542, 2007.

DORNAS, Túlio; FIGUEIRA, José Eugênio Cortês. Aves aquáticas da Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil: uma síntese comparativa entre os estudos de Peter Wilhelm Lund e Johannes Theodor Reinhardt em meados do século XIX e estudos contemporâneos. **Cotinga**, Sandy, n. 34, p. 5-14, 2012.

DORR II, John Van Nostrand. Physiographic, stratigraphic and structural development of the Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brazil. **Geological Survey Professional Paper**, Washington, n. 641-A, p. 1-110, 1969.

DRUMMOND, Gláucia Moreira; MARTINS, Cássio Soares; GRECO, Magda Barcelos; VIEIRA, Fábio. **Biota Minas**: diagnóstico do conhecimento sobre a biodiversidade no estado de Minas Gerais: subsídio ao Programa Biota Minas. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2009.

DRUMMOND, Gláucia Moreira; MARTINS, Cássio Soares; MACHADO, Ângelo Barbosa Monteiro; SEBAIO, Fabiane Almeida; ANTONINI, Yasmine. **Biodiversidade em Minas Gerais**: um atlas para sua conservação. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2005.

DUARTE, Marina Henriques Lage; SOUSA-LIMA, Renata S.; YOUNG, Robert John; FARINA, Almo; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; RODRIGUES, Marcos; PIERETTI, Nadia. The impact of noise from open-cast mining on Atlantic Forest biophony. **Biological Conservation**, [S. l.], v. 191, p. 623-631, 2015.

DUARTE, Tulaci Bhakti Faria; PENA, João Carlos de Castro; RODRIGUES, Marcos. Novo registro do cuitelão *Jacamaralcyon tridactyla* (Vieillot, 1817) em fragmento florestal urbano de Belo Horizonte, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 182, p. 24, 2014.

DUCA, Charles; GUERRA, Tadeu José; MARINI, Miguel Ângelo. Territory size of the three antbirds (Aves, Passeriformes), in an Atlantic Forest fragment in southeastern Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 692-698, 2006.

DUCA, Charles; MARINI, Miguel Ângelo. Territory size of the flavescent warbler, *Basileuterus flaveolus* (Passeriformes, Emberizidae), in a forest fragment in Southeastern Brazil. **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 29-33, 2005.

DURÃES, Renata; MARINI, Miguel Ângelo. A quantitative assessment of bird diets in the Brazilian Atlantic Forest, with recommendations for future diet studies. **Ornitología Neotropical**, Montreal, v. 16, n. 1, p. 65-83, 2005.

ESPANHA, Juan; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; ETEROVICK, Paula Cabral. The role of tadpole coloration against visually oriented predators. **Behavioral Ecology and Sociobiology**, [S. l.], v. 70, n. 2, p. 255-267, 2016.

FAGGIOLI, Ângela Bernadete. Ocorrência de aves residentes e visitantes observadas nas áreas verdes do Jardim Zoológico de Belo Horizonte. **Revista SOM**, Belo Horizonte, n. 39, p. 23, 1991.

FARIA, Christiana, M. A.; RODRIGUES, Marcos; AMARAL, Frederico Queiroga do; MÓDENA, Érica; FERNANDES, Alexandre Mendes. Aves de um fragmento de Mata Atlântica no alto Rio Doce: colonização e extinção. **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 1217-1230, 2006.

FARIA, Luciene; CARRARA, Lucas Aguiar; GARCIA, Frederico Innecco; RODRIGUES, Marcos. Assessing population size of the Chestnut-Capped Foliage-Gleaner. **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, v. 52, n. 24, p. 281-290, 2012.

FARIA, Luciene Paula; CARRARA, Lucas Aguiar; RODRIGUES, Marcos. Dimorfismo sexual de tamanho no fura-barreira *Hylocryptus rectirostris* (Wied) (Aves, Furnariidae). **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 207-212, 2007a.

FARIA, Luciene Carrara Paula.; CARRARA, Lucas Aguiar; RODRIGUES, Marcos. Sistema territorial e forrageamento do fura-barreira *Hylocryptus rectirostris* (Aves: Furnariidae). **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 395-402, 2007b.

FARIA, Luciene Carrara Paula.; CARRARA, Lucas Aguiar; RODRIGUES, Marcos. Biologia reprodutiva do fura-barreira *Hylocryptus rectirostris* (Aves: Furnariidae). **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 172-181, 2008.

FERNANDES, Antoniel Silva; MOREIRA, Alecir Antônio Maciel. A pluviometria do Quadrilátero Ferrífero em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Climatologia**, [S. l.], v. 31, n. 18, p. 753-775, 2022.

FERNANDES, Antoniel Silva; MOREIRA, Alecir Antônio Maciel. A pluviometria da região da Serra do Caraça e a influência no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais. **GEOSP**, São Paulo, v. 27, n. 1, e-200689, 2023.

FERREIRA, Dalila de Fátima; AQUINO, Marla Mendes de; HEMING, Neander Marcel; MARINI, Miguel Ângelo; LEITE, Felipe Sá Fortes; LOPES, Leonardo Esteves. Breeding in the Gray-headed Tody-flycatcher (Aves: Tyrannidae) with comments on geographical variation in reproductive traits within the genus *Todirostrum*. **Journal of Natural History**, [S. l.], v. 53, n. 9-10, p. 595-610, 2019.

FERREIRA, Dalila de Fátima.; CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro da; LOPES, Leonardo Esteves. Males of lined seedeaters suggest the nest site, but do not build the nest. **Behaviour**, Leiden, v. 159, n. 8-9, p. 877-886, 2022.

FERREIRA, Dalila de Fátima; CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro da; LOPES, Leonardo Esteves. Male plumage colouration predicts female reproductive investment and nestling survival in a colour dimorphic tropical songbird. **Avian Biology Research**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 45-50, 2023a.

FERREIRA, Dalila; FIGUEIRA, Luiza; CUNHA, Filipe; LOPES, Leonardo Esteves. Molt strategy and delayed plumage maturation in the Lined Seedeater. **Journal of Field Ornithology**, [S. l.], v. 94, n. 3, 2023b.

FERREIRA, Dalila de Fátima; LOPES, Leonardo Esteves. Notas sobre a biologia reprodutiva de aves no estado de Minas Gerais, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 194, p. 33-41, 2016.

FERREIRA, Dalila de Fátima; LOPES, Leonardo Esteves. Natural history of the Lined Seedeater *Sporophila lineola* (Aves: Thraupidae) in southeastern Brazil. **Journal of Natural History**, [S. l.], v. 51, n. 23-34, p. 1425-1435, 2017.

FERREIRA, Dalila de Fátima; LOPES, Leonardo Esteves. Breeding biology of the Pale-bellied Tyrant-manakin *Neopelma pallescens* (Aves: Pipridae) in south-eastern Brazil. **Journal of Natural History**, [S. l.], v. 52, n. 29-30, p. 1893-1908, 2018.

FERREIRA, Jordana Demicheli; COSTA, Lillian Mariana; RODRIGUES, Marcos. Aves de um remanescente florestal do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais. **Biota Neotropica**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 39-54, 2009.

FIGUEIREDO, Luiz Fernando de Andrade; MACARRÃO, Arthur; CAMPOS, Ricardo Pires de; NUNES-DE-ALMEIDA, Carlos Henrique Luz. Novas localidades de ocorrência do joão-nordestino, *Furnarius figulus* (Passeriformes: Furnariidae) no estado de São Paulo: expansão de sua distribuição geográfica. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 155, p. 10-11, 2010.

FINN, Catherine; GRATTAROLA, Florencia; PINCHEIRA-DONOSO, Daniel. More losers than winners: investigating Anthropocene defaunation through the diversity of population trends. **Biological Reviews**, [S. l.], v. 98, n. 5, p. 1732-1748, 2023.

FIRME, Daniel Honorato; RAPOSO, Marcos André. Taxonomy and geographic variation of *Formicivora serrana* (Hellmayr, 1929) and *Formicivora littoralis* Gonzaga and Pacheco, 1990 (Aves: Passeriformes: Thamnophilidae). **Zootaxa**, Auckland, v. 2742, n. 1, p. 1-33, 2011.

FJP – Fundação João Pinheiro. **Infraestrutura estadual de dados espaciais**. FJP, 2017. Disponível em: <https://iede.fjp.mg.gov.br/map>. Acesso em: 18 mar. 2026.

FRAGA, Rosendo M; D'ANGELO-NETO, Santos. Natural history notes and breeding of the Pale Baywing (*Agelaioides fringillarius*) in northern Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, Belém, v. 22, n. 2, p. 238-241, 2014.

FRANKHUIZEN, Sjoerd; LOPES, Leonardo Esteves; CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro da. Social paper wasp (*Agelais pallipes*) predaes songbird nestling. **Ethology**, [S. l.], v. 126, n. 10, p. 1004-1006, 2020.

FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; CHAVES, Anderson Vieira; COSTA, Lillian Mariana; SANTOS, Fabrício Rodrigues dos; RODRIGUES, Marcos. A new species of *Cinclodes* from the Espinhaço Range, southeastern Brazil:

insights into the biogeographical history of the South American highlands. *Ibis*, [S. l.], v. 154, n. 4, p. 738–755, 2012.

FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; COSTA, Lílian Mariana; CHAVES, Anderson Vieira; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; RIBEIRO, Leonardo C.; SILVA, Juliano C.; SOUZA, Roney A.; SANTOS, Fabrício Rodrigues dos; RODRIGUES, Marcos. Geographic range and conservation of the Cipo Canastero *Asthenes luizae*, an endemic furnariid of Brazilian sky islands. *Bird Conservation International*, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 365–380, 2019a.

FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; COSTA, Lílian Mariana; FERREIRA, Jordana Demicheli; RODRIGUES, Marcos. The range of Long-tailed Cinclodes *Cinclodes pabsti* extends to Minas Gerais (Brazil). *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, [S. l.], v. 128, n. 3, p. 215–216, 2008.

FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; COSTA, Lílian Mariana; SILVA, Pedro H. V. B. P.; CHAVES, Anderson Vieira; RIBEIRO, Leonardo C.; RODRIGUES, Marcos. Spatial ecology and conservation of the microendemic ovenbird Cipo Cinclodes (*Cinclodes espinhacensis*) from the Brazilian highlands. *Journal of Field Ornithology*, [S. l.], v. 90, n. 2, p. 128–142, 2019b.

FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; RODRIGUES, Marcos. Canário-rabudo *Embernagra longicauda*: uma ave típica das montanhas do leste do Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, Ivaiporã, n. 141, p. 20–21, 2008.

FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; RODRIGUES, Marcos. Observações sobre o hábito alimentar do rabo-mole-da-serra *Embernagra longicauda* (Aves: Emberizidae) na Serra do Cipó. *Atualidades Ornitológicas*, Ivaiporã, n. 163, p. 18–21, 2011.

FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; RODRIGUES, Marcos. Territory distribution and habitat selection of the Serra Finch (*Embernagra longicauda*) in Serra do Cipó, Brazil. *The Wilson Journal of Ornithology*, [S. l.], v. 124, n. 1, p. 57–65, 2012.

FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; RODRIGUES, Marcos. Aspectos reprodutivos e comentários adicionais sobre o jovem do rabo-mole-da-serra (*Embernagra longicauda*) na Serra do Cipó, Minas Gerais. *Atualidades Ornitológicas*, Ivaiporã, n. 147, p. 8–9, 2009.

GALETTI, Mauro; GONÇALVES, Fernando; VILLAR, Nacho; ZIPPARRO, Valesca; PAZ, Cláudia; MENDES, Calebe; LAUTENSCHLAGER, Laís; SOUZA, Yuri; AKKAWI, Paula; PEDROSA, Felipe; BULASCOCHI, Letícia; BELLO, Carolina; SEVÁ, Anaiá.; SALES, Lilian; GENES, Luísa; ABRA, Fernanda; BOVENDORP, Ricardo. Causes and consequences of large-scale defaunation in the Atlantic Forest. In: MARQUES, Márcia; GRELLE, Carlos (eds.). *The Atlantic Forest: history, biodiversity, threats and opportunities of the mega-diverse forest*. Cham: Springer Nature, 2021. p. 297–323.

GALETTI, Mauro; PEDRONI, Fernando. Notes on the diet of Peach-fronted Parakeet *Aratinga aurea* in the Serra do Cipó, Minas Gerais, Brazil. *Cotinga*, Sandy, n. 6, p. 59–60, 1996.

GALETTI, Mauro; SAZIMA, Ivan. Impact of feral dogs in an urban Atlantic Forest fragment in southeastern Brazil. **Natureza e Conservação**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 146–151, 2006.

GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 1031–1045, 2008.

GÉLVEZ-ZÚÑIGA, Irene; AGUIRRE, Armando; MARTÉN-RODRÍGUEZ, Silvana; MATOS-GOMES, Vanessa; BARBOSA, Arleu; BORDIGNON, Leandra; ROCHA, Rosana; FERNANDES, Geraldo Wilson. Nectar robbing in *Collaea cipoensis* (Fabaceae), an endemic shrub of the Brazilian rupestrian grasslands. **Revista Mexicana de Biodiversidad**, Cidade do México, v. 87, n. 4, p. 1352–1355, 2016.

GÉLVEZ-ZÚÑIGA, Irene; NEVES, Ana Carolina; TEIXIDO, Alberto López; FERNANDES, Geraldo Wilson. Reproductive biology and floral visitors of *Collaea cipoensis* (Fabaceae), an endemic shrub of the rupestrian grasslands. **Flora**, [S. l.], v. 238, p. 129–137, 2018.

GOMES, Henrique Belfort; RODRIGUES, Marcos. The nest of the Cipó Canastero (*Asthenes luizae*), an endemic furnariid from the Espinhaço Range, southeastern Brazil. **The Wilson Journal of Ornithology**, [S. l.], v. 122, n. 3, p. 600–603, 2010.

GOMES, Maria do Carmo Andrade; HOLTEN, Birgitte; STERLL, Michael. **A canção das palmeiras**: Eugenius Warming, um jovem botânico no Brasil. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2006.

GOMES, Mauro; FERREIRA, Rodrigo Lopes; RUCHKYS, Úrsula de Azevedo. Landscape evolution in ferruginous geosystems of the Iron Quadrangle, Brazil: a speleological approach in a biodiversity hotspot. **SN Applied Sciences**, [S. l.], v. 1, artigo 1102, 2019.

GOMES, Maysa. **Tempo, aura, vestígios**: 150 anos da viagem de Marianne North ao Brasil (do Rio de Janeiro a Congonhas do Sabará, Nova Lima, Minas Gerais, 1872–1873). Belo Horizonte: Edição da Autora, 2025.

GONTIJO, Ricardo Gustavo Ribeiro. O chopim-azeviche (*Molothrus rufo-axillaris*). **Uiraçu**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3, 1997.

GOULART, Fernando Figueiredo; RODRIGUES, Marcos. Deposição diária e sazonal de gordura subcutânea em *Phacellodomus rufifrons* (Wied) (Aves, Furnariidae). **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 535–540, 2007.

GOUNELLE, Emille. Contribution à l'étude de la distribution géographique des trochilidés dans le Brésil central et oriental. **Ornis**, [S. l.], n. 13, p. 173–183, 1909.

GRANTS AU, Rolf. Sobre o gênero *Augastes* com a descrição de uma subespécie nova (Aves, Trochilidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, v. 21, p. 21–31, 1967.

GRANTS AU, Rolf. Die wiederentdeckung der brasilianischen kolibris *Augastes scutatus* und *Augastes lumachellus*. **Journal für Ornithologie**, [S. l.], v. 109, n. 4, p. 434–437, 1968.

GRANTS AU, Rolf. **Os beija-flores do Brasil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1988.

GRANTS AU, Rolf. **Guia completo para identificação das aves do Brasil**. 2 vols. São Carlos: Vento Verde, 2010.

GUERRA, Tadeu José; DAYRELL, Roberta L. C.; ARRUDA, André J.; DÁTILLO, Wesley; TEIXIDO, Alberto L.; MESSEDER, João V. S.; SILVEIRA, Fernando A. O. Intraspecific variation in fruit–frugivore interactions: effects of fruiting neighborhood and consequences for seed dispersal. *Oecologia*, [S. l.], v. 185, p. 233–243, 2017.

GUERRA, Tadeu José; GALETTO, L.; SILVA, W. R. Nectar secretion dynamic links pollinator behavior to consequences for plant reproductive success in the ornithophilous mistletoe *Psittacanthus robustus*. *Plant Biology*, [S. l.], v. 16, n. 5, p. 956–966, 2014.

GUERRA, Tadeu José; MARINI, Miguel Ângelo. Bird frugivory on *Struthanthus concinnus* (Loranthaceae) in southeastern Brazil. *Ararajuba*, Seropédica, v. 10, n. 2, p. 187–192, 2002.

GUERRA, Tadeu José; MESSEDER, João Vitor S.; ARRUDA, André J.; FUZESEY, Lisieux S.; DAYRELL, Roberta L. C.; NEVES, Frederico S.; SILVEIRA, Fernando A. O. Handling by avian frugivores affects diaspore secondary removal. *PLoS One*, [S. l.], v. 13, n. 8, e0202435, 2018.

GUERRA, Tadeu José; PIZO, Marco Aurélio. Asymmetrical dependence between a neotropical mistletoe and its avian seed disperser. *Biotropica*, [S. l.], v. 46, n. 3, p. 285–293, 2014.

HALLER, Ayke; CIOLETE, Tarso; LOPES, Leonardo Esteves; CUNHA, Filipe. Weather conditions influence breeding initiation of an intra-tropical migrant bird, *Sporophila lineola* (Lined Seedeater). *Ornithology*, [S. l.], v. 142, n. 3, p. 1–12, 2025.

HBW ALIVE – Birds of the world. **Orders and families**. Cornell Lab, 2026. Disponível em: <https://birdsoftheworld.org/bow/species>. Acesso em: 19 mar. 2026.

HELLMAYR, Carl Eduard. Revision der Spix'schen Typen brasilianischer Vögel. *Abhandlungen der Mathematisch-Physikalischen Klasse der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, [S. l.], n. 22, p. 563–726, 1906.

HERTER, W. Auf den Spuren der Naturforscher Sellow und Saint-Hilaire. *Botanische Jahrbücher Systematik*, [S. l.], n. 74, p. 119–149, 1945.

HOFFMANN, Diego; EPIFÂNIO, Ariana Dias; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Nesting of Band-winged Nightjar *Caprimulgus l. longirostris* in eastern Brazil, including the first description of chicks. *Cotinga*, Sandy, n. 32, p. 142–145, 2010.

HOFFMANN, Diego; GOMES, Henrique Belfort; GUERRA, Tadeu José. Biologia reprodutiva de *Elaenia cristata* Pelzeln, 1868 (Passeriformes: Tyrannidae) em duas áreas de campos rupestres de Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 102–106, 2009a.

HOFFMANN, Diego; LOPES, Leonardo Esteves; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Natural history notes on the Pale-throated Serra-finch (*Embernagra longicauda*) in eastern Brazil. **Ornitología Neotropical**, Bonn, v. 20, n. 4, p. 597-607, 2009b.

HOFFMANN, Diego; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; LOPES, Leonardo Esteves; RODRIGUES, Marcos. Comportamento de forrageamento e dieta de *Polystictus superciliaris* (Aves, Tyrannidae) no sudeste do Brasil. **Iheringia, Série Zoologia**, Porto Alegre, v. 97, n. 3, p. 296-300, 2007.

HOLTEN, Birgitte; STERLL, Michael. **Peter Lund e as grutas com ossos em Lagoa Santa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOLTEN, Birgitte; STERLL, Michael; FJELDSÅ, Jon. **O artista desaparecido: P.W. Lund e P.A. Brandt no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Plano de ação para a conservação do mutum-do-sudeste *Crax blumenbachii***. Brasília: IBAMA, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de biomas brasileiros – Escala 1:5.000.000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 17 out. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e estados do Brasil**. IBGE, 2025. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 17 de out. 2025.

IDE-SISEMA – Infraestrutura de Dados Espaciais do Sistema Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Minas Gerais. **Metadados**. Geovisualizador IDE-Sisema/MG, 2026. Disponível em: <https://idesisema.meioambiente.mg.gov.br/geonetwork/srv/por/catalog.search#/home>. Acesso: 18 mar. 2026.

IGAM – Instituto Mineiro de Gestão das Águas. 2021. **Comitês de bacias hidrográficas estaduais**. IGAM, 2021. Disponível em: <https://comites.igam.mg.gov.br/comites-estaduais-mg>. Acesso em: 19 out. 2025.

INSTITUTO PRÍSTINO. **Atlas digital geoambiental**. Instituto Prístino, 2017. Disponível em: <https://institutopristino.org.br/atlas/quadrilatero-ferrifero/>. Acesso em: 18 mar. 2026.

IUCN – International Union for Conservation. **The IUCN Red List of threatened species – Version 2025-2**. IUCN, 2026. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org>. Acesso em: 19 jan. 2026.

JEBER, Adriana; PROFETA, André Luiz. Meio ambiente e mineração. In: PEDROSA-SOARES, Antônio Carlos; VOLL, Eliane; CUNHA, Edson Campos (coords.). **Recursos minerais de Minas Gerais on line**. Belo Horizonte: CO-DEMGE, 2018. p. 1-67.

KIRWAN, Guy M.; STEINHEIMER, Frank D.; RAPOSO, Marcos André; ZIMMER, Kevin J. Nomenclatural corrections, neotype designation and new subspecies description in the genus *Suiriri* (Aves: Passeriformes: Tyrannidae). **Zootaxa**, Auckland, v. 3784, n. 3, p. 224-240, 2014.

KLAVINS, Juan; BODRATI, Alejandro. La viudita enmascarada (*Fluvicola nengeta*): nueva especie para Paraguay y segundo registro en Argentina. **El Hornero**, Buenos Aires, v. 22, n. 1, p. 43-45, 2007.

KLEM JR, Daniel. Collisions between birds and windows: mortality and prevention. **Journal of Field Ornithology**, [S. l.], v. 61, n. 1, p.120-128, 1990.

KOMISSAROV, Boris. A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff e seus artistas ao Brasil. In: MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel (orgs.). **Expedição Langsdorff ao Brasil**. Vol. 1: Rugendas. Rio de Janeiro: Edições Alumbra-mento, 1988. p. 11-36.

KOMISSAROV, Boris. **História da Expedição Langsdorff no Brasil**. São Paulo: Cia Aluminis Editora, 1996.

KRABBE, Niels. Birds collected by P. W. Lund and J. T. Reinhardt in south-eastern Brazil between 1825 and 1855, with notes on P. W. Lund's travels in Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 331-357, 2007.

KRAUCZUK, Ernesto R.; KURDAY, Daniel; ARZAMENDIA, Esteban. Presencia de *Fluvicola nengeta* en la provincia de Misiones, Argentina. **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 161, 2003.

LAMIM-GUEDES, Valdir. Uma análise histórico-ambiental da região de Ouro Preto pelo relato de naturalistas viajantes do século XIX. **Filosofia e História da Biologia**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 97-114, 2010.

LEITE, Lemuel Olívio; NAKA, Luciano Nicolás; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; COELHO, Marcos Maldonado. Aspectos da nidificação do baturauzinho, *Chordeiles pusillus* (Caprimulgiformes: Caprimulgidae) nos estados da Bahia e Minas Gerais. **Ararajuba**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 237-240, 1997.

LEWINSOHN, Thomas M.; PRADO, Paulo Inácio. How many species are there in Brazil? **Conservation Biology**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 619-624, 2005.

LIMA, Cássia Alves; SIQUEIRA, Paulo Ricardo; GONÇALVES, Raissa M. M.; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; LEITE, Lemuel Olívio. Dieta de aves da Mata Atlântica: uma abordagem baseada em conteúdos estomacais. **Ornitologia Neotropical**, Bonn, v. 21, n. 3, p. 425-438, 2010.

LO, Vincent Kurt. Ocorrência de *Laniisoma elegans* (Thunberg, 1823) (Cotingidae) e *Fluvicola nengeta* (Linnaeus, 1766) (Tyrannidae) no município de São Paulo, SP. **Boletim CEO**, São Paulo, n. 10, p. 36-41, 1994.

LONEUX, Michèle. The birds in the collection of the Zoological Museum of the University of Liège: diversity and interest, a first approach. **Zoologische Mededelingen**, Leiden, v. 79, n. 3, p. 29-34, 2005.

- LOPES, Leonardo Esteves. Field identification and new site records of Chapada Flycatcher *Suiriri islerorum*. **Cotinga**, Sandy, n. 24, p. 38–41, 2005.
- LOPES, Leonardo Esteves. Notas sobre a campainha-azul *Porphyrospiza caerulescens*. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 167, p. 57–68, 2012.
- LOPES, Leonardo Esteves; GONZAGA, Luiz Pedreira; RODRIGUES, Marcos; SILVA, José Maria Cardoso da. Distinct taxonomic practices impact patterns of bird endemism in the South American Cerrado savannas. **Zoological Journal of the Linnean Society**, [S. l.], v. 203, n. 1, zlae019, 2025.
- LOPES, Leonardo Esteves; MALACCO, Gustavo Bernardino; ALTEFF, Eduardo França; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; HOFFMANN, Diego; SILVEIRA, Luís Fábio. Range extensions and conservation of some threatened or little known Brazilian grassland birds. **Bird Conservation International**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 84–94, 2010.
- LOPES, Leonardo Esteves; MARÇAL, Bráulio de Freitas. Avifauna do Campus Florestal da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 193, p. 41–56, 2016.
- LOPES, Leonardo Esteves; OLIVEIRA, M. C. G.; STEPHANO, A. C. Boa constrictor (*Boa constrictor*). Diet. **Herpetological Review**, [S. l.], v. 43, p. 492, 2012a.
- LOPES, Leonardo Esteves; PEIXOTO, Helberth José Cardoso; HOFFMANN, Diego. Notas sobre a biologia reprodutiva de aves brasileiras. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 171, p. 33–49, 2013.
- LOPES, Leonardo Esteves; PEIXOTO, Helberth José Cardoso; NOGUEIRA, Wagner. Aves da Serra Azul, sul da Cadeia do Espinhaço, Minas Gerais, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 169, p. 41–53, 2012b.
- LOPES, Leonardo Esteves; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. On the wide occurrence of the Hellmayr's Pipit *Anthus hellmayri* in the Espinhaço Range, southeastern Brazil, with comments on its natural history. **Interciência**, Caracas, v. 36, n. 10, p. 743–745, 2011.
- LOPES, Leonardo Esteves; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; GONZAGA, Luiz Pedreira. A cryptic new species of hummingbird of the *Campylopterus largipennis* complex (Aves: Trochilidae). **Zootaxa**, Auckland, v. 4268, n. 1, p. 1–33, 2017.
- LOSS, Scott R.; WILL, Tom; MARRA, Peter P. The impact of free-ranging domestic cats on wildlife of the United States. **Nature Communications**, [S. l.], n. 4, artigo 1396, 2013.
- MACHADO, Beatriz Gherard; MACIEL, Ricardo. **Guia de aves – Fundação Ezequiel Dias**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2015.
- MACHADO, Ricardo Bomfim; RIGUEIRA, Sônia Elias; LINS, Livia Vanucci. Expansão geográfica do canário-rabudo (*Embernagra longicauda* – Aves, Emberizidae) em Minas Gerais. **Ararajuba**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 42–45, 1998.

- MAFIA, Pedro de Oliveira; OLIVEIRA, Evandro Gama de; BARÇANTE, Luciana. Avifauna do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, Belo Horizonte, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 165, p. 33–39, 2012.
- MALDONADO-COELHO, Marcos; MARINI, Miguel Ângelo. Effects of forest fragment size and successional stage on mixed-species bird flocks in southeastern Brazil. **The Condor**, [S. l.], v. 102, n. 3, p. 585–594, 2000.
- MARCHESOTTI, Ana Paula Almeida. **Peter Wilhelm Lund: o naturalista que revelou ao mundo a pré-história brasileira**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.
- MARCHESOTTI, Ana Paula Almeida. **Peter Wilhelm Lund: o homem, o cientista, o mito**. Belo Horizonte: Cia Memoriana, 2025.
- MARÇAL, Bráulio de Freitas; LOPES, Leonardo Esteves. Breeding biology of the Helmeted Manakin *Antilophia galeata* in an ecotone between the Atlantic Forest and the Cerrado. **Revista Brasileira de Ornitologia**, Rio Grande, v. 27, n. 1, p. 1–9, 2019a.
- MARÇAL, Bráulio de Freitas; LOPES, Leonardo Esteves. Non-monogamous mating system and evidence of lekking behavior in the Helmeted Manakin (Aves: Pipridae). **Journal of Natural History**, [S. l.], v. 53, n. 39–40, p. 2479–2488, 2019b.
- MARIANO, Philippe Nicolau. Composição avifaunística de dois fragmentos de cerrado em meio urbano no município de Ribeirão das Neves, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 196, p. 33–40, 2017.
- MARINI, Miguel Ângelo; AGUILAR, Thaís Maya; ANDRADE, Renata Dornelas; LEITE, Lemuel Olívio; ANCIÃES, Marina; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar; DUCA, Charles; MALDONADO-COELHO, Marcos; SEBAIO, Fabiane; GONÇALVES, Juliana. Biologia da nidificação de aves do sudeste de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 367–376, 2007.
- MARINI, Miguel Ângelo; DURÃES, Renata. Annual patterns of molt and reproductive activity of passerines in south-central Brazil. **The Condor**, [S. l.], v. 103, n. 4, p. 767–775, 2001.
- MARINI, Miguel Ângelo; HACKETT, Shannon J. A multifaceted approach to the characterization of an intergeneric hybrid manakin (Pipridae) from Brazil. **The Auk**, [S. l.], v. 119, n. 4, p. 1114–1120, 2002.
- MARQUES, Fernanda Pinto; SILVA, Suylane Barbalho de Lima; LEAL, Danielle Custódio. *Crax blumenbachii* Spix, 1825. In: ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção: Volume III – Aves**. Brasília: ICMBio, 2018. p. 54–57.
- MARQUES-SANTOS, Fernando; WISCHHOFF, Uschi; RODRIGUES, Marcos. New insights on the rarity of the vulnerable Cinereous Warbling-finch (Aves, Emberizidae) based on density, home range, and habitat selection. **Brazilian Journal of Biology**, [S. l.], v. 74, n. 4, p. 795–802, 2014.
- MARTINS, Gustavo de Melo; CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro da; LOPES, Leonardo Esteves. Territorial behavior of the migratory Lined Seedeater during

- the breeding season. **Ornithology Research**, [S. l.], v. 29, p. 133–139, 2021.
- MARTINS, Gustavo de Melo; FERREIRA, Dalila de Fátima; PACHECO, Sérgio; RIBON, Rômulo; LOPES, Leonardo Esteves. Territorial behaviour and breeding in the Southern Antpipit *Corythopsis delalandi* (Aves: Rhynchocyclidae) in southeastern Brazil. **Journal of Natural History**, [S. l.], v. 54, n. 29–30, p. 1827–1844, 2020.
- MARTINS, Marcos Lobato. **História e meio ambiente**. São Paulo: Annablume, 2007.
- MATTOS, Geraldo Theodoro; ANDRADE, Marco Antônio de; FREITAS, Marcus Vinícius de. Acréscimo à lista de aves do Estado de Minas Gerais. **Revista SOM**, Belo Horizonte, n. 39, p. 3–7, 1991.
- MATTOS, Geraldo Theodoro de; ANDRADE, Marco Antônio de; FREITAS, Marcus Vinícius de. **Nova lista de aves do estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fundação Acangaú, 1993.
- MATTOS, Geraldo Theodoro; SICK, Helmut. Sobre a distribuição e a ecologia de duas espécies crípticas: *Embernagra longicauda* Strickland, 1844, e *Embernagra platensis* (Gmelin, 1789). Emberizidae, Aves. **Revista Brasileira de Biologia**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p. 201–206, 1985.
- MAZZONI, Luiz Gabriel; PERILLO, Alyne. Range extension of *Anthus nattereri* Sclater, 1878 (Aves: Motacillidae) in Minas Gerais, southeastern Brazil. **Check List**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. 589–591, 2011.
- MAZZONI, Luiz Gabriel; PERILLO, Alyne. The wintering distribution of the Blue-tufted Starthroat *Helimaster furcifer* (Apodiformes: Trochilidae) in Minas Gerais, and its association with *Pyrostegia venusta* (Bignoniaceae). **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 180, p. 7–9, 2014.
- MAZZONI, Luiz Gabriel; PERILLO, Alyne; MALACCO, Gustavo Bernardino; OLIVEIRA E ALMEIDA, Thiago; PEIXOTO, Helberth José Cardoso; SOUZA, Thiago de Oliveira; DUTRA, Eduardo de Carvalho; FRANÇA, Eduardo Alteff. Aves, *Micropygia schomburgkii* (Schomburgk, 1848), *Veniliornis mixtus* (Boddaert, 1783), *Culicivora caudacuta* (Vieillot, 1818) and *Coryphas piza melanotis* (Temminck, 1822): documented records in the southern Espinhaço Range, Minas Gerais, Brazil. **Check List**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 138–142, 2012.
- MAZZONI, Luiz Gabriel; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; PERILLO, Alyne; MORAIS, Rodrigo; MALACCO, Gustavo Bernardino; BENFICA, Carlos Eduardo Ribas Tameirão; GARCIA, Frederico Innecco Alves. Filling gaps in the distribution of Atlantic Forest birds in Minas Gerais, southeastern Brazil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 190, p. 33–47, 2016.
- MCZBASE. **The database of the zoological collections**. Museum of Comparative Zoology, 2025. Disponível em: <https://mczbase.mcz.harvard.edu/>. Acesso em: 8 set. 2025.
- MELO, Lucas Aguiar Carrara de; FARIA, Luciene de Paula; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; RODRIGUES, Marcos. Nidificação e cuidado parental do

bacurau-pequeno, *Caprimulgus parvulus* Gould, 1837, no Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais. **Ararajuba**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 109-113, 2000.

MELO, Marco Antônio. *Furnarius figulus* (Passeriformes: Furnariidae): uma nova espécie colonizadora na cidade de São Paulo. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 155, p. 8-9, 2010.

MELO-JÚNIOR, Tadeu Artur de. Registros de algumas aves ameaçadas no estado de Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 72, p. 13-14, 1996.

MELO-JÚNIOR, Tadeu Artur de; PACHECO, José Fernando; DINIZ, Mauro Guimarães. Ocorrência de *Asio stygius* (Strigiformes: Strigidae) na região metropolitana de Belo Horizonte e em outras localidades do Estado de Minas Gerais. **Ararajuba**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 34-38, 1996.

MELO-JÚNIOR, Tadeu Artur de; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; FERNANDES, Geraldo Wilson; MARINI, Miguel Ângelo. Bird species distribution and conservation in Serra do Cipó, Minas Gerais, Brazil. **Bird Conservation International**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 189-204, 2001.

MENDES-NETO, Humberto Ribeiro; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. **Aves comuns do estado de Minas Gerais**: um guia de campo para o observador. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2005.

MÉNÉTRIÈS, Édouard. Monographie de la famille des Myiotherinae. **Mémoires de L'Académie Imperiale des Sciences de St. Pétersbourg**, São Petersburgo, v. 6, n. 3, p. 443-543, 1835.

MESQUITA, Elisa Paraíso; RODRIGUES, Vinícius Cerqueira; RODRIGUES, Marcos. First record of Yellow-legged Thrush *Turdus flavipes* in Brazilian campos rupestres. **Cotinga**, Sandy, n. 30, p. 86-87, 2008.

MITTERMEIER, Russell Alan; GIL, Patricio Robles; HOFFMANN, Michael; PILGRIM, John.; BROOKS, Thomas; MITTERMEIER, Cristina Goettsch; LAMOREUX, John; FONSECA, Gustavo Alberto Bouchardet. **Hotspots revisited**: earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. University of Chicago Press, Boston, 2005.

MITTERMEIER, Russell Alan; GIL, Patricio Robles; MITTERMEIER, Cristina Goettsch. **Megadiversity**: earth's biologically wealthiest nations. Mexico City: CEMEX, 1997.

MITTERMEIER, Russel Alan; MYERS, Norman; MITTERMEIER, Cristina Goettsch. **Hotspots**: earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. Cidade do México: CEMEX, 1999.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. Portaria nº 300, de 13 de dezembro de 2022. Reconhece a Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, n. 234, p. 75, 14 dez. 2022.

MONTEIRO, Alberto Resende; MATTOS, Geraldo Theodoro de. Aves observadas e identificadas no município de Florestal, Minas Gerais. **Experientiae**, Viçosa, v. 29, n. 2, p. 19-30, 1983.

MOON, Brenda Elizabeth. Marianne North's Recollections of a happy life: how they came to be written and published. **Journal of the Society for the Bibliography of Natural History**, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 497-505, 1978.

MOREIRA, Nayara Couto; STEHMANN João Renato. Eugen Warming's *Florula Lagoensis* revisited: old lessons to new challenges. **Plant Ecology and Evolution**, [S. l.], v. 153, n. 1, p. 143-151, 2020.

MOURA, Nárgila Gomes de; LEES, Alexander Charles; ALEIXO, Alexandre; BARLOW, Jos; DANTAS, Sidnei de Melo; FERREIRA, Joice; LIMA, Maria de Fátima Cunha; GARDNER, Toby Alan. Two hundred years of local avian extinctions in eastern Amazonia. **Conservation Biology**, [S. l.], v. 28, n. 5, p. 1271-1281, 2014.

MOURA, Tavinho. **Pássaros poemas: aves na Pampulha**. Belo Horizonte: Editora Gomes, 2012.

MUCIDA, Danielle Piuzana; GONTIJO, Bernardo Machado; MORAIS, Marcelino Santos de; FAGUNDES, Marcelo. A degradação ambiental em narrativas de naturalistas do século XIX para a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 29, n. 57, p. 465-495, 2019.

MYERS, Norman; MITTERMEIER, Russel Alan; MITTERMEIER, Cristina Goettsch; FONSECA, Gustavo Alberto Bouchardet da; KENT, Jennifer. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, [S. l.], n. 403, p. 853-858, 2000.

NASCIMENTO, Rafael; SILVEIRA, Luís Fábio. The fossil birds of Peter Lund. **Zootaxa**, Auckland, v. 4743, n. 4, p. 480-510, 2020.

NASH, Liam Naoise; ANTIQIEIRA, Pablo Augusto Poletto; ROMERO, Gustavo Quevedo; OMENA, Paula Munhoz de; KRATINA, Pavel. Warming of aquatic ecosystems disrupts aquatic-terrestrial linkages in the tropics. **Journal of Animal Ecology**, [S. l.], v. 90, n. 7, p. 1623-1634, 2021.

NÓBREGA, Paula Fernanda Albonette de; AGUIAR, Janaína Aparecida Batista; FIGUEIRA, José Eugênio Côrtes. First records of *Charadrius semipalmatus*, Bonaparte 1825 (Charadriidae) and *Gelochelidon nilotica* Gmelin 1789 (Sternidae) in the State of Minas Gerais, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, [S. l.], v. 75, n. 2, p. 451-454, 2015.

NOVAES, Fernando Costa; LIMA, Maria de Fátima Cunha. **Aves da Grande Belém: municípios de Belém e Ananindeua, Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

OLIVEIRA, Valeska B.; LINARES, Antônio Meira; CORRÊA, Guilherme L. C.; CHIARELLO, Adriano Garcia. Predation on the black capuchin monkey *Cebus nigritus* (Goldfuss) (Primates, Cebidae) by domestic dog *Canis lupus familiaris* Linnaeus (Carnivora, Canidae) in the Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 376-378, 2008.

OSWALD, Caroline Batistim; SILVEIRA, Fernando Augusto de Oliveira e; CORNELISSEN, Tatiana; COSTA, Lílían Mariana; COSTA, Henrique Caldeira; DA-

GOSTA, Fernando Cesar Paiva; DOMINGOS, Fabrício Maia Chaves Bicalho; ETEROVICK, Paula Cabral; FREITAS, Guilherme Henrique Silva; GUEDES, Thaís Barreto; GUERRA, Tadeu José; GOULART, Fernando Figueiredo; HOFFMANN, Diego; LEITE, Felipe Sá Fortes; MACHADO, Caio Graco; MARUYAMA, Pietro Kiyoshi; OLIVEIRA, Henrique José de; PERINI, Fernando Araújo; PEZZUTI, Tiago Leite; TAGLIACOLLO, Victor Alberto; TUNES, Pedro Henrique; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MAGALHÃES, Rafael Félix de. Biogeography and evolution of the vertebrate fauna in *campo rupestre*, a megadiverse Neotropical montane open ecosystem. **Biological Journal of the Linnean Society**, [S. l.], v. 154, n. 3, blaf032, 2025.

PACHECO, José Fernando. Pílulas históricas VI: Sabará ou Cuiabá? O problema das localidades de Ménériès. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 117, p. 4-5, 2004.

PACHECO, José Fernando; PARRINI, Ricardo. A atividade naturalística de Herbert Franzoni Berla (1912-1985), ornitólogo e acarologista do Museu Nacional. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, v. 87, p. 4-6, 1999.

PACHECO, José Fernando; SILVEIRA, Luís Fábio; ALEIXO, Alexandre; AGNE, Carlos Eduardo; BENCKE, Glayson Ariel; BRAVO, Gustavo A.; BRITO, Guilherme R. R.; COHN-HAFT, Mario; MAURÍCIO, Giovanni Nachtigall; NAKA, Luciano N.; OLMOS, Fabio; POSSO, Sérgio R.; LEES, Alexander C.; FIGUEIREDO, Luiz Fernando A.; CARRANO, Eduardo; GUEDES, Reinaldo C.; CESARI, Evaldo; FRANZ, Ismael; SCHUNCK, Fabio; PIACENTINI, Vitor de Q. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee – second edition. **Ornithology Research**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 94-105, 2021.

PACHECO, José Fernando; WHITNEY, Bret M. Um tributo ao naturalista Friedrich Sellow (1789-1831). Recontando a sua passagem pela Bahia e o destino desafortunado de seu acervo ornitológico. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 100, p. 6-7, 2001.

PASCHOAL, Ana Maria de Oliveira; MASSARA, Rodrigo Lima; BAILEY, Larissa L.; DOHERTY JR, Paul F.; HIRSCH, André; CHIARELLO, Adriano Garcia; PAGLIA, Adriano Pereira. Use of Atlantic Forest protected areas by free-ranging dogs: estimating abundance and persistence of use. **Ecosphere**, [S. l.], v. 7, n. 10, e01480, 2016.

PASCHOAL, Ana Maria de Oliveira; MASSARA, Rodrigo Lima; BAILEY, Larissa L.; DOHERTY, Paul F.; SANTOS, Paloma M.; PAGLIA, Adriano Pereira; HIRSCH, André; CHIARELLO, Adriano Garcia. Anthropogenic disturbances drive domestic dog use of Atlantic Forest protected areas. **Tropical Conservation Science**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 11-14, 2018.

PASCHOAL, Ana Maria de Oliveira; MASSARA, Rodrigo Lima; SANTOS, Juliana L.; CHIARELLO, Adriano Garcia. Is the domestic dog becoming an abundant species in the Atlantic forest? A study case in southeastern Brazil. **Mammalia**, [S. l.], v. 76, n. 1, p. 67-76, 2012.

PEARMAN, M. Behaviour and vocalizations of an undescribed *Canastero*

Asthenes sp. from Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, [S. l.], v. 110, n. 3, p. 145–153, 1990.

PEDERSOLI, Gustavo Henrique Prado; PEIXOTO, Adriano Gomes; GRECO, Cláudio Orlando; ESSER NETO, Daniel Teodoro; BECHO, Daniel Pedroso; FON-SECA, Eduardo de Assis; OURIQUES, Everton Vieira; FERNANDES, Luiz Gabriel Mazzoni Prata; MENDES, Luiz Guilherme de Moura; ROCHA, Marco Aurélio de Magalhães; GOMES, Maria Helena; MOURA, Otávio Augusto Pinto de; SALLES, Rafael Cardoso; NOGUEIRA, Wagner. 2010. Novos registros documentados de aves para a cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 154, p. 51–54, 2010.

PEIXOTO, Helberth José Cardoso; MALACCO, Gustavo Bernardino; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MAZZONI, Luiz Gabriel; PERILLO, Alyne; SANTOS, Kassius Klay; GARZON, Bruno. New records of *Phibalura flavirostris* Vieillot, 1816 (Aves: Cotingidae) in Minas Gerais, southeastern Brazil, with notes on its natural history and a review of its historical occurrence. **Check List**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 870–875, 2013.

PENA, João Carlos de Castro; MARTELLO, Felipe; RIBEIRO, Milton Cezar; ARMITAGE, Richard A.; YOUNG, Robert John; RODRIGUES, Marcos. Street trees reduce the negative effects of urbanization on birds. **PLoS ONE**, [S. l.], v. 12, n. 3, e0174484, 2017.

PESSOA, Paulo; ATMAN, Dora; KIMURA, Gisele. Environmental problems in the Lagoa Santa Karst. In: AULER, Augusto S.; PESSOA, Paulo (eds.). **Lagoa Santa Karst**: Brazil's iconic karst region. Cham: Springer Nature, 2020. p. 283–303.

PIMENTA, Demerval José. Aspectos do povoamento do leste mineiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 14, p. 367–392, 1970.

PIMENTA, Flávio E.; DRUMMOND, João, C. P.; LIMA, Ana C. Aves aquáticas da Lagoa da Pampulha: seleção de habitats e atividade diurna. **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 89–96, 2007.

PINTO, Olivério. Peter W. Lund e sua contribuição à ornitologia brasileira. **Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 269–284, 1950.

PINTO, Olivério. Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas Gerais. **Arquivos de Zoologia**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1–51, 1952.

PLANO METROPOLITANO RMBH. **Região Metropolitana de Belo Horizonte**. CEDEPLAR/UFMG, 2025. Disponível em: <http://www.rmbh.org.br/rmbh.php>. Acesso em: 13 out. 2025.

QUINTAS-FILHO, Sergei Studart; BATISTA, Renato de Carvalho; CARPI, Tiago Fernando; SOUSA, Raphael Almeida; COSTA, Maria da Salete Gurgel; PAIVA, Francisco José Feijó; DE-CARVALHO, Crizanto Brito. Aves, Tyrannidae, *Fluvicola nengeta* (Linnaeus, 1766): new record for Distrito Federal and distribution extension. **Check List**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 310–312, 2011.

RATTER, James Alexander; RIBEIRO, José Felipe; BRIDGEWATER, Samuel. The Brazilian Cerrado vegetation and threats to its biodiversity. **Annals of Botany**, [S. l.], v. 80, n. 3, p. 223-230, 1997.

REGO, Marco Antonio; MOREIRA-LIMA, Luciano; SILVEIRA, Luís Fábio; FRAHNERT, Sylke. On the ornithological collection of Friedrich Sellow in Brazil (1814-1831), with some considerations about the provenance of his specimens. **Zootaxa**, Auckland, v. 3616, n. 5, p. 478-484, 2013.

REICHHOLF, Von Josef Helmut. Der Bestand an Typenmaterial der ornithologischen Aufsammlungen von J. B. v. Spix in der Zoologischen Staatssammlung München. **Spixiana**, Munique, v. 9, p. 417-423, 1983.

REINHARDT, Johannes. Bidrag til kundskab om fuglefaunaen i Brasiliens campos. **Videnskabelige Meddelelser fra den Naturhistoriske Forening i København**, Copenhagen, n. 22 p. 1-124; 315-457, 1870.

REZENDE, Maycon Ailton de; D'ANGELO-NETO, Santos; SANTOS, Kassius Klay. O limite meridional da distribuição geográfica de *Nothura boraquira* no Brasil. **Cotinga**, Sandy, n. 39, p. 45-46, 2017.

REZENDE, Maycon Ailton de; DUTRA, Eduardo de Carvalho. Nota sobre o ambiente do fura-barreira *Clibanornis rectirostris* (Passeriformes: Furnariidae), reforçando o conceito de associação não exclusiva da espécie com matas ciliares. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 189, p. 25, 2016.

REZENDE, Maycon Ailton de; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Catálogo dos exemplares da avifauna de Minas Gerais depositados no *American Museum of Natural History* (AMNH), destacando ocorrências históricas de algumas espécies raras e preenchendo lacunas de distribuição. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 197, p. 33-57, 2017.

REZENDE, Maycon Ailton de; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Lista dos exemplares de aves de Minas Gerais abrigados no Museum für Naturkunde der Humboldt-Universität (ZMB), Berlim, com o primeiro espécime de *Glyphorynchus spirurus* (Passeriformes: Dendrocolaptidae) confirmado para o estado. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 203, p. 4-9, 2018.

REZENDE, Maycon Ailton de; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de.; NOGUEIRA, Wagner; SILVA, Juliano do Carmo; BECHO, Daniel Pedroso; SILVA, Luciano de Faria; SOUZA, Thiago de Oliveira. Novas ocorrências de híbridos entre *Chiroxiphia caudata* e *Antilophia galeata* em Minas Gerais, Brasil, com a primeira descrição de uma fêmea híbrida e comentários sobre os riscos da hibridação. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 174, p. 33-39, 2013.

RIBEIRO, Beatriz de Aquino; CARRARA, Lucas Aguiar; SANTOS, Fabrício, Rodrigues dos; RODRIGUES, Marcos. Sex-biased help and possible facultative control over offspring sex ratio in the Rufous-fronted Thornbird, *Phacellodomus rufifrons*. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 561-568, 2007.

RIBEIRO, Beatriz de Aquino; GOULART, Maíra Figueiredo; MARINI, Miguel Ângelo. Aspectos da territorialidade de *Knipolegus lophotes* (Tyrannidae, Fluvicolinae) em seu período reprodutivo. **Ararajuba**, Seropédica, v. 10, n. 2, p. 231-235, 2002.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. Fitofisionomias do bioma Cerrado. In: SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de (eds.). **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. p. 89-166.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do sertão: o Cerrado na história de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO-FILHO, Antônio Brant. **Desbravamento, caminhos antigos e povoa-mentos nos sertões do leste: uma aventura de pioneiros**. Viçosa: Centro de Referência do Professor, 2004.

RIBON, Rômulo; SIMON, José Eduardo; MATTOS, Geraldo Theodoro de. Bird extinctions in Atlantic Forest fragments of the Viçosa region, southeastern Brazil. **Conservation Biology**, [S. l.], v. 17, n. 6, p. 1827-1839, 2003.

RIGUEIRA, Sônia Elias; PAULA, M. O.; CARNEVALLI, Ney. Estudo da avifauna da Represa da Pampulha e de sua área de influência – Belo Horizonte – MG. **Lundiana**, Belo Horizonte, n. 2, p. 103-116, 1982.

RINAWATI, Fitria; STEIN, Katharina; LINDNER, André. Climate change impacts on biodiversity – The setting of a lingering global crisis. **Diversity**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 114-123, 2013.

ROCHA, Carlos Frederico Duarte. **Naturalistas viajantes no Brasil: 1783-1888**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2022.

RODRIGUES, Licléia da Cruz; MARTINS, Fernando Ibanez; RODRIGUES, Marcos. Survival of a mountaintop hummingbird, the Hyacinth Visorbearer *Augastes scutatus*, in southeastern Brazil. **Acta Ornithologica**, [S. l.], v. 48, n. 2, p. 211-219, 2013.

RODRIGUES, Licléia da Cruz; RODRIGUES, Marcos. Size dimorphism, juvenile plumage, and timing of breeding of the Hyacinth Visorbearer (*Augastes scutatus*). **The Wilson Journal of Ornithology**, [S. l.], v. 123, n. 4, p. 726-733, 2011.

RODRIGUES, Licléia da Cruz; RODRIGUES, Marcos. Flowers visited by hummingbirds in the open habitats of the southeastern Brazilian mountaintops: species composition and seasonality. **Brazilian Journal of Biology**, [S. l.], v. 74, n. 3, p. 659-676, 2014.

RODRIGUES, Licléia da Cruz; RODRIGUES, Marcos. Floral resources and habitat affect the composition of hummingbirds at the local scale in tropical mountaintops. **Brazilian Journal of Biology**, [S. l.], v. 75, n. 1, p. 39-48, 2015.

RODRIGUES, Marcos. Noteworthy bird records at Lagoa Santa, southeastern Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 150-153, 2008.

RODRIGUES, Marcos; CARRARA, Lucas Aguiar. Co-operative breeding in the Rufous-fronted Thornbird *Phacellodomus rufifrons*: a Neotropical ovenbird. **Ibis**, [S. l.], v. 146, n. 2, p. 351-354, 2004.

RODRIGUES, Marcos; CARRARA, Lucas Aguiar; FARIA, Luciene Paula; GOMES, Henrique Belfort. Aves do Parque Nacional da Serra do Cipó: o Vale do Rio Cipó, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 326-338, 2005.

RODRIGUES, Marcos; COSTA, Lílian Mariana. Diversidade e conservação de aves na Serra do Cipó, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 130, p. 28-31, 2006.

RODRIGUES, Marcos; COSTA, Lílian Mariana; FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; CAVALCANTI, Marina; DIAS, Daniel Filipe. Ninhos e ovos de *Emberizoides herbicola*, *Emberizoides ypiranganus* e *Embernagra longicauda* (Passeriformes: Emberizidae) no Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 155-160, 2009.

RODRIGUES, Marcos; FREITAS, Guilherme Henrique Silva de; COSTA, Lílian Mariana; DIAS, Daniel Filipe; VARELA, Mariane Lobato Menezes; RODRIGUES, Licléia da Cruz. Avifauna, Alto do Palácio, Serra do Cipó National Park, state of Minas Gerais, southeastern Brazil. **Check List**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 151-161, 2011.

RODRIGUES, Marcos; GOMES, Henrique Belfort. Range extensions for Grey-headed Tanager *Eucometis penicillata* in south-east Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, [S. l.], v. 124, n. 3, p. 177-184, 2004.

RODRIGUES, Marcos; MICHELIN, Vânia B. Riqueza e diversidade de aves aquáticas de uma lagoa natural no sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 928-935, 2005.

RODRIGUES, Marcos; ROCHA, Luis Eduardo Coura. Distribuição espacial de ninhos de *Phacellodomus rufifrons* no Parque Nacional da Serra do Cipó, sudeste do Brasil. **Ararajuba**, Seropédica, v. 11, n. 2, p. 227-232, 2003.

ROOT, Terry L.; PRICE, Jeff T.; HALL, Kimberly R.; SCHNEIDER, Stephen H.; ROSENZWEIG, Cynthia; POUNDS, J. Alan. Fingerprints of global warming on wild animals and plants. **Nature**, [S. l.], n. 421, n. 2, p. 57-60, 2003.

ROSELAAR, C. S. An inventory of major European bird collections. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, [S. l.], n. 123, p. 253-337, 2003.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Voyage pittoresque au Brésil**. Paris: Engelmann & Cie, 1835.

RULL, Valentí. Biodiversity crisis or sixth mass extinction? **EMBO Reports**, [S. l.], v. 23, e54193, 2022.

RUSCHI, Augusto. Trochilídeos do Museu Nacional. **Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello-Leitão, Série Biologia**, Santa Teresa, n. 10, p. 1-111, 1951.

RUSCHI, Augusto. Algumas observações sobre *Augastes lumachellus* (Lesson) e *Augastes scutatus* (Temminck). **Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello-Leitão, Série Biologia**, Santa Teresa, n. 31, p. 1-23, 1962.

RUSCHI, Augusto. A atual distribuição geográfica das espécies e sub-espécies do gênero *Augastes*, com a descrição de uma nova sub-espécie: *Augastes scutatus soaresi* Ruschi e a chave artificial e analítica para o reconhecimento das mesmas. **Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello-Leitão, Série Divulgação**, Santa Teresa, n. 4, p. 1-4, 1963a.

RUSCHI, Augusto. Notes on Trochilidae: the genus *Augastes*. **Proceedings of the XIII International Ornithological Congress**, Ithaca, p. 141-146, 1963b.

SÁ, Magali Romero. Coleções zoológicas brasileiras em museus de história natural europeus e norte-americanos. In: KURY, Lorelai (org.). **Representações da fauna no Brasil: séculos XVI-XX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014. p. 124-159.

SAINT-HILAIRE, Augustin François César Prouvençal. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975

SAINT-HILAIRE, Augustin François César Prouvençal. **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.

SALLES, Debora M.; CARMO, Flávio Fonseca do; JACOBI, Claudia M. Habitat loss challenges the conservation of endemic plants in mining-targeted Brazilian mountains. **Environmental Conservation**, [S. l.], v. 46, n. 2, p.140-146, 2014.

SALVADOR-JR., Luiz Fernando. Behaviour and diet of the Mantled Hawk *Leucopternis polionotus* (Accipitridae; Buteoninae) during deforestation of an Atlantic Rainforest landscape in Southeast Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 68-71, 2010.

SALVADOR-JR., Luiz Fernando; ÁLVARES, Caio de Oliveira; HAUEISEN, Mariana Pinheiro; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Predation of the allochthonous passerine *Estrilda astrild* (Estrildidae) by the Bat Falcon *Falco ruficularis* (Falconiformes, Falconidae) in a metropolis of Southeastern Brazil. **Historia Natural**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 173-178, 2021.

SALVADOR-JR., Luiz Fernando; ALVES, Diego Filipe Cordeiro; SOUZA, João Sérgio Barros Freitas de; OLIVEIRA, José Celso Ribeiro Vilela de; MAZZONI, Luiz Gabriel; SALLES, Rafael Cardoso.; SILVA, Fabiano de Andrade; PAPROCKI, Henrique. Rapinantes diurnos (Aves: Accipitriformes e Falconiformes) do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brasil. **Historia Natural**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 123-146, 2020.

SALVADOR-JR., Luiz Fernando; CANUTO, Marcus; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar; ZORZIN, Giancarlo. Aves, Accipitridae, *Spizaetus tyrannus* (Wied, 1820): new records in the Quadrilátero Ferrífero region, Minas Gerais, Brazil. **Check List**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 32-36, 2011.

SALVADOR-JR., Luiz Fernando; SALIM, Leonardo Bornacki; PINHEIRO, Marcell Soares; GRANZINOLLI, Marco Antônio Monteiro. Observations of a nest of the Black-chested Buzzard-eagle *Buteo melanoleucus* (Accipitridae) in a large urban center in southeast Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 125-130, 2008.

SANTOS, Lucas Penna Soares; ABREU, Vinícius Ferreira de; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Bird mortality due to collisions in glass panes on an Important Bird Area of southeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, Rio Grande, v. 25, n. 2, p. 90-101, 2017.

SAWAYA, Ricardo Jannini; SAZIMA, Ivan. A new species of *Tantilla* (Serpentes: Colubridae) from southeastern Brazil. **Herpetologica**, [S. l.], v. 59, n. 1, p. 119-126, 2003.

SAZIMA, Marlies. Hummingbird pollination of *Barbacenia flava* (Velloziaceae) in the Serra do Cipó, Minas Gerais, Brazil. **Flora**, [S. l.], v. 166, n. 3, p. 239-247, 1977.

SAZIMA, Marlies. Polinização de duas espécies de *Pavonia* (Malvaceae) por beija-flores, na Serra do Cipó, Minas Gerais. **Revista Brasileira de Biologia**, [S. l.], v. 41, n. 4, p. 733-737, 1981.

SAZIMA, Marlies; SAZIMA, Ivan. Quiropterofilia em *Lafoensia pacari* St. Hil. (Lythraceae), na Serra do Cipó, Minas Gerais. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 405-416, 1975.

SAZIMA, Marlies; SAZIMA, Ivan. Hummingbird pollination in two species of *Vellozia* (Liliiflorae: Velloziaceae) in southeastern Brazil. **Botanica Acta**, [S. l.], v. 103, n. 1, p. 83-86, 1990.

SCHICKHOFF, Udo; BOBROWSKI, Maria; OFFEN, Isis; MAL, Suraj. The biodiversity crisis in the Anthropocene. In: GÖNENÇGİL, Barbaros; MEADOWS, Michael (eds.). **Geography and the Anthropocene**. Istanbul: University of Istanbul Press, 2024. p. 79-111.

SCHNEIDER, Karla; HAUSCHKE, Norbert; HEIDECHE, Dietrich; HELLMUND, Meinolf. **Carl Hermann Conrad Burmeister (1807 – 1892). Ein hallescher Gelehrter von Weltrang**. Halle (Saale): Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg, 2007.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. The story of Peter Wilhelm Lund: between life and work. **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 3, n.1, p. 5-7, 2002.

SCHÖNITZER, Klaus. **Joahnn Baptist von Spix e sua contribuição para a pesquisa da fauna brasileira**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

SCHUNCK, Fabio; BAUDET, Gérard; HINGST-ZAHER, Erika. Aves do município de São Lourenço da Serra, São Paulo, sudeste do Brasil. **Revista de Biologia Neotropical**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 129-150, 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SICK, Helmut. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino. **Os diários de Langsdorff**. Vol. 1. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997.

SILVA-JÚNIOR, Antenor; SCHERER-NETO, Pedro; MENEZES, Cauão Galeazzi de; STRAUBE, Fernando Costa. Chordata, Aves. *In*: STRAUBE, Fernando Costa (ed.). **Inventário da fauna de Curitiba**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2023. p. 217-229.

SILVA E SILVA, Robson. Records and geographical distribution of the Peregrine Falcon *Falco peregrinus* Tunstall, 1771 (Aves, Falconidae) in Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, v. 39, n. 13, p. 249-270, 1996.

SILVEIRA, Luís Fábio. *Crax blumenbachii* Spix, 1825. *In*: MACHADO, Ângelo Barbosa Monteiro; DRUMMOND, Gláucia Moreira; PAGLIA, Adriano Pereira (eds.). **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2008. p. 428-429.

SILVEIRA, Luís Fábio; BEISIEGEL, Beatriz de Mello; CURCIO, Felipe Franco; VALDUJO, Paula Hanna; DIXO, Marianna; VERDADE, Vanessa Kruth; MATTOX, George Mendes Taliaferro; CUNNINGHAM, Patrícia Teresa Monteiro. Para que servem os inventários de fauna? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 173-207, 2010.

SILVEIRA, Luís Fábio; NOBRE, Henrique Rocha. New records of Three-toed Jacamar *Jacamaralcyon tridactyla* in Minas Gerais, Brazil, with some notes on its biology. **Cotinga**, Sandy, n. 9, p. 47-51, 1998.

SOLÓRZANO, Alexandro; BRASIL, Lucas Santa Cruz de Assis; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro. The Atlantic Forest ecological history: from pre-colonial times to the anthropocene. *In*: MARQUES, Márcia; GRELLE, Carlos (eds.). **The Atlantic Forest: history, biodiversity, threats and opportunities of the mega-diverse forest**. Cham: Springer Nature, 2021. p. 25-44.

SONTER, Laura J.; BARRET, Damian J.; SOARES-FILHO, Britaldo S.; MORAN, Chris J. Global demand for steel drives extensive land-use change in Brazil's Iron Quadrangle. **Global Environmental Change**, [S. l.], v. 26, p. 63-72, 2014.

SPECHT, Gustav; MESQUITA, Elisa Paraiso; SANTOS, Flávia Alves. Breeding biology of Laughing Falcon *Herpetotheres cachinnans* (Linnaeus, 1758) (Falconidae) in southeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 155-159, 2008.

SPECIESLINK. **Sistema de informação distribuído para coleções biológicas**. Centro de Referência em Informação Ambiental, 2025 Disponível em: <https://specieslink.net/search/>. Acesso em: 8 set. 2025.

SPIX, Johann Baptist von. **Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII – MDCCCXX collegit et descripsit**. Tomo I. Munique: Hübschmann, 1824.

SPIX, Johann Baptist von. **Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII – MDCCCXX collegit et descripsit**. Tomo II. Munique: Hübschmann, 1825.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil**. Vols. 1 e 2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia & São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

SRBEK-ARAUJO, Ana Carolina; CHIARELLO, Adriano Garcia. Domestic dogs in Atlantic Forest preserves of south-eastern Brazil: a camera-trapping study on patterns of entrance and site occupancy rates. **Brazilian Journal of Biology**, [S. l.], v. 68, n. 4, p. 771-779, 2008.

STEINHEIMER, Frank D. Martin Hinrich Carl Lichtenstein and his ornithological purchases at the auction of William Bullock's museum in 1819. **Archives of Natural History**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 88-99, 2008.

STOTZ, Douglas F.; FITZPATRICK, John W.; PARKER III, Theodore A.; MOSKOVITS, Debra K. **Neotropical birds: ecology and conservation**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

STRAUBE, Fernando Costa. A lavadeira-mascarada e os limites entre precisão e omissão. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 167, p. 23, 2012.

STRAUBE, Fernando Costa; CARRANO, Eduardo; SANTOS, Raphael Eduardo Fernandes; SCHERER-NETO, Pedro; RIBAS, Cassiano Fadel; MEIJER, André August Remi de; VALLEJOS, Marcelo Alejandro Villegas; LANZER, Michelle; KLEMMANN-JÚNIOR, Louri; AURÉLIO-SILVA, Marco; URBEN-FILHO, Alberto; ARZUA, Márcia; LIMA, André M. X. de; SOBÂNIA, Raphael Luiz Moura; DECONTO, Leonardo Rafael; BISPO, Arthur Ângelo.; JESUS, Shayana de; ABILHÔA, Vinícius. **Aves de Curitiba: coletânea de registros**. 2ª edição (revisada e ampliada). Curitiba: Hori Consultoria Ambiental, 2014.

STRAUBE, Fernando Costa; MACHADO, Ricardo Bomfim. Obituário: Ney Eni Demas Carnevali (1938-2002). **Ararajuba**, Seropédica, v. 10, n. 2, p. 247-249, 2002.

STRAUBE, Fernando Costa; URBEN-FILHO, Alberto; DECONTO, Leonardo Rafael; PATRIAL, Eduardo Weffort. *Fluvicola nengeta* (Linnaeus, 1766) nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul e sua expansão de distribuição geográfica pelo sul do Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, v. 137, p. 33-38, 2007.

STRAUBE, Fernando Costa; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; URBEN-FILHO, Alberto; CÂNDIDO-JR, José Flávio. Protocolo mínimo para levantamentos de avifauna em Estudos de Impacto Ambiental. In: VON MATTER, Sandro; STRAUBE, Fernando Costa; ACCORDI, Iury; PIACENTINI, Vitor; CÂNDIDO-JR, José Flávio (eds.). **Ornitologia e conservação: ciência aplicada, técnicas de pesquisa e levantamento**. Rio de Janeiro: Technical Books, 2010. p. 239-254.

STRESEMANN, Erwin. Der Naturforscher Friedrich Sellow († 1831) und sein Beitrag zur Kenntnis Brasiliens. **Zoologische Jahrbücher Jena Systematik**, Jena, n. 77, p. 401-425, 1948.

SYMONDS, John Addington. **Recollections of a happy life: being the autobiography of Marianne North**. Nova Iorque; Londres: Macmillan and Co., 1894.

TEIXEIRA, Dante Martins. As fontes do paraíso: um ensaio sobre a ornitologia no Brasil Holandês (1624-1654). **Revista Nordestina de Biologia**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 1-149, 1992.

TONINI, Annanda Tahuyta; FELIX, Cleverson de Figueiredo; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. A Coleção Ornitológica do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais: importância para pesquisas e necessidade de preservação. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 214, p. 73-113, 2020.

VALE, Mariana Moncassim; TOURINHO, Luara; LORINI, Maria Lucia; RAJÃO, Henrique; FIGUEIREDO, Marcos de Souza Lima. Endemic birds of the Atlantic Forest: traits, conservation status, and patterns of biodiversity. **Journal of Field Ornithology**, [S. l.], v. 89, n. 3, p. 193-206, 2018.

VALVERDE, Orlando. Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Geografia**, [S. l.], n. 1, p. 3-82, 1958.

VAN DEN BEMT, Tessa Anna Maria; LOPES, Leonardo Esteves; CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro. Sex differences in anti-predatory behaviour in Lined Seedeaters *Sporophila lineola*. **Ardea**, [S. l.], v. 109, n. 1, p. 27-32, 2021.

VANZOLINI, Paulo Emílio. Brasil dos viajantes: a contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 30, p. 190-238, 1996.

VANZOLINI, Paulo Emílio. **Episódios da Zoologia Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

VASCONCELOS, Carlos Henrique de Faria; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Observations of the Uniform Finch *Haplospiza unicolor* Cabanis, 1851 (Passeriformes: Thraupidae) and other birds feeding on seeds of four bamboo species in the Atlantic Forest of the southern Espinhaço Range, Minas Gerais, Brazil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 189, p. 8-9, 2016.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Nidificações do urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) em um fosso profundo como uma provável defesa contra incêndios. **Bios**, Belo Horizonte, v. 5, n. 5, p. 61-64, 1997.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Urban environment utilization by the Squirrel Cuckoo, *Piaya cayana*: The importance of urban trees. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 50, n. 6, p. 462-464, 1998a.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Registros de duas espécies de aves ameaçadas de extinção em Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais: *Amazona vinacea* e *Pyroderus scutatus*. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 86, p. 6, 1998b.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Natural history notes and conservation of two species endemic to the Espinhaço Range, Brazil: Hyacinth Visorbeater *Augastes scutatus* and Grey-backed Tachuri *Polystictus supercilialis*. **Cotinga**, Sandy, n. 11, p. 75-78, 1999a.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Cupins alados (*Neocapritermes* sp.) como alimento do tico-tico, *Zonotrichia capensis*. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 87, p. 12, 1999b.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Nota sobre a presença do uru, *Odonophorus capueira* na Serra do Caraça, município de Catas Altas, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 88, p. 10, 1999c.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Observações sobre a nidificação do bacurau-tesoura, *Hydropsalis torquata torquata*, com uma comparação com outros taxa do gênero. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 89, p. 12-13, 1999d.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Ocorrência simpátrica de *Emberizoides herbicola*, *Embernagra platensis* e *Embernagra longicauda* (Passeriformes: Emberizidae) na região da Serra do Caraça, Minas Gerais. **Melopsittacus**, Belo Horizonte, n. 3, p. 3-5, 2000.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Adições à avifauna da Serra do Caraça, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 104, p. 3-4, 2001.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. O pixoxó (*Sporophila frontalis*) nos municípios de Serro e Santa Bárbara, Minas Gerais: possíveis casos de extinções locais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 106, p. 2, 2002.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Uma opinião crítica sobre a qualidade e a utilidade dos trabalhos de consultoria ambiental sobre avifauna. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 131, p. 10-12, 2006.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Aves observadas no Parque Paredão da Serra do Curral, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 136, p. 6-11, 2007a.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Comentários sobre a avifauna da Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental de Peti, Minas Gerais, com a lista dos exemplares coletados na região. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 137, p. 7-9, 2007b.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Mountaintop endemism in eastern Brazil: why some bird species from campos rupestres of the Espinhaço Range are not endemic to the Cerrado region? **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 348-362, 2008.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. O que são os campos rupestres e campos de altitude nos topos de montanha do leste do Brasil? **Revista Brasileira de Botânica**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 241-246, 2011.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Biodiversidade na Baixada Caracense – Cão doméstico: um dos mais perigosos invasores da Mata Atlântica. **Voz do Caraça**, Santa Bárbara, n. 152, p. 8, 2021.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Observação de aves na RPPN Santuário do Caraça (MG) no contexto das serras do Sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 283-306, 2022.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; CIENFUEGOS, Camilo; PALÚ, Lauro. Registros reprodutivos do jacuaçu *Penelope obscura* Temminck, 1815 (Aves: Cracidae) na porção meridional da Cadeia do Espinhaço, Minas Gerais, Brasil. **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 145–148, 2006a.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; COELHO, Marcos Maldonado; DURÃES, Renata. Notas sobre algumas espécies de aves ameaçadas e pouco conhecidas da porção Meridional da Cadeia do Espinhaço, Minas Gerais. **Melopsittacus**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2/4, p. 44–50, 1999a.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; D'ANGELO-NETO, Santos. O capacetinho-do-oco-do-pau, *Microspingus cinereus* (Passeriformes: Thraupidae) na matriz urbana de uma megalópole. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 207, p. 24–25, 2019.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; D'ANGELO-NETO, Santos; MOTA, Rubens Custódio da. Nota de História Natural II: observações sobre beija-flores e patas-de-vaca (*Bauhinia* spp.) em Minas Gerais, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 133, p. 4–5, 2006b.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; DINIZ, Mauro Guimarães. 170 years after Lund: rediscovery of the Black-banded Owl *Strix huhula* in the metropolitan region of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 277–280, 2008.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; DUTRA, Eduardo de Carvalho; MAZZONI, Luiz Gabriel; PEDROSO, Letícia Ferreira; PERILLO, Alyne; VALÉRIO, Fernando Augusto; GUERRA, Tadeu José; PETROCCHI, Diego; MORAIS, Rodrigo; SANTOS, Lucas Penna Soares; GARZON, Bruno; DIAS, Juan Espanha Moreira; SANTOS, José Enemir dos; MORAIS, Allan Suhett de; GUIMARÃES, Letícia Souza Lima; GARCIA, Frederico Innecco Alves; OLIVEIRA E ALMEIDA, Thiago; BENFICA, Carlos Eduardo Ribas Tameirão; PEIXOTO, Helberth José Cardoso; RIBEIRO, Bruno Pardinho. Long-term avifaunal survey in an urban ecosystem from southeastern Brazil, with comments on range extensions, new and disappearing species. **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, v. 53, n. 25, p. 327–344, 2013.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; ENDRIGO, Edson. O canário-rasteiro (*Sicalis citrina*) nas serras de Minas Gerais: notas adicionais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 141, p. 14–15, 2008.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; FERREIRA, José Cláudio. Sazonalidade e reprodução do andorinhão-de-coleira-falha (*Streptoprocne biscutata*) no Pico do Inficionado, Serra do Caraça, Minas Gerais, Brasil. **Tangara**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 74–84, 2001.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; FIGUEREDO, Cleber Cunha; CARVALHO, Henrique Ávila; & D'ANGELO-NETO, Santos. Observações sobre a reprodução do curiango, *Nyctidromus albigollis* (Gmelin, 1789), (Aves: Caprimulgiformes) no estado de Minas Gerais, Brasil. **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 141–147, 2003a.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; FIGUEREDO, Cleber Cunha; OLIVEIRA, Reisla Silva. Padrão temporal de vocalização do bacurau-da-telha *Caprimulgus longirostris* (Aves, Caprimulgidae) ao longo de quatro noites na Serra do Curral, Minas Gerais, Brasil. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão (Nova Série)**, Santa Teresa, n. 9, p. 13-17, 1998.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; FIGUEREDO, Cleber Cunha; OLIVEIRA, Reisla Silva. Táticas de forrageamento do bacurau-da-telha *Caprimulgus longirostris* (Aves, Caprimulgidae) na Serra do Curral, Minas Gerais, Brasil. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão (Nova Série)**, Santa Teresa, n. 10, p. 33-38, 1999b.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; HOFFMANN, Diego; ARAÚJO, Mércia Caroline de; VASCONCELOS, Prinscila Neves. Bird-termite interactions in Brazil: A review with perspectives for future studies. **Biota Neotropica**, Campinas, v. 15, n. 1, e20140035, 2015a.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; HOFFMANN, Diego; PALÚ, Lauro. Description of the downy chick of the slaty-breasted wood-rail *Aramides saracura* (Spix, 1825) (Aves: Rallidae). **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 73-74, 2008a.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de.; LIMA, Pedro Cerqueira; SANTOS, Sidnei Sampaio dos; LIMA, Rita de Cássia Ferreira da Rocha. Ocorrência migratória de *Progne tapera fusca* (Passeriformes: Hirundinidae) na região da Serra do Caraça, Minas Gerais, Brasil. **Ararajuba**, Seropédica, v. 11, n. 2, p. 221-222, 2003b.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; LOMBARDI, Julio Antonio. Primeira descrição do ninho e do ovo de *Polystictus superciliaris* (Passeriformes: Tyrannidae) ocorrente na Serra do Curral, Minas Gerais. **Ararajuba**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 114-116, 1996.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; LOMBARDI, Julio Antonio. Padrão sazonal na ocorrência de seis espécies de beija-flores (Apodiformes: Trochilidae) em uma localidade de campo rupestre na Serra do Curral, Minas Gerais. **Ararajuba**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 71-79, 1999.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; LOMBARDI, Julio Antonio. Hummingbirds and their flowers in the campos rupestres of Southern Espinhaço Range, Brazil. **Melopsittacus**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 3-30, 2001.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; LOMBARDI, Vitor Torga; D'ANGELO-NETO, Santos. Notas sobre o canário-rasteiro (*Sicalis citrina*) nas serras de Minas Gerais, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 140, p. 6-7, 2007.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MALDONADO-COELHO, Marcos; BUZZETTI, Dante Renato Corrêa. Range extensions for the Gray-backed Tachuri (*Polystictus superciliaris*) and the Pale-throated Serra-finch (*Embernagra longicauda*) with a revision on their geographic distribution. **Ornitología Neotropical**, Montreal, v. 14, n. 4, p. 477-489, 2003c.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MATRANGOLO, Carlos Augusto Rodrigues; D'ANGELO-NETO, Santos. Variação de plumagem e expansão geográfica do Rapazinho-dos-velhos *Nystalus maculatus*. **Cotinga**, Sandy, n. 20, p. 66-67, 2003d.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MAURÍCIO, Giovanni Nachtigall; KIRWAN, Guy M.; SILVEIRA, Luís Fábio. Range extension for Marsh Tapaculo *Scytalopus iraiensis* to the highlands of Minas Gerais, Brazil, with an overview of the species' distribution. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, [S. l.], v. 128, n. 2, p. 101-106, 2008b.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MAZZONI, Luiz Gabriel; PERILLO, Alyne; OLIVEIRA E ALMEIDA, Thiago; CUNHA, Filipe Cristóvão Ribeiro; SILVA, Christian Regis da; GAZZINELLI, Eduardo José; D'ANGELO-NETO, Santos. Is the Chestnut-capped Foliage-gleaner *Clibanornis rectirostris* (Wied, 1831) (Passeriformes: Furnariidae) a typical gallery forest species endemic to the Cerrado region? **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 185, p. 40-45, 2015b.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MELO-JÚNIOR, Tadeu Artur de. An ornithological survey of Serra do Caraça, Minas Gerais, Brazil. **Cotinga**, Sandy, n. 15, p. 21-31, 2001.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MOTA, Rubens Custódio da. Nota de História Natural: observações sobre *Mendoncia coccinea* Vell. (Acanthaceae) e aves visitantes na Mata Atlântica do Leste de Minas Gerais, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 129, p. 13, 2006.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; NEMÉSIO, André. Registro da gralha-do-campo, *Cyanocorax cristatellus* (Temminck, 1823), em ambiente urbano de Belo Horizonte, Minas Gerais. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 138, p. 8-9, 2007.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; PACHECO, José Fernando. A contribuição histórica das atividades de coleta científica nos séculos XIX e XX para o conhecimento da avifauna dos campos rupestres e campos de altitude do Leste brasileiro. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 168, p. 52-65, 2012.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; RODRIGUES, Marcos. Patterns of geographic distribution and conservation of the open-habitat avifauna of southeastern Brazilian mountaintops (*campos rupestres* and *campos de altitude*). **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 1-29, 2010.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; STRAUBE, Fernando Costa. Sugestões para melhor aproveitamento dos resultados de consultorias em estudos biogeográficos e na conservação das aves. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 132, p. 10-11, 2006.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; VASCONCELOS, Antônio de Pádua; VIANA, Pedro Lage; PALÚ, Lauro; SILVA, José Francisco. Observações sobre aves granívoras (Columbidae e Emberizidae) associadas à frutificação de taquaras (Poaceae, Bambusoideae) na porção meridional da Cadeia do

Espinhaço, Minas Gerais, Brasil. **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 75–77, 2005.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; VASCONCELOS, Prinscila Neves. História natural da rolinha, *Columbina talpacoti* (Temminck, 1811), na zona urbana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 136, p. 18–19, 2007.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; VASCONCELOS, Prinscila Neves; FERNANDES, Geraldo Wilson. Observations on a nest of Hyacinth Visorbearer *Augastes scutatus*. **Cotinga**, Sandy, n. 16, p. 57–61, 2001.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; VASCONCELOS, Prinscila Neves; MAURÍCIO, Giovanni Nachtigall; MATRANGOLO, Carlos Augusto Rodrigues; DELL'AMORE Célio Maria; NEMÉSIO, André; FERREIRA, José Cláudio; ENDRIGO, Edson. Novos registros ornitológicos para a Serra do Caraça, Brasil, com comentários sobre distribuição geográfica de algumas espécies. **Lundiana**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 135–139, 2003e.

VENTURINI, Ana Cristina; PAZ, Pedro Rogerio de. Registros documentados de aves inéditas ou de ocorrência rara no Espírito Santo. **Ararajuba**, Seropédica, v. 11, n. 1, 95–99, 2003.

VENTURINI, Ana Cristina; PAZ, Pedro Rogerio de; JACOMELLI-JUNIOR, J. A. Registros documentados de aves inéditas ou de ocorrência rara no Espírito Santo (2): *Xolmis irupero* e *Paroaria dominicana*. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n. 125, p. 11, 2005.

VERGILIO, Cristiane dos Santos; LACERDA, Diego; OLIVEIRA, Bráulio Cherene Vaz de; SARTORI, Echily; CAMPOS, Gabriela Munis; PEREIRA, Anna Luiza de Souza; AGUIAR, Diego Borges de; SOUZA, Tatiana da Silva; ALMEIDA, Marcelo Gomes de; THOMPSON, Fabiano; REZENDE, Carlos Eduardo de. Metal concentrations and biological effects from one of the largest mining disasters in the world (Bumadinho, Minas Gerais, Brazil). **Scientific Reports**, [S. l.], n. 10, artigo 5936, 2020.

VELLIARD, Jacques. Uma nova espécie de *Asthenes* da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil. **Ararajuba**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 121–122, 1990.

WARMING, Eugen. Lagoa Santa: et Bidrag til den biologiske Plantegeografi. **Kongelige Danske videnskabernes Selskabs Skrifter, Naturvidenskabeli Mathematisk Afdeling**, Copenhagen, v. 6, n. 3, p. 159–455, 1892.

WEGE, David; LONG, Adrian. **Key areas for threatened birds in the Neotropics**. Cambridge: BirdLife International, 1995.

WHITNEY, Bret M.; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; SILVEIRA, Luís Fábio; PACHECO, José Fernando. *Scytalopus petrophilus* (Rock Tapaculo): a new species from Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 73–88, 2010.

WIKIAVES. **A enciclopédia das aves do Brasil**. Wikiaves, 2025. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br>. Acesso em: 25 jan. 2025.

- WILLIS, Edwin O'Neill. Expansão geográfica de *Netta erythrophthalma*, *Fluvicola nengeta* e outras aves de zonas abertas com a “desertificação” antrópica em São Paulo. **Ararajuba**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 101-102, 1991.
- WILLIS, Edwin O'Neill. Birds at *Eucalyptus* and other flowers in Southern Brazil: a review. **Ararajuba**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 43-66, 2002.
- WILLIS, Edwin O'Neill; ONIKI, Yoshika. Invasion of deforested regions of São Paulo state by the Picazuro Pigeon, *Columba picazuro* Temminck, 1813. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n. 11, p. 1064-1065, 1987.
- WILLIS, Edwin O'Neill; ONIKI, Yoshika. Avifaunal transects across the open zones of northern Minas Gerais, Brazil. **Ararajuba**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 41-58, 1991.
- WILLIS, Edwin O'Neill; ONIKI, Yoshika. Birds of Santa Teresa, Espírito Santo, Brazil: do humans add or subtract species? **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, v. 42, n. 9, p. 193-264, 2002.
- WINGE, Oluf. **Fugle fra Knoglehuler i Brasilien**. Copenhagen: Biancos Lunos, 1888.
- WISCHHOFF, Uschi; MARQUES-SANTOS, Fernando; RODRIGUES, Marcos. Nesting of the Cinereous Warbling Finch (*Poospiza cinerea*) in southeastern Brazil. **The Wilson Journal of Ornithology**, [S. l.], v. 124, n. 1, p. 166-169, 2012.
- WISCHHOFF, Uschi; MARQUES-SANTOS, Fernando; RODRIGUES, Marcos. Foraging behavior and diet of the vulnerable Cinereous Warbling-finch *Poospiza cinerea* (Aves, Emberizidae). **Brazilian Journal of Biology**, [S. l.], v. 74, n. 4, p. 821-827, 2014.
- WOODS, Michael; MCDONALD, Robbie A.; HARRIS, Stephen. Predation of wildlife by domestic cats *Felis catus* in Great Britain. **Mammal Review**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 174-188, 2003.
- ZAWADZKI, Cláudio Henrique; PENIDO, Iago de Souza; OLIVEIRA, José Carlos de; PESSALI, Tiago Casarim. Rediscovery and redescription of the endangered *Hypostomus subcarinatus* Castelnau, 1855 (Siluriformes: Loricariidae) from the Rio São Francisco basin in Brazil. **PLoS ONE**, [S. l.], v. 14, n. 3, e0207328, 2019.
- ZORZIN, Giancarlo; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar; CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes. Breeding biology, diet, and distribution of the Black-chested Buzzard-eagle (*Geranoaetus m. melanoleucus*) in Minas Gerais, southeastern Brazil. In: BILDSTEIN, Keith; BARBER, David; ZIMMERMAN, Andrea (eds.). **Neotropical raptors**. Raptor Conservation Series No. 1. Orwigsburg: Hawk Mountain Sanctuary, 2007. p. 40-46.
- ZORZIN, Giancarlo; CARVALHO, Carlos Eduardo Alencar; CARVALHO-FILHO, Eduardo Pio Mendes de; CANUTO, Marcus. Novos registros de Falconiformes raros e ameaçados para o estado de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ornitologia**, São Leopoldo, v. 14, n. 4, p. 417-421, 2006.

Apêndice I

Municípios considerados para a avaliação histórica da avifauna na Grande BH. Legenda: RMBH = Região Metropolitana de Belo Horizonte; CM = Colar Metropolitano.

Município	Localização	Posicionamento em relação ao alinhamento da Serra do Curral	Bacia hidrográfica	Área (km²)	População	Código
Baldim	RMBH	Norte	São Francisco	556,266	7.492	BD
Barão de Cocais	CM	Sul e Leste	Doce	340,140	30.778	BC
Belo Horizonte	RMBH	Norte	São Francisco	331,354	2.315.560	BH
Belo Vale	CM	Sul	São Francisco	365,923	8.627	BV
Betim	RMBH	Norte	São Francisco	344,076	411.846	BT
Bom Jesus do Amparo	CM	Norte e Leste	Doce	195,611	5.631	BJ
Bonfim	CM	Sul	São Francisco	301,865	7.434	BF
Brumadinho	RMBH	Sul	São Francisco	639,434	38.915	BR
Caeté	RMBH	Sul e Norte	São Francisco	542,531	38.776	CA
Capim Branco	RMBH	Norte	São Francisco	95,333	10.663	CB
Confins	RMBH	Norte	São Francisco	42,462	7.350	CF
Contagem	RMBH	Norte	São Francisco	194,732	621.863	CT
Esmeraldas	RMBH	Norte	São Francisco	909,727	85.598	ES
Florestal	RMBH	Norte	São Francisco	194,242	8.045	FL
Fortuna de Minas	CM	Norte	São Francisco	198,665	3.093	FM
Funilândia	CM	Norte	São Francisco	199,797	4.686	FU
Ibirité	RMBH	Norte	São Francisco	72,395	170.537	IB
Igarapé	RMBH	Norte	São Francisco	111,005	45.847	IG
Inhaúma	CM	Norte	São Francisco	244,996	6.239	IN
Itabirito	CM	Sul	São Francisco	544,027	53.365	IT
Itaguara	RMBH	Sul	São Francisco	410,468	13.846	IR
Itatiaiuçu	RMBH	Sul	São Francisco	294,342	12.966	IU
Itaúna	CM	Norte	São Francisco	495,768	97.669	IA
Jaboticatubas	RMBH	Norte	São Francisco	1.114,97	20.406	JB
Juatuba	RMBH	Norte	São Francisco	97,017	30.716	JU
Lagoa Santa	RMBH	Norte	São Francisco	229,741	75.145	LS
Mário Campos	RMBH	Norte	São Francisco	35,196	15.900	MC
Mateus Leme	RMBH	Norte	São Francisco	302,124	37.841	ML
Matozinhos	RMBH	Norte	São Francisco	252,453	37.618	MT
Moeda	CM	Sul	São Francisco	155,112	5.125	MO
Nova Lima	RMBH	Sul	São Francisco	429,313	111.697	NL
Nova União	RMBH	Norte	São Francisco	172,131	5.909	NU
Pará de Minas	CM	Norte	São Francisco	551,247	97.139	PM
Pedro Leopoldo	RMBH	Norte	São Francisco	292,81	62.580	PL
Prudente de Moraes	CM	Norte	São Francisco	124,189	11.466	PR
Raposos	RMBH	Sul	São Francisco	72,228	16.279	RP

Município	Localização	Posicionamento em relação ao alinhamento da Serra do Curral	Bacia hidrográfica	Área (km ²)	População	Código
Ribeirão das Neves	RMBH	Norte	São Francisco	155,105	329.794	RN
Rio Acima	RMBH	Sul	São Francisco	228,394	10.261	RA
Rio Manso	RMBH	Sul	São Francisco	231,54	5.568	RM
Sabará	RMBH	Sul e Norte	São Francisco	302,453	129.380	SA
Santa Bárbara	CM	Sul e Leste	Doce	684,505	30.466	SB
Santa Luzia	RMBH	Norte	São Francisco	235,079	219.132	SL
São Gonçalo do Rio Abaixo	CM	Leste	Doce	363,818	11.850	SG
São Joaquim de Bicas	RMBH	Norte	São Francisco	71,758	34.348	SJ
São José da Lapa	RMBH	Norte	São Francisco	48,134	26.090	SP
São José da Varginha	CM	Norte	São Francisco	205,501	4.536	SV
Sarzedo	RMBH	Norte	São Francisco	62,134	36.844	SZ
Sete Lagoas	CM	Norte	São Francisco	536,928	227.397	SE
Taquaraçu de Minas	RMBH	Norte	São Francisco	329,287	4.224	TQ
Vespasiano	RMBH	Norte	São Francisco	70,543	129.246	VE
Total	-	-	-	14.854,682	5.733.783	-

■ Apêndice II

Fontes baseadas em bibliografia (B), coleções ornitológicas (M) e plataforma de ciência cidadã (W) utilizadas na presente investigação para a compilação de dados da avifauna da Grande BH.

Bibliografia: B1 = Burmeister (1856a), B2 = Burmeister (1856b), B3 = Reinhardt (1870), B4 = Symonds (1894), B5 = Hellmayr (1906), B6 = Gounelle (1909), B7 = Ruschi (1951), B8 = Pinto (1952), B9 = Ruschi (1962), B10 = Ruschi (1963a), B11 = Ruschi (1963b), B12 = Grantsau (1967), B13 = Grantsau (1968), B14 = Burton (1976), B15 = Burton (1977), B16 = Burmeister (1980), B17 = Carnevalli (1980), B18 = Bunbury (1981), B19 = Carnevalli (1982), B20 = Carnevalli & Rigueira (1982), B21 = Carnevalli *et al.* (1982), B22 = Rigueira *et al.* (1982), B23 = Andrade *et al.* (1983), B24 = Monteiro & Mattos (1983), B25 = Mattos & Sick (1985), B26 = Grantsau (1988), B27 = Andrade (1989), B28 = Andrade (1991), B29 = Faggioli (1991), B30 = Mattos *et al.* (1991), B31 = Willis e Oniki (1991), B32 = Andrade (1995), B33 = Wege e Long (1995), B34 = Andrade (1996), B35 = Andrade *et al.* (1996), B36 = Melo-Júnior (1996), B37 = Melo-Júnior *et al.* (1996), B38 = Silva e Silva (1996), B39 = Vasconcelos e Lombardi (1996), B40 = Andrade (1997), B41 = Christiansen e Pitter (1997), B42 = Gontijo (1997), B43 = Leite *et al.* (1997), B44 = Sick (1997), B45 = Silva (1997), B46 = Vasconcelos (1997), B47 = Andrade e Andrade (1998), B48 = Andrade *et al.* (1998), B49 = Carvalho-Filho *et al.* (1998), B50 = Cordeiro *et al.* (1998), B51 = Machado *et al.* (1998), B52 = Silveira e Nobre (1998), B53 = Vasconcelos (1998a), B54 = Vasconcelos (1998b), B55 = Vasconcelos *et al.* (1998), B56 = Aguilar *et al.* (1999), B57 = Vasconcelos (1999a), B58 = Vasconcelos (1999b), B59 = Vasconcelos (1999c), B60 = Vasconcelos (1999d), B61 = Vasconcelos e Lombardi (1999), B62 = Vasconcelos *et al.* (1999a), B63 = Vasconcelos *et al.* (1999b), B64 = Aguilar *et al.* (2000), B65 = Carvalho *et al.* (2000), B66 = Maldonado-Coelho e Marini (2000), B67 = Melo

et al. (2000), **B68** = Vasconcelos (2000), **B69** = Anciães *et al.* (2001), **B70** = Carrara e Rodrigues (2001), **B71** = Carvalho *et al.* (2001), **B72** = Vasconcelos (2001), **B73** = Vasconcelos e Ferreira (2001), **B74** = Vasconcelos e Lombardi (2001), **B75** = Vasconcelos e Melo-Júnior (2001), **B76** = Marini e Hackett (2002), **B77** = Vasconcelos (2002), **B78** = Willis (2002), **B79** = Rodrigues & Rocha (2003), **B80** = Vasconcelos *et al.* (2003a), **B81** = Vasconcelos *et al.* (2003b), **B82** = Vasconcelos *et al.* (2003c), **B83** = Vasconcelos *et al.* (2003d), **B84** = Vasconcelos *et al.* (2003e), **B85** = Carvalho-Filho *et al.* (2004), **B86** = Rodrigues e Carrara (2004), **B87** = Rodrigues e Gomes (2004), **B88** = Carvalho-Filho *et al.* (2005), **B89** = Duca e Marini (2005), **B90** = Durães e Marini (2005), **B91** = Lopes (2005), **B92** = Mendes-Neto e Vasconcelos (2005), **B93** = Rodrigues e Michelin (2005), **B94** = Rodrigues *et al.* (2005), **B95** = Carvalho-Filho *et al.* (2006), **B96** = Duca *et al.* (2006), **B97** = Faria *et al.* (2006), **B98** = Gomes *et al.* (2006), **B99** = Rodrigues e Costa (2006), **B100** = Vasconcelos e Mota (2006), **B101** = Vasconcelos *et al.* (2006a), **B102** = Vasconcelos *et al.* (2006b), **B103** = Zorzin *et al.* (2006), **B104** = D'Angelo-Neto e Vasconcelos (2007), **B105** = Faria *et al.* (2007a), **B106** = Faria *et al.* (2007b), **B107** = Goulart e Rodrigues (2007), **B108** = Hoffmann *et al.* (2007), **B109** = Krabbe (2007), **B110** = Pimenta *et al.* (2007), **B111** = Ribeiro *et al.* (2007), **B112** = Vasconcelos (2007a), **B113** = Vasconcelos (2007b), **B114** = Vasconcelos e Nemésio (2007), **B115** = Vasconcelos e Vasconcelos (2007), **B116** = Vasconcelos *et al.* (2007), **B117** = Zorzin *et al.* (2007), **B118** = Dias e Rodrigues (2008), **B119** = Faria *et al.* (2008), **B120** = Freitas *et al.* (2008), **B121** = Rodrigues (2008), **B122** = Salvador-Jr. *et al.* (2008), **B123** = Specht *et al.* (2008), **B124** = Vasconcelos (2008), **B125** = Vasconcelos e Diniz (2008), **B126** = Vasconcelos *et al.* (2008a), **B127** = Vasconcelos *et al.* (2008b), **B128** = Cunha e Vasconcelos (2009), **B129** = Dias e Rodrigues (2009), **B130** = Ferreira *et al.* (2009), **B131** = Hoffmann *et al.* (2009a), **B132** = Hoffmann *et al.* (2009b), **B133** = Grantsau (2010), **B134** = Hoffmann *et al.* (2010), **B135** = Lima

et al. (2010), **B136** = Lopes *et al.* (2010), **B137** = Salvador-Jr. (2010), **B138** = Vasconcelos e Rodrigues (2010), **B139** = Whitney *et al.* (2010), **B140** = Carvalho-Filho *et al.* (2011), **B141** = Firme e Raposo (2011), **B142** = Holten e Sterll (2011), **B143** = Lopes e Vasconcelos (2011), **B144** = Mazzoni e Perillo (2011), **B145** = Salvador-Jr. *et al.* (2011), **B146** = Bandeira (2012), **B147** = Dornas e Figueira (2012), **B148** = Faria *et al.* (2012), **B149** = Freitas *et al.* (2012), **B150** = Holten *et al.* (2012), **B151** = Lopes (2012), **B152** = Lopes *et al.* (2012a), **B153** = Lopes *et al.* (2012b), **B154** = Mafia *et al.* (2012), **B155** = Mazzoni *et al.* (2012), **B156** = Moura (2012), **B157** = Wischhoff *et al.* (2012), **B158** = Carvalho *et al.* (2013), **B159** = Dias *et al.* (2013), **B160** = Lopes *et al.* (2013), **B161** = Pedersoli *et al.* (2010), **B162** = Peixoto *et al.* (2013), **B163** = Rezende *et al.* (2013), **B164** = Vasconcelos *et al.* (2013), **B165** = Costa *et al.* (2014), **B166** = Duarte *et al.* (2014), **B167** = Kirwan *et al.* (2014), **B168** = Marques-Santos *et al.* (2014), **B169** = Mazzoni e Perillo (2014), **B170** = Wischhoff *et al.* (2014), **B171** = Duarte *et al.* (2015), **B172** = Machado e Maciel (2015), **B173** = Nóbrega *et al.* (2015), **B174** = Vasconcelos *et al.* (2015a), **B175** = Vasconcelos *et al.* (2015b), **B176** = Carrara e Faria (2016), **B177** = Ferreira e Lopes (2016), **B178** = Lopes e Marçal (2016), **B179** = Mazzoni *et al.* (2016), **B180** = Rezende e Dutra (2016), **B181** = Vasconcelos e Vasconcelos (2016), **B182** = Ferreira e Lopes (2017), **B183** = Mariano (2017), **B184** = Pena *et al.* (2017), **B185** = Rezende *et al.* (2017), **B186** = Ferreira e Lopes (2018), **B187** = Costa *et al.* (2019), **B188** = Ferreira *et al.* (2019), **B189** = Freitas *et al.* (2019a), **B190** = Freitas *et al.* (2019b), **B191** = Marçal e Lopes (2019a), **B192** = Marçal e Lopes (2019b), **B193** = Vasconcelos e D'Angelo-Neto (2019), **B194** = Andrade *et al.* (2020), **B195** = Bhakti *et al.* (2020), **B196** = Costa *et al.* (2020), **B197** = Frankhuizen *et al.* (2020), **B198** = Martins *et al.* (2020), **B199** = Salvador-Jr. *et al.* (2020), **B200** = Tonini *et al.* (2020), **B201** = Carrara *et al.* (2021), **B202** = Martins *et al.* (2021), **B203** = Salvador-Jr. *et al.* (2021), **B204** = van den Bemt *et al.* (2021), **B205** = Ferreira *et al.* (2022), **B206** = Vasconcelos (2022),

B207 = Bhakti *et al.* (2023), **B208** = Ferreira *et al.* (2023a),
B209 = Ferreira *et al.* (2023b), **B210** = Bhakti e Nogueira
(2024), **B211** = Campos (2025), **B212** = Ciolete *et al.* (2025),
B213 = Gomes (2025), **B214** = Haller *et al.* (2025).

Coleções ornitológicas: **M1** = MCNA, **M2** = DZUFMG, **M3** =
CEDAF-UFV, **M4** = MNRJ, **M5** = IZH, **M6** = ZUEC, **M7** = MZUSP,
M8 = UFPE, **M9** = MBML, **M10** = MCZ, **M11** = MCP, **M12** = AMNH,
M13 = MPEG.

Plataforma de ciência cidadã: **W1** = WikiAves (2025).

■ Apêndice III

Lista da avifauna da Grande BH, baseada em registros aceitos para a Região Metropolitana de Belo Horizonte e de seu Colar Metropolitano. Os códigos dos municípios, citados por séculos (XIX, XX e XXI), são apresentados no Apêndice I e os códigos das fontes, no Apêndice II. Legenda: Endemismo: CA = Caatinga; CE = Cerrado; MA = Mata Atlântica; TM = Topos de montanhas do leste brasileiro. Estado de conservação: MG = Minas Gerais; BR = Brasil; GL = Global / CR = criticamente em perigo; EN = em perigo; PEX = provavelmente extinta; VU = vulnerável.

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Rheiformes</i>									
<i>Rheidae</i>									
<i>Rhea americana</i>	ema	FU, LS, MT, SA, SE, SL			B2, B3, B8, B15, B45, B98, B109, M10				
<i>Tinamiformes</i>									
<i>Tinamidae</i>									
<i>Tinamus solitarius</i>	macuco					MA	EN		
<i>Crypturellus obsoletus</i>	inhambuquaçu	LS	MT, NL, SB	BC, BR, CA, IB, IU, ML, NL, RA, SB, SG	B3, B8, B17, B41, B75, B97, B98, B109, B130, B153, B171, B206, M1, M2, W1				
<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul	LS			B3, B8, B109		EN		
<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó	LS	BH, CA, FL, JB, SB	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PM, PR, SA, SB, SE, SG	B8, B17, B20, B22, B24, B75, B94, B97, B109, B113, B135, B138, B153, B164, B178, B195, B200, B207, B210, M2, M3, W1				
<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã	LS	BH, FL, JB, SB	BJ, CA, IB, IU, NL, RM, SB, SG	B2, B8, B20, B22, B24, B75, B94, B97, B98, B109, B153, M5, W1				
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz	NL	JB, LS, SE	BC, BR, CF, IB, IT, JB, LS, ML, NL, PM, RA, SB, SE, SG	B2, B8, B40, B94, B138, W1				
<i>Nothura boraquira</i>	codorna-do-nordeste			JB, LS, MT, PR, SE, VE	B185, W1				
<i>Nothura minor</i>	codorna-mineira	LS			B109	CE	EN	EN	VU
<i>Nothura maculosa</i>	codorna-amarela	LS, NL	BH, FL, JB	BH, BR, CF, ES, FU, IB, IN, IT, JB, LS, MT, NL, PM, PR, RN, SB, SE	B2, B3, B8, B20, B22, B24, B94, B98, B109, B112, B185, W1				
<i>Anseriformes</i>									
<i>Anhimidae</i>									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Anhima cornuta</i>	anhuma	LS		BR, IB	B8, W1				
Anatidae									
<i>Dendrocygna bicolor</i>	marreca-caneleira		BH, FL, LS	BH, BR, IB, MT	B20, B24, B30, B156, W1				
<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê	SL	BH, FL, IR, JB, LS, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IG, JB, LS, MT, NL, PL, PM, RM, RN, SB, SE, SG, SJ, SV	B15, B20, B22, B24, B29, B75, B93, B94, B97, B110, B147, B154, B156, B178, B183, B200, B201, B211, M1, W1				
<i>Dendrocygna autumnalis</i>	marreca-cabocla		BH, LS	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, ES, FL, FU, IA, IB, IN, JB, LS, MT, PL, PM, PR, RN, SE, SG, SV	B22, B93, B97, B147, B156, B164, B178, B183, B201, B211, W1				
<i>Cairina moschata</i>	pato-do-mato	LS		BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, JB, LS, MO, MT, NL, PL, PM, RN, SE, SG, SJ, SV, SZ	B8, B97, B147, B154, B178, B207, W1				
<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	pato-de-crista		BH	BH, IU, MT, RN	B22, B147, B153, W1				
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	marreca-ananai	LS	BH, ES, FL, JB, LS, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B17, B20, B22, B24, B29, B40, B75, B93, B94, B97, B109, B110, B147, B156, B177, B178, B200, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M10, W1				
<i>Anas bahamensis</i>	marreca-toicinho			BH, BR, BT, IB, IT, SE	B156, W1				
<i>Netta erythrophthalma</i>	paturi-preta		LS	BH, BR, CF, IB, LS, MT, PL, SE, SG	B93, B97, B147, B156, W1				
<i>Nomonyx dominicus</i>	marreca-caucau	LS	ES, LS	BJ, BR, ES, MT, PL, PM, SG	B3, B8, B93, B109, B147, M1, W1				
Galliformes									
Cracidae									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Penelope supercilialis</i>	jacupemba	LS, MT	BH, CA, FL, JB, MT, PL, SB	BH, BR, BT, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IT, ML, NL, PL, PM, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B2, B3, B8, B17, B24, B40, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B137, B156, B178, B207, B210, M1, M2, W1				
<i>Penelope obscura</i>	jacuguaçu	BC	SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, IA, IB, IG, IT, IU, MC, ML, MO, NL, PL, PM, RA, RM, SA, SB, SG, SZ	B18, B75, B97, B101, B153, B164, B206, M1, M2, W1				
<i>Crax blumenbachii</i>	mutun-de-bico- vermelho			SG	B97, W1	MA	CR	EN	EN
Odontophoridae									
<i>Odontophorus capueira</i>	uru	LS	SB		B2, B3, B8, B17, B59, B75, B98, B109, M5	MA	EN		
Podicipediformes									
Podicipedidae									
<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão- pequeno	LS	BH, JB, MT, SB	BH, BJ, BR, BT, BV, CT, ES, FL, FM, IA, IB, MT, NL, PL, PM, SB, SE, SG, VE	B2, B3, B8, B17, B22, B94, B109, B200, B210, M5, W1				
<i>Podilymbus podiceps</i>	mergulhão- caçador	LS	BH, FL, LS, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IN, LS, MT, NL, PL, PM, RN, SA, SB, SE, SG	B3, B8, B20, B22, B24, B75, B93, B97, B109, B147, B154, B156, B178, B200, B211, M1, W1				
Columbiformes									
Columbidae									
<i>Columba livia</i>	pombo-doméstico		BH, FL	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, MT, NL, PM, PR, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B20, B22, B24, B44, B112, B117, B122, B153, B154, B164, B172, B178, B183, B195, B199, M1, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Patagioenas picazuro</i>	pomba-asa-branca		BH, CA, FL, JB, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, SZ, VE	B22, B24, B31, B35, B72, B75, B94, B95, B97, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B177, B178, B183, B184, B195, B200, B210, B211, M1, M2, M3, W1				
<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	LS	BH, FL, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CT, ES, FL, FM, IB, IG, IT, IU, LS, MO, NL, PM, RA, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ	B2, B3, B8, B24, B75, B109, B112, B117, B138, B153, B154, B156, B172, B178, B184, M1, M4, W1				
<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa	LS	BH, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, IG, IT, IU, MO, NL, RA, RP, SA, SB, SG, SJ	B3, B8, B17, B75, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B171, B200, B206, M1, M2, W1				
<i>Geothyon montana</i>	pariri	LS	BH	BH, CA, RA, SB, SG	B3, B8, B97, B109, B135, M1, M2, W1				
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	LS, SE	BH, FL, JB, MT, SB	BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, ML, MO, NL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B8, B17, B20, B22, B23, B24, B31, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B171, B178, B183, B195, B200, B207, B210, M1, M2, M4, M5, W1				
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-de-testa-branca	LS	FL, JB, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, IB, JU, NL, PL, RA, SG	B24, B41, B75, B94, B97, B109, B130, B154, B207, B210, M5, W1				
<i>Zenaidura macroura</i>	ovoante	LS		BH, BR, BT, BV, CB, CF, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, MT, NL, PL, PM, PR, RM, SE, SG, TQ	B2, B3, B8, B109, B153, M1, M5, W1				
<i>Claravis pretiosa</i>	pararu-azul	LS	SB	BC, BH, BR, ES, FL, FM, IN, JB, NL, SB, SG, VE	B3, B8, B97, B109, B113, M1, M2, W1				

Taxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Paraciaravis geoffroyi</i>	pararu-espelho	LS			B3, B8, B109	MA	CR	CR (PEX)	CR
<i>Columbina minuta</i>	rolinha-de-asa-canela		JB	JB, MT, NL, RN	B94, W1				
<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa	LS	BH, CT, FL, JB, MT, PL, SB, SE	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B40, B41, B65, B75, B92, B94, B97, B109, B112, B115, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, B213, M1, M2, M3, W1				
<i>Columbina squammata</i>	rolinha-fogo-apagou	FU, SE	BH, FL, IR, JB, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B24, B45, B75, B84, B94, B97, B109, B112, B130, B153, B177, B178, B200, M1, M2, M3, W1				
<i>Columbina picui</i>	rolinha-picuí			BC, BD, BH, BJ, CB, ES, FL, JB, LS, MT, SE, SG, SJ, VE	B97, W1				
Cuculiformes									
Cuculidae									
<i>Guirra guirra</i>	anu-branco	LS	BH, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, JB, LS, MC, ML, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B40, B41, B75, B94, B97, B109, B153, B156, B164, B172, B178, B183, B195, B207, B211, M1, M3, M4, W1				
<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca			FL, RP	W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	LS	BH, BJ, FL, IR, JB, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IU, JB, LS, MC, ML, MQ, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, SZ, TQ, VE	B17, B20, B22, B23, B24, B29, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B200, B207, B211, M1, M2, M3, W1				
<i>Tapera naevia</i>	saci	LS	BH, FL, JB, LS, MT, SB	BH, BJ, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, ML, MT, NL, PM, RN, SE, SG, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B75, B94, B109, B130, B153, B177, B178, B195, M2, M4, W1				
<i>Dromococcyx phasianellus</i>	peixe-frito	LS, MT			B3, B8, B109				
<i>Dromococcyx pavoninus</i>	peixe-frito-pavonino		SB	BC, SA, SB, SG	B179, W1				
<i>Playa cayana</i>	alma-de-gato	BC, LS	BH, CT, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B4, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B41, B53, B75, B94, B97, B109, B112, B128, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B200, B207, B210, B211, B213, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	papa-lagarta-acanelado		JB	BH, BT, CT, FL, IB, IG, PM, SG, VE	B94, B156, B164, M1, W1				
<i>Coccyzus americanus</i>	papa-lagarta-de-asa-vermelha		BH, MT	BH	B20, B21, B40, M2, W1				
<i>Coccyzus euleri</i>	papa-lagarta-de-euler			BR, ES, NL	M1, W1				
Nyctibiiformes									
Nyctibidae									
<i>Nyctibius grandis</i>	urutau-grande	LS			B3, B8, B109				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Nyctibius aethereus</i>	urutau-pardo	LS	SB		B3, B8, B17, B109			EN	
<i>Nyctibius griseus</i>	urutau		JB, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, IG, IN, IT, JB, LS, NL, PL, PM, RA, RN, SE, SG, SL	B75, B94, B97, B113, B155, B153, B178, B210, M1, M2, M3, W1				
Caprimulgiformes									
Caprimulgidae									
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	bacurau-ocelado	LS	SB, SG	BC, BH, BR, BT, CT, FL, IB, IT, IU, NL, PM, RA, SB, SG	B3, B8, B72, B75, B97, B109, B153, B171, B178, W1				
<i>Antrostomus rufus</i>	joão-corta-pau	LS, SE	JB	BH, BR, CT, FL, IA, IB, JB, PM, RA, SE, SG	B3, B8, B67, B94, B97, B109, B178, W1				
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju		SB	BH, BR, CA, PM, SA, SB, SE, SG	B75, B97, W1				
<i>Nyctidromus albigalis</i>	bacurau	LS, SE	BH, BV, FL, JB, NL, PL, SB, SE, SL, VE	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RN, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B41, B65, B67, B75, B80, B94, B97, B109, B112, B130, B153, B164, B178, B210, M1, M2, M3, W1				
<i>Hydropsalis parvula</i>	bacurau-chintã		JB	BJ, BR, BT, CA, CF, CT, FL, IA, IG, IN, JB, PM, RN, SE, SG	B67, B94, B178, M1, M3, W1				
<i>Hydropsalis anomala</i>	curiango-do-banhado	LS			B3, B8, B109		VU		VU
<i>Hydropsalis longirostris</i>	bacurau-da-telha		BH, BV, CA, JB, SB, SG	BC, BH, BR, CA, IB, IT, IU, JB, MO, NL, PM, RA, SB, SE, SG	B17, B40, B55, B63, B67, B72, B75, B94, B97, B112, B113, B130, B134, B155, B158, B153, B164, M1, M2, W1				
<i>Hydropsalis maculicaudus</i>	bacurau-de-rabo-maculado		JB	BR, IA, SE	B94, W1				
<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura	CA, LS	BH, JB, LS, SB, SG	BC, BH, BR, BT, BV, CA, CF, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, PR, RA, SA, SB, SE, SG	B1, B3, B8, B29, B45, B60, B72, B75, B94, B97, B109, B113, B135, B138, B153, B160, B177, M1, M2, M4, M5, M6, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Nannochordeiles pusillus</i>	bacurauzinho	LS	JB, LS, SE		B43, B94, B109, M4				
<i>Podager nacunda</i>	corução	LS	BH	BH, CF, MT, RP, SE	B3, B8, B22, B44, B109, M1, W1				
<i>Chordeiles minor</i>	bacurau-norte-americano			BH	W1				
<i>Chordeiles acutipennis</i>	bacurau-de-asa-fina	LS		BH, CT, ES	B8, W1				
Apodiformes									
Apodidae									
<i>Cypseloides fumigatus</i>	taperuçu-preto			BJ, BR, CA, JB, MT	B176, W1				
<i>Cypseloides senex</i>	taperuçu-velho		JB	JB, SB, SE	B94, B99, W1				
<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçu-de-coleira-branca	LS, NL, SE	BH, FL, JB, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, JB, ML, MO, MT, NL, PM, PR, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SL, SV	B1, B3, B8, B16, B17, B20, B24, B40, B44, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B164, B178, M2, M5, W1				
<i>Streptoprocne biscutata</i>	taperuçu-de-coleira-falha	LS	BH, CA, SB	BH, BJ, BR, CA, ES, FL, IB, IG, IT, IU, LS, MO, NL, PM, RA, RM, RN, SB, SE, SG, SV, VE	B73, B75, B109, B138, B153, W1				
<i>Chaetura cinereiventris</i>	andorinhão-de-sobre-cinzeno			RM	W1				
<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal		BH, FL, JB, SB	BH, BJ, BR, BT, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, ML, MT, NL, PM, RA, RP, SB, SE, SG	B20, B22, B24, B75, B94, B97, B112, B130, B138, B153, B154, B164, B178, B195, B210, M1, M2, M3, W1				
<i>Tachornis squamata</i>	andorinhão-do-buriti			ES, IN, SE	W1				
Trochilidae									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto	LS, SE	BH, IT, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, IT, IU, JB, ML, NL, PL, PM, PR, RA, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, TQ, VE	B3, B8, B12, B29, B41, B61, B74, B75, B97, B102, B109, B112, B130, B138, B164, B178, B213, M1, M2, M3, M5, M13, W1				
<i>Phaethornis squalidus</i>	rabo-branco-pequeno		SB	SB, SG	B75, B97, B113, B135, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Phaethornis ruber</i>	rabo-branco-rubro	SE	BH, SB	BC, BH, BR, CA, CT, ES, FL, IB, IT, LS, NL, RA, SA, SB, SG, VE	B3, B75, B109, B112, B130, B160, B177, B178, B213, M1, M2, M3, W1				
<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado	LS, SB, SE	BH, CA, FL, JB, LS, MO, MT, PL, RA, SA, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SZ, VE	B3, B6, B8, B12, B17, B20, B22, B24, B26, B31, B41, B61, B74, B75, B78, B94, B97, B99, B109, B112, B113, B128, B130, B135, B138, B153, B154, B164, B172, B177, B178, B183, B195, B200, B207, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Phaethornis eurynome</i>	rabo-branco-de-garganta-rajada		BH, RA, SB	BC, CA, IB, NL, RA, SA, SB, SG	B12, B26, B75, B84, B200, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Augastes scutatus</i>	beija-flor-de-gravata-verde	SB	BH, CA, IT, JB, MO, NL, SA, SB	BC, BH, BR, CA, IT, JB, NL, RA, SB	B3, B6, B9, B10, B11, B12, B13, B17, B25, B26, B40, B44, B50, B57, B62, B72, B74, B75, B78, B94, B124, B133, B138, B206, M1, M2, M6, M7, M9, M12, M13, W1	TM			
<i>Colibri serrirostris</i>	beija-flor-de-orelha-violeta	LS, SB, SE	BH, CA, FL, IT, JB, MO, NL, PL, SA, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CB, CF, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RP, SA, SB, SE, SG, SJ	B1, B6, B8, B12, B20, B24, B31, B41, B61, B74, B75, B78, B94, B109, B112, B130, B138, B153, B160, B164, B178, B200, B207, M1, M2, M4, M5, M7, M9, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Heliactin bilophus</i>	chifre-de-ouro	LS, SE	JB, PL	BD, JB, LS, MT, NL, NU, SE, SL	B1, B94, B109, M2, W1				
<i>Heliophnx auritus</i>	beija-flor-de-bochecha-azul	SE		BR, NL	B3, B8, B109, W1				
<i>Polytmus guainumbi</i>	beija-flor-de-bico-curvo	SE		JB	B3, B8, B109, W1				
<i>Chrysolampis mosquitos</i>	beija-flor-vermelho	SE	BH	BH, JB, SA	B8, M9, W1				
<i>Anhracathorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta	LS, SE	FL, JB, SB	BH, CT, ES, FL, IG, IN, JB, LS, MO, NL, PM, RA, RM	B3, B8, B12, B24, B94, B109, B178, B184, W1				
<i>Lophornis magnificus</i>	topetinho-vermelho	LS, SB, SE	FL	BH, JB, NL, RA, SB, SG, SJ	B1, B6, B8, B24, B109, M1, W1				
<i>Heliodoxa rubricauda</i>	beija-flor-rubi	SB, SE	SB	BC, BH, CA, NL, RA, SB, SG	B6, B8, B12, B17, B75, B138, B200, B206, W1	MA			
<i>Heliomaster squamosus</i>	bico-reto-de-banda-branca	LS, SE	BH, JB, LS, MT	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV	B1, B3, B94, B109, B153, B154, B178, B200, B213, M1, M2, M3, M4, M9, W1				
<i>Heliomaster furcifer</i>	bico-reto-azul			IG, IU	B169, M1, W1				
<i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista	LS, NL, SE	CA, JB, MT, NL, SA, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, ML, MO, NL, PL, PM, RA, RM, RP, SA, SB, SE, SG, SL, TQ, VE	B1, B7, B8, B12, B74, B75, B78, B94, B109, B138, B146, B153, B160, B164, B178, B195, B213, M1, M4, M5, M9, W1				
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	LS, SB, SE	BC, BH, CA, FL, JB, LS, MO, MT, RA, SA, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, SZ, TQ, VE	B1, B3, B6, B8, B12, B17, B20, B24, B26, B31, B61, B72, B74, B75, B78, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B164, B178, B183, B184, B195, B200, B207, B213, M1, M2, M3, M4, M5, M7, M9, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Campylopterus curvipennis</i>	asa-de-sabre-do-espinhaço		SB	BC, JB, SB	B26, B44, B75, B138, W1	TM			
<i>Thalurania furcata</i>	beija-flor-tesoura-verde	LS, SE	BH, JB, LS, MT, PL, SB	BH, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B7, B41, B94, B109, B138, B153, B154, B164, B178, B210, M1, M2, M3, M4, M6, M9, W1				
<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-frente-violeta	LS, SE	BH, JB, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, IA, IB, IT, JB, ML, NL, RA, RP, SA, SB, SG, TQ	B3, B8, B12, B17, B74, B75, B94, B97, B102, B109, B112, B130, B138, B206, B213, M1, M2, M4, M9, W1	MA			
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura	LS, SE	BH, CA, FL, JB, LS, MO, MT, SA, SB, SE	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B3, B12, B17, B20, B22, B24, B26, B29, B31, B40, B61, B74, B75, B78, B94, B97, B100, B102, B109, B112, B115, B130, B138, B153, B154, B160, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B200, B207, B210, B211, B213, M1, M2, M3, M4, M6, M7, M8, W1				
<i>Aphantochroa cirrochloris</i>	beija-flor-cinza	LS, SE	BH	BC, BH, BJ, BR, CA, IB, IG, IR, IT, IU, LS, NL, RA, SA, SB, SG, SJ	B3, B8, B97, B109, B153, B200, M1, M2, W1				
<i>Chrysomitris versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca	SE	BH, CA, LS, SA, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, CF, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, LS, MO, NL, PL, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, TQ	B12, B20, B22, B29, B72, B78, B109, B130, B138, B178, M1, M3, M4, M7, W1				
<i>Leucochloris albicollis</i>	beija-flor-de-papo-branco		NL, SB	BH, BR, JB, IT, JB, MO, NL, RA, SA, SB, SJ	B12, B75, B138, B196, B200, B206, M1, M7, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Chionomesa fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde			BH, BR, IA, IB, IG, IN, JB, LS, ML, NL, PL, RN, RP, SA, SE, VE	B183, W1				
<i>Chionomesa lactea</i>	beija-flor-de-peito-azul	LS, SB, SE	BH, CA, FL, IT, JB, MT, SA, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B1, B6, B8, B12, B24, B61, B74, B75, B78, B94, B97, B100, B102, B109, B112, B113, B128, B130, B138, B153, B154, B164, B171, B172, B178, B183, B184, B195, B200, B207, B210, B211, B213, M1, M2, M3, M4, M5, M7, W1				
<i>Hylocharis chrysura</i>	beija-flor-dourado		BH	BH	B29, W1				
<i>Chloresyes cyanus</i>	beija-flor-roxo			RA, RM, SG	B97, W1				
Grutiformes									
Aramidae									
<i>Aramus guarauna</i>	carão		BH, JB, LS	BH, BT, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, LS, MT, PL, PM, RN, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ	B20, B22, B93, B94, B147, B156, B178, B183, B211, M3, W1				
Rallidae									
<i>Porphyrio martinica</i>	frango-d'água-azul	LS	BH, ES, JB, MT	BH, BJ, BR, BT, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IN, JB, LS, MT, PL, PM, RN, SB, SE, SG, SP, SV, SZ	B22, B29, B94, B97, B109, B147, B156, B178, B200, M1, M2, W1				
<i>Porphyrio flavirostris</i>	frango-d'água-pequeno	LS			B3, B8, B109				
<i>Laterallus flaviventer</i>	sanã-amarela	LS			B8, B109				
<i>Laterallus melanophaius</i>	sanã-parda		CT	BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, LS, MT, NL, PL, PM, RN, SE, SG, SV, SZ, VE	B97, B156, B178, M2, W1				
<i>Laterallus exilis</i>	sanã-do-capim			FL, IN, PM, SG	W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Laterallus leucopyrrhus</i>	sanã-vermelha			BH, BJ, BR, BV, CT, ES, RA, RN, SB, SE, SG	W1				
<i>Micropteria schomburgkii</i>	maxalalagá			BH, BR, CA, IG, IT, JB, MO, NL, RA, SA, SE	B155, W1		EN		
<i>Mustelirallus albicollis</i>	sanã-carijó	LS	BH, FL, JB, SB	BJ, FL, JB, PM, RN, SE, SG, SL	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B75, B94, B97, B109, B178, W1				
<i>Neocrex erythrops</i>	turu-turu		BH	BH, VE	B44, B164, B200, M1, W1				
<i>Pardirallus maculatus</i>	saracura-carijó		JB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, NL, PL, PM, RA, SB, SE, SG, SJ, TQ, VE	B94				
<i>Pardirallus nigricans</i>	saracura-sanã	LS	BH, FL, SB, SG	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, NL, PL, PM, RA, SB, SE, SG, SJ, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B75, B97, B109, B113, B153, B154, B156, B178, B195, M2, M5, W1				
<i>Amaurornis concolor</i>	saracura-lisa			BC, BJ, SB, SG	W1				
<i>Aramides mangle</i>	saracura-do-mangue			BC	M1				
<i>Aramides cajaneus</i>	saracura-três-pates	LS, SL	BH, FL, JB, LS, SB, SE	BD, BH, BR, BT, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, JB, LS, MC, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B2, B3, B8, B15, B17, B20, B24, B29, B49, B93, B94, B109, B154, B156, B164, B178, B183, B195, B207, B210, B211, M1, M2, W1				
<i>Aramides saracura</i>	saracura-do-mato	LS	BH, IR, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, ML, NL, PL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B3, B8, B20, B75, B97, B109, B126, B130, B152, B153, B178, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Gallinula galeata</i>	galinha-d'água	LS, MT	BH, ES, FL, LS, MT, RN	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IN, JB, JU, LS, MT, NL, NU, PL, PM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SP, SV	B20, B22, B24, B40, B93, B97, B109, B147, B154, B156, B177, B178, B200, B210, B211, M1, M2, M10, W1				
<i>Charadriiformes</i>									
<i>Charadriidae</i>									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Pluvialis dominica</i>	baturiuçu	LS		BH, CF, MT, SE	B3, B8, B109, B147, M1, W1				
<i>Vanellus cayanus</i>	mexeriqueira	LS, SE		BH, MT, SE, SG	B2, B3, B8, B97, B109, B147, W1				
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	LS, SE	BH, FL, JB, SB	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RM, RO, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B3, B8, B20, B22, B24, B75, B94, B97, B109, B130, B147, B153, B154, B156, B164, B172, B177, B178, B183, B195, B207, B210, B211, M1, M3, W1				
<i>Charadrius semipalmatus</i>	batuíra-de-bando			MT	B173				
<i>Charadrius collaris</i>	batuíra-de-coleira	LS, SE	BH	BH, IA	B2, B22, B109, B156, W1				
Recurvirostridae									
<i>Himantopus mexicanus</i>	pernilongo-de-costas-negras	LS		BH, CB, CT, IB, LS, PL, SA, SE	B3, B8, B109, B156, B201, W1				
<i>Himantopus melanurus</i>	pernilongo-de-costas-brancas			BH, BR, CA, CF, CT, IA, IB, IN, IT, LS, MT, NL, PL, PR, SA, SE	B147, B156, B159, B201, B211, W1				
Scolopacidae									
<i>Bartramia longicauda</i>	maçarico-do-campo			BH, CF	B158, M1, W1				
<i>Calidris pugnax</i>	combatente			BH	B159, W1				
<i>Calidris alba</i>	maçarico-branco			CF	M1				
<i>Calidris fuscicollis</i>	maçarico-de-sobre-branco			CF, SE	W1				VU
<i>Calidris melanotos</i>	maçarico-de-colete	LS		SE	B109, W1				
<i>Calidris pusilla</i>	maçarico-rasteirinho			SE	W1			EN	
<i>Gallinago undulata</i>	narcejão	NL	BH, FL	RA, SB, SG	B2, B8, B22, B24, W1				
<i>Gallinago paraguaiæ</i>	narceja	LS	JB, LS, SB	BH, CF, FL, IN, MT, PL, PM, RN	B2, B8, B75, B93, B94, B109, B147, B178, W1				
<i>Actitis macularia</i>	maçarico-pintado			BH, SG	B97, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Tringa solitaria</i>	maçarico-solitário	LS	BH, LS	BH, BR, BT, CF, CT, FL, IA, IB, IN, LS, MT, NL, PL, PM, RN, SE, SP, SV	B3, B8, B22, B93, B109, B156, B159, B178, B201, B211, W1				
<i>Tringa melanoleuca</i>	maçarico-grande-de-perna-amarela			BH, LS, MT, SE, SG	B97, B147, B159, W1				
<i>Tringa flavipes</i>	maçarico-de-perna-amarela	LS	BH, JB, LS	BH, CF, FL, IB, JB, LS, MT, PL, SA, SE, SG	B3, B8, B20, B93, B94, B97, B109, B147, B156, B159, B201, W1				VU
Jacanidae									
<i>Jacana jacana</i>	jacanã	LS	BH, ES, FL, JB, LS, MT	BC, BH, BJ, BR, BT, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RN, SE, SG, SP, SV, SZ, TQ	B16, B22, B24, B93, B94, B97, B109, B147, B153, B156, B178, B183, B200, B211, M1, M3, W1				
Laridae									
<i>Rynchops niger</i>	talha-mar			BH, LS	W1				
<i>Sterna supercilialis</i>	trinta-réis-pequeno	LS		BH, SG	B3, B8, B97, B109, W1				
<i>Phaethon simplex</i>	trinta-réis-grande			BH, IA	B156, W1				
<i>Gelochelidon nilotica</i>	trinta-réis-de-bico-preto			PL	B173				
<i>Sterna paradisaea</i>	trinta-réis-ártico			BH	B201, W1				
Ciconiiformes									
Ciconiidae									
<i>Ciconia maguari</i>	maguari	LS	JB, LS		B3, B8, B93, B94, B109, B121				
<i>Jabiru mycteria</i>	tuiuiú	LS, SE		BH, FL, LS, MT	B2, B8, B161, W1		EN		
<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca	LS, SE	LS	BD, BF, BH, BR, BT, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IN, JB, LS, MT, PL, PM, RN, SE, SG, SL	B3, B8, B93, B109, B121, B147, B178, B196, B201, B211, M1, W1		VU		
Suliformes									
Anhingidae									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga	LS, SL	FL	BH, BJ, BT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, JB, LS, MT, NL, PM, RA, SE, SG, SP, SV, SZ	B3, B8, B24, B97, B109, B147, B154, B156, B161, B178, M10, W1				
Phalacrocoracidae									
<i>Nannopterum brasilianum</i>	biguá	LS	BH, FL, JB, LS	BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, LS, MC, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SB, SE, SG, SJ, SP, SV	B3, B8, B22, B24, B29, B93, B94, B97, B109, B110, B147, B153, B154, B156, B164, B178, B183, B195, B201, B210, B211, M3, M10, W1				
Pelecaniformes									
Ardeidae									
<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi	LS, SE	JB	BH, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, ML, MT, PM, SE, SG, SV	B2, B3, B8, B94, B109, W1				
<i>Cochlearius cochlearius</i>	arapapá	LS		SG	B3, B8, B109, W1				
<i>Ikbrychus exilis</i>	socó-vermelho		ES	FL	M1, W1				
<i>Nycticorax nycticorax</i>	socó-dorminhoco	LS	BH, JB, LS, MT	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IN, IT, LS, MT, NL, PL, PM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B3, B8, B20, B22, B93, B94, B97, B109, B147, B154, B156, B164, B178, B200, B201, B211, M1, M2, W1				
<i>Butorides striata</i>	socozinho	LS, SE	BH, ES, FL, JB, LS, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, JU, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SB, SE, SG, SJ, SP, SV, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B47, B93, B94, B97, B109, B147, B154, B156, B164, B178, B183, B200, B201, B211, M1, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira		SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B75, B97, B147, B153, B154, B156, B178, B183, B195, M1, W1				
<i>Ardea coccy</i>	garça-moura	LS	BH, JB, LS	BH, BR, BT, BV, CB, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IN, LS, MT, PL, PM, SE, SG, SV	B2, B3, B8, B22, B93, B94, B97, B109, B147, B156, B178, M3, W1				
<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande	BH, LS	BH, FL, JB, LS	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SL, SV, VE	B2, B3, B8, B20, B22, B24, B93, B94, B97, B109, B110, B147, B153, B154, B156, B164, B178, B183, B184, B195, B201, B207, B211, M1, M3, M10, W1				
<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira		JB, LS	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, MC, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ, VE	B93, B94, B97, B147, B153, B156, B161, B178, B195, M1, W1				
<i>Ptilerodius pileatus</i>	garça-real	LS, SE	JB	BC, BJ, BR, BT, CA, ES, FL, IG, IU, JB, LS, MT, NL, PL, PM, SA, SB, SG, SL, VE	B3, B8, B94, B109, B147, B178, W1				
<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	LS, SE	BH, FL, JB, LS	BC, BH, BR, BT, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, LS, MT, NL, PL, PM, RN, SE, SG, SJ, SV	B3, B8, B20, B22, B24, B29, B93, B94, B97, B109, B110, B147, B154, B156, B178, B183, B195, B201, B211, W1				
<i>Egretta caerulea</i>	garça-azul			BH	W1				
Threskiornithidae									
<i>Plegadis chihii</i>	carauína	LS, SE			B3, B8, B109				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Mesembrinitis cayennensis</i>	coró-coró			BF, BH, BR, BT, BV, CT, ES, FL, IA, IB, IN, JB, LS, MO, NL, PL, PM, RA, SE, SG	B178, B196, B207, B210, W1				
<i>Phimosus infuscatus</i>	topicuru	LS	LS	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RN, SA, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, VE	B3, B8, B93, B109, B147, B156, B161, B201, B207, B210, B211, M1, W1				
<i>Theristicus caudatus</i>	curicaca			BD, BH, BJ, BR, BT, BV, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RM, RN, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ, VE	B147, B178, B196, M1, W1				
<i>Platalea ajaja</i>	colhereiro	LS	LS	BH, BT, CF, CT, FL, FU, IA, IB, IN, LS, MT, PL, SE, VE	B8, B93, B121, B147, B156, B201, B211, W1		VU		
Cathartiformes									
Cathartidae									
<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei	LS, MT, SE	JB, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, FL, FM, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, RA, SA, SB, SE, SG, SJ	B1, B3, B8, B17, B75, B85, B94, B97, B99, B109, B138, B178, W1				
<i>Coragyps atratus</i>	urubu-preto	BC, LS	BH, CA, FL, JB, LS, MO, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B18, B20, B22, B24, B29, B31, B41, B46, B75, B85, B94, B97, B103, B109, B112, B122, B123, B130, B138, B142, B150, B153, B154, B160, B164, B172, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M3, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha	LS	BH, JB, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, RA, RM, SA, SB, SE, SG	B3, B8, B17, B20, B31, B75, B94, B97, B98, B109, B130, B138, B153, W1				
<i>Cathartes burrovianus</i>	urubu-de-cabeça-amarela			BC, BH, BJ, BR, CA, CF, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, MT, NL, PL, PM, RA, RM, SB, SE, SG, TQ, VE	B97, M1, W1				
Accipitriformes									
Pandionidae									
<i>Pandion haliaetus</i>	águia-pescadora			BH, BR, BT, CF, CT, ES, IB, IN, LS, MT, NL, PL, SE, SG	B97, B199, B201, B211, W1				
Accipitridae									
<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira	LS	BH, FL, JB, SB, SE	BC, BH, BR, BT, CB, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, SE, VE	B3, B8, B20, B24, B71, B75, B94, B109, B112, B153, B178, B195, M1, W1				
<i>Chondrohierax uncinatus</i>	gavião-caracoleiro			BC, CF, IN, NL, PM, S E, SG	B199, W1				
<i>Leptodon cayanensis</i>	gavião-gato	LS	BH, FL, MT, SB, SE	BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JB, JU, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B75, B88, B95, B97, B109, B153, B178, B207, M1, M3, M4, W1				
<i>Elanoides forficatus</i>	gavião-tesoura	BC, LS, SE	BH, JB	RA, SB	B3, B8, B18, B94, B109, B164, W1				
<i>Harpia harpyja</i>	gavião-real	LS			B3		CR	VU	VU
<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pegamacaco	SA	NL, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, CT, ES, IB, IG, IT, JB, JU, LS, MO, NL, NU, RN, SA, SB, SG	B1, B8, B17, B103, B121, B145, B199, W1	EN			
<i>Spizaetus melanoleucus</i>	gavião-pato			BJ, MT, RA, SA, SE, SG	B103, B145, W1	EN	EN		

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Spizaetus ornatus</i>	gavião-de-penacho	LS	MT	BJ, BR, CA, IU, MT, NL, SB, SG	B3, B8, B47, B103, B109, B145, B153, B199, W1		EN		
<i>Busarellus nigricollis</i>	gavião-belo			CF, FL, PL	W1				
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro	LS		BH, BT, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IT, JB, LS, PL, PM, PR, RN, SA, SE, SG	B3, B8, B109, B178, B199, B211, W1				
<i>Harpagus diodon</i>	gavião-bombachinha			CA, NL, SE, SG	W1				
<i>Ictinia plumbea</i>	sovi	LS	BH	BC, BH, BJ, BR, CT, ES, FL, FM, IB, IN, IU, JB, LS, PL, PM, PR, SE, SG, VE	B3, B8, B109, B161, B178, B196, M1, W1				
<i>Hieraspiza superciliosa</i>	tauatô-passarinho	LS			B109				
<i>Accipiter striatus</i>	tauatô-miúdo	LS	ML, SB, SE	BJ, CT, FL, IB, IG, IT, NL, SB, SG	B1, B8, B17, B65, B75, B153, B178, B200, M1, M2, M5, W1				
<i>Accipiter bicolor</i>	gavião-bombachinha-grande		JB	BC, BH, BJ, BR, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, MC, ML, NL, NU, PL, PM, RM, SA, SB, SE, SG, SV, VE	B94, B153, B178, B195, M1, W1				
<i>Geranoospiza caeruleascens</i>	gavião-pernilongo	LS	JB	BH, BJ, BR, CA, ES, FL, IN, JB, LS, MT, PL, PM, PR, SE, SG, SV, VE	B3, B8, B94, B97, B109, W1				
<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo	LS	JB, MT, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RN, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B47, B75, B94, B95, B109, B153, B178, B211, M1, M3, W1				
<i>Amadonastur lacernulatus</i>	gavião-pombo-pequeno		NL	BH, NL	B103, B129, B199, W1	MA	CR	VU	
<i>Urubitinga urubitinga</i>	gavião-preto	LS, MT	SB	BD, BH, BT, CF, CT, FL, FM, IB, LS, MT, PM	B3, B8, B72, B95, B109, M7, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Urubitinga coronata</i>	águia-cinzenta		BR, MT	BH, BR, CA, ES, IG, IN, IT, IU, JB, MO, MT, NL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SL	B103, B138, B199, W1		EN	EN	EN
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	LS, SE	BH, CA, FL, JB, LS, MO, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ, TQ, VE	B17, B20, B22, B24, B31, B41, B72, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B178, B182, B183, B184, B195, B200, B203, B204, B207, B210, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Parabuteo unicinctus</i>	gavião-asa-de-telha			BH, IB	W1				
<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco	LS	BH, CA, FL, JB, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B3, B8, B20, B24, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B160, B178, M1, W1				
<i>Geranoaetus melanoleucus</i>	águia-serrana		BH, JB, SB	BH, BR, BT, BV, CA, CT, IB, IG, IT, IU, JB, MO, NL, PM, RA, SA, SB, VE	B40, B44, B75, B94, B112, B117, B122, B138, B153, B199, W1				
<i>Pseudastur polionotus</i>	gavião-pombo-grande		SB	BC, CA, SB	B36, B75, B137, W1	MA	CR		
<i>Buteo platypterus</i>	gavião-de-asa-larga			CT	W1				
<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta		BH, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SZ, VF	B75, B153, B154, B164, B178, B207, B210, M1, M2, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Buteo albonotatus</i>	gavião-urubu		CA, PR, SB	CT, FL, LS, NL, SE, SG	B30, B75, B130, B138, W1				
Strigiformes									
Tytonidae									
<i>Tyto furcata</i>	suindara	LS, PR	BH, FL, JB, LS, MT, SB	BH, CF, CT, FL, IA, IB, IG, LS, ML, MT, PM, PR, RN, SG, SV, TQ, VE	B17, B24, B94, B95, B97, B109, B112, B117, B122, B123, B142, B150, B153, B178, B183, M1, M3, M4, W1				
Strigidae									
<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato	LS, SE	BH, FL, JB, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IU, JB, LS, MC, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B1, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B29, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B153, B154, B156, B178, B183, B207, B210, M1, M2, M3, W1				
<i>Megascops atricapilla</i>	corujinha-sapo	LS, SE			B3, B109	MA			
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	murucutu	LS		ES, IB, JB	B1, B8, B196, M2, M5, W1				
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	murucutu-de-barriga-amarela			CA, ES, IB, IT, ML, MT, SB	B153, B206, M2, W1	MA			
<i>Bubo virginianus</i>	jacurutu		JB	BC, BF, BH, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, IB, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, PM, SE, SG, SL	B94, B153, B178, M1, M2, W1				
<i>Strix hylophila</i>	coruja-listrada			BC, BR, CA, RA, SB, SG	B179, B206, W1	MA			
<i>Strix virgata</i>	coruja-do-mato	LS, NL		BR, CA, FL, IG, IT, IU, NL, RA, SA, SB, SE, SG	B1, B3, B8, B97, B109, B153, B178, W1				
<i>Strix huhula</i>	coruja-preta	LS		BH, NL, SA, SE	B3, B8, B109, B125, M2, W1			VU	
<i>Glaucidium minullissimum</i>	caburé-miudinho	SE			M5	MA	VU		

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé	LS, SE	JB, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MT, NL, PL, PM, PR, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SZ, TQ, VE	B1, B3, B8, B41, B72, B94, B97, B109, B128, B156, B164, B178, B183, B207, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Athene cucularia</i>	coruja-buraqueira	LS, SE	BH, FL, LS, PR, SB	BC, BD, BH, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, JU, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RM, RN, SB, SE, SG, SJ, SL	B17, B20, B22, B24, B29, B40, B75, B97, B98, B109, B112, B153, B156, B164, B178, B183, B184, B211, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Aegolius harrisii</i>	caburé-acanelado			BR, FM, IR, SB, SE, VE	M1, W1				
<i>Asio clamator</i>	coruja-orelhuda	LS, SE	BH	BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, LS, MT, NL, PL, PM, RN, SB, SE, SG, SJ, VE	B1, B8, B109, B164, B178, B183, M1, M2, W1				
<i>Asio stygius</i>	mocho-diabo	LS	BH	BH, BR, FL, SB, SE, SG	B3, B8, B37, B44, B97, B109, B164, M1, M2, M3, W1				
Trogoniformes									
Trogonidae									
<i>Trogon surrucura</i>	surucua-variado	LS	MT, SB	BC, BJ, CA, FL, FM, IT, NL, RA, RP, SA, SB, SG	B17, B41, B75, B97, B109, B130, B171, B178, B206, M1, M2, W1	MA			
Coraciiformes									
Momotidae									
<i>Baryphengus ruficapillus</i>	juruva	LS, MT, SE	BR, LS, MT, PL	BH, BR, CT, ES, FL, IB, IU, LS, ML, NL, PM, RA, SG	B1, B3, B8, B41, B97, B109, B153, B178, M2, M3, M4, M5, W1	MA			
Alcedinidae									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Megasceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	LS, NL	BH, FL, JB, LS, SB	BH, BJ, BR, BT, BV, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RN, SE, SG, SL, SZ, VE	B1, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B75, B93, B94, B97, B109, B110, B147, B153, B154, B156, B164, B178, B195, B211, M1, M2, M5, W1				
<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde	LS	BH, FL, JB, LS, SB	BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IU, LS, MT, NL, PL, PM, RN, RP, SB, SE, SG, SJ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B93, B94, B97, B109, B110, B147, B153, B154, B156, B164, B178, B207, B211, M1, W1				
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno	NL, SE	JB, MT	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, SA, SB, SE, SG, SV, VE	B94, B97, B109, B147, B153, B178, M1, M2, M3, M5, W1				
Galbuliformes									
Galbulidae									
<i>Jacamaralcyon tridactyla</i>	cuitelão	LS	BH, BV, CT	BH, BR, BT, BV, CT, ES, FL, IB, IG, IU, JU, MC, ML, NL, RM, RN, SG, SJ, SZ	B1, B8, B36, B52, B62, B153, B166, B178, B183, B195, B207, M2, W1	MA			
<i>Galbula ruficauda</i>	ariramba-de-cauda-ruiva	LS, SE	BH, FL, JB, MT, SB, SE	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B41, B65, B75, B94, B97, B99, B109, B153, B154, B156, B160, B164, B178, B183, B195, B207, B210, M1, M2, M3, W1				
Bucconidae									
<i>Nonnula rubecula</i>	macuru	LS, MT	IB, MT	BD, BR, BV, CA, CT, FL, FU, IA, IT, IU, LS, ML, MO, PM, SA, SG	B3, B8, B41, B62, B97, B109, B153, B178, M2, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Malacoptila striata</i>	barbudo-rajado	LS	BH, FL, IB, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IR, IT, JB, JU, JS, MO, NL, PL, PM, RA, RP, SA, SB, SG, SJ	B17, B24, B41, B62, B75, B94, B97, B109, B156, B178, B200, B206, M1, M3, M4, W1	MA			
<i>Nystalus maculatus</i>	rapazinho-dos- velhos		JB, SB	CB, ES, FM, IN, JB, LS, ML, MT, PL, PM, SE	B31, B83, B113, M2, W1				
<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo	LS, SE	BH, BV, JB, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG	B1, B3, B8, B17, B20, B22, B31, B75, B94, B98, B109, B112, B138, B153, B178, B200, M1, M2, M3, M5, M6, W1				
Piciformes									
Ramphastidae									
<i>Ramphastos toco</i>	tucanuçu	LS, NL, SE	BH, JB, MT, PL, RN, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, JS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, SZ, VE	B1, B3, B8, B40, B41, B94, B99, B109, B130, B153, B154, B156, B164, B171, B172, B177, B178, B183, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M5, W1				
<i>Ramphastos dicolorus</i>	tucano-de-bico- verde	LS	SB	ES, SB	B3, B8, B17, B44, B75, B109, W1	MA			
<i>Selenidera maculirostris</i>	araçari-poca	LS, SE			B3, B8, B109	MA			
<i>Pteroglossus aracari</i>	araçari-de-bico- branco	LS, NL		BC, BJ, RP, SG	B1, B3, B8, B109, W1				
Picidae									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Picumnus cirratus</i>	picapauzinho – barrado	SE	BH, CA, FL, JB, MT, NL, PL, RA, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B66, B75, B94, B97, B109, B112, B128, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B171, B178, B184, B195, B200, B207, B210, M1, M2, M3, W1				
<i>Picumnus albosquamatus</i>	picapauzinho – escamoso	LS			B3, B109				
<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco	LS, TQ	FL, JB, MT, SB	BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B3, B8, B24, B45, B75, B94, B97, B109, B153, B156, B178, B207, B211, M1, M2, W1				
<i>Melanerpes flavifrons</i>	benedito-de-testa-amarela	LS, SE	SB		B1, B3, B8, B17, B109	MA	VU		
<i>Venilornis maculifrons</i>	pica-pau-de-testa-pintada	LS		BC, SB, SG	B3, B8, B109, B206, M1, W1	MA			
<i>Venilornis passerinus</i>	pica-pau-pequeno		BH, CT, IR, JB, LS, MT, NL, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B31, B41, B66, B75, B94, B97, B128, B153, B154, B156, B164, B178, B195, B200, B207, B210, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Venilornis mixtus</i>	pica-pau-chorão	LS, SE	JB	CA, IT, JB, NL, NU, RA, SA	B3, B8, B109, B155, M6, W1				
<i>Campephilus robustus</i>	pica-pau-rei	LS		BC, BH, BJ, BR, BV, CA, IB, IT, IU, NL, SA, SB, SG	B3, B8, B109, B130, B153, B206, W1	MA			
<i>Campephilus melanoleucos</i>	pica-pau-de-topete-vermelho	LS	JB	BT, CT, ES, FL, FU, IA, JB, LS, MT, PL, PR, SA, VE	B3, B8, B94, B109, B178, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	LS, MT, SE	JB, MT	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SL, VE	B1, B3, B8, B41, B94, B97, B109, B153, B178, B207, M1, M2, M3, W1				
<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela	LS	BH, FL, MT, PL, SB	BJ, BR, ES, IU, JU, MC, NL, SG	B17, B24, B29, B41, B97, B109, B153, M5, W1				
<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador	SE	SB	BH, IT, SB	B3, B8, B109				
<i>Piculus aurulentus</i>	pica-pau-dourado				B75, B179, B206, M1, W1	MA			
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado	LS, NL, SE	BH, FL, IR, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B1, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B72, B75, B94, B97, B109, B135, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B200, B207, B211, M1, M2, M3, M4, M5, W1				
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo	IT, LS	BH, CA, FL, JB, LS, MO, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ, TQ, VE	B14, B17, B24, B29, B31, B41, B75, B84, B94, B97, B98, B99, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B178, B183, B184, B195, B200, B210, B211, M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7, W1				
<i>Cariamiformes</i>									
<i>Cariamidae</i>									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação			
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL	
<i>Cariama cristata</i>	seriema	FU, LS, NL, SL	CA, FL, JB, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, TQ, VE	B3, B8, B15, B16, B17, B24, B45, B75, B94, B97, B98, B109, B130, B138, B153, B178, B183, B195, B207, M1, M3, M5, M10, W1					
Falconiformes										
Falconidae										
<i>Herpetotheres cassinians</i>	acaçuã		FL, JB, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, SA, SB, SE, SG, SL, SP, VE	B24, B41, B75, B94, B95, B97, B123, B130, B138, B153, B164, B165, B178, B207, M4, W1					
<i>Microastur ruficollis</i>	falcão-caburé	LS, PL	NL	CA, NL, SB	B3, B8, B109, M2, W1					
<i>Microastur semitorquatus</i>	falcão-relógio	LS	JB, SB, SE	BH, BJ, BR, CA, CT, ES, FL, FM, IB, IU, JB, MC, ML, NL, PM, RA, RP, SB, SE, SG	B3, B8, B49, B75, B94, B97, B109, B130, B171, B178, W1					
<i>Caracara plancus</i>	carcará	BC, LS, SE	BH, CA, FL, JB, MT, PL, SB, SE	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, SZ, TQ, VE	B1, B8, B17, B18, B20, B22, B23, B24, B29, B41, B65, B75, B94, B95, B97, B109, B112, B122, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B203, B207, B210, B211, M1, M2, M5, W1					

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Milvago chimachima</i>	carapateiro	LS	BH, CA, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, TQ, VE	B17, B20, B22, B24, B29, B31, B41, B75, B94, B95, B97, B98, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M4, M5, W1				
<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri	LS, SE	BH, BV, CA, FL, IG, JB, MT, SB	BC, BD, BF, BH, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, SA, SE, SG, SJ, VE	B1, B17, B20, B22, B24, B29, B75, B85, B94, B97, B109, B112, B117, B122, B123, B135, B138, B153, B156, B164, B172, B178, B183, B184, B195, M1, M2, M5, W1				
<i>Falco ruficularis</i>	cauré	LS		BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, IB, IT, IU, JB, LS, MO, MT, NL, NU, PL, RA, SA, SB, SE, SG, VE	B3, B8, B97, B109, B203, W1				
<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira	LS	BH, FL, JB, MT, SB, SE	BF, BH, BJ, BR, BT, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B3, B24, B34, B65, B75, B94, B95, B109, B112, B138, B153, B164, B178, B195, B203, B210, M1, M2, M4, W1				
<i>Falco peregrinus</i>	falcão-peregrino		BH, SB	BH, LS, RN, SE	B38, B138, B140, B183, B199, W1				
Psittaciformes									
Psittacidae									
<i>Touit melanotus</i>	apuím-de-costas-pretas			VE		MA		VU	
<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-rico			BH	W1	MA			

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Brotheris chiriri</i>	periquito-de-encontro-amarelo	LS, SE	CA, FL, JB, LS, MT, PL	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B3, B8, B24, B31, B41, B94, B97, B109, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Triclaria malachitacea</i>	sabiá-cica	LS		BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B1, B8, M5	MA	CR		
<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca-verde	LS	JB, PL, SB		B1, B3, B8, B17, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B130, B138, B153, B156, B178, B195, B207, B210, M1, M5, W1				
<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-verdadeiro	LS, NL, SE	LS	BD, BH, BR, BT, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, JB, LS, MT, NL, PL, PM, PR, RN, SA, SE, SL, SP, VE	B1, B3, B8, B121, B123, B164, B195, B207, B213, M1, W1				
<i>Amazona farinosa</i>	papagaio-moleiro	LS			M5		CR		
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	LS, SE	BH, BV, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, TQ, VE	B17, B20, B22, B24, B29, B31, B75, B84, B94, B97, B109, B112, B130, B153, B154, B156, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M4, M5, W1				
<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba-de-testa-vermelha	LS, MT	MT, SB	BR, IT	B3, B8, B17, B41, B75, B109, W1	MA			

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Eupsittula aurea</i>	periquito-rei	LS, SE	BH, FL, IU, JB, MO, PL, SB	BD, BF, BH, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B24, B29, B31, B94, B99, B109, B112, B138, B153, B154, B178, B183, M2, M6, M7, W1				
<i>Aratinga auricapillus</i>	jandaia-de-testa-vermelha	LS		BH, BR, IA, IR, SL, VE	B3, B8, B109, W1				
<i>Orthopsittacus manilatus</i>	maracanã-do-buriti			CB, CF, ES, FL, SE	W1				
<i>Prionolus maracana</i>	maracanã	LS		BC, BJ, CA, FL, JB, SB, SE, SG, SL	B3, B8, B84, B109, B178, M1, M2, W1				
<i>Ara ararauna</i>	arara-canindé		LS	BH, CB, ES, FM, FU, JB, MO, PL, PM, SE	B121, B176, W1		VU		
<i>Ara chloropterus</i>	arara-vermelha			CA, LS	W1		CR		
<i>Diopsittacus nobilis</i>	maracanã-pequena			BH, NL	W1				
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	periquito	LS, MT	BH, BV, CA, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B72, B75, B94, B97, B109, B130, B138, B153, B156, B164, B171, B172, B178, B183, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M3, W1				
Passeriformes									
Thamnophilidae									
<i>Formicivora serrana</i>	formigueiro-da-serra	LS, SE	CA, FL, JB, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RP, SA, SB, SG, SJ, VE	B3, B8, B24, B31, B41, B62, B75, B84, B97, B109, B113, B130, B138, B141, B153, B171, B178, B206, M1, M2, M3, W1	MA			
<i>Formicivora rufa</i>	papa-formiga-vermelho			IA, IG, JB, LS, ML, MT, PM, RN	B153, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Sakesphoroides cristatus</i>	choca-do-nordeste			FU, JB	W1	CA			
<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinha-lisa	LS	BH, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IN, IT, IU, JU, LS, ML, NL, PM, PR, RA, SA, SB, SE, SG, SV, VE	B3, B8, B17, B41, B66, B75, B90, B94, B96, B97, B109, B112, B113, B130, B153, B164, B171, B178, B195, B207, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Hepsilochmus rufimarginatus</i>	chorozinho-de-asa-vermelha			BH, BR, CA, IB, NL, SA, SB, SG	B97, B113, M2, W1				
<i>Hepsilochmus atricapillus</i>	chorozinho-de-chapéu-preto	LS, SE	BH, CA, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, TQ, VE	B3, B8, B24, B31, B41, B62, B66, B75, B84, B94, B97, B109, B112, B130, B153, B154, B156, B160, B164, B171, B178, B195, B207, B210, M1, M2, M3, W1				
<i>Thamnophilus dolatus</i>	choca-barrada			RM	W1				
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-chapéu-vermelho		SB	BC, BH, BR, BV, CA, CF, IB, IT, NL, PM, SB, SG	B75, B97, B138, M2, W1				
<i>Thamnophilus torquatus</i>	choca-de-asa-vermelha	LS	BH, CA, LS	BH, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, NL, PM, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL	B2, B3, B8, B62, B84, B109, B112, B138, B153, B160, B178, M1, M2, M4, M5, W1				
<i>Thamnophilus palliatus</i>	choca-listrada			BH	W1				
<i>Thamnophilus pelzelni</i>	choca-do-planalto		JB		B94				
<i>Thamnophilus caeruleus</i>	choca-da-mata	LS, SE	BH, CT, FL, JB, MT, NL, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B2, B3, B5, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B66, B75, B90, B94, B96, B97, B109, B112, B113, B130, B135, B153, B154, B156, B160, B164, B171, B178, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7, M8, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Taraba major</i>	choró-boi	LS	BH, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B8, B17, B22, B24, B41, B75, B94, B97, B112, B153, B154, B156, B164, B177, B178, B183, B195, B207, B210, M1, M2, M4, M6, W1				
<i>Hypodaleus guttatus</i>	chocão-carijó	LS, SE			B3, B8, B109	MA			
<i>Mackenziaena leachii</i>	borralhara- assobiadora		CA, SB	BC, BH, BR, CA, IG, IT, IU, MO, NL, RA, SA, SB, SG	B17, B75, B97, B130, B138, B153, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Mackenziaena severa</i>	borralhara		SB	BC, BR, CA, FL, IU, NL, RA, SA, SB, SG	B17, B75, B97, B153, B178, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Myrmoderus loricatus</i>	formigueiro- assobiador		LS, SB	BC, CA, RA, SA, SB, SG	B17, B75, B97, B113, B206, M1, M2, M4, W1	MA			
<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul	LS	BH, FL, MT, NL, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, LS, ML, MO, NL, NU, PM, RA, SA, SB, SG, SJ	B3, B8, B17, B24, B41, B75, B96, B97, B109, B112, B113, B130, B153, B171, B178, B206, M1, M2, M3, M4, M8, W1	MA			
<i>Cercamacra brasiliana</i>	chororó-cinzento			SG	W1	MA			
<i>Drymophila ferruginea</i>	dituí		SB, SG	NL, RA, SB, SG	B17, B75, B113, B130, B206, M1, M2, M8, W1	MA			
<i>Drymophila rubricollis</i>	choquinha-dublê		SB	RA, SB	B75, W1	MA			
<i>Drymophila ochropyga</i>	choquinha-de- dorso-vermelho		CA, RA, SB	BC, BH, BR, BV, CA, IT, NL, RA, SA, SB, SG	B17, B62, B75, B97, B113, B135, B171, B206, M1, M2, M8, W1	MA			
<i>Drymophila malura</i>	choquinha-carijó		SB	BR, IG, IU, ML, MT, PL, RA, RM, SB	B75, B153, B206, M1, M2, W1	MA			
Melanopareidae									
<i>Melanopareia torquata</i>	meia-lua-do- cerrado	LS	BH, BV, JB, NL	BH, BR, BV, IB, IG, IT, IU, JU, LS, MO, NL, RA, SA, SE, SL	B3, B8, B31, B39, B62, B109, B112, B130, B138, B153, M1, M2, W1				
Conopophagidae									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente		BH, JB, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, FM, IB, IT, IU, JU, LS, ML, NL, NU, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SL	B17, B31, B41, B75, B90, B97, B113, B130, B135, B153, B171, B178, B206, M1, M2, M3, M4, M6, W1				
Grallariidae									
<i>Cryptopezus nattereri</i>	pinto-do-mato		SB	CA, SB	B75, B206, W1	MA			
Rhinocryptidae									
<i>Psilorhamphus guttatus</i>	tapaculo-pintado				B179, B206, W1	MA			
<i>Eleoscytalopus indigoticus</i>	macuquinho		SB	BC, CA, IT, NL, RA, SB, SG	B75, B84, B97, B113, B130, B206, M1, M2, M11, W1	MA			
<i>Scytalopus iraiensis</i>	tapaculo-da- várzea		SB	BV, JB, SB, SG	B127, B138, B139, B206, M2, M11, W1	MA		EN	VU
<i>Scytalopus petrophilus</i>	tapaculo-serrano		CA, SB	BC, BJ, BR, BV, CA, IT, JB, NL, NU, RA, SB	B28, B30, B33, B62, B75, B138, B139, B194, B206, M1, M2, M11, W1	MA			
Formicariidae									
<i>Chamaeza campanisona</i>	tovaca-campainha	LS			B3, B109				
<i>Chamaeza meruloides</i>	tovaca-cantadora		SB	CA, SB	B75, B179, B206, W1	MA			
Scleruridae									
<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha	LS	BH, SB	BC, CA, IB, IT, NL, SA, SB, SG	B3, B8, B17, B75, B90, B109, B200, B206, M1, W1	MA			
<i>Geositta poeclioptera</i>	andarilho	LS			B3, B8, B109	CE	EN	VU	VU
Dendrocolaptidae									
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde	SE	BH, FL, LS, MT, NL, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, MC, MO, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG, SJ	B2, B8, B17, B24, B41, B66, B75, B90, B97, B112, B113, B130, B153, B178, M1, M2, M3, M4, M5, M7, W1				
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande	LS, SE	MT, SB	IA, MT, PR, SA, SB, SG	B3, B8, B17, B41, B75, B97, B109, B206, M4, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	arapaçu-de-garganta-branca		MT, PL, SB	BR, CA, ES, NL, SB	B41, B72, B130, M2, W1				
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado		BH, IB, MT, SB	BC, BJ, BR, CA, IB, IT, IU, NL, RA, SA, SB, SG	B41, B66, B75, B84, B90, B97, B113, B130, B153, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Campylorhynchus falcularius</i>	arapaçu-de-bico-torto		SB	BJ, SB, SG	B75, B179, B206, W1	MA			
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	arapaçu-de-cerrado	LS, SE	BH, FL, JB, LS, MT, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B2, B3, B8, B22, B24, B31, B41, B75, B94, B98, B109, B128, B138, B153, B156, B178, B210, B211, M1, M2, M3, M4, M5, W1				
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	arapaçu-escamoso		SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, IT, IU, MO, NL, RA, RM, SB, SG	B17, B75, B97, B153, B206, M1, W1	MA			
Xenopidae									
<i>Xenops rufilans</i>	bico-virado-carijó	SE	BH, FL, MT, NL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, TQ, VE	B3, B8, B17, B24, B41, B66, B75, B97, B109, B128, B130, B153, B178, M2, W1				
Furnariidae									
<i>Furnarius figulus</i>	casaca-de-couro-da-lama		BH, JB, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, TQ, VE	B72, B75, B94, B97, B99, B119, B135, B153, B154, B156, B164, B178, B195, B207, B210, B211, M1, M2, W1				
<i>Furnarius leucopus</i>	casaca-de-couro-amarelo			JB	W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	BC, CA, LS	BH, CA, FL, JB, LS, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B16, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B45, B62, B75, B84, B94, B97, B98, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B174, B178, B183, B184, B195, B207, B211, M1, M2, M3, M4, M6, W1				
<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca	LS, NL	JB, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IR, IT, IU, LS, ML, MO, NL, NU, PM, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, TQ, VE	B2, B3, B8, B17, B41, B75, B94, B97, B109, B130, B138, B153, B154, B178, B195, M1, M2, M3, M5, W1				
<i>Cinclodes espinhacensis</i>	pedreiro-do-espinhaco			JB, NU	B120, B149, B176, B190, M2, W1	TM		EN	
<i>Anabazenops fuscus</i>	trepador-coleira	SE	SB	CA, RA, SB, SG	B2, B17, B179, M5, W1	MA			
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	trepador-quiete		SB	BH, BR, CA, IT, IU, NL, RA, RP, SB, SG	B75, B84, B97, B113, B128, B130, B135, B153, B171, B206, M1, M2, M7, W1				
<i>Dendroma rufa</i>	limpa-folha-de-testa-baia	LS	BH, LS, NL, SB	BC, BH, BR, CA, FL, IB, IT, IU, MC, ML, MO, NL, RA, SA, SB, SG	B3, B8, B22, B66, B75, B90, B97, B109, B130, B135, B153, B178, B206, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Cilbanornis rectirostris</i>	cisquinho-do-rio	LS	FL, JB	BH, BR, BV, ES, FM, IA, IB, IN, JB, LS, PM, PR, SV	B3, B8, B24, B31, B94, B99, B105, B106, B109, B119, B148, B156, B164, B175, B180, M1, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Automolus leucophthalmus</i>	barranqueiro-de-olho-branco	BC, LS	BH, JB, MT, NL, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, CT, ES, FL, IB, IN, IT, IU, LS, MC, ML, NL, NU, PM, RA, SA, SB, SG, SV, VE	B2, B3, B8, B14, B31, B41, B66, B75, B84, B90, B97, B109, B113, B130, B153, B171, B178, B206, M1, M2, M3, M5, W1	MA			
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	joão-de-pau	LS, SE	BH, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B70, B75, B79, B84, B86, B94, B97, B98, B99, B107, B109, B111, B112, B130, B153, B154, B156, B164, B178, B183, B195, B207, M1, M2, M4, M11, W1				
<i>Phacellodomus ruber</i>	graveteiro		JB, SE	ES, FM, IN, PM, SE, SG	B65, B94, B97, W1				
<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	joão-botina-da-mata	BC	BH	BC, CA, IT, NL, RA, SA, SB, SG	B14, B97, B112, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Phacellodomus ferrugineigula</i>	joão-botina-do-brejo		NL	BC, BJ, BR, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IU, MO, PM, RN, SB, SE, SG	B62, B153, B178, B206, M1, M2, M3, W1	MA			
<i>Anumbius amumbi</i>	cochicho		JB, MT, SB	BC, BJ, CB, ES, IA, IB, IG, IN, IT, JB, LS, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, SB, SE, SG, SJ	B17, B84, B94, B99, B138, B153, M2, W1				
<i>Asithenes luizae</i>	lenheiro-da-serra-do-cipó		JB	JB, NU, TQ	B48, B50, B124, B187, B189, M2, W1	TM		EN	
<i>Asithenes moreirae</i>	garrincha-chorona		SB	SB	B75, B138, B206	TM			
<i>Cranioleuca pallida</i>	arredio-pálido	LS	JB, SB	IB, NL, SB, SG	B3, B75, B97, B109, B138, B206, M6, W1	MA			
<i>Pseudoseisura cristata</i>	casaca-de-cauro	SE			B2				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Certhiax cinnamomeus</i>	curutié	LS	BH, ES, FL, JB, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B32, B75, B94, B97, B99, B109, B147, B153, B154, B156, B164, B177, B178, B183, B211, M2, M5, M10, W1				
<i>Schoeniophylax phryganophilus</i>	bichoita			BH, CB, ES, IA, IG, IN, JB, LS, ML, MT, PL, PM, PR, RN, SB, SE	W1				
<i>Synallaxis cinerascens</i>	pi-puí		FL, SB	BC, BR, CA, IB, IT, IU, ML, NL, RA, SA, SB, SG	B24, B72, B75, B97, B113, B130, B135, B153, B171, B206, M1, M2, W1				
<i>Synallaxis ruficapilla</i>	pichororé	LS	BH, JB, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, FL, IB, IT, IU, LS, ML, NL, RA, SA, SB, SG	B17, B66, B75, B94, B97, B113, B130, B153, B178, B206, M1, M2, M5, M8, W1	MA			
<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném		BH, CA, FL, JB, LS, MT, RA, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B17, B20, B22, B24, B31, B41, B75, B94, B97, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B178, B207, M1, M2, M3, M4, M6, M7, W1				
<i>Synallaxis albescens</i>	uí-pi	SE	BH, JB, SB	BH, BJ, BR, BT, BV, CB, CF, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PM, PR, RN, SA, SE, SG, VE	B75, B94, B97, B99, B112, B153, B178, M1, M3, M5, M6, W1				
<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	LS, SE	BH, FL, JB, MT, PL	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, VE	B2, B3, B8, B24, B31, B41, B94, B97, B109, B112, B130, B153, B154, B156, B164, B178, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M5, W1				
Pipridae									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Neopelma pallescens</i>	fruxu-do-cerradão	LS	BH, MT, PL, SB, SG	BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SJ, SV	B3, B8, B17, B22, B40, B41, B97, B109, B113, B130, B153, B178, B186, B191, M1, M2, M3, W1				
<i>Neopelma chrysolophum</i>	fruxu		SB, SG	IB, SB	B40, B75, B113, B179, B206, M1, W1	MA			
<i>Ilicura militaris</i>	tangarázinho	LS, SE	BH, FL, NL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, NL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SZ, VE	B3, B8, B17, B24, B75, B76, B90, B97, B109, B112, B113, B130, B153, B178, B195, B206, B207, M1, M2, M3, M4, W1	MA			
<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará	LS	BH, NL, RA, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, IB, IG, IT, IU, LS, MC, ML, MO, NL, RA, RM, RP, SA, SB, SG, SJ, SL, VE	B3, B8, B17, B40, B75, B76, B90, B97, B109, B112, B130, B153, B163, B171, B206, M1, M2, M4, M8, W1	MA			
<i>Antilophia galeata</i>	soldadinho	LS, SE	BH, ES, FL, JB, LS, MT, NL, PL, SE	BC, BD, BH, BR, BT, CB, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RP, SA, SE, SJ, SL, SV, VE	B1, B3, B8, B24, B40, B41, B76, B94, B99, B109, B153, B156, B163, B178, B186, B191, B192, B195, B207, M1, M2, M3, M4, M5, W1				
<i>Manacus manacus</i>	rendeira	LS, SE	FL, SB	BC, BJ, BR, BT, CA, ES, FL, FM, IA, IG, IN, IU, JU, NL, PM, SB, SG, SJ, SL, SV	B8, B17, B24, B75, B97, B113, B153, B171, B178, M1, M2, M3, W1				
Cotingidae									
<i>Phibalura flavirostris</i>	tesourinha-da-mata		BH, SB	BC, BH, BR, CA, IT, NL, RA, SB, VE	B17, B36, B75, B162, M2, W1	MA	VU		
<i>Pyroderus scutatus</i>	pavó	LS	SB, SG	BC, BR, FL, NL, RA, SA, SB, SG	B1, B3, B8, B28, B36, B54, B75, B97, B109, B206, M5, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Lipaugus lanioides</i>	tropeiro-da-serra		SB	SB	B17, B33, B36, B75, B206, W1	MA			
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga	BC, LS, SE			B3, B8, B14, B109	MA	EN		
Tityridae									
<i>Schiffornis virescens</i>	flautim		BH, FL, SB	BC, BR, CA, FL, IB, IT, IU, MC, NL, RA, RP, SA, SB, SG	B24, B75, B76, B84, B97, B113, B130, B135, B153, B171, B178, B206, M1, M2, M3, W1	MA			
<i>Lanaisoma elegans</i>	chibante		BH, IB, SB		B33, B36, B69, B75	MA	VU	EN	
<i>Iodopleura pipra</i>	anambé- anambé-branco- de-bochecha- parda	LS		MT	B2	MA	CR	EN	EN
<i>Tityra inquisitor</i>					W1				
<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco- de-rabo-preto	LS	FL, MT, SB	BH, BR, IB	B3, B8, B17, B24, B41, B75, B109, M2, M4, W1				
<i>Pachyrhamphus viridis</i>	caneleiro-verde	LS	ES, FL, JB, MT	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, MO, NL, PM, RA, SB, SE, SG, VE	B3, B8, B24, B32, B34, B40, B47, B84, B94, B97, B109, B153, B154, B156, B178, M1, M2, M3, W1				
<i>Pachyrhamphus castaneus</i>	caneleiro			BC, BH, BR, CA, IT, IU, NL, PM, RA, SB, SG	B97, B153, B160, W1				
<i>Pachyrhamphus polychaeterus</i>	caneleiro-preto		BH, FL, JB, MT, PL, SB	BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, LS, ML, MO, NL, PM, PR, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B17, B22, B24, B41, B75, B94, B97, B153, B178, B207, M2, M3, W1				
<i>Pachyrhamphus validus</i>	caneleiro-de- chapéu-preto	LS, SE	ES, FL, MT	BC, BH, BJ, BR, CA, ES, FL, IA, IT, IU, JU, MC, MO, NL, PM, RA, RP, SA, SB, SG	B1, B3, B24, B32, B41, B84, B97, B109, B135, B153, M2, M5, W1				
Onychorhynchidae									
<i>Myiobius barbatus</i>	assanhadinho			BC, CA, IB, LS, NL, RA, SA, SB, SG	B97, M1, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Myiobius atricaudus</i>	assanhadinho-de-cauda-preta			NL, RA, SA, SB, SG	B113, B160, B206, M1, M2, W1				
Platyrinchidae									
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho	LS, SE	BH, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IN, IT, IU, LS, MC, ML, MO, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG, SV	B1, B3, B8, B17, B41, B75, B90, B97, B109, B130, B135, B153, B171, B178, B206, M1, M2, M3, M4, M5, M8, W1				
Rhynchocyclidae									
<i>Mionectes rufiventris</i>	abre-asa-de-cabeça-cinza		BH, NL, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, LS, ML, NL, RA, SA, SB, SG, SJ	B17, B64, B75, B90, B97, B113, B130, B153, B178, B206, B210, M1, M2, M3, M4, M7, M8, W1	MA			
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo	LS, SE	BH, CT, JB, LS, MT, NL, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, TQ, VE	B3, B8, B22, B31, B41, B66, B75, B90, B94, B97, B109, B113, B128, B130, B153, B164, B178, M1, M2, M4, W1				
<i>Corythopsis delalandi</i>	estalador	LS	MT, PL	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IT, IU, LS, MC, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG	B3, B8, B41, B97, B109, B130, B153, B161, B178, B198, M1, M3, W1				
<i>Phylloscartes eximius</i>	barbudinho		RA	BR, CA, IB, IT, IU, MO, NL, RA, SA, SB	B62, B153, M1, M2, W1	MA			
<i>Phylloscartes ventralis</i>	borboletinha-domato		BH, NL, SB	BC, BH, BR, CA, IB, IT, JB, MO, NL, RA, SB, SG	B62, B66, B75, B97, B130, B138, B206, M1, M2, W1				
<i>Phylloscartes roquettei</i>	cara-dourada			SE	W1		EN	EN	

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta		BH, FL, JB, MT, NL, PL, SB	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B17, B20, B22, B24, B31, B41, B66, B72, B75, B94, B97, B112, B113, B130, B135, B153, B154, B164, B171, B177, B178, B207, B210, M1, M2, M3, M4, M8, W1				
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	bico-chato-amarelo			BC, CA, ES, FU, JB, LS, SE, SG	M1, W1				
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque		BH, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IG, IR, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B17, B20, B22, B41, B75, B97, B130, B135, B153, B160, B177, B178, B188, B191, B206, B207, B210, M1, M2, M3, W1	MA			
<i>Todirostrum cinereum</i>	ferreirinho-relógio		JB	BC, BH, BJ, BR, BT, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RN, RP, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B94, B156, B164, B178, B183, B207, B210, B211, M3, W1				
<i>Poecilatriccus plumbeiceps</i>	tororó		FL, SB, SG	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JU, ML, MO, NL, PM, RA, SA, SB, SG, SJ	B24, B40, B75, B97, B113, B130, B153, B178, M1, M2, M4, M8, W1				
<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho		BH, JB, MT, PL, RA, SB	BC, BD, BH, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IU, LS, MC, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B17, B22, B31, B41, B97, B130, B153, B171, B178, B206, M1, M2, M3, W1	MA			
<i>Hemitriccus olrops</i>	olho-falso		SB	BC, BH, CA, IB, IT, IU, NL, RA, SA, SB	B75, B135, B153, B206, M1, M2, W1	MA			

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	tachuri-campainha		SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, IB, IG, IT, IU, JB, ML, MT, NL, RA, RP, SA, SB, SG, SJ, VE	B75, B97, B130, B153, B206, M1, M2, M4, W1	MA			
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>	sebinho-de-olho-de-ouro		BH, FL, JB, PL	BH, BR, BT, BV, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RP, SE, SJ, SL, VE	B24, B94, B112, B153, B177, B178, B195, M2, W1				
Tyrannidae									
<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro	LS, SE, SL	BH, BV, CA, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, TQ	B1, B3, B8, B20, B23, B72, B75, B94, B97, B109, B112, B123, B130, B138, B153, B160, B164, B178, B183, M1, M2, M4, M6, W1				
<i>Euscarthmus meloryphus</i>	barulhento	LS	FL	BC, BV, FM, IB, IG, JU, ML, PM, RP, SB, SG	B3, B8, B24, B97, B109, B153, M1, M2, W1				
<i>Tyranniscus burmeisteri</i>	piolinho-chiador		BH	BR, CA, MO, NL, RA, SB	B30, B179, M1, W1				
<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	LS, NL	BH, CA, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B66, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B171, B172, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M4, M5, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	LS, NL	BH, ES, FL, JB, LS, MO, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, NL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B17, B20, B22, B24, B31, B34, B75, B84, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B174, B178, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M4, M5, M6, W1				
<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande	LS	BH, JB	BH, BJ, BR, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, JB, LS, MT, NL, PM, RA, SB, SE, SG, SJ, VE	B94, B109, B153, B161, B177, B178, B211, M1, M2, M3, W1				
<i>Elaenia chilensis</i>	guaracava-de-crista-branca	LS	JB, MT, PL	BH, BR, ES, IB, IN, IT, JB, LS, NL, SG	B8, B94, M1, M2, W1				
<i>Elaenia parvirostris</i>	tuque-pium		JB	CA, IB, JB, SE, SG	B94, B97, W1				
<i>Elaenia mesoleuca</i>	tuque		JB, SB	BH, BR, CA, IB, IG, IN, IT, IU, ML, NL, RA, SB, SG	B75, B94, B97, B138, B153, M1, M2, M4, W1				
<i>Elaenia cristata</i>	guaracava-de-topete-uniforme	LS	JB, LS, PL	BH, BJ, BR, BT, BV, CF, CT, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SL, VE	B31, B94, B109, B130, B131, B153, B160, M1, M2, M4, W1				
<i>Elaenia chiriquensis</i>	chibum	LS	BH, JB, LS, SB	BH, BJ, BR, CA, CT, FL, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PM, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SL, VE	B3, B8, B75, B84, B94, B99, B109, B112, B138, B153, B160, M1, M2, M4, W1				
<i>Elaenia obscura</i>	tucão	LS	BH, BV, CA, JB, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IR, IT, IU, JB, ML, MO, MT, NL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SZ	B3, B8, B17, B20, B75, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B135, B138, B153, B160, B178, M1, M2, M3, M4, M6, M7, W1				
<i>Suiriri suiriri</i>	suiriri-cinzento		JB	IN, JB, LS, PL, PM, PR, SE, SJ	B94, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Myiopagis caniceps</i>	guaracava-cinzena		SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, SA, SB, SE, SG, SL, VE	B75, B97, B128, B130, B153, B164, B178, B195, B210, M1, W1				
<i>Myiopagis viridicata</i>	guaracava-de-crista-alaranjada		BH, JB, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, LS, MC, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B22, B41, B75, B84, B94, B97, B130, B135, B153, B154, B171, B178, M1, M2, M3, W1				
<i>Capsiempis flaveola</i>	marianinha-amarela	LS	SB	BC, BJ, BR, CA, IG, IU, JB, LS, MT, RA, SB, SG	B3, B5, B8, B75, B97, B109, B153, B171, M1, M2, W1				
<i>Phaeomyias murina</i>	bagageiro	LS, NL	BH, JB, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, NL, PM, PR, RA, RM, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, TQ, VE	B1, B3, B5, B8, B75, B84, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B135, B138, B153, B171, B174, B178, M1, M2, M3, W1				
<i>Phyllomyias virescens</i>	piolinho-verdoso	LS		IT	B109, B179, M2	MA			
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolinho	LS, NL	BH, CA, JB, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, TQ, VE	B1, B3, B8, B31, B41, B72, B75, B94, B97, B109, B112, B128, B130, B138, B153, B156, B171, B178, B195, B207, M1, M2, M3, M7, W1				
<i>Phyllomyias griseicapilla</i>	piolinho-serrano			CA, IB, RA, SB	W1	MA			
<i>Culicivora caudacula</i>	papa-moscas-do-campo			BH, BR, BV, IT, JB, NL, NU, SE	B136, B176, M1, M2, W1		VU		
<i>Polystictus pectoralis</i>	papa-moscas-canela			FL	W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Polystictus superciliosus</i>	papa-moscas-de-costas-cinzentas		BH, CA, JB, NL, RA, SA, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, IB, IT, JB, MO, NL, RA, SA, SB, SG	B17, B25, B39, B44, B50, B57, B62, B75, B82, B108, B112, B124, B138, B206, M1, M2, M6, M7, M12, W1	TM			
<i>Serpophaga nigricans</i>	joão-pobre	LS, NL	FL, SB	BC, BJ, BR, CA, FL, IA, IB, IT, JB, MO, NL, PM, RA, RP, SB, SE, SG, TQ	B1, B3, B8, B24, B109, B138, B178, M1, M3, W1				
<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho	LS	BH, FL, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG, SL, VE	B3, B17, B20, B22, B24, B75, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B184, B195, B207, B210, B211, M2, M3, W1				
<i>Legatus leucophaius</i>	bem-te-vi-pirata			BC, BH, BJ, BR, CA, FL, IB, IG, IT, IU, NL, PM, RA, SA, SB, SG, SJ	B84, B97, B130, B153, B171, B174, B178, M2, W1				
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré	LS	FL, JB, PL, SB	BH, BJ, BR, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL	B24, B75, B94, B97, B109, B130, B138, B153, B160, B178, B183, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	LS, SE	BH, CA, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SZ, VE	B8, B17, B20, B22, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B128, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B171, B172, B178, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M4, M5, W1				
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado		BH, FL, JB, LS, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RM, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B24, B31, B75, B94, B97, B112, B138, B153, B154, B164, B177, B178, B184, B195, M1, M2, M3, M4, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Strytes sibilator</i>	gritador	LS	MT, SB	BC, BR, CA, IB, IT, MO, NL, RA, SA, SB, SG	B1, B8, B41, B75, B97, B130, M1, M5, W1				
<i>Casiornis rufus</i>	maria-ferrugem	LS, MT	JB, MT	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B3, B8, B41, B94, B97, B109, B113, B153, B171, B178, M1, M2, M3, W1				
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	LS, NL	BH, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, VE	B1, B3, B8, B14, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B115, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B182, B183, B184, B195, B204, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M4, M5, M10, W1				
<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro		BH, FL, JB, MT, SB	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SZ, TQ	B20, B22, B24, B31, B70, B75, B94, B97, B128, B130, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B174, B178, B184, B211, M1, M2, M3, W1				
<i>Myodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado	LS	JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, VE	B3, B8, B17, B41, B75, B94, B97, B109, B130, B135, B153, B154, B156, B164, B171, B178, B183, B184, B195, B207, B211, M1, M2, M3, M4, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	LS, SE	BH, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B3, B8, B17, B22, B24, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B174, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Myiozetetes cayanensis</i>	bentevizinho-de- asa-ferrugínea		SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, ES, FM, IA, IB, IU, JB, LS, NL, RM, SA, SB, SG, SJ	B75, B84, B97, B135, M1, M2, W1				
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de- penacho-vermelho	LS, NL	BH, ES, FL, JB, LS, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B32, B40, B41, B70, B75, B94, B97, B109, B112, B115, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M4, M5, W1				
<i>Tyrannus albogularis</i>	suiriri-de- garganta-branca	LS	JB, PL	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, VE	B3, B8, B84, B94, B97, B98, B109, B138, B153, B156, B164, B178, B183, M2, M3, W1				
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	LS, SE	BH, FL, JB, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B41, B75, B94, B97, B98, B99, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B174, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M6, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha	LS, SE	BH, ES, JB, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SP, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B27, B29, B32, B40, B41, B75, B94, B97, B98, B99, B109, B112, B138, B153, B154, B156, B164, B177, B178, B183, B184, B195, M1, M2, M5, M10, W1				
<i>Griseothyrrannus aurantiothrocristatus</i>	peitica-de-chapéu-preto	LS, SE	JB, LS	BH, BR, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, JB, LS, MT, NL, PL, PM, PR, RA, SA, SE, SP	B3, B8, B94, B109, B121, B156, B164, B178, W1				
<i>Empidonamus varius</i>	peitica		BH, ES, JB, MT, PL, SB	BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B20, B22, B41, B47, B75, B84, B94, B112, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B207, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Guyramemua affine</i>	suiriri-da-chapada	LS	LS		B1, B3, B8, B91, B109, B167, M4, M5	VU			
<i>Sublegatus modestus</i>	guaracava-modesta	LS		BR, IB, IG, JB, NL, RA, SA	B3, B8, B109, W1				
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha	LS	BH, FL, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, SZ, TQ, VE	B17, B24, B29, B41, B66, B72, B75, B97, B109, B112, B130, B153, B154, B156, B164, B174, B178, B184, B207, B210, M1, M2, M3, W1				
<i>Arundinicola leucocephala</i>	freirinha	LS, SE	BH, JB, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IN, IR, IT, JB, LS, MT, NL, PL, PM, RN, SE, SG, SP, SV	B1, B3, B8, B16, B17, B20, B22, B75, B94, B97, B99, B109, B147, B156, B164, B178, M2, M3, M5, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Fluvicola albiventer</i>	lavadeira-de-cara-branca			BH	B156, B161				
<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada		BH, ES, FL, JB, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, SZ, TQ, VE	B17, B20, B22, B24, B29, B32, B40, B75, B94, B97, B99, B112, B130, B147, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B174, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, W1				
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	príncipe	LS, SE	BH, MT, SB	BH, BR, BT, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, JU, LS, ML, MT, NL, PL, PM, PR, RM, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ	B3, B8, B17, B20, B22, B109, B154, B156, B178, M2, W1				
<i>Muscipora vetula</i>	tesoura-cinzena	LS	SB	BC, BV, CA, IT, JB, NL, RA, RM, SB, SG	B1, B8, B17, B75, B97, B138, B206, M1, M5, W1	MA			
<i>Gubernia yelapa</i>	tesoura-do-brejo	LS, SE	FL, IR, JB, SB	BF, BJ, BR, BT, BV, CB, CT, ES, FL, IA, IG, IN, IT, JB, ML, MO, NU, PL, PM, RN, SB, SE, SG, SP	B1, B3, B8, B24, B75, B94, B97, B99, B109, B178, M1, M5, W1				
<i>Alecturus tricolor</i>	galito	LS, MT, SE, TQ			B1, B8, B45, B109, M5		EN	VU	VU
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe	LS, NL, SE	BH, CA, FL, JB, MT, PL, RA, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, NU, PL, PM, RA, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B1, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B75, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B138, B153, B154, B164, B178, B184, B195, M1, M2, M6, W1				
<i>Cnemidophorus fuscatus</i>	guaracaviçu		BH, FL, JB, LS, MT, PL	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CB, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RN, SA, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B24, B31, B41, B90, B94, B153, B154, B164, B178, B207, M2, M3, M4, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Lathraetriscus eulieri</i>	enferrujado	SE	BH, FL, JB, MT, NL, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PM, PR, RA, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B3, B8, B24, B31, B41, B56, B75, B90, B94, B97, B109, B113, B130, B153, B164, B178, B184, B207, B210, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Contopus virens</i>	piui-verdadeiro-do-leste			BR	W1				
<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzento	LS, MT	BH, JB, MT, NL, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, ES, FL, FM, IA, IT, IU, LS, MO, MT, NL, PR, RA, RP, SA, SB, SE, SG, VE	B3, B8, B31, B41, B66, B75, B109, B153, B160, B178, M1, M2, M3, W1				
<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno	LS	BH, FL, JB, MT, PL, SB, VE	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B1, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B75, B94, B97, B109, B153, B156, B164, B178, B182, B184, B195, M1, M2, M3, M5, W1				
<i>Knipolegus lophotes</i>	maria-preta-de-penacho	CA, IT, LS	BC, BH, CA, IT, JB, LS, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG	B3, B8, B17, B31, B72, B75, B94, B97, B98, B99, B109, B112, B130, B138, B153, B178, B184, B195, M1, M2, M4, M5, M6, M7, W1				
<i>Knipolegus nigerimus</i>	maria-preta-de-garganta-vermelha		BH, BV, CA, IU, JB, RA, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, FM, IA, IG, IT, IU, JB, MO, NL, NU, PL, RA, SA, SB, SG	B17, B75, B94, B97, B99, B112, B130, B138, B160, B206, M1, M2, M7, W1	MA			
<i>Knipolegus cyanirostris</i>	maria-preta-de-bico-azulado	LS	SB	BH, CA, FL, IG, IT, MO, NL, RA, RP, SB, VE	B3, B8, B17, B75, B109, B138, B178, M1, W1				
<i>Xolmis irupero</i>	noivinha			BH	W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Xolmis velatus</i>	noivinha-branca	LS, SE	BV, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, TQ	B1, B17, B24, B31, B41, B70, B75, B94, B97, B98, B109, B138, B153, B156, B178, M2, M3, M4, M5, M6, W1				
<i>Nengetus cinereus</i>	primavera	LS	BH, ES, JB, LS, SB	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL	B8, B17, B20, B22, B31, B32, B34, B75, B94, B98, B109, B112, B138, B153, B156, B164, B178, B184, B211, M2, M4, M5, M6, W1				
<i>Vireonidae</i>									
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	LS, MT	BH, CA, FL, JB, MT, NL, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B66, B75, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B178, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M4, M5, M6, W1				
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	vite-vite-de-olho-cinza	LS	BH, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B3, B8, B20, B22, B24, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B113, B128, B130, B153, B171, B178, B207, B210, M1, M2, M3, M4, M9, W1				
<i>Vireo chivi</i>	juruvicara	LS	BH, MT, NL, PL, SB	BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, IB, IG, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ	B3, B8, B22, B41, B66, B75, B97, B109, B112, B130, B153, B164, B171, B178, B207, M1, M2, M3, W1				
<i>Corvidae</i>									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-do-campo	LS, SE	BH, FL, JB, PL, SB	BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ, TQ, VE	B2, B3, B22, B24, B29, B31, B39, B41, B75, B94, B97, B98, B109, B112, B114, B130, B138, B153, B156, B178, B195, B211, M1, M3, W1				
<i>Cyanocorax chrysops</i>	gralha-picaça		IR	BF, BH, BR, BV, CT, ES, FL, FM, IA, IG, IN, IR, IU, LS, NL, PM, RM, SJ	M1, W1				
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	gralha-cancã	LS		BH, CT, FL, LS, ML	B3, B8, B109, B178, B210, W1				
Hirundinidae									
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	LS, NL	BH, CA, FL, JB, MO, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SZ, VE	B2, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B75, B84, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B174, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M5, W1				
<i>Alapochelidon fucata</i>	andorinha-morena	LS	BH, JB	BR, CT, IB, IT, NL	B3, B8, B94, B109, B112, B138, W1				
<i>Steigodopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora	LS, NL	BH, CA, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B2, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B119, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B178, B195, B207, B211, M1, M2, M3, M4, M5, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo	LS	BH, FL, JB, MT, VE	BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ, VE	B20, B22, B24, B81, B94, B97, B109, B130, B153, B154, B156, B160, B164, B177, B178, B183, B184, B195, B210, B211, M1, M2, W1				
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-grande	LS	BH, CA	BC, BH, BR, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IT, JB, NL, PM, SA, SB, SE, SG	B20, B22, B97, B109, B112, B130, B138, B172, B178, M1, M2, M3, W1				
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio			BF, BH, BR, BT, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, IR, JU, LS, MT, PL, PM, RN, SA, SE, SG, SV	B97, B156, B178, W1				
<i>Tachycineta leucarrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco	LS	BH, JB	BH, BJ, BR, BT, BV, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, ML, NL, PL, PM, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SJ	B8, B22, B94, B97, B153, B156, B164, B178, W1				
<i>Hirundo rustica</i>	andorinha-de-bando		MT	CF, MT, SE	M1, M2, W1				
Troglodytidae									
<i>Troglodytes musculus</i>	corruira	LS, NL	BH, CA, ES, FL, JB, MT, PL, RA, SB, SE	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B3, B8, B16, B17, B20, B22, B24, B31, B32, B41, B65, B75, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, W1				
<i>Cistothorus platensis</i>	corruira-do-campo	LS	NL	BH, BR, BV, CA, IB, IG, IT, IU, MO, NL, RA, SE	B3, B8, B62, B109, B153, B160, M1, M2, W1				
<i>Cantorchilus leucotis</i>	garrincho-de-barriga-vermelha			BH, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IU, PL, PM, SE, SJ, SV	B178, M3, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
Poliopitidae									
<i>Poliopitila dumicola</i>	balança-rabo-de-máscara			BH, BR, BT, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IN, JB, LS, MT, NL, PM, RP, SE, SG, SV, VE	B164, B178, B207, W1				
<i>Poliopitila atricapilla</i>	balança-rabo-do-nordeste			NL	W1				
Donacobiidae									
<i>Donacobius atricapilla</i>	japacanin		BH, ES, FL, IR, MT, SB	BF, BH, BJ, BR, BT, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, ML, MT, NU, PL, PM, RM, RN, SB, SE, SG, SJ, SV, SZ, VE	B20, B22, B24, B75, B156, B164, B178, M1, M2, M3, W1				
Turdidae									
<i>Turdus flavipes</i>	sabiá-una	LS	SB	BC, BR, CA, FL, IB, IT, MO, NL, RA, SB, SG	B3, B8, B17, B75, B97, B109, B138, B206, M1, M3, W1				
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	LS	BH, CA, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, VE	B3, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B41, B75, B90, B94, B97, B109, B112, B128, B130, B135, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B171, B172, B174, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M6, W1				
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	LS	BH, FL, JB, MT, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IT, IU, JB, ML, MO, NL, NU, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B17, B20, B22, B24, B31, B41, B75, B90, B94, B97, B98, B109, B112, B113, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B171, B172, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M6, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	LS	BH, ES, JB, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, MC, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, VE	B8, B20, B22, B32, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M5, W1				
<i>Turdus subalaris</i>	sabiá-ferreiro		MT, SB	BH, BR, BT, CA, CT, FL, FM, IA, IB, IT, IU, JB, ML, NL, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG	B41, B75, B97, B113, B130, B153, B164, B178, M1, M2, M3, W1				
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira	LS	BH, SB	BC, BH, BR, CA, IT, IU, ML, NL, RA, SA, SB, SG	B2, B8, B17, B75, B90, B97, B98, B113, B135, B153, B171, M1, M2, M4, M5, M8, W1				
Mimidae									
<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo	LS	BH, CA, FL, JB, MO, MT, NL, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SZ, VE	B2, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B62, B75, B94, B97, B98, B109, B112, B130, B138, B153, B156, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B211, M1, M2, M4, M5, M6, W1				
<i>Mimus triurus</i>	calhandra-de-três-rabos			LS	W1				
Estrildidae									
<i>Estrilda astrild</i>	bico-de-lacre		BH, FL, NL, SB	BH, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, JU, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, VE	B20, B22, B24, B29, B44, B72, B112, B130, B153, B154, B156, B164, B172, B177, B178, B183, B184, B195, B203, B207, B210, B211, M1, M2, W1				
Passeridae									

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Passer domesticus</i>	pardal		BH, FL, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IG, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B20, B22, B24, B29, B44, B72, B97, B112, B115, B130, B153, B154, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B211, M1, M2, M3, W1				
Motacillidae									
<i>Anthus chii</i>	caminhoiro- zumbidor	SE	BH, JB, MT	BH, BJ, BT, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, LS, MO, MT, NL, PL, PM, SE, SG, SZ	B3, B8, B22, B94, B97, B109, B156, B178, M2, W1				
<i>Anthus nattereri</i>	caminhoiro- dourado			IT, NL	B144, W1		EN	VU	VU
<i>Anthus hellmayri</i>	caminhoiro-de- barriga-acanelada		BV, SB	BR, CA, IT, JB, MO, NL, NU, RA, SB	B72, B138, B143, B206, M1, M2, W1				
Fringillidae									
<i>Spinus magellanicus</i>	pintassilgo	LS, NL	SB	BC, BH, BJ, BR, CA, IB, IG, IT, IU, JB, MO, NL, PL, RA, RP, SA, SB, SE, SG, TQ	B2, B3, B5, B8, B17, B75, B97, B98, B109, B130, B153, B164, M5, W1				
<i>Cyanophania cyanocephala</i>	gaturamo-rei		ES, MT, SB	BC, BH, BJ, CA, CT, ES, IG, IT, JB, MO, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG	B41, B75, B97, B138, B156, B164, M1, W1				
<i>Chlorophonia cyanea</i>	gaturamo- bandeira		CA, SB	BC, BH, BR, CA, IT, NL, RA, SA, SB	B75, B138, B206, W1				
<i>Euphonia chloratica</i>	fim-fim	LS	BH, FL, JB, MT, NL, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, VE	B3, B8, B24, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B128, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B171, B172, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M3, W1				
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo- verdadeiro		FL, JB	SE, SL	B24, B94, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Euphonia pectoralis</i> Passerellidae	ferro-velho	LS, SE			B3, B8, B109	MA			
<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo	LS, SE	BH, JB, NL, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SZ, TQ, VE	B3, B8, B17, B22, B31, B62, B75, B94, B97, B99, B109, B138, B153, B178, M1, M2, M3, M6, W1				
<i>Arremon semitorquatus</i>	tico-tico-do-mato			NL, SG	W1	MA			
<i>Arremon flavirostris</i>	tico-tico-de-bico-amarelo	LS, SE	BR, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, TQ, VE	B3, B8, B17, B24, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B130, B153, B154, B156, B160, B164, B178, B195, B200, B207, B210, M1, M2, M3, M5, W1	CE			
<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	LS, NL	BH, CA, FL, JB, MO, NL, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PM, RA, RM, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B2, B8, B16, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B58, B75, B94, B97, B109, B112, B128, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B171, B177, B178, B184, B195, B210, M1, M2, M4, M5, M6, W1				
Icteridae									
<i>Leistes supercilialis</i>	polícia-inglesa-do-sul		JB, MT	BH, BJ, BT, CF, CT, ES, FL, IA, IG, IN, JB, LS, MT, PL, PM, PR, RN, SE, SG, SJ, VE	B94, B156, B178, M2, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Psarocolius decumanus</i>	japu	BC, LS	JB, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, TQ, VE	B2, B3, B8, B17, B18, B75, B94, B97, B109, B130, B153, B154, B156, B178, B195, B207, B210, M1, M2, M5, M10, W1				
<i>Cacicus solitarius</i>	iraúna-de-bico-branco			BH	B154				
<i>Cacicus cela</i>	xexéu			SE	W1				
<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe	LS, SE	MT, SB	BJ, CT, FU, JB, LS, MT, SB, SG	B41, B72, B109, M5, W1				
<i>Icterus jamacaii</i>	corrupião	LS	SB	BD, BH, BJ, BT, CT, FL, FM, IA, IB, IN, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, RA, SA, SB, SE, SG, TQ, VE	B2, B8, B75, B178, W1	CA			
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	encontro	SE		BH, BJ, BR, BT, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RN, RP, SE, SJ, SL, SZ, VE	B3, B8, B109, B153, B154, B178, B211, W1				
<i>Molothrus rufoaxillaris</i>	chupim-azeviche		MT	BJ, BT, ES, LS, MT, PM, PR, RM, RP, SB, SG	B42, W1				
<i>Molothrus onyzivorus</i>	iraúna-grande			BC, BH, BJ, BR, BV, CA, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, ML, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SZ, VE	B178, W1				
<i>Molothrus bonariensis</i>	chupim	LS, NL	BH, CA, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BD, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B138, B153, B154, B156, B157, B160, B164, B172, B178, B184, B195, B211, M1, M2, M3, M5, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Gnorimopsar chapi</i>	pássaro-preto	LS	BH, FL, JB, LS, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MT, NL, PL, PM, PR, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, TQ	B5, B17, B20, B22, B24, B31, B75, B94, B97, B98, B99, B123, B130, B153, B164, B172, B178, B183, B195, M1, M2, M4, M5, M6, W1				
<i>Agelasicus atroolivaceus</i>	carreirão		BH, MT	BH, JB, RN, SB, SG	B22, M2, W1				
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi		BH, IR, JB, LS, MT, SB, VE	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B20, B22, B75, B94, B97, B99, B147, B153, B154, B156, B177, B178, B182, B183, B184, B210, B211, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chupim-do-brejo	LS, SE	IR, JB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, IA, IG, IN, IU, JB, JU, ML, MO, NL, PM, RM, RN, SB, SE, SG, SJ, SV	B2, B3, B8, B94, B99, B109, B153, B178, M1, M3, M5, M6, W1				
Parulidae									
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pica-cobra	LS, NL, SE	BH, JB, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, JB, JU, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, VE	B2, B3, B8, B17, B20, B22, B31, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B138, B153, B156, B160, B178, B184, B207, M1, M2, M3, M4, M5, M6, W1				
<i>Setophaga pitayumi</i>	mariquita	LS	JB, LS, MT	BF, BH, BR, BT, BV, ES, FL, IA, IB, IN, IT, IU, JB, LS, MT, NL, SE	B31, B41, B94, B128, B153, M4, M10, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Myiothlypis flaveola</i>	canário-do-mato		BH, CT, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B20, B24, B31, B41, B75, B89, B90, B94, B97, B112, B113, B128, B130, B135, B153, B154, B156, B164, B171, B178, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Myiothlypis leucoblephara</i>	pula-pula- assobiador		BH, NL, RA, SB	BR, CA, IB, IT, IU, ML, MO, NL, RA, SB	B62, B75, B130, B153, B206, M1, M2, M4, W1				
<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula	LS	BH, CT, FL, JB, MT, NL, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B66, B75, B90, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B135, B153, B154, B156, B164, B171, B178, B184, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M4, M6, M8, W1				
Cardinalidae									
<i>Piranga flava</i>	sanhaço-de-fogo	LS, RA, SE, SL	BH, CA, JB, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG	B3, B8, B14, B16, B17, B75, B94, B97, B98, B109, B112, B122, B130, B138, B153, B160, B177, B178, M3, M4, M6, W1				
<i>Habia rubica</i>	tiê-de-bando			SA	W1				
<i>Ammaospiza moesta</i>	negrinho-do-mato			BC, LS, SB	W1		VU		
<i>Cyanoloxia glaucocerulea</i>	azulinho			BR, BT, BV, IT, NL, SE, SG, SJ	W1				
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	azulão	LS	MT, SB	BC, BH, BR, BV, CA, CT, FL, FM, IA, IB, IT, JB, ML, MO, NL, PM, SA, SB, SE, SG, VE	B2, B3, B8, B41, B75, B97, B109, B178, B207, M2, W1				
Thraupidae									
<i>Charitospiza eucoisma</i>	mineirinho	LS, NL, SE	JB	JB	B2, B3, B8, B94, B99, B109, B196, M1, M5				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Orchesticus abellei</i>	sanhão-pardo	SE			B2	MA			
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapéu-preto	LS, MT	BH, ES, FL, JB, LS, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, CA, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B3, B8, B20, B22, B24, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B153, B154, B156, B160, B164, B178, B210, M1, M2, M3, M4, W1				
<i>Compsothraupis loricata</i>	tiê-caburé			BC, BJ, FU, JB, LS, PM, RM, SB, SE, SG	B196, M1, W1	CA			
<i>Corythospiza melanotis</i>	tico-tico-de-máscara-negra	LS, SE		IT, MO, NL, RA	B3, B8, B98, B109, B155, W1		EN	VU	VU
<i>Embernagra platensis</i>	sabiá-do-banhado		MO, SB	BF, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, FL, IA, IT, ML, MO, NL, PM, RA, RN, SB, SE, SG, SL	B25, B68, B75, B97, B178, W1				
<i>Embernagra longicauda</i>	rabo-mole-da-serra		BH, CA, IT, JB, MO, NL, RA, SA, SB, SG	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, IB, IG, IT, IU, JB, MO, NL, RA, SA, SB, SG	B17, B19, B25, B39, B44, B50, B51, B57, B62, B68, B75, B82, B97, B108, B112, B113, B124, B130, B132, B135, B138, B153, B206, M1, M2, M6, M7, M8, W1	TM			
<i>Emberizoides herbicola</i>	canário-do-campo	LS	BH, IR, JB, MT, NL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, NL, PL, PM, RA, RN, RA, SA, SB, SE, SG, SL	B2, B3, B8, B17, B20, B31, B62, B68, B75, B94, B97, B98, B99, B109, B138, B153, B178, M1, M2, M5, W1				
<i>Emberizoides ypiranganus</i>	canário-do-brejo			JB	W1				
<i>Porphyrospiza caeruleascens</i>	campainha-azul		BH, IB, JB, MO, NL, SB	BH, BR, BV, CA, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, MO, NL, NU, RA, RP, SA, SE, SL	B17, B31, B39, B62, B94, B112, B138, B151, B153, M2, W1				
<i>Hemithraupis guira</i>	saíra-de-papo-preto		BH	IB, SA, SE	M2, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	saíra-ferrugem	LS	BH, ES, JB, LS, MT, NL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SZ, TQ, VE	B3, B8, B17, B31, B41, B66, B72, B75, B97, B109, B112, B130, B153, B156, B164, B171, B178, B184, B195, B206, B207, B210, M1, M2, M3, M4, W1	MA			
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha	LS, SE	BH, CT, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, VE	B2, B3, B17, B20, B22, B24, B31, B40, B41, B44, B75, B94, B97, B109, B112, B117, B119, B130, B135, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B174, B177, B178, B183, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M5, W1				
<i>Dacnis nigripes</i>	saí-de-pernas-pretas	LS			M5	MA			
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	LS, SE	BH, CA, FL, JB, MT, PL, RA, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, TQ, VE	B2, B3, B8, B17, B22, B24, B29, B41, B66, B75, B94, B97, B109, B112, B128, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B174, B178, B183, B184, B195, B210, M1, M2, M3, M7, W1				
<i>Salpinctes obsoletus</i>	batuqueiro	LS, SE	BH, JB, SB	BF, BH, BV, CB, CF, FL, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PM, RA, RN, SA, SE, SG, SL	B2, B3, B5, B8, B20, B31, B75, B94, B97, B109, B138, B153, B177, B178, M5, M6, W1				
<i>Salpinctes obsoletus</i>	trinca-ferro-gongá			JB	W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Salpator similis</i>	trinca-ferro	LS, SE	BH, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B41, B75, B94, B97, B109, B112, B113, B130, B135, B138, B153, B154, B156, B164, B171, B178, B210, M1, M2, M3, M6, M7, W1				
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	LS	BH, CA, FL, JB, MT, PL, SA, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, VE	B2, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B41, B61, B75, B78, B94, B97, B100, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B164, B172, B174, B177, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, M7, W1				
<i>Asemospiza fuliginosa</i>	cigarra-preta		BH	BC, BJ, BR, CA, FM, IA, IB, IT, IU, JB, LS, ML, NL, NU, PM, RA, SA, SB, SE, SG	B62, M1, M2, W1				
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	LS	BH, FL, JB, MT, PL, RA, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, SZ, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B29, B41, B75, B94, B97, B99, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B177, B178, B183, B184, B195, B202, B207, M1, M2, M3, W1				
<i>Eucometis penicillata</i>	pipira-da-taoca		JB, MT	BH, BR, CT, ES, FL, IB, IN, IU, JB, LS, MT, PL, PM, RA, SA, SE, SL, VE	B31, B41, B87, B94, B207, M1, W1				
<i>Trichothraupis melanops</i>	tiê-de-topete	LS	BH, FL, NL, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, FL, IA, IB, IT, IU, MC, ML, MO, NL, NU, PM, RA, RM, RP, SA, SB, SG, SJ	B3, B8, B17, B24, B66, B75, B90, B97, B109, B112, B113, B130, B135, B153, B171, B178, B210, M1, M2, M3, M8, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Coryphospingus pileatus</i>	tico-tico-rei-cinza	LS, NL, SE	BH, FL, JB, MT, PL, SB, SE	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B2, B3, B5, B8, B17, B20, B24, B31, B41, B44, B75, B94, B97, B109, B112, B130, B153, B156, B164, B171, B177, B178, B195, B207, B210, M1, M2, M3, M5, W1				
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei			BH, IB, MC	W1				
<i>Tachyphonus rufus</i>	pipira-preta			IR	W1				
<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto	LS, SE	BH, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, NU, PM, RA, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, TQ, VE	B3, B8, B17, B75, B90, B97, B109, B112, B113, B128, B130, B153, B154, B156, B171, B178, B206, B207, B210, B213, M1, M2, M3, W1	MA			
<i>Ramphocelus brasilia</i>	tiê-sangue		BH	BH, IG, NL, SB, SG	B40, B118, B206, M1, W1	MA			
<i>Ramphocelus carbo</i>	pipira-vermelha	SE		BH, IT, NL	B3, B8, B109, W1				
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho		BH, JB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, VE	B29, B94, B97, B99, B104, B135, B153, B156, B160, B178, B182, B191, B197, B202, B204, B205, B208, B209, B211, B212, B214, M1, M2, M3, W1				
<i>Sporophila frontalis</i>	pinoxó		SB	BC, BR, CA, IT, NL, RA, SB, SG	B77, B179, B206, M1, W1	MA	EN	VU	VU
<i>Sporophila falcirostris</i>	cigarrinha-do-sul			BC, BH, IT, NL, RA, SB	B179, M1, W1	MA	EN	VU	VU
<i>Sporophila plumbea</i>	patativa	LS, NL	FL, JB	BH, FL, JB, NL, NU, SE	B2, B3, B8, B24, B94, B99, B109, W1				
<i>Sporophila collaris</i>	coleiro-do-brejo	LS	BH, JB	BH, CF, ES, FL, IA, IB, IN, LS, PL, PM, SE, SP	B3, B8, B20, B94, B109, B156, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Sporophila nigricalis</i>	batano	LS	BH, CA, FL, JB, MT, PL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B41, B75, B94, B97, B99, B109, B112, B128, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B171, B172, B174, B177, B178, B182, B183, B184, B195, B204, B207, M1, M2, M3, M8, W1				
<i>Sporophila ardesiaca</i>	papa-capim-de- costas-cinza			BD, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, LS, ML, MO, NL, PM, RA, RM, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B153, B172, M1, W1				
<i>Sporophila caeruleascens</i>	coleirinho	NL	BH, JB, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SZ, VE	B20, B29, B31, B41, B75, B94, B97, B99, B112, B130, B153, B154, B156, B164, B172, B178, B183, B207, M1, M2, M5, W1				
<i>Sporophila albugularis</i>	golinho			BH, FL, JB, MT, PM, SE, SG, VE	B97, B156, W1				
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão	LS, NL	FL, JB	BH, BJ, BR, BT, CA, CT, ES, FL, IB, IN, JB, NL, PL, PM, RA, SB, SE, SG, SJ, SL, VE	B3, B8, B24, B94, B109, B156, B178, M5, W1				
<i>Sporophila bouvreuil</i>	caboclinho	LS, SE	JB, LS, MT, PR	BC, BH, BT, CF, ES, FL, IA, IN, JB, LS, MT, NL, PL, PM, RN, RP, SA, SE, SG	B2, B3, B8, B40, B94, B97, B99, B109, B156, B178, M2, M5, W1				
<i>Sporophila pileata</i>	caboclinho- corado	SE		PM, PR	M5, W1				
<i>Sporophila cinnamomea</i>	caboclinho-de- chapéu-cinzentos			BH	W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Sporophila angolensis</i>	curió	LS	BH, FL	BC, BH, BJ, BR, CT, ES, FM, IA, JB, PM, SB, SG, SL, VE	B3, B8, B22, B24, B97, B109, W1		CR		
<i>Thlypopsis sordida</i>	saí-canário	LS, SE	BH, FL, JB, LS, MT, SB	BC, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, LS, MT, NL, PM, RA, RM, RP, SA, SB, SG, SJ, SL, VE	B2, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B75, B94, B97, B109, B112, B153, B154, B156, B164, B171, B178, B200, B211, M1, M2, M4, M5, W1				
<i>Cypsnagra hirundinacea</i>	bandoleta	LS, SE	BH, JB	BH, BR, IN, IT, NL, RA, SA	B2, B3, B8, B62, B94, B99, B109, M5, M6, W1				
<i>Donacospiza albifrons</i>	tico-tico-do-banhado		SB	BH, BR, CA, IT, JB, NL, RA, SB	B75, B138, M1, M2, W1				
<i>Microspingus cinereus</i>	capacetinho-do-oco-do-pau	LS, SE	BH, JB, PL, SA, SB, SG	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, CT, IB, IG, IT, IU, JB, ML, MO, NL, PM, RA, RP, SA, SE, SG, SL	B2, B3, B8, B17, B33, B36, B39, B62, B109, B112, B130, B156, B158, B153, B157, B168, B170, B193, M2, M5, M6, W1				
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho		BH, JB, MT, PL, SB	BH, BJ, BR, BT, CA, CB, CF, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, PL, PM, PR, RA, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, TQ, VE	B17, B22, B41, B75, B94, B97, B112, B153, B154, B156, B164, B178, B195, B207, B211, M2, M3, W1				
<i>Scalis citrina</i>	canário-rasteiro		BH, BV, CA, JB, SB	BC, BH, BJ, BR, BV, CA, IA, IB, IG, IT, IU, JB, LS, ML, MO, MT, NL, RA, SA, SB, SE, SG, SL	B31, B75, B94, B97, B112, B116, B150, B158, B153, M1, M2, M6, W1				
<i>Scalis flaveola</i>	canário-da-terra	LS, SE	FL, SB	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, MC, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SV, SZ, TQ, VE	B3, B8, B17, B24, B75, B97, B98, B109, B153, B156, B164, B172, B177, B178, B184, B195, B202, B207, B210, B211, M1, M2, M3, W1				

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Scalis columbiana</i>	canário-do-amazonas			BH, BR, CT, SE	W1				
<i>Scalis luteola</i>	tipio	LS	MT	BD, BH, BR, BT, BV, CB, CF, ES, FL, FU, IA, IB, IG, IN, JB, LS, MT, PL, PM, PR, RM, SE, SG, SJ, SP, VE	B3, B8, B109, B153, B178, M2, M3, W1				
<i>Haplospiza unicolar</i>	cigarra-bambu		CA, SB	BC, BH, BR, CA, IB, IT, IU, MO, NL, RA, SA, SB, SG	B17, B75, B130, B135, B138, B153, B161, B181, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Pipraeidea melanonota</i>	saíra-viúva		BH, NL, SB	BC, BH, BR, BT, BV, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IT, IU, NL, RM, SA, SB, SG, VE	B17, B66, B75, B130, B138, B178, M1, W1				
<i>Neothraupis fasciata</i>	cigarra-do-campo	LS	BH, JB, MT	BH, BR, IB, IT, JB, ML, NL, RA, SA	B2, B3, B8, B31, B62, B94, B109, M2, M4, W1				
<i>Cissopis leverianus</i>	tietinga	LS, MT, SE	JB, SB	BC, BJ, CA, RA, SB, SG	B3, B8, B17, B75, B97, B109, B206, M1, M6, W1				
<i>Schisochlamys melanopis</i>	sanhaço-de-coleira			BH, JB, NL, PM	W1				
<i>Schisochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo	LS, SE	BH, CA, FL, IU, JB, PL, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, ES, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PM, RA, SA, SB, SE, SG	B2, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B31, B75, B94, B97, B98, B109, B112, B113, B138, B153, B160, M1, M2, M5, M6, M7, W1				
<i>Paroaria dominicana</i>	cardenal-do-nordeste		BH	BH, CA, CT, ES, FL, IA, IB, IG, IN, IT, LS, MT, PL, PM, RM, RN, SE, SJ	B22, B156, B172, B177, B178, W1	CA			

Táxon	Nome popular	Século			Fontes	Endemismo	Estado de conservação		
		XIX	XX	XXI			MG	BR	GL
<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaço-cinzentio	LS	BH, CA, ES, FL, JB, MT, PL, SB, SE	BC, BD, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PL, PM, RA, RM, RN, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B2, B3, B8, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B32, B41, B44, B65, B75, B94, B97, B98, B109, B112, B130, B138, B153, B154, B156, B160, B164, B172, B178, B183, B184, B195, B207, B210, B211, M1, M2, M3, W1				
<i>Thraupis palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro	LS	BH, ES, FL, IR, JB, SB	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CT, ES, FL, FM, IA, IB, IG, IN, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, PM, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SL, SP, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B22, B24, B29, B32, B34, B75, B94, B97, B109, B153, B154, B156, B164, B172, B174, B178, B184, B207, B210, M1, M2, M3, M5, W1				
<i>Thraupis ornata</i>	sanhaço-de-encontro-amarelo		SB	BC, BH, BJ, BR, CA, CT, IB, IT, NL, RA, RP, SA, SB, SG, SL	B75, B97, B130, B174, B184, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Stilpnia cayana</i>	saíra-amarela	LS, SE	BH, CA, FL, JB, LS, MT, PL, SB, SE	BC, BF, BH, BJ, BR, BT, BV, CA, CB, CF, CT, ES, FL, FM, FU, IA, IB, IG, IN, IR, IT, IU, JB, JU, LS, ML, MO, MT, NL, NU, PL, PM, PR, RA, RM, RN, RP, SA, SB, SE, SG, SJ, SP, SV, TQ, VE	B3, B8, B17, B20, B22, B24, B29, B31, B41, B65, B75, B94, B97, B109, B112, B113, B128, B130, B135, B138, B153, B154, B156, B164, B171, B172, B174, B178, B183, B184, B195, B200, B207, B210, M1, M2, M3, M4, M6, M7, W1				
<i>Tangara seledon</i>	saíra-sete-cores			BH, FM	W1	MA			
<i>Tangara cyanoventris</i>	saíra-douradinha		BH, BV, CA, NL, RA, RN, SB	BC, BH, BJ, BR, CA, IB, IG, IT, IU, LS, MO, NL, RA, RP, SA, SB, SG, SJ, SL	B17, B44, B62, B66, B72, B75, B97, B112, B130, B138, B153, B171, B206, M1, M2, W1	MA			
<i>Tangara desmaresti</i>	saíra-lagarta		SB	CA, JB, RA, SB	B17, B40, B44, B75, B138, B206, M2, M7, W1	MA			

Apêndice IV

Espécies de aves com registros considerados errôneos para a Grande BH.

Espécie	Nome popular	Fontes
<i>Crypturellus undulatus</i>	jaó	Monteiro e Mattos (1983)
<i>Ramphodon naevius</i>	beija-flor-rajado	Faggioli (1991)
<i>Glaucis hirsutus</i>	balança-rabo-de-bico-torto	Gounelle (1909), Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Sterna hirundo</i>	trinta-réis-boreal	Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Accipiter poliogaster</i>	tauató-pintado	Zorzini <i>et al.</i> (2006)
<i>Picumnus pygmaeus</i>	picapauzinho-pintado	Pinto (1952)
<i>Piculus chrysocloros</i>	pica-pau-dourado-escuro	Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Myrmotherula axillaris</i>	choquinha-de-flanco-branco	Carnevalli (1980), Carnevalli e Rigueira (1982)
<i>Thamnophilus capistratus</i>	choca-barrada-do-nordeste	Carnevalli (1980), Moura (2012)
<i>Thamnophilus punctatus</i>	choca-bate-cabo	Carnevalli e Rigueira (1982)
<i>Thamnophilus multistriatus</i>	cocha-de-crista-malhada	Carnevalli e Rigueira (1982), Rigueira <i>et al.</i> (1982)
<i>Scytalopus speluncae</i>	tapaculo-preto	Carnevalli (1980)
<i>Sclerurus macconnelli</i>	vira-folha-de-peito-vermelho	Sick (1997)
<i>Dendrocincla turdina</i>	arapaçu-liso	Carnevalli (1980)
<i>Campylorhamphus trochiloides</i>	arapaçu-beija-flor	Carnevalli (1980)
<i>Philydor atricapillus</i>	limpa-folha-coroado	Burton (1976), Carnevalli (1980)
<i>Synallaxis scutata</i>	estrelinha-preta	Monteiro e Mattos (1983), Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Neopelma aurifrons</i>	fruxu-baiano	Christiansen e Pitter (1997), Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Pipra aureola</i>	uirapuru-vermelho	Pinto (1952)
<i>Pachyrhamphus marginatus</i>	caneleiro-bordado	Pinto (1952)
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	bico-chato-grande	Christiansen e Pitter (1997)
<i>Hemitriccus orbitatus</i>	tiririzinho-do-mato	Christiansen e Pitter (1997)
<i>Euscarthmus rufomarginatus</i>	maria-corruiça	Wege e Long (1995)
<i>Attila rufus</i>	capitão-de-saíra	Carnevalli (1980)
<i>Knipolegus aterrimus</i>	maria-preta-bate-rabo	Mattos e Sick (1985)
<i>Hylophilus poicilotis</i>	verdinho-coroado	Carnevalli (1980)
<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-de-bico-preto	Burmeister (1856b), Rodrigues <i>et al.</i> (2005)
<i>Leistes militaris</i>	polícia-inglesa-do-norte	Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Myiothlypis rivularis</i>	pula-pula-ribeirinho	Carnevalli (1980)
<i>Chlorophanes spiza</i>	saí-verde	Carnevalli (1980), Monteiro e Mattos (1983)
<i>Hemithraupis flavicollis</i>	saíra-galega	Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Salpinctes obsoletus</i>	tempera-viola	Monteiro e Mattos (1983)

Apêndice V

Espécies de aves com registros na Grande BH, mas consideradas duvidosas para as localidades mencionadas em determinadas fontes.

Espécie	Nome popular	Fontes
<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul	Carnevalli (1980)
<i>Nothura boraquira</i>	codorna-do-nordeste	Gomes <i>et al.</i> (2006)
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-de-testa-branca	Reinhardt (1870)
<i>Dromococcyx phasianellus</i>	peixe-frito	Faggioli (1991)
<i>Chaetura cinereiventris</i>	andorinhão-de-sobre-cinzeno	Carnevalli (1980), Carnevalli e Rigueira (1982), Rigueira <i>et al.</i> (1982), Monteiro e Mattos (1983), Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Thaluranus furcata</i>	beija-flor-tesoura-verde	Grantsau (1967), Vasconcelos e Melo-Júnior (2001), Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Leucochloris albicollis</i>	beija-flor-de-papo-branco	Monteiro e Mattos (1983)
<i>Chlorestes cyanus</i>	beija-flor-roxo	Burmeister (1856a)
<i>Aramides cajaneus</i>	saracura-três-potes	Vasconcelos e Melo-Júnior (2001)
<i>Harporhynchus harporhynchus</i>	gavião-real	Andrade (1998), Gomes <i>et al.</i> (2006)
<i>Spizaetus melanoleucus</i>	gavião-pato	Andrade <i>et al.</i> (1996)
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	murucututu	Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Picumnus albosquamatus</i>	picapauzinho-escamoso	Mariano (2017)
<i>Veniliornis maculifrons</i>	pica-pau-de-testa-pintada	Carnevalli e Rigueira (1982), Monteiro e Mattos (1983)
<i>Campephilus melanoleucos</i>	pica-pau-de-topete-vermelho	Vasconcelos e Melo-Júnior (2001)
<i>Picus flavigula</i>	pica-pau-bufador	Vasconcelos e Melo-Júnior (2001)
<i>Diopsittacus nobilis</i>	maracanã-pequena	Vasconcelos e Melo-Júnior (2001)
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-chapéu-vermelho	Monteiro e Mattos (1983)
<i>Thamnophilus pelzelni</i>	choca-do-planalto	Mariano (2017)
<i>Hypodaleus guttatus</i>	chocão-carijó	Christiansen e Pitter (1997)
<i>Phacellodomus ferruginegula</i>	joão-botina-do-brejo	Vasconcelos e Melo-Júnior (2001)
<i>Synallaxis ruficapilla</i>	pichororé	Burmeister (1856b), Reinhardt (1870)
<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	Vasconcelos e Melo-Júnior (2001)
<i>Myiobius barbatulus</i>	assanhadinho	Vasconcelos e Melo-Júnior (2001)
<i>Elaenia parvirostris</i>	tuque-pium	Monteiro e Mattos (1983)
<i>Suiriri suiriri</i>	suiriri-cinzeno	Sick (1997)
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré	Reinhardt (1870)
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	Reinhardt (1870)
<i>Myiozetetes cayanensis</i>	bentevizinho-de-asa-ferrugínea	Machado e Maciel (2015)
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	guaracavuçu	Vasconcelos e Melo-Júnior (2001)
<i>Knipolegus nigerrimus</i>	maria-preta-de-garganta-vermelha	Moura (2012)
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro	Carnevalli (1980), Carnevalli e Rigueira (1982), Rigueira <i>et al.</i> (1982)
<i>Orchesticus abeillei</i>	sanhaço-pardo	Pinto (1952)
<i>Dacnis nigripes</i>	saí-de-pernas-pretas	Sick (1997)
<i>Tachyphonus rufus</i>	pipira-preta	Monteiro e Mattos (1983)
<i>Sporophila collaris</i>	coleiro-do-brejo	Pena <i>et al.</i> (2017)
<i>Microspingus cinereus</i>	capacetinho-do-oco-do-pau	Monteiro e Mattos (1983)
<i>Schistochlamys melanopsis</i>	sanhaço-de-coleira	Monteiro e Mattos (1983)
<i>Paroaria dominicana</i>	cardeal-do-nordeste	Faria <i>et al.</i> (2006)
<i>Thraupis ornata</i>	sanhaço-de-encontro-amarelo	Pinto (1952)
<i>Tangara seledon</i>	saíra-sete-cores	Carnevalli (1980)
<i>Tangara desmaresti</i>	saíra-lagarta	Faria <i>et al.</i> (2006)



Foto: Regina Horta Duarte

Com a palavra, os estudantes de graduação

Nesta breve seção, cada jovem pesquisador apoiado com bolsa da Fapemig explorou um aspecto de seu trabalho e aprendizado no projeto “História da Fauna Silvestre na Grande Belo Horizonte”, compartilhando considerações práticas, em um momento de reflexão sobre sua própria formação como futuro historiador.

Vida silvestre na sala de aula

Daniele Gomes Taborda

A pesquisa acadêmica é essencial para a construção do conhecimento e parte fundamental para o desenvolvimento da sociedade. Entretanto, o conhecimento produzido nas universidades e centros de pesquisa não cumpre plenamente sua função social quando permanece restrito a esses espaços. Sua relevância se consolida à medida que se transforma em conhecimento socialmente compartilhado, capaz de orientar políticas públicas, práticas pedagógicas e mudanças culturais. Por essa razão, a comunidade acadêmica tem ampliado a divulgação científica nos últimos anos, especialmente nas plataformas digitais e, mais recentemente, nas

mídias sociais. A inovação tecnológica facilitou a transmissão dos saberes científicos; porém, não podemos menosprezar um dos suportes mais eficazes para a divulgação e a circulação de ideias: a sala de aula.

Ao longo dos dois anos de pesquisa, em que pude frequentar arquivos e espaços de produção do conhecimento, ler artigos e dialogar com colegas, me peguei pensando várias vezes em como poderia aplicar o conteúdo adquirido na sala de aula. Tantas novas informações transformaram minha perspectiva sobre a relação entre as sociedades humanas e a fauna silvestre, mostrando que essa ligação não era apenas ecológica, mas também cultural e política. Imaginem o poder desse conteúdo na formação cidadã dos alunos da educação básica.

A ciência tem como propósito aprimorar a sociedade, não apenas materialmente, mas também nos valores éticos que moldam nossos comportamentos como seres humanos. A educação aparece como um espaço de mediação entre o conhecimento científico, os valores éticos, a conservação e as práticas sociais. Por isso, a educação ambiental é um campo de reflexão e prática que contribui decisivamente para a reconstrução das sensibilidades sociais em relação à fauna, tornando a vida silvestre não apenas objeto de preservação ecológica, mas também tema de formação ética, política e cidadã. Nesse contexto, educar sobre a fauna significa mais do que transmitir informações sobre espécies ameaçadas ou ecossistemas fragilizados, trata-se de problematizar as formas pelas quais as sociedades produzem sua relação com o mundo natural (REIGOTA, 2009; UNESCO, 1977).

Entender que vivemos em um ambiente ocupado e utilizado por diversas espécies torna-nos mais tolerantes à biodiversidade nas cidades, compreendendo que aves, mamíferos, répteis, insetos e demais animais não são invasores do meio urbano, uma vez que não há separação entre o urbano e a natureza. A educação é fundamental para conscientizar sobre como agir com as diferentes espécies que encontramos. As aranhas, por exemplo, podem não ser agradáveis aos olhos e assustar com seu jeito peculiar, mas são muito importantes para o equilíbrio ecológico, pois controlam insetos e pragas urbanas. A falta de informação

nos leva a comportamentos inadequados e até nocivos aos nossos companheiros de estadia.

É essencial aproximar o saber científico da realidade dos estudantes, buscando interagir com a biodiversidade regional. A materialidade do conhecimento é crucial para o aprendizado, especialmente para alunos mais novos. Zoológicos, áreas de proteção de vida silvestre e parques zoobotânicos são espaços que contribuem para sair do campo das ideias e tornam o conteúdo real, impactando pessoalmente cada estudante. A interdisciplinaridade é necessária para uma experiência educativa que facilite a percepção integrada do meio ambiente e uma ação mais racional, ajudando-nos a compreender o quão complexos são os seres vivos e suas múltiplas relações de convivência.

Vida silvestre nas cidades

Giullie Torres

As cidades são fundamentais para as sociedades modernas, atuando como centros de poder, de interações sociais e de circulação de ideias e bens. De acordo com o último censo do IBGE, em 2022, 87,4% da população brasileira vive em áreas urbanas, o que destaca o alto nível de urbanização nas últimas décadas (INSTITUTO, 2022). Como moradores desses ambientes, devemos entender as cidades como paisagens moldadas por diversos sujeitos ao longo do tempo. Sendo um espaço polisêmico, o urbano resulta da interação entre processos naturais e atividades humanas. Sua evolução reflete a história social e econômica, vinculada aos fatores biofísicos de uma região, demonstrando como ambos são marcados por forte historicidade (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Durante o último ano, participei da equipe produtora de “Relatos Selvagens”, uma série de vídeos curtos (reels) divulgados no Instagram pelo projeto “História da Fauna Silvestre na Grande BH”, que visa promover o conhecimento sobre a vida selvagem na cidade e suas implicações. Foi surpreendente perceber como, por meio desse projeto, mudei minha percepção de que os espaços

urbanos representam a dominação do humano sobre o natural. Na verdade, as mudanças na paisagem urbana decorrem de processos dinâmicos que envolvem diversos sujeitos. Nesse contexto, os animais atuam como agentes em disputa, já que o território urbano também é seu *habitat*.

Ao discutir a presença animal nas cidades, encontramos diversos desafios, começando pela definição de “*silvestre*”. As relações entre humanos e o meio biofísico são interdependentes, o que dificulta delimitar esse termo, pois, dentro de uma mesma cidade, podemos encontrar animais silvestres, domesticados, ferais e exóticos. Contudo, é evidente que as cidades funcionam como refúgios essenciais para a vida silvestre, o que exige ações de manejo, conservação e conscientização.

Em Belo Horizonte, a presença da vida selvagem é frequente em diversos locais: é comum avistar águias-serranas, micos-estrela, capivaras, garças e outras espécies. No entanto, esses encontros podem causar problemas, como no caso de ratazanas, baratas e escorpiões. Compreender o papel desses animais na cidade envolve perceber que a reprodução descontrolada de alguns deles evidencia as consequências do crescimento urbano acelerado e da insuficiência das políticas de saneamento.

Outro aspecto crucial desta análise é o papel das intervenções humanas na vida selvagem. As luzes urbanas, por exemplo, podem influenciar o comportamento de animais e plantas. Os jardins residenciais, que há alguns anos eram refúgios de sombra e frutos para muitas espécies, atualmente se tornaram ambientes perigosos, cercados por vidros e tratados com inseticidas. Pesquisadores de diversas disciplinas buscam compreender esses problemas e propor soluções voltadas ao manejo e à conservação da fauna urbana.

Assim, ações como os *Relatos Selvagens* buscam questionar o futuro da vida humana nas cidades e no planeta como um todo, pois as relações biológicas nos ecossistemas sustentam a sobrevivência de todos. Ao refletirmos sobre a democratização do acesso às cidades, frequentemente esquecemos dos animais que fazem parte desses espaços, que, além de simplesmente estarem ali, desempenham um papel de protagonismo e influenciam as dinâmicas urbanas.

■ Vida silvestre urbana e divulgação científica

Túlio Leão Cortez

História da Fauna Silvestre na Grande BH é o título de uma das playlists do canal As 4 Estações UFMG no YouTube. Nela, o internauta encontra dez entrevistas que visam aprofundar a compreensão do tema explorado no projeto homônimo, apoiado pela Fapemig. Entre os tópicos abordados, destacam-se a busca por fontes em arquivos históricos, a importância das coleções científicas — especialmente os acervos entomológicos, ornitológicos e paleontológicos — e a história antiga da fauna na região que hoje constitui a Grande BH, incluindo um passado fascinante de megafauna já extinta. Outros episódios destacam a relevância das áreas verdes urbanas para a vida silvestre e o papel crucial das organizações de defesa da fauna nativa, que atuam em diferentes setores da sociedade civil.

Fui responsável pela edição de vídeos, começando como bolsista e, após minha graduação em História, passando a atuar como voluntário. Por meio da leitura de textos e de entrevistas, explorei áreas do conhecimento que nunca imaginei, especialmente na interseção entre história e biologia. Essa experiência ampliou minha percepção sobre os diversos agentes que moldaram e ainda moldam a vida urbana. Em conversa com profissionais e redes solidárias, percebi a importância de criar um espaço digno para uma convivência harmoniosa entre nossa espécie e as espécies animais silvestres que compartilham a cidade.

A referida *playlist* tem como objetivo principal a divulgação, a promoção e a acessibilidade ao público dos debates sobre conservação, convivência com as espécies e, especialmente, os aspectos históricos dessas relações. A veiculação dos programas no YouTube suscitou uma série de questionamentos para toda a equipe envolvida. Em um mundo cada vez mais marcado pela agilidade e pela fragmentação da atenção, como manter o interesse do espectador em conteúdos mais longos, como uma entrevista de 30 a 40 minutos? As plataformas privilegiam conteúdos rápidos, diretos e facilmente consumíveis; por isso, uma de nossas preocupações é desenvolver estratégias para manter o rigor dos

conteúdos e, ao mesmo tempo, alcançar o público. Um recurso foi a publicação de vídeos de curta duração (“reels”) com trechos das entrevistas, para convidar os espectadores a assistirem ao episódio completo. Cada programa inicia-se com uma pequena fala, na qual se apresentam brevemente o conteúdo do episódio, o significado do tema específico no âmbito mais amplo do nosso projeto e a relevância do convidado para a entrevista. Segue-se a vinheta, na qual algumas imagens são acompanhadas de uma música de ritmo estimulante, criando um clima de entusiasmo.

Outro ponto importante é a disponibilização de legendas. Não utilizamos legendas automáticas: em sua criação, tentamos superar a fragmentação que, por vezes, caracteriza a linguagem falada. Em projetos futuros, um avanço desejável seria a introdução de um quadro com um tradutor de Libras. Divulgar para o público não especializado é um dos grandes desafios atuais dos produtores de conhecimento. Para que essa comunicação seja eficaz, é necessário aprender novas linguagens e estratégias. Isso se torna especialmente difícil em canais educativos no YouTube que não têm como objetivo monetizar nem pagar por impulsionamentos na plataforma.

Acredito que cada visualização representa mais do que um número; é uma esperança de suscitar um olhar mais atento e informado sobre o mundo natural, parte indissociável da vida urbana. Dessa forma, unimo-nos aos estudiosos dedicados à ciência e à sua divulgação, que se aventuram e lutam por esse espaço crucial de disputa em defesa do conhecimento baseado em fatos e no rigor acadêmico.

Referências

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo 2022: 87% da população brasileira vive em áreas urbanas. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41901-censo-2022-87-da-populacao-brasileira-vive-em-areas-urbanas>. acesso em 30 de abril de 2026.

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de; KROPF, SÜKER, Marcela; LAZOS-RUÍZ, Adi Estela. Uma armadilha na história ambiental: o trabalho humano oculto na paisagem. In: FRANÇA, Ana Marcela; MIRAGLIA, Marina (eds). *Historia Ambiental Argentina-Brasil: Paisaje y patrimonio: impresiones de la historia en el ambiente natural*. Buenos Aires: Teseopress, 2021, p. 151-184.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

UNESCO. **Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental**. Tbilisi, Geórgia (ex-URSS), de 14 a 26 de outubro de 1977.

UNESCO. **Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental**. Tbilisi, Geórgia (ex-URSS), de 14 a 26 de outubro de 1977.

Dados sobre os autores

Caio de Oliveira Alvares

Bacharel e licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Minas Gerais – Escola Guignard. Atua nas Escolas Municipais Fernando Dias Costa e Padre Guilherme Peters, ambas da Prefeitura de Belo Horizonte, como professor municipal de História dos anos finais do ensino fundamental. Em um constante processo de aprendizado pessoal, através de um esforço autodidata, busca sempre encontrar conexões interdisciplinares, entre sutilezas de conhecimentos das Linguagens, das Artes, das Ciências e das Filosofias. No decorrer dessa jornada, acabou imergindo com maior atenção, especialmente através da valiosa convivência com dois grandes amigos professores, em alguns focos de interesse pessoal como, por exemplo, critérios de observação e registros da natureza e História Natural.

Daniele Gomes Rodrigues Taborda

Daniele Taborda é uma mineira com orgulho, natural de Santa Luzia. Cresceu perto de uma área de mata, onde teve muito contato com diversas espécies da fauna silvestre. Essa vivência despertou seu olhar atento para a dinâmica entre a cidade e o convívio com o mundo natural. É graduanda em História pela UFMG e bolsista

da FAPEMIG no projeto “História da Fauna Silvestre na Grande Belo Horizonte”. O ensino de história é sua grande aspiração, com o objetivo de contribuir para a sociedade por meio dos saberes adquiridos durante sua formação acadêmica.

Giullie Torres

Graduanda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, com mobilidade acadêmica de 6 meses na Universidade de Huelva (Espanha). Foi monitora do Simpósio Temático “História dos Animais: perspectivas, fontes e abordagens”, no 33º Simpósio Nacional de História (2025). Foi estagiária da revista *Varia Historia*. Atualmente, está vinculada ao Centro de Estudos dos Animais da UFMG. Bolsista da FAPEMIG no projeto “História da Fauna Silvestre na Grande BH”. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: história de Belo Horizonte, história dos animais, práticas de ensino, divulgação científica, revistas acadêmicas.

Luiz Fernando Salvador-Júnior

Graduado em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Metodista Izabella Hendrix (2004), Mestre em Zoologia de Vertebrados pela PUC Minas (2009) e Doutor em Geografia – Tratamento da Informação Espacial (2021), pela mesma instituição. Atua na conservação de peixes ósseos e cartilaginosos, e também das aves de rapina neotropicais. Seus trabalhos, fortemente embasados em história natural e biogeografia, têm como foco principal a transformação das paisagens e as interações entre a fauna silvestre e os seres humanos.

Marcelo Ferreira de Vasconcelos

Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais; mestre e doutor em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre pela mesma instituição. Atua na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como curador da Coleção Ornitológica do Museu de Ciências Naturais e como estudante de graduação em História. Estuda história natural, biogeografia, variação geográfica e taxonomia das aves dos topos de montanha do Sudeste do Brasil e de outras regiões. Tem vasta experiência em

preparação e curadoria de coleções biológicas e interesse especial em estudos históricos sobre a natureza brasileira.

Regina Horta Duarte

Graduada em História pela UFMG, mestra e doutora em História pela Unicamp. Professora titular do Departamento de História da UFMG, professora visitante do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (2025–2026), bolsista de nível 1A do CNPq. Ao longo da carreira, explorou temas diversos, como o anarquismo, o circo em Minas Gerais e a ocupação do Vale do Rio Mucuri no século XIX. Nas últimas três décadas, vem se dedicando à história da biologia, à história ambiental urbana e, mais recentemente, à história dos animais. Desde 2020, coordena o Centro de Estudos dos Animais (CEA).

Túlio Leão Cortez

Graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalha há 3 anos na gestão de acervos físicos e digitais. Atuou como bolsista da FAPEMIG (2025) e, atualmente, como voluntário no projeto “História da Vida Silvestre na Grande BH”. Interessado em pesquisar a História do Esporte no Brasil, com ênfase na história do futebol em Minas Gerais, na formação dos clubes, das torcidas, das identidades e das políticas que compõem esse esporte.

Yuri Mello Mesquita

Possui graduação, mestrado e doutorado em História pela UFMG. Atua nas áreas de História Ambiental Urbana, Patrimônio Cultural, Arquivos e Museus. Foi membro do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), foi Diretor de Museus e Centros de Referência da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte (FMC), foi Diretor de Patrimônio Cultural, Arquivo Público e Conjunto Moderno da Pampulha da Fundação Municipal de Cultura (FMC). Foi diretor do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH). Atualmente é coordenador da pós-graduação em Conservação e Gestão do Patrimônio Cultural da PUC Minas e presidente da Fundação Clóvis Salgado.

Este livro foi composto com as famílias
tipográficas das fontes Sofia Pro Narrow e Niramit
Impressão: capa em cartão Supremo 250g/m² e miolo em couche fosco 90g/m²
Tiragem: 400 exemplares
Impresso no Brasil - Agosto 2026

HISTÓRIA DA FAUNA SILVESTRE NA GRANDE BELO HORIZONTE

Este livro surgiu de um projeto inicialmente idealizado por dois historiadores e um ornitólogo, que rapidamente envolveu outros parceiros, em prol da apreciação e da valorização da presença e da história da fauna silvestre na Grande Belo Horizonte.

Numa abordagem da história natural em suas relações com a sociedade, a política, a economia e a cultura da Grande Belo Horizonte, defendemos o desenvolvimento de estratégias e planos de ação para uma Belo Horizonte amigável à fauna silvestre, tornando-a muito mais amena, bela e saudável para os seres humanos. Além das políticas públicas, a sensibilização das pessoas comuns da sociedade civil surge como condição essencial para a construção de novos olhares, novas atitudes e novas disposições em relação às espécies que lutam pela sobrevivência no conturbado espaço urbano.

Em um planeta cada vez mais urbano, a defesa da vida silvestre nas cidades é tão urgente quanto crucial. Não haverá conservação sem afeto, nem afeto sem conhecimento. Por isso, apresentamos às leitoras e leitores uma história sobre a fauna silvestre na Grande Belo Horizonte, com o objetivo de despertar emoções, disseminar conhecimento e contribuir para a conservação.

Regina Horta Duarte

Marcelo Ferreira de Vasconcelos

Yuri Mello Mesquita